



JOHN STEPHENS

# O ATLAS ESMERALDA

"A narrativa é o que faz uma grande história, e a narrativa de *O Atlas Esmeralda* é soberba."

*The Wall Street Journal*

SUMA  
de livros

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



JOHN STEPHENS

# ATLAS ESMERALDA

Os Livros do Princípio ♦ PARTE I

*Tradução*  
Livia de Almeida



Copyright © 2011, by John Stephens

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*The Emerald Atlas*

Capa

Trio Studio sobre layout original de Jon Foster e Grady McFerrin

Imagens de capa

© 2011 by Jon Foster

© 2011 by Grady McFerrin

Imagens de abertura de capítulos

© 2011 by Grady McFerrin

Revisão

Fatima Fadel

Ana Kronemberger

Juliana Santana

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S855a

Stephens, John

O atlas esmeralda [recurso eletrônico] / de John Stephens ; tradução Lívia de Almeida. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Tradução de: *The Emerald Atlas*

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

293p. ISBN 978-85-8105-019-5 (recurso eletrônico)

1. Irmãos - Ficção. 2. Magia - Ficção. 3. Espaço e tempo - Ficção. 4. Ficção juvenil

americana. 5. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título.  
11-5793. CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3



Para meus pais



## PRÓLOGO

A menina foi sacudida até acordar. A mãe se debruçava sobre ela.

— Kate — a voz era baixa e urgente —, escute com muita atenção. Preciso que você faça uma coisa para mim. Preciso que mantenha o seu irmão e a sua irmã em segurança. Você entende? Preciso que mantenha o Michael e a Emma em segurança.

— O que...

— Não dá tempo de eu explicar. Prometa que vai cuidar deles.

— Mas...

— Ah, Kate, por favor! Só promete pra mim!

— Eu... eu prometo.

Era véspera de Natal. A neve tinha caído o dia inteiro. Por ser a mais velha, Kate tinha recebido permissão para dormir mais tarde, depois do irmão e da irmã. O que quer dizer que, muito depois de as vozes dos grupos que cantavam canções de Natal terem se silenciado, ela permanecia sentada com os pais ao pé do fogo, bebericando chocolate quente enquanto trocavam presentes — os menores receberiam os deles de manhã — e se sentindo muito adulta do alto de seus 4 anos de idade. A mãe deu ao pai um livro pequeno e grosso, bem velho e gasto, que pareceu agradá-lo imensamente. Ele, por sua vez, deu a ela um medalhão numa corrente dourada. No interior do medalhão havia um minúsculo retrato das crianças — Kate, Michael, de 2 anos, e a pequenina Emma. Depois, chegou finalmente a hora de ir para a cama. Kate ficou deitada na escuridão, aquecida e feliz sob as cobertas, perguntando a si mesma se conseguiria dormir. Sentiu como se a sacudissem no momento seguinte.

A porta do quarto estava aberta e, na luz vinda do corredor, ela viu que a mãe colocava as mãos para trás e desprendia o cordão com o medalhão. Curvou-se para a frente e passou as mãos sob Kate, prendendo-o em seu pescoço. A menina sentiu os cabelos da mãe esbarrarem nela suavemente, sentiu o cheiro do pão de gengibre que ela tinha preparado naquela tarde e, quando algo úmido esbarrou em sua bochecha, percebeu que a mãe chorava.

— Lembre que o seu pai e eu amamos muito vocês. E vamos todos ficar juntos de novo. Eu prometo.

O coração da menina martelava no peito, e ela chegou a abrir a boca para perguntar o que estava acontecendo quando um homem apareceu no umbral. Como a luz vinha por trás dele, Kate não pôde ver seu rosto, mas ele era alto, magro, e usava um sobretudo muito comprido, além de um chapéu bem amassado.

— Está na hora — disse ele.

Aquela voz e aquela imagem — a silhueta do homem alto no umbral — assombrariam Kate por muitos anos, pois marcaram a última vez em que ela viu a mãe, a última vez em que sua família esteve reunida. Então, o homem disse algo que Kate não conseguiu ouvir bem e foi como se uma cortina pesada desabasse sobre sua mente, obscurecendo o homem no umbral, a luz, a mãe, tudo.

A mulher ergueu a criança adormecida, envolvendo-a com as cobertas, e seguiu o homem escada abaixo, atravessando a sala de estar onde o fogo ainda ardia até o frio e a escuridão lá fora.

Se estivesse desperta, a menina teria visto o pai de pé, na neve, ao lado de um velho carro negro, o irmão e a irmãzinha bebê enrolados em cobertores, adormecidos em seus braços. O homem alto abriu a porta traseira e o pai deixou as crianças sobre o banco, virou-se, pegou Kate dos braços da mulher e a colocou ao lado do irmão e da irmã. O homem alto fechou a porta com uma pancada suave.

— Você tem certeza? — disse a mulher. — Tem certeza que é a única saída?

O homem alto tinha se dirigido à luz de um poste e podia ser visto nitidamente pela primeira vez. Para algum passante casual, a aparência não teria inspirado muita confiança. O sobretudo apresentava alguns remendos e estava desfiado nos punhos, o velho terno de tweed havia perdido um dos botões e a camisa branca tinha manchas de tinta e tabaco. A gravata — talvez a coisa mais estranha de todas — tinha dois nós, e não um só, como se ele tivesse se esquecido de já ter dado o nó e, em vez de olhar para baixo e verificar, resolvesse simplesmente dar mais um, por garantia. O cabelo branco se arrepiava para fora do chapéu, e as sobrancelhas erguiam-se na testa como grandes chifres nevados, cobrindo um par de óculos de aro de tartaruga muito torto e remendado. De um modo geral, parecia uma pessoa que tinha se vestido no meio de um redemoinho e, pensando ainda estar com uma aparência excessivamente decente, havia se jogado do alto de uma escadaria.

Era quando se olhava no fundo dos seus olhos que tudo se modificava. Não refletiam qualquer luz, emitiam apenas uma luz própria, brilhando com intensidade naquela noite abafada pela neve. Havia neles um olhar tão incomum de energia, bondade e compreensão, que dava para esquecer completamente as manchas de tinta e tabaco na camisa, os remendos nos óculos e o fato de que a gravata exibia dois nós. Qualquer um que fitasse seus olhos percebia-se na presença da verdadeira sabedoria.

— Meus amigos, a gente sempre soube que este dia chegaria.

— Mas o que mudou? — o pai das crianças quis saber. — Não aconteceu mais nada desde Cambridge Falls! Foi há cinco anos! Alguma coisa deve ter acontecido!

O velho suspirou.

— Fui ver o Devon McClay esta noite.

— Ele não está... ele não pode estar...

— Infelizmente, sim. E embora seja impossível saber o que ele contou para eles antes de morrer, temos que imaginar o pior. Temos que supor que ele falou sobre as crianças.

Por um longo momento, ninguém falou. A mulher havia começado a chorar descontroladamente.

— Eu disse para a Kate que a gente ficaria junto de novo. Eu menti para ela.

— Querida...

— Ele não vai parar até encontrá-los! Eles nunca vão estar em segurança!

— Você tem razão — disse o velho, em voz baixa. — Ele não vai parar.

Fosse quem fosse o “ele” a quem se referiam, parecia não pedir maiores explicações.

— Mas tem uma saída. A única que a gente sempre soube que existia. As crianças precisam ter a chance de crescer. Para cumprir seu destino... — ele interrompeu a frase.

O homem e a mulher se viraram. No fim do quarteirão, três figuras sombrias em longos sobretudos negros os observavam. A rua ficou muito silenciosa. Até os flocos de neve pareciam pairar no ar sem cair.

— Estão aqui — disse o velho. — Eles vão seguir as crianças. Vocês precisam desaparecer. Eu encontro vocês.

Antes que o casal pudesse reagir, o velho abriu a porta e escorregou para trás do volante. As três figuras avançavam. A mulher e o homem recuaram para a casa quando o motor despertou com uma tosse seca. Por um instante, as rodas giraram inutilmente na neve, então finalmente pegaram e o carro afastou-se, derrapando. As figuras corriam agora, passando pelo homem e pela mulher sem virar a cabeça, totalmente concentradas no carro que escapulia e deslizava pela rua coberta de neve.

O homem de cabelos brancos dirigia com as duas mãos bem firmes no volante. Por sorte, era tarde, e por ser véspera de Natal e estar nevando, não havia trânsito para detê-lo. Mas, por mais rápido que ele dirigisse, as figuras sombrias se aproximavam. Corriam com uma graça silenciosa e misteriosa, cada passada cobria uma dezena de metros, as asas negras dos sobretudos esvoaçando por trás deles. Ao contornar uma esquina, o carro ricocheteou em um furgão estacionado e duas das figuras voaram, agarrando-se a casas alinhadas na rua. O homem olhou pelo espelho e viu seus perseguidores escalando as fachadas como gárgulas libertadas. Seus olhos não demonstravam surpresa, mas ele pisou o mais fundo que pôde no acelerador.

O carro cruzou uma praça em disparada, passando a toda velocidade por uma multidão que saía de uma igreja à meia-noite. Ele tinha chegado a uma velha parte da cidade e o carro se sacudia por ruas calçadas com pedras. No banco traseiro, as crianças continuavam a dormir. Uma das figuras se lançou da lateral de uma casa de arenito, aterrissando no alto do carro e fazendo-o estremecer com o impacto. Um momento depois, uma mão pálida socou o teto e começou a abrir a capota metálica. Um segundo agressor segurou a traseira do carro e pressionou os calcanhares contra o chão, abrindo sulcos nas pedras centenárias.

— Um pouco mais — murmurou o homem. — Só um pouco mais.

Entraram num parque coberto pela neve e completamente vazio, enquanto o carro patinava no chão gelado. Logo adiante, ele distinguiu a faixa escura do rio. E então tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo: o velho acelerou, a última figura se prendeu à porta e o teto foi arrancado de forma que o ar da noite invadiu o interior. Provavelmente a única coisa que não se alterou foram as crianças, que dormiam o tempo todo, alheias ao que se passava. Então o carro voou de um pequeno barranco e se lançou sobre o rio.

Não chegou a tocar na água. No último momento possível, ele simplesmente desapareceu, deixando para trás as três figuras sombrias que espalhavam água e se agitavam no rio.

Um segundo depois, quase 300 quilômetros ao norte, o carro, sem qualquer marca, parou diante de um grande prédio cinza de pedra. Sua chegada era claramente esperada, pois uma mulher baixa de vestes escuras desceu os degraus apressadamente para encontrá-lo. Juntos, ela e o velho recolheram as crianças e as levaram para dentro. Subiram até o piso superior e depois seguiram por um longo corredor ornamentado com guirlandas e enfeites de Natal.

Passaram por quartos e mais quartos cheios de crianças adormecidas. Entraram na última porta. O quarto estava vazio a não ser por duas camas e um berço.

A freira — o nome da mulher baixa era irmã Agatha — segurava o menino e a bebê. Deitou o garoto numa cama e a irmãzinha no berço. Nenhum dos dois se mexeu. O velho colocou Kate na outra cama. Cobriu-a com a colcha até o queixo.

— Pobrezinhos — disse a irmã Agatha.

— É. E tanta coisa depende deles.

— Você acredita que vão estar em segurança aqui?

— Tão seguros quanto poderiam ficar. Ele virá atrás deles. Isso é certo. Mas as únicas pessoas vivas que sabem que eles estão aqui somos eu e você.

— Como vou chamá-los? Vão precisar de um novo sobrenome.

— Que tal... — O velho pausou por um momento. — P.

— Só P?

— Só P.

— E a menina mais velha? Ela vai se lembrar do nome verdadeiro.

— Vou fazer com que não lembre.

— É difícil acreditar que isso esteja mesmo acontecendo. Difícil acreditar... — Ela olhou para o companheiro. — Você vai ficar um pouquinho? Acendi a lareira lá embaixo, e ainda tenho um pouco da cerveja dos monges. É Natal, afinal de contas.

— Bem tentador. Mas infelizmente preciso ver como estão os pais deles.

— Minha nossa, então realmente começou... — A mulher suspirou e se dirigiu para o corredor.

O velho seguiu-a até a porta, depois parou para olhar mais uma vez as crianças adormecidas. Ergueu a mão como se as abençoasse e murmurou:

— Até a próxima — e saiu.

As três crianças continuaram a dormir, alheias ao novo mundo que as aguardava quando acordassem.

CAPÍTULO UM  
O chapéu da sra. Lovestock



O chapéu em questão pertencia à sra. Constance Lovestock. A sra. Lovestock era uma mulher de alguma idade, com mais posses ainda e sem filhos. Não era mulher de fazer as coisas pela metade. Seu ponto de vista quanto a cisnes é um bom exemplo. Achava que eram as criaturas mais belas e graciosas do mundo.

— Tão graciosos — dizia ela. — Tão elegantes.

Quem se aproximava da sua grande e suntuosa casa nos arredores de Baltimore via arbustos podados em forma de cisnes. Esculturas de cisnes em revoada. Fontes onde uma mãe cisne cuspiam água para filhotes. Uma bacia ornamental em forma de cisne onde pássaros menos importantes podiam ter a honra de se banhar. E, naturalmente, cisnes de verdade deslizando pelos lagos que cercavam a casa, às vezes até passeando diante das janelas do térreo, de uma forma não tão graciososa quanto se poderia esperar.

— Eu não faço nada pela metade — dizia orgulhosamente a sra. Lovestock.

E foi assim que numa noite perto do início de dezembro, quando estava sentada em frente ao fogo com o marido, o sr. Lovestock — que supostamente tirava férias todos os anos para coletar insetos, mas na realidade caçava cisnes numa reserva particular na Flórida, atirando praticamente à queima-roupa com um sorriso lunático no rosto —, foi assim que a sra. Lovestock ergueu as costas do sofá em forma de cisne onde até então estivera tricotando e anunciou:

— Gerald, vou adotar algumas crianças.

O sr. Lovestock tirou o cachimbo da boca e fez um som meditativo. Ele tinha ouvido muito bem o que ela dissera. Não era “uma criança”. E sim “algumas crianças”. Mas longos anos lhe haviam ensinado como era fútil entrar em confronto direto com a esposa. Ele decidiu que a atitude mais sábia era ceder algum terreno com uma combinação de ignorância e bajulação.

— Minha querida, é uma ideia incrível. Você seria uma mãe maravilhosa. Isso, vamos adotar uma criança.

A sra. Lovestock chiou.

— Não brinque comigo, Gerald. Não tenho intenção de adotar apenas uma criança. Não valeria o esforço. Acho que vou começar com três.

Ela se levantou, indicando que a conversa estava encerrada e retirou-se da sala.

O sr. Lovestock suspirou, tornando a colocar o cachimbo no canto da boca e imaginando se haveria um lugar para onde ele pudesse viajar no verão para caçar crianças.

Provavelmente não, pensou ele, voltando a ler o jornal.

— Esta é a última chance de vocês.

Kate estava sentada diante da escrivaninha da srta. Crumley. Estavam no escritório dela, na torre norte do Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados. O prédio tinha sido um arsenal séculos atrás, e, no inverno, o vento atravessava as paredes, sacudindo as janelas e congelando a água das privadas. O escritório da srta. Crumley era o único cômodo com aquecimento. Kate torcia para que fosse lá o que ela tivesse a dizer demorasse muito tempo.

— Não estou brincando, mocinha.

A srta. Crumley era uma mulher baixa e atarracada com um chumaço de cabelos avermelhados. Enquanto falava, desembulhava um doce retirado de uma tigela sobre a mesa. Doces eram proibidos para as crianças. Ao chegarem ao Lar, enquanto a srta. Crumley explicava o que podiam e não podiam fazer (principalmente o que

não podiam), Michael se servira de uma balinha de menta. Teve de tomar banhos frios por uma semana depois daquilo. “Ela não disse que não podia comer”, reclamara ele. “Como é que eu ia saber?”

A srta. Crumley enfiou a bala na boca.

— Depois disso, eu desisto. Acabou. Se você, o seu irmão e a sua irmã não se comportarem da melhor forma possível para que esta senhora resolva adotar vocês, bem... — Ela chupou a bala com força, procurando uma ameaça adequadamente assustadora. — Bem, eu não vou ser responsável pelo que acontecer.

— Quem é ela? — perguntou Kate.

— Quem é ela?! — repetiu a srta. Crumley, arregalando os olhos, sem acreditar no que ouvia.

— Quer dizer, como ela é?

— Quem é ela? Como ela é? — A srta. Crumley chupou a bala com violência, cada vez mais ultrajada. — Esta mulher...

Ela parou. Kate esperou. Mas nenhuma palavra veio. Em vez disso, o rosto da srta. Crumley ganhou um tom vermelho vivo. Ela soltou sons guturais de engasgue.

Por uma fração de segundo — bem, talvez por uns três segundos — Kate pensou em deixar que a srta. Crumley engasgasse. Depois, deu um salto, correu e deu-lhe um forte tapa nas costas.

Uma massa esverdeada e pegajosa voou da boca da srta. Crumley e aterrissou sobre a mesa. Ela se voltou para Kate, respirando com dificuldade, com o rosto ainda vermelho. Kate sabia que não deveria esperar por agradecimentos.

— Ela é — disse ofegante a srta. Crumley — uma mulher interessada em adotar três crianças. De preferência, da mesma família. É tudo que você precisa saber! Quem é ela? Que insolência! Vá encontrar o seu irmão e a sua irmã. Faça com que eles tomem banho e vistam as melhores roupas. A mulher vai estar aqui em uma

hora. E se um deles fizer qualquer coisa... — Ela pegou a bala e a devolveu à boca. — Bem, simplesmente não me responsabilizo.

Enquanto Kate descia a estreita escada em espiral, depois de deixar a sala da srta. Crumley, sentiu o ar mais frio e prendeu o suéter fino com mais força em torno de si. Quando os adultos viam Kate pela primeira vez, sempre reparavam que era uma menina extraordinariamente bonita, com cabelos louro-escuros e grandes olhos castanhos. Mas, se olhavam com mais atenção, notavam a ruga de concentração que tinha feito moradia em sua testa, a forma com que as unhas eram roídas até o fim, a tensão cansada em seus membros e, em vez de dizerem: "Puxa, que menina bonita", faziam um muxoxo e murmuravam: "Coitadinha." Pois olhar para Kate, por mais bonita que ela fosse, era ver alguém que vivia antecipando constantemente o próximo golpe que a vida ia lhe dar.

Ao sair pela porta lateral do orfanato, Kate viu um grupo de crianças reunidas em volta de uma árvore esquelética na beira do jardim. Uma garotinha com pernas magras e cabelo castanho curto jogava pedras em um menino sentado nos galhos, berrando para que descesse e lutasse com ela.

Kate abriu caminho em meio à multidão de crianças que riam e zombavam, enquanto Emma pegava outra pedra.

— O que você está fazendo?

Emma se virou. Havia círculos vermelhos em suas bochechas e os olhos escuros brilhavam.

— Ele rasgou o meu livro! Eu só estava ali lendo e ele pegou o meu livro e rasgou! Eu juro, eu não fiz nada! E agora ele não quer descer e brigar comigo!

— Não é verdade — gritou o garoto na árvore. — Ela é maluca!

— Cala a boca! — berrou Emma e jogou a pedra. O menino se escondeu atrás da árvore e a pedra bateu no tronco.

Emma era pequena para seus 11 anos. Era só joelhos e cotovelos. Mas todas as crianças do orfanato respeitavam e temiam

seu gênio. Quando encurralada ou provocada, ela brigava feito um demônio. Chutava, arranhava e mordia. Kate às vezes se perguntava se a irmã seria tão feroz se eles não tivessem sido separados dos pais. Emma era a única que não tinha qualquer memória da mãe e do pai. Até Michael tinha vagas lembranças de ter recebido cuidado e amor. No que dizia respeito a Emma, esta era a única vida que ela havia conhecido, e tinha apenas uma regra: quando você para de lutar, está acabado. Infelizmente, sempre havia alguns garotos mais velhos que faziam de tudo para irritá-la, apreciando o jeito com que Emma era tomada pela fúria. Seu alvo favorito, como era de se esperar, era o sobrenome das crianças, de uma letra só. Como Kate era a mais velha, com 14 anos, geralmente era sua tarefa acalmar a irmã.

— Temos que achar o Michael — disse Kate. — Uma mulher vem ver a gente.

Um silêncio se fez entre as crianças. Havia meses que não aparecia alguém interessado em adoção no Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incurrigíveis e Desamparados.

— Eu não ligo — disse Emma. — Não vou.

— Ela só vai querer você se for maluca — exclamou o menino na árvore.

Emma agarrou uma pedra e a jogou. O garoto não foi suficientemente rápido e foi atingido no cotovelo.

— Aaai!

— Emma — Kate pegou o braço da irmã —, a srta. Crumley diz que é a nossa última chance.

Emma se soltou. Abaixou-se e pegou outra pedra. Mas estava claro que tinha perdido a vontade de brigar. Kate esperou quieta enquanto Emma jogava a pedra de uma mão para a outra e depois a lançou sem força contra a árvore.

— Tá bom.

— Você sabe onde está o Michael?

Emma assentiu. Kate pegou sua mão e as crianças se afastaram, para que as duas pudessem passar.

As meninas encontraram Michael no bosque, nos arredores do orfanato, explorando uma caverna descoberta por ele na semana anterior. Ele fingia que se tratava da entrada de um antigo túnel cavado por anões. Por toda a vida, Michael tinha sido obcecado por histórias sobre criaturas mágicas. Feiticeiros que enfrentavam dragões. Cavaleiros que lutavam com duendes maníacos por donzelas. Fazendeiros espertos que passavam a perna em trolls. Lia tudo que conseguia encontrar. Mas apreciava particularmente as histórias sobre os anões.

— Eles têm uma história longa e nobre. E são muito trabalhadores. Não ficam o tempo todo penteando o cabelo e vagando por aí com espelhos, como fazem os elfos. Os anões trabalham.

Michael não tinha uma boa opinião sobre os elfos.

A fonte dessa paixão era um livro intitulado *O Compêndio do Anão*, escrito por um certo G. G. Greenleaf. Ao acordar naquela primeira manhã de suas novas vidas, sem pais, em um quarto desconhecido, Kate havia descoberto o livro no meio das cobertas de Michael. Na mesma hora, reconheceu-o como sendo o presente de Natal que a mãe havia dado ao pai. Ao longo dos anos, Michael havia lido o livro dúzias de vezes. Kate sabia que era seu jeito de permanecer ligado a um pai de quem ele mal se lembrava. Por isso, não se cansava de tentar convencer Emma a ser compreensiva quando Michael começava uma de suas palestras improvisadas. Mas nem sempre era fácil.

O ar na caverna estava úmido e cheio de musgo, mas o teto era suficientemente alto para que Kate e Emma caminhassem eretas. Michael estava a alguns metros da entrada, ajoelhado ao lado de uma lanterna. Era bem mirrado, com o mesmo cabelo castanho e os olhos escuros da irmã mais nova, embora estivessem

escondidos atrás de óculos com aros de metal. As pessoas frequentemente os confundiam com irmãos gêmeos, o que irritava Michael profundamente.

— Sou um ano mais velho — dizia Michael. — Acho que é bastante óbvio.

Houve um clarão, depois um chiado, e a surrada câmera Polaroid de Michael cuspiu um retrato. Algumas semanas antes, encontrara a câmera numa loja de quinquilharias no centro de Baltimore, bem como uma dúzia de filmes que o dono havia praticamente dado para ele. Desde então ele a usava em suas explorações, lembrando constantemente a Kate e Emma como era importante documentar as descobertas.

— Aqui. — Michael mostrou para as irmãs uma pedra que ele havia acabado de fotografar. — O que vocês acham que é?

Emma grunhiu.

— Uma pedra.

— A ponta de um velho machado dos anos — disse Michael. — Obviamente foi danificado pela umidade. As condições aqui não são nada ideais para a preservação.

— Engraçado — disse Emma. — Porque parece uma pedra.

— Tudo bem. Chega — disse Kate, pois sabia que Michael estava a ponto de se irritar. Ela lhe contou sobre a mulher que vinha vê-los.

— Vão vocês — disse ele. —Tenho trabalho a fazer por aqui.

A maioria dos órfãos desejava ser adotada. Sonhava com um casal rico e bondoso que os levassem para uma vida de conforto e de amor. Kate, o irmão e a irmã não eram assim. Aliás, recusavam-se a serem chamados de órfãos.

— Nossos pais estão vivos — dizia Kate ou Emma ou Michael. — E um dia, vão voltar para nos buscar.

Naturalmente, não tinham nada que sustentasse tal crença. Havia dez anos, foram deixados no Orfanato St. Mary, às margens

do rio Charles, em Boston, numa véspera de Natal de muita neve, e desde então não tinham ouvido nenhum boato sobre seus pais ou qualquer outro parente. Não podiam sequer dizer o que o P de seus sobrenomes representava. Ainda assim, continuavam a acreditar, no fundo do coração, que os pais voltariam a aparecer um dia. Isso se devia inteiramente ao fato de que Kate nunca havia deixado de lembrar a Michael e a Emma a promessa feita pela mãe, naquela última noite, dizendo que voltariam a ficar juntos, como uma família. Aquilo tornava totalmente inaceitável a ideia de serem adotados por algum desconhecido. Infelizmente, desta vez, havia outras considerações a serem feitas.

— A srta. Crumley diz que é a nossa última chance.

Michael suspirou e deixou que a pedra caísse de sua mão. Então pegou a lanterna e seguiu as irmãs para fora da caverna. Nos últimos dez anos, as crianças haviam passado por nada menos do que 12 orfanatos diferentes. A temporada mais curta havia sido de duas semanas. A mais longa, de longe, havia sido em seu primeiro abrigo, St. Mary. Quase três anos. Mas o Orfanato St. Mary foi consumido por um incêndio — assim como a madre superiora, uma mulher bondosa chamada irmã Agatha que demonstrava um interesse especial pelas crianças, mas tinha o péssimo hábito de fumar na cama. Sair de St. Mary foi o início de uma jornada que os levou de orfanato a orfanato. Assim que as crianças se acostumavam com um lugar, precisavam se mudar de novo. Finalmente, deixaram de esperar que pudessem permanecer num lugar por mais de alguns meses, e deixaram de tentar fazer amigos. Aprenderam a confiar apenas um no outro.

A razão para tantas mudanças estava no fato de que as crianças eram, no idioma da adoção, “difíceis de encaixar”. Se quisesse adotar uma delas, uma família precisaria adotar as três. Mas era raridade que uma família estivesse disposta a adotar três

crianças de uma só vez, e as srtas. Crumleys do mundo não tinham muita paciência.

Kate compreendia que, se a tal mulher não os quisesse, a srta. Crumley mencionaria aquilo como prova de que tinha tentado tudo o que podia, e eles seriam então transferidos para o próximo orfanato. Sua esperança era que se ela, o irmão e a irmã se comportassem bem, mesmo que a entrevista não fosse um sucesso, a srta. Crumley poderia pensar duas vezes antes de mandá-los embora. Não que as crianças amassem tanto assim a atual moradia. A água era parda. As camas, duras. A comida fazia a barriga doer quando você comia demais, mas quando você comia de menos ela também doía. Não. O problema era que, com o passar dos anos, cada novo orfanato era pior do que o anterior. Na realidade, quando haviam chegado ao Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incorrigíveis e Desamparados, seis meses antes, Kate tinha pensado: É isso, chegamos ao fundo do poço. Mas agora ela se perguntava: E se houver algum lugar ainda pior?

Ela não queria descobrir.

Meia hora depois, lavadas e vestidas com suas melhores roupas (o que não queria dizer grande coisa), as crianças bateram na porta do escritório da srta. Crumley.

— Entrem.

Kate levava Emma pela mão. Michael seguia logo atrás. Ela lhes dera conselhos: “Só fiquem sorrindo e não falem muito. Quem sabe? Talvez ela seja legal. Aí a gente pode ficar com ela até a mamãe e o papai voltarem.” Mas quando Kate viu a mulher grande enrolada num casaco feito apenas de penas brancas, segurando uma bolsa com forma de cisne e usando um chapéu em que a cabeça de um cisne se virava para cima como um ponto de interrogação, ela viu que era inútil.

— Imagino que sejam os órfãos — disse a sra. Lovestock, dando um passo à frente para se postar sobre as crianças. — O

sobrenome deles é P, não é mesmo?

— Isso, sra. Lovestock — disse a srta. Crumley com uma risadinha. Ela batia apenas na cintura da mulher gigante. — São três dos nossos melhores. Ah, eu amo tanto eles. Mas por mais doloroso que seja me separar dessas crianças, eu me obrigaria a isso, sabendo que vão ter um lar tão maravilhoso.

— Hum. — A sra. Lovestock abaixou-se para inspecioná-los, fazendo com que a cabeça do cisne mergulhasse para a frente, com um ar de curiosidade. — Já vou avisando. Não tolero bagunça de criança. Não admito que corram, gritem, berrem, riam alto, andem com mãos ou pés sujos, nem façam comentários grosseiros. — Cada vez que mencionava alguma coisa que não permitia, a cabeça do cisne balançava, como se estivesse concordando com ela. — Também não gosto de muito falatório, que fiquem esfregando as mãos ou andando de bolsos cheios. Desprezo crianças com bolsos cheios.

— Ah, essas crianças nunca tiveram nada nos bolsos, posso garantir, sra. Lovestock — disse a srta. Crumley. — Nadinha.

— Além disso, eu espero que...

— O que é isso na sua cabeça? — interrompeu Emma.

— Como? — A mulher parecia aturdida.

— Esse negócio na sua cabeça. O que é?

— Emma... — advertiu Kate.

— Eu sei — disse Michael.

— Não sabe nada.

— Sei, sim.

— Então o que é? — desafiou Emma.

A sra. Lovestock voltou-se para a trêmula diretora do orfanato.

— Srta. Crumley, que diabos está acontecendo aqui?

— Nada, sra. Lovestock, nada mesmo. Garanto que...

— É uma serpente — interrompeu Michael.

Pela expressão, a sra. Lovestock parecia ter levado um tapa na cara.

— Não é uma serpente — disse Emma.

— É sim — Michael examinava o chapéu da mulher. — É uma cobra.

— Mas ela é toda branca.

— Ela deve ter pintado. — Ele se dirigiu à sra. Lovestock. — Foi isso que a senhora fez? Pintou a cobra?

— Michael! Emma! — chiou Kate. — Fiquem quietos!

— Eu só estava perguntando se ela pintou...

— Shhh!

Durante um tempo que pareceu muito longo, ouvia-se apenas o chiado do radiador e o barulho da srta. Crumley juntando e soltando as mãos nervosamente.

— Nunca na minha vida... — a sra. Lovestock finalmente começou a dizer.

— Minha querida sra. Lovestock... — disse a trêmula srta. Crumley.

Kate sabia que precisava dizer alguma coisa. Para terem qualquer chance de não serem mandados embora, ela precisava dar um jeito na situação. Mas aí a mulher falou o que não deveria.

— Sei que não dá para esperar grande coisa de órfãos...

— A gente não é órfão — interrompeu Kate.

— Como é?

— Órfãos são crianças com pais mortos — disse Michael. — Os nossos não morreram.

— Eles vão voltar para buscar a gente — acrescentou Emma.

— Não ligue para eles, sra. Lovestock. Não ligue para eles. É só tagarelice fútil de órfãos. — A srta. Crumley ergueu a tigela de balas. — Balas?

A sra. Lovestock a ignorou.

— É verdade — insistiu Emma. — Eles vão voltar. Estou falando sério.

— Escutem só — a sra. Lovestock inclinou-se para a frente. — Sou uma mulher compreensiva. Podem perguntar para qualquer um. Mas se tem uma coisa que eu não tolero é fantasia. Isto é um orfanato. Vocês são órfãos. Se seus pais realmente quisessem vocês, não teriam sido largados na rua como lixo da semana passada, sem sequer um nome civilizado! P, sinceramente... Vocês deviam estar gratos por alguém como eu estar disposta a perdoar a sua atroz falta de modos... e sua completa ignorância a respeito da ave aquática mais bonita do mundo... e levar vocês para casa. O que me dizem agora?

Kate viu a srta. Crumley lançando-lhe um olhar furioso por trás da cintura da sra. Lovestock. Sabia que se não pedisse desculpas à Mulher Cisne, a srta. Crumley certamente os enviaria para algum lugar que faria o Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incorrigíveis e Desamparados parecer um hotel de férias chique. Mas qual era a alternativa? Ir morar com esta mulher que insistia que seus pais os haviam largado como lixo e não tinham intenção de voltar? Ela apertou a mão da irmã.

— Sabe — disse ela —, parece mesmo uma cobra.

CAPÍTULO DOIS  
A vingança da srta. Crumley



O trem sacudiu, acordando Kate. Ela havia adormecido apoiada contra a janela e sua testa estava fria. Depois de parar em Nova York, no meio da manhã, o trem havia prosseguido rumo ao norte junto ao rio Hudson, passando por Hyde Park, Albany e uma dúzia de outras cidades menores que se apinhavam nas margens. Agora, ao olhar para fora, via que o gelo havia tomado conta dos dois lados do rio e que eles viajavam por uma paisagem de colinas nevadas, marcadas aqui e ali por uma fazenda. Haviam deixado Baltimore de manhã cedo. A srta. Crumley os levara à estação pessoalmente.

— Bem, espero que vocês se comportem melhor na sua próxima moradia.

As crianças estavam na plataforma, cada uma com uma bolsa contendo suas roupas e algumas posses.

Kate sabia que a srta. Crumley não perderia a chance de uma última bronca.

— Conte para o diretor desse novo orfanato... dr. Pym, acho que o nome era esse, é, dr. Stanislaus Pym... que vocês três provavelmente vão ser criminosos e assassinos quando crescerem, e ele disse que é exatamente esse o tipo de criança que ele estava procurando. Ah! Só posso imaginar o que ele planeja para vocês.

Duas semanas haviam se passado desde a entrevista desastrosa com a sra. Lovestock. A srta. Crumley tinha entrado em contato na mesma hora com todos os orfanatos que conhecia, em busca de qualquer lugar que aceitasse as crianças. Apenas alguns

dias antes, Kate havia passado pelo escritório e a ouvira implorar ao telefone:

— Eu entendo que o abrigo de vocês é para animais. Mas essas crianças não precisam de muita coisa.

Depois, foram informados de que um orfanato estava disposto a ficar com eles.

— Para onde a gente vai? — perguntou Kate.

— Cambridge Falls. Parece que fica perto da fronteira. Eu mesma nunca estive por lá.

— E é considerado um bom lugar?

— Bom? — A srta. Crumley soltou uma risada como se esta fosse a melhor piada que ela ouvia em muito tempo. — Ah, devo dizer que não é. Não, não, nem um pouquinho. Aqui estão as passagens de trem. Vocês vão até Westport. Então, seguem para o píer, logo depois das docas principais. Um barco vai estar lá para levá-los até o outro lado do lago. O dr. Pym disse que alguém vai encontrar com vocês ali. Podem ir. Estou lavando as minhas mãos.

As crianças subiram no trem, encontraram um compartimento vazio e se acomodaram. Podiam ver a srta. Crumley na plataforma, vigiando.

— Olha só para ela — disse Emma. — Ficou ali para garantir que a gente está mesmo indo embora. Eu queria acertar as contas com ela pelo menos uma vez. — Ela fechou os punhos.

— Alguém quer bala?

As meninas olharam espantadas. Michael segurava uma sacola de plástico cheia de balas. Deu de ombros.

— Eu entrei no escritório dela, ontem à noite.

Na plataforma, a srta. Crumley observou com satisfação o trem ganhar velocidade. Mas, ao caminhar de volta para o orfanato, foi perturbada pela lembrança da delinquente mais jovem, Emma, mostrando-lhe a língua enquanto o trem se afastava. A srta. Crumley podia jurar que a menina estava comendo uma bala de alcaçuz. Mas

aquilo era ridículo. Onde uma criança daquelas ia conseguir uma bala de alcaçuz?

Quando pararam em Albany, Kate saltou e usou o pouco dinheiro que tinha para comprar sanduíches de queijo, que as crianças comeram enquanto eram transportadas rumo ao norte e a paisagem ficava cada vez mais montanhosa. Depois de engolir o almoço, Michael e Emma saíram para explorar o trem enquanto Kate se recostou no assento e deixou os olhos fecharem. Adormeceu quase no mesmo instante.

Kate sonhou que se encontrava diante de uma grande casa de pedra. Era imensa, escura, ameaçadora e ela não tinha a menor vontade de entrar. Mas subitamente, ela estava do lado de dentro e descia uma escadaria mal iluminada. No final dos degraus, empurrou uma porta para entrar num estúdio. À primeira vista, parecia normal: escrivaninha, cadeiras, lareira e estantes. Mas cada vez que ela se virava o cenário se alterava. As paredes deslizavam. Os livros se rearrumavam. As cadeiras mudavam de lugar. De repente, foi tomada por um medo terrível de parar o coração. Havia perigo aqui. Grande perigo para ela, seu irmão e sua irmã.

Foi quando o trem sacudiu e ela acordou, com a cabeça batendo no vidro frio da janela. Sentiu uma necessidade urgente de ver Michael e Emma, então levantou-se e saiu apressadamente.

Kate era a única que tinha lembranças verdadeiras da mãe e do pai. As lembranças de Michael, que às vezes ele enfeitava, eram pouco mais do que vagas impressões. Kate se lembrava com nitidez de uma bela mulher de voz suave e de um homem alto de cabelo castanho. Tinha lembranças da casa onde moraram, do seu quarto, de um Natal... Ela podia ver o pai sentado na cama lendo uma história, mas não sabia dizer qual. Com os anos, havia passado incontáveis horas tentando recuperar mais retalhos daquela outra vida. Invariavelmente, quando lhe ocorria uma lembrança, era de forma inesperada. Uma frase, um cheiro, a cor do céu provocavam

alguma coisa, e Kate subitamente se lembrava da mãe preparando o jantar, de caminhar pela rua segurando a mão do pai — algum fragmento daquele tempo em que eles todos faziam parte de uma família. Mas a memória mais nítida, aquela que estava sempre com ela, era da noite em que ela, Michael e Emma foram mandados para longe. Kate ainda podia sentir o cabelo da mãe esbarrando em sua bochecha, as mãos da mãe prendendo o medalhão em volta de seu pescoço, e ouvir sua voz murmurando que a amava ao fazer Kate prometer tomar conta da irmã e do irmão.

E Kate tinha mantido aquela promessa. Tomou conta dos dois, ano após ano, de orfanato em orfanato, para que um dia, quando os pais voltassem, ela pudesse dizer a eles: “Estão vendo? Eu consegui. Eles estão em segurança.”

Ela achou Michael e Emma no vagão-refeitório, sentados no balcão devorando algumas rosquinhas e um chocolate quente que a garçonete lhes dera de graça.

— Pensei num nome novo — disse Michael, com o rosto pintado com um sorriso de glacê. — Pugwillow.

— Pugwillow — repetiu Kate. — Isso é um nome?

— Não — disse Emma. — Ele acabou de inventar.

— E daí? — perguntou Michael. — Podia ser um nome de verdade.

Uma das principais ocupações dos garotos durante a última década tinha sido especular sobre o P em seu sobrenome. Tinham imaginado milhares de possibilidades: Peters, Paulson, Plainview, Puget, Pickett, Plukowsky, Paine, Pone, Platte, Pike, Pabst, Packard, Padamadan, Paddison, Paez, Paganelli, Page, Penguin (um velho favorito de Emma), Pasquale, Pullman, Pershing, Peet, Pickford, Pickles e daí em diante. A esperança era de que, ao ouvir o nome certo, a memória de Kate entrasse em ação e ela exclamasse subitamente: “É esse! Esse é o nosso nome!”, e então eles

pudessem usá-lo como uma pista para encontrar seus pais. Mas isto nunca acontecera.

Kate balançou a cabeça.

— Não sei, Michael.

— Tudo bem. Provavelmente esse nome nem existe mesmo.

A garçonete veio e tornou a encher as xícaras com chocolate quente. Kate perguntou se ela sabia alguma coisa sobre Cambridge Falls. A mulher disse que nunca tinha ouvido falar da cidade.

— Provavelmente nem existe — disse Emma, quando a garçonete se afastou. — Aposto que a srta. Crumley só queria se livrar da gente. Ela espera que a gente seja roubado, assassinado ou coisa assim.

— É muito improvável que a gente morra assassinado. Pelo menos todos nós. — Michael falou, engolindo ruidosamente o chocolate quente. — Mas quem sabe um dos três.

— Tudo bem. Você pode ser assassinado — disse Emma.

— Não. Você é que pode.

— Não, você...

— Não, você...

Eles começaram a dar risadas e Emma disse que um assassino simplesmente não resistiria se visse Michael e teria de matá-lo, talvez até matá-lo duas vezes. Michael respondeu que provavelmente havia todo um bando de assassinos esperando que Emma saltasse do trem, e que fariam um sorteio para ver quem cuidaria do assunto... Kate só deixou que eles falassem.

O medalhão que a mãe lhe dera tinha a imagem de uma rosa gravada do lado de fora. Kate tinha adquirido o hábito de esfregar o estojo de metal entre o polegar e o indicador quando estava preocupada e, com o passar dos anos, a rosa havia praticamente desaparecido. Kate tentara sem sucesso abandonar o hábito. Naquele momento mesmo, esfregava o medalhão, se perguntando para onde a srta. Crumley os estava enviando.

Westport era uma cidadezinha encarapitada nas margens do lago Champlain. Guirlandas se enroscavam nos postes e luzes tinham sido penduradas na rua, como preparativo para o Natal. As crianças não tiveram dificuldades de encontrar as docas ou o píer. Mas encontrar uma pessoa que tivesse ouvido falar de Cambridge Falls era um assunto diferente.

— Cambridge o quê? — rosnou um homem de rosto encarquilhado, olhar malévolo, que parecia ter algo entre 50 e 110 anos.

— Cambridge Falls — disse Kate. — É do outro lado do lago.

— Não deste lago. Eu saberia. Naveguei nele a vida toda.

— Eu disse — resmungou Emma. — Aquela bruxa da srta. Crumley está tentando se livrar da gente.

— Vamos lá — disse Kate. — Está quase na hora do barco.

— É. O barco para lugar nenhum.

O píer era comprido e estreito, com muitas tábuas quebradas e apodrecidas. Ele se estendia sobre a camada de gelo até chegar à água, e as crianças caminharam até a ponta e se ajeitaram ali, apertando os casacos e se reclinando umas sobre as outras como pinguins, para enfrentar o vento cruel que soprava sobre o lago.

Kate estava olhando o sol. Tinham viajado o dia inteiro e logo escureceria e ficaria ainda mais frio. Apesar do que Emma dizia sobre a srta. Crumley ter despachado os três para um destino impossível — e o fato de que ninguém parecia ter sequer ouvido falar de Cambridge Falls —, Kate ainda acreditava que haveria um barco. A maldade da srta. Crumley era a crueldade dos beliscões, dos puxões de cabelo, e da lembrança constante e diária a alguém de sua própria insignificância. Mandar três crianças para serem abandonadas no meio do inverno estava fora dos padrões daquela mulher mesquinha. Ou pelo menos era o que Kate dizia para si mesma.

— Olhem! — disse Michael. Uma espessa parede de neblina se levantava sobre a superfície do lago. — Está vindo bem rápido.

Quando ele terminou de falar, já estava sobre eles. As crianças tinham ficado sentadas sobre as bolsas, mas logo se levantaram, fitando o cinza. Gotículas de umidade pousaram sobre os casacos. Tudo estava silencioso e imóvel.

— Esquisito — disse Emma.

— Shhh — chiou Michael.

— Não diz "shhh" para mim! Seu...

— Não. Escuta.

Era o barulho de um motor.

O barco se materializou em meio à neblina, vindo diretamente na direção das crianças. À medida que se aproximava, a pessoa que o dirigia reverteu o motor e depois o desligou, de forma que a embarcação encostou silenciosamente. Era um barco pequeno e largo, com a tinta negra lascada e descascada no casco de madeira. Havia apenas um homem a bordo. Com habilidade, jogou um laço sobre um poste.

— Vocês três vão para Cambridge Falls? — O homem tinha uma espessa barba negra e olhos tão afundados na cabeça que eram quase invisíveis. — Eu disse, vocês três vão para Cambridge Falls?

— É — respondeu Kate. — Quer dizer... vamos.

— Embarquem então. O tempo está correndo.

Mais tarde, as crianças discordaram sobre o tempo que haviam ficado no barco. Michael disse meia hora, Emma tinha certeza de que foram cinco minutos e Kate achou que levava ao menos uma hora. Talvez duas. Era como se a névoa confundisse não só a visão dos meninos, mas também sua noção de tempo. O que os três sabiam com certeza era que, em dado momento, uma costa sombria surgiu em meio à neblina e, conforme se aproximaram, puderam distinguir uma doca e a figura de um homem à espera.

O barqueiro jogou uma corda para o homem. Kate viu que ele era velho, com barba branca e bem-cuidada, terno marrom bem-cuidado apesar de antigo, mãozinhas bem-cuidadas. Até o crâniozinho careca parecia ter se livrado do cabelo para fortalecer a ideia de arrumação. Não perdeu tempo saudando as crianças. Pegou as bolsas de Michael e Emma, disse: "É por aqui", e se afastou mancando da doca, com desembaraço.

Michael e Emma saltaram do barco. Kate ia segui-los quando sentiu uma mão no seu ombro. Era o barqueiro.

— Tenham cuidado naquele lugar. Tome conta do seu irmão e da sua irmã.

Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, o homem desamarrou a embarcação e começou a se afastar, obrigando-a a pular para a doca.

— Pode ir! — A voz atravessou a neblina.

— Vem! — chamou Emma. — Você precisa ver isso!

Kate não se moveu. Ficou postada ali, olhando o barco se dissolver na névoa cinza, combatendo o impulso de chamá-lo de volta, pegar o irmão e a irmã, voltar a Baltimore e dizer para a srta. Crumley que eles morariam com a Mulher Cisne.

Agarraram-lhe o braço.

— Precisamos nos apressar — disse o velho. — Não temos muito tempo.

Ele pegou sua bolsa e a empurrou pela doca até o lugar onde se encontravam Michael e Emma. Os dois estavam sentados no banco traseiro de uma charrete, ambos com enormes sorrisos.

— Olha — apontou Emma. — Um cavalo.

O velho ajudou Kate a subir e se acomodar entre os irmãos, depois pulou com agilidade para o lugar do condutor, puxou as rédeas e eles partiram com um sacolejo que fez com que as crianças se agerrassem nas laterais. Quase na mesma hora, a estrada ficou

mais íngreme. Enquanto subiam em meio à névoa cada vez mais rala, o ar se tornou novamente frio e cortante.

Viajavam por alguns minutos quando Michael soltou um grito de surpresa.

Kate se virou e, se Michael e Emma não estivessem a seu lado vendo a mesma coisa, ela teria achado que era sua imaginação. Erguendo-se diante deles estavam os picos escarpados de uma grande cordilheira. Mas como era possível? De Westport, tinham visto apenas colinas arredondadas, muito distantes. Essas eram montanhas de verdade, imensas, imponentes, cobertas de pedra.

Kate debruçou-se para a frente, o que era difícil devido ao ângulo em que estavam sentados e à forma com que a charrete se sacudia na acidentada estrada de terra batida.

— Senhor...

— Meu nome é Abraham, senhorita. Não precisa me chamar de senhor.

— Bem...

— Você deve estar se perguntando por que não viu as montanhas quando estava em Westport.

— Sim, sen... Abraham.

— A luz vinda do lago pode ser engraçada, à tarde. Engana os olhos. Pode se recostar. Temos uma hora de viagem e vamos ter que nos apressar para chegar antes de escurecer.

— O que acontece quando escurece? — perguntou Michael.

— Lobos.

— Lobos?

— A noite cai. Os lobos saem. Recostem-se agora.

— Odeio a srta. Crumley — resmungou Emma.

Quanto mais subiam, mais desoladora e sombria se tornava a paisagem. Ao contrário do que acontecia nas imediações de Westport, aqui havia poucas árvores. A terra era rochosa, árida, com uma aparência devastada.

Quando o sol escapuliu para trás das montanhas e o céu se tingiu de vermelho, Kate já estava convencida de que via lobos à espreita em todas as sombras. Finalmente, a estrada fez uma curva num terreno entre dois picos, e o velho exclamou: "Cambridge Falls, bem adiante." Ali, estendendo-se na distância, encontrava-se um vale torto e formado por encostas inclinadas, e um rio passava pelo meio como uma veia que descia das montanhas. A cidade se acomodava na margem próxima do rio, e a estrada os levou por uma viela com lojas e casas. Mais casas, separadas por serpenteantes muros de pedra quase desmoronados, pontilhavam a colina. Mas, apesar disso, a maioria das janelas estava às escuras, a fumaça saía apenas de uma dúzia de chaminés, e as poucas pessoas que passavam pela rua mantinham as cabeças baixas.

— O que tem de errado com este lugar? — murmurou Emma.

Abraham puxou as rédeas com força, obrigando o cavalo a trotar. A estrada e a cidade terminavam diante do rio largo e verde-acinzentado, e o velho virou a charrete para acompanhar a margem, seguindo rastros recentes de rodas deixados na neve.

— Onde é o orfanato? — perguntou Michael.

— Do outro lado do rio.

— E como é o dr. Pym?

Abraham não respondeu imediatamente. Então falou:

— Diferente.

— Diferente como?

— Só diferente. De qualquer maneira, ele não passa muito tempo por lá. A srta. Sallow e eu cuidamos de quase tudo.

— Quantas crianças moram lá? — perguntou Emma.

— Incluindo vocês três?

— É.

— Três.

— Três? Que tipo de orfanato tem só três crianças?

Era uma pergunta legítima e merecia uma resposta, mas naquele momento eles passavam pela beira de um desfiladeiro a algumas dezenas de metros sobre o rio — as margens haviam ficado cada vez mais íngremes desde que deixaram a cidade — e, assim que Emma fez a pergunta, a charrete deslizou na trilha gelada, derrapando até a beirada do abismo.

— Por que a gente tem que andar tão rápido? — perguntou Kate, enquanto as crianças se agarravam às laterais da charrete com ainda mais força.

— Olhe para cima — disse Abraham.

O vermelho havia deixado o céu, deixando para trás um dolorido tom negro-azulado. Faltavam apenas alguns momentos para a noite chegar.

O velho virou para pegar uma ponte estreita. Enquanto os cascos do cavalo ressoavam sobre as pedras gélidas, as crianças olharam na direção do rio, que corria lá embaixo da garganta. Estavam do outro lado e Abraham impelia o cavalo a subir por uma trilha sinuosa.

— Quase lá!

Kate sentiu uma pontada horrível no estômago. Havia algo de errado com aquele lugar. Algo mais do que a falta de gente, de árvores ou de vida.

— É aqui? — exclamou Emma.

Contornaram uma colina e, diante deles, estava a maior casa que as crianças já haviam visto. Era feita de pedra negra, toda torta e inclinada, os telhados irregulares espetados por chaminés. Havia torrezinhas nos cantos, e janelas altas e escuras. Apenas algumas luzes ardiam no térreo. Para Kate, parecia que a casa havia se agachado na encosta, como uma grande besta negra.

Abraham voltou a açoitar as rédeas e berrou.

Naquele instante, ouviram o uivo de um lobo. Outros se juntaram a ele. Mas os uivos estavam distantes, e a charrete, no

mesmo momento, se aproximou da casa — e Kate teve certeza de que era a mesma casa que havia visto em seu sonho.

CAPÍTULO TRÊS  
O rei e as rainhas da França



— Ainda dormindo, hein? O rei e as rainhas da França precisam do sono da beleza, não é mesmo? Descansam o dia inteiro enquanto os outros trabalham. É assim que as coisas funcionam em Paris?

Kate abriu os olhos. A srta. Sallow, a rabugenta governanta e cozinheira, abria as cortinas e deixava entrar a luz da manhã. Emma gemeu baixinho. Michael cobriu a cabeça com as cobertas.

Tinham sido colocados em um cômodo no quarto andar. Pelas janelas, Kate podia ver a aldeia de Cambridge Falls do outro lado do rio. A velha puxou os cobertores de Michael ao sair.

— Café da manhã em cinco minutos, altezas.

Desde que haviam chegado, na noite anterior, a srta. Sallow acusara as crianças de agirem como “o rei e as rainhas da França” umas boas vinte vezes. Era um mistério de onde ela tinha tirado a ideia de que se julgavam tão importantes. Mal haviam passado pela porta da frente quando ela os mandou correndo para cima, repreendendo-os por estarem atrasados.

— Demorou para vocês chegarem aqui, não foi? Talvez as jovens senhoras e o cavalheiro estivessem esperando uma carruagem com quatro cavalos garbosos, não é? Talvez chocolate e bolos para comerem na viagem? — Ela usava um velho suéter vermelho com buracos nos cotovelos e sapatos grosseiros e masculinos, sem meias. O cabelo grisalho estava coberto por uma

touca de tricô. Sem esperar que respondessem, agarrou as bolsas de Kate e Emma.

— Fiz o jantar. Duvido que esteja à altura dos padrões gourmet do rei e das rainhas da França, mas vai ter que dar para o gasto. Cortem a minha cabeça se não gostarem. Já não me importo mais. Por aqui, Vossas Altezas.

Comeram numa mesa de madeira na cozinha. A srta. Sallow se arrastava de um lado para outro, batendo nas panelas e nos tachos, resmungando sobre as variadas falhas de caráter que as crianças compartilhavam com a família real francesa. Mesmo assim, serviu-lhes a melhor refeição que haviam tido em anos. Frango assado, batatas, uma quantidade muito pequena de vagem, pudim de arroz quentinho. Se o preço para comer deste jeito era serem chamados de rei e rainhas da França, então Kate, Michael e Emma ficavam felizes em pagar.

Quando tinham comido tudo o que conseguiram, a srta. Sallow berrou “Abraham!” e, alguns momentos depois, o velho entrou mancando na cozinha.

— Eles jantaram, então — disse, olhando para os pratos limpos e para as caras satisfeitas e entorpecidas das crianças.

— Puxa, que esperto, Abraham — disse a velha. — Nada passa por você, hein?

— Estava só fazendo uma observação, srta. Sallow.

— E devemos agradecer aos céus por isso. Afinal de contas, onde estaríamos sem o benefício das suas conclusões tão perspicazes? Agora, você acha que poderia mostrar o quarto para Suas Altezas reais ou ainda tem mais observações esclarecedoras a serem comunicadas?

— Por aqui, meninos — disse Abraham.

Ele os fez subir quatro diferentes escadarias e seguir por corredores escuros e tortuosos. A luz de sua lamparina vacilava, enquanto ele mancava. Emma se apoiou com firmeza em Kate, e

Michael, já meio adormecido, esbarrou em duas mesas, uma luminária e um urso empalhado. No quarto, Abraham acendeu uma fogueira grande o bastante para arder a noite inteira.

— Agora me escutem — advertiu — e não fiquem vagando por esses corredores à noite. Eles dão tantas voltas que vocês não vão ser capazes de encontrar seus próprios narizes. Vão ter que chamar a srta. Sallow para encontrá-los e aí, crianças, vão desejar ainda estarem perdidos.

Ele estava de saída quando parou e voltou.

— Já ia esquecendo. Trouxe isto para vocês.

Ele tirou uma velha fotografia em preto e branco do bolso e a entregou para Kate. Mostrava um grande lago e, na distância, os telhados das casas coroados por chaminés erguendo-se sobre as árvores. Ela passou a foto para Michael que, sem abrir os olhos, guardou-a entre as páginas de seu caderno.

— Tirei essa foto há quase 15 anos. Lembram daquele desfiladeiro que a gente acompanhou na charrete? Era ali que ficava a represa. Fechava o rio e fazia um lago que se espalhava daqui, da casa grande, até a aldeia.

— Represa? — bocejou Michael. — Por que a cidade queria uma represa?

— Chatice — balbuciou Emma, que se voltou para a janela.

Abraham prosseguiu, sem desanimar.

— Por quê? Para construir um canal para o vale inferior. Cambridge Falls foi erguida com a mineração, retirando minério lá das montanhas. Isso tudo acabou, mas houve um tempo em que este era um lugar diferente, um lugar decente. Os homens trabalhavam. As pessoas eram gentis. Havia árvores cobrindo as encostas. Crianças... — ele interrompeu o que ia dizer.

— O que houve com as crianças? — perguntou Kate.

E subitamente, apesar da fadiga, lhe ocorreu que não haviam visto uma criança sequer enquanto atravessavam a aldeia.

Abraham sacudiu a mão, como se estivesse descartando a pergunta.

— Nada. Está tarde e a minha cabeça de velho está ficando confusa. A foto é só para vocês saberem que o seu novo lar não foi sempre o lugar sombrio e atormentado que é hoje. Agora boa noite, e nada de vagarem por aí.

E ele saiu, passando pela porta antes que ela pudesse insistir. Quando ficaram sozinhos, Michael e Emma adormeceram quase imediatamente. Mas Kate ficou acordada noite adentro, olhando para o fulgor das chamas no teto e perguntando-se qual seria o segredo que Abraham guardava. O horror que sentiu ao ver a casa pela primeira vez envolvera seu coração com uma frieza metálica.

Finalmente, a viagem, a grande refeição e o calor do fogo a sobrepujaram e ela caiu num sono agitado.

As crianças se perderam ao tentar encontrar a cozinha. Acabaram num quarto no segundo andar que, no passado, devia ter abrigado uma galeria de retratos ou uma quadra de tênis interna. Estavam com fome e frustrados.

— Anões têm ótimo senso de direção — disse Michael. — Nunca se perdem.

— Queria que você fosse um anão — disse Emma.

Michael concordou que seria mesmo ótimo.

— Alguém está sentindo cheiro de bacon? — perguntou Kate.

Seguindo o cheiro, dez minutos depois as crianças esbarraram na cozinha, onde a srta. Sallow declarou-se honrada pelo fato de o imperador e as imperatrizes (de alguma forma, as crianças haviam sido promovidas) terem decidido honrá-la com suas presenças, e disse que da próxima vez que se atrasassem daria a comida para os cães.

— A gente precisa aprender a andar por aqui — disse Michael, enquanto atacava uma pilha espessa de panquecas. Kate e Emma concordaram e, depois do café da manhã, eles voltaram para o

quarto. Michael vasculhou sua bolsa até encontrar duas lanternas, a câmera, papel e lápis para fazer mapas, um canivete, uma bússola e goma. — Bom, acho que é óbvio que eu devo ser o líder da expedição.

— Acho que não. A Kate tem que ser a líder. Ela é a mais velha.

— Mas eu tenho mais experiência com explorações.

Emma bufou.

— Você quer dizer experiência em mexer na terra e falar “Ah, olhem essa pedra! Vamos fingir que ela pertenceu a um anão! Quero me casar com ela!”

Kate disse que não tinha problema se Michael fosse o líder, e Michael disse que Emma podia segurar a bússola, que era tudo que ela queria mesmo. Nas próximas horas, descobriram uma sala de música com um piano antigo e desafinado. Um salão de baile com candelabros largados no chão, cobertos por teias de aranha. Uma piscina interna, vazia. Uma biblioteca de dois andares com uma escada deslizante, que desabou quando Emma tentou subir. Uma sala de jogos com uma mesa de bilhar com famílias de camundongos residindo nas caçapas, e quartos e mais quartos e mais quartos.

Com disciplina, Michael registrou cada nova descoberta no caderno. Chegaram à cozinha na hora do almoço e a srta. Sallow lhes serviu sanduíches de peru com chutney de manga e — aparentemente em homenagem à visita deles — batatas fritas. Depois do almoço, as crianças decidiram ver a cachoeira, pois afinal de contas ela dava o nome à cidade. Com as barrigas cheias, deixaram a casa, atravessaram a ponte estreita e caminharam pela neve na beirada da garganta. Logo ouviram um rumor, e ao chegarem a uma pequena elevação, o chão terminava abruptamente num penhasco íngreme. As crianças perceberam que contemplavam uma ampla bacia. A distância, podiam ver a amplidão cinza-azulado do lago Champlain, com o pontinho negro de Westport agarrado às

margens. E ali, exatamente abaixo deles, o rio despencava do desfiladeiro e mergulhava dezenas de metros penhasco abaixo. Era atordoante ficar ali junto do trovejar da água, recebendo borrifos frios e úmidos sobre os rostos.

Emma segurou na parte de trás do casaco de Michael quando ele se inclinou para a frente e tirou uma foto da queda-d'água lá embaixo.

Por muito tempo, as crianças ficaram deitadas de bruços na neve, olhando o rio desmoronar do penhasco. Kate sentia que a neve derretia sob o casaco, mas estava satisfeita e não queria se mexer. A sensação de perigo à espreita, que ela havia sentido logo naquele primeiro momento, ao chegar, não desaparecera. Tinha tantas perguntas. O que havia acontecido nesse lugar? O que havia matado as árvores? O que fez com que as pessoas se tornassem tão pouco amigáveis? Por que eles não tinham visto as montanhas em Westport? Onde estava o misterioso dr. Pym? Por que — e esta era a pergunta que mais a perturbava — não havia mais crianças em lugar nenhum?

— Muito bem, equipe — Michael levantou-se e limpou a neve do casaco —, é melhor a gente voltar. — Desde que se tornara o líder, ele tinha passado a se referir a Kate e Emma como sua equipe. — Ainda tem alguns quartos que eu queria ver antes do jantar. E ouvi a srta. Sallow mencionar alguma coisa sobre um empadão de carne.

Ao voltarem para a casa, descobriram um quarto cheio apenas de relógios, outro sem teto e ainda outro que não tinha chão. Depois, descobriram o quarto com as camas. Era no térreo, num canto no sudoeste. Havia pelo menos sessenta velhas camas de metal, todas arrumadas em fileiras.

— É um dormitório — disse Michael. — Como num orfanato de verdade. — Mas quando abriram as cortinas, as crianças

encontraram barras de ferro na janela. Não ficaram muito tempo naquele cômodo.

Foi perto da hora do jantar que eles desceram um lance de escadas e empurraram uma porta semiapodrecida para entrar na adega. O ar era frio e embolorado. A luz das lanternas passou por fileiras e fileiras de prateleiras vazias.

Michael encontrou um corredor estreito nos fundos da adega e o seguiu até terminar numa parede de tijolos. Tinha acabado de dar meia-volta quando Emma e Kate apareceram.

— O que você encontrou? — perguntou Emma.

— Nada.

— Para onde isso vai?

— Para onde o que vai?

— Você tá cego? Aquilo.

Michael voltou-se. Onde momentos antes havia uma parede sólida de tijolos agora se encontrava uma porta. Ele sentiu que perdia o fôlego e que o coração começava a retumbar em seu peito.

— Qual é o problema? — perguntou Kate.

— Nada, é só que... — ele lutou para manter a voz firme — aquela porta não estava ali há um segundo.

— O quê?

— Ele tá brincando — disse Emma. — É parte do joguinho dele de explorar, fingir-que-anões-são-de-verdade e encher a paciência de todo mundo, não lembra?

— É verdade? — disse Kate. — Você tá só brincando?

Michael abriu a boca para lhe dizer que não, que estava falando a verdade, então olhou nos olhos dela e soube que, se dissesse aquilo, ela obrigaria os três a saírem dali. E o que ele estava dizendo? Que a porta tinha aparecido do nada? Era impossível. Obviamente ele tinha deixado de ver alguma coisa.

Mas não tinha. Ele sabia que...

— Michael?

— É. Eu estava brincando. — E ele sorriu para mostrar que estava tudo bem.

— Eu disse que ele estava bancando o esquisito — disse Emma.  
— Olha só como ele está sorrindo.

A porta se abriu com facilidade e revelou um estreito lance de escadas que desciam. Michael foi primeiro, contando cada degrau em voz alta. Vinte, 21, 22... 43, 44, 45... cinquenta... sessenta... setenta. No 82º degrau, eles chegaram a outra porta.

Michael parou e olhou para as irmãs.

— Tenho que confessar uma coisa. Eu menti. A porta não estava lá.

— O quê...

— Desculpa. Os líderes nunca devem mentir para a equipe. Eu só queria descobrir o que tinha aqui embaixo.

Kate sacudiu a cabeça, zangada.

— A gente tem que ir embora... agora.

Emma gemeu.

— Ele só tá brincando de novo. Diz pra ela.

— Parem, vocês dois!

— Kate... — Michael subiu um degrau para ficar mais perto dela. — Por favor.

No futuro, Kate pensaria às vezes nesse momento, entre todos os momentos, e se perguntaria o que teria acontecido se ela não tivesse cedido, se não tivesse olhado para Michael e visto sua ansiedade, a empolgação, o apelo desesperado em seus olhos...

— Tudo bem — suspirou, dizendo para si mesma que ele simplesmente não havia visto a porta naquela adega mal iluminada, e que não havia necessidade de reagir de forma exagerada. — Cinco minutos.

No mesmo instante, Michael pôs a mão na maçaneta. A porta se abriu para a escuridão.

Eles avançaram em dois grupos, com Kate e Emma de um lado e Michael do outro, as lanternas revelando um laboratório ou alguma espécie de gabinete. O teto era arredondado, dando ao espaço uma sensação de caverna, e não sabiam se era muito grande, muito pequeno ou de um tamanho normal. Cada vez que se viravam, as paredes pareciam ter mudado de posição. Havia livros e papéis em toda parte, empilhados no chão, nas mesas, amontoados nas estantes. Havia armários entulhados com frascos de diversos tamanhos e instrumentos metálicos, compridos, com discos e parafusos. Kate encontrou um globo terrestre, mas ao virá-lo os países pareceram se modificar, assumindo formas que ela não reconhecia.

Se as luzes ou a lareira estivessem acesas, Kate talvez tivesse reconhecido antes o aposento. Mas do jeito que estava, ela simplesmente cambaleou pela escuridão, contando os segundos até que pudessem sair.

— Olha isso — disse Emma. Estava diante de uma fileira de vasos, apontando para um deles em particular. Kate se aproximou. Uma minúscula lagartixa com garras compridas estava suspensa em um líquido âmbar. Nas costas da lagartixa, havia um par de asas finas e dobradas.

Do outro lado do cômodo, Michael ergueu a câmera. No momento em que tirou a foto, ele ouviu Kate, atrás dele, dizer alguma coisa que parecia um “Não!”.

A câmera cuspiu a foto e Michael sacudiu-a para secar, piscando para apagar as manchas em sua visão. Havia tirado um retrato de um velho livro que encontrara sobre a escrivania. Tinha uma encadernação de couro verde e as páginas estavam em branco.

Kate correu, arrastando Emma e ignorando seus protestos.

— A gente precisa sair daqui.

— Olhem. — Ele usou uma das mãos para folhear o livro. — Todas as páginas estão vazias. Parece que elas foram

completamente apagadas.

— Michael, a gente não devia estar aqui. Não estou brincando.

A foto secou e então Michael a enfiou no caderno. Ao fazê-lo, encontrou a foto que Abraham lhes dera na noite anterior, mostrando o lago com a aldeia a distância.

— Você tá me ouvindo? — perguntou Kate. — A gente não devia estar aqui.

— Me solta! — Emma lutava para se libertar de Kate.

— Você falou cinco minutos. E, de qualquer forma, isso é só o gabinete de trabalho de alguém. Isso aqui é provavelmente um velho álbum de fotos. Viu?

Quando Michael abaixou a foto de Abraham na direção do livro, Kate segurou seu braço. Ela estava dizendo alguma coisa. Alguma coisa sobre um sonho que havia tido. Mas no instante em que a foto de Abraham tocou na página em branco, o chão desapareceu sob os pés deles.

CAPÍTULO QUATRO  
A Condessa de Cambridge Falls



- Isso é... caramba... a gente deve ter...
- Michael, você tá bem?
  - ... não tem outra... aconteceu mesmo, não é, a gente...
  - Michael...
  - ... caramba...
  - O quê?
  - Você tá bem?
  - Se eu estou... é, estou, estou ótimo.
  - Emma?
  - Estou bem, eu acho.

Estavam nas margens de um lago grande e tranquilo. A distância, as chaminés e os telhados salientes das casas se erguiam sobre os pinheiros. Era um dia de verão sem nenhuma nuvem no céu. Kate sentiu o cheiro das flores que desabrochavam.

— O que... aconteceu? — Emma perguntou. — Onde a gente está?

— Eu posso responder. — O rosto de Michael estava corado com a empolgação, as palavras se atropelavam. — Estamos dentro da foto do Abraham! Bem, não na foto em si. Seria ridículo. — Ele se permitiu uma rápida risada. — A gente foi transportado no tempo até o lugar em que a foto foi tirada.

Emma olhou para ele.

— Hã?

— Não está vendo? É magia! Só pode ser!

— Isso não existe!

— É mesmo? Então como chegamos aqui?

Emma olhou em volta e, sem encontrar uma forma de argumentar, preferiu sabiamente mudar de assunto.

— Então onde é que a gente está?

— Cambridge Falls, é claro!

— Rá! Tem um lago gigante ali! Além de árvores e um monte de coisa! Cambridge Falls parece a lua! — Ficou satisfeita em mostrar que ele estava errado sobre alguma coisa.

— Quero dizer antes! Do jeito que parecia antigamente! Você não viu a foto, é igualzinho! Eu pus a foto no livro e agora estamos aqui! Peraí... o livro! Onde...

O livro, com a capa de um intenso tom esmeralda sob a luz do sol, jazia a uns 30 centímetros de distância. Michael o agarrou e folheou as páginas rapidamente.

— A foto desapareceu! Ela nos trouxe mesmo até aqui! — Com um enorme sorriso, Michael colocou o livro na bolsa e deu um tapinha nele. — É de verdade. É tudo de verdade.

Kate havia se afastado e encarava um enorme barco que flutuava a distância, no meio do lago. Ser responsável pelos irmãos havia lhe tornado uma pessoa de mente muito lógica. Ela nunca se permitia participar das fantasias inventadas por Michael. Mas ele tinha razão: tinha posto a foto no livro e agora estavam ali. Mas o que isso queria dizer? Que o livro era mágico? Que haviam viajado no tempo? Como era possível?

— Minha nossa...

Kate se virou ao ouvir as palavras. Um homenzinho, a alguns passos de distância, segurava uma câmera. Usava um terno marrom, era completamente careca e tinha uma barba branca e bem-cuidada. A boca se abriu de assombro.

— É o Abraham — disse Michael. — Faz sentido. Ele precisava estar aqui para tirar a foto. É ele, só que mais jovem.

— Ainda careca — disse Emma.

Kate respirou fundo. Precisava se recompor. Mas naquele instante um grito ecoou da floresta, um grito que não se parecia com nada que as crianças já tivessem ouvido. Passou por eles como um vento gelado, agitando a água do lago.

Abraham gemeu.

— Essa não...

Uma figura saiu de trás das árvores, correndo na direção deles pela grama alta. Estava vestida com farrapos escuros e uma espécie de máscara que cobria o rosto. Ao se aproximar, Kate percebeu que a criatura corria de um jeito esquisito, trôpego, como se precisasse jogar as pernas para a frente a cada passo.

— Corram — guinchou Abraham. — Vocês precisam correr!

— O que é isso? — perguntou Kate.

— Só corram! Corram!

Mas Michael estava mexendo na câmera, Emma já segurava uma pedra e Kate viu que era tarde demais. A criatura sacou uma espada longa e curva e voltou a gritar. Desta vez foi bem pior. Kate sentiu as pernas tremerem, o coração se encolher no peito como se todo o sangue e toda a vida tivessem sido espremidos para fora de seu corpo.

A criatura derrubou Abraham no chão.

Trêmula, Kate avançou e se postou entre a coisa e os irmãos.

— Pare!

Por incrível que pareça, ela parou. Ficou imóvel bem diante dela. Não estava ofegando, apesar de ter corrido lá de longe, das árvores. Na verdade, Kate não tinha certeza sequer se ela respirava. De perto, dava para perceber que as roupas da criatura eram o que restava de um antigo uniforme. Havia uma insígnia desbotada no peito. O metal da espada estava escurecido e lascado. Mas o que

realmente chamou sua atenção foi a pele da criatura. Era de uma cor esverdeada, lamacenta, e se cobria aqui e ali com um pouco de terra, pequenos gravetos e até pedacinhos de musgo. Enquanto Kate olhava, uma minhoca gorda e rosada deslizou de uma das costelas da criatura.

Ela se obrigou a olhá-la na cara. Não estava usando uma máscara. Na verdade, eram faixas de tecido negro amarradas em volta da cabeça de forma que só os olhos ficassem à vista. Os olhos eram amarelos, com finas pupilas verticais, como as de um gato. A criatura tinha o cheiro de quem ficara enterrado num pântano durante séculos antes de ser retirado. Ela ergueu a espada e apontou na direção de onde havia vindo.

— É melhor vocês irem — disse Abraham. — Ele vai obrigar vocês de um jeito ou de outro.

Depois de contornar Kate, a criatura agarrou Michael e praticamente o lançou contra as árvores. Ela se voltou para Emma, mas Kate voltou a impedir sua passagem.

— Para, tá bom? Para! A gente está indo!

— Pega a minha câmera — exclamou Michael.

Kate se curvou, pegou a câmera e a jogou em volta do pescoço. Emma ainda segurava a pedra que não havia lançado, por isso Kate segurou a mão vazia e as duas se juntaram a Michael. Os três se dirigiram para a fileira de pinheiros com a coisa, seja lá o que aquilo fosse, arrastando-se atrás deles.

A floresta para onde as crianças foram levadas não tinha nenhuma relação com a Cambridge Falls que elas conheciam. As árvores eram altas e espessas, samambaias forravam o chão e o ar estava tomado pelos gritos dos pássaros. Tudo em volta deles era vivo e intenso.

— ... E eu aposto que o dr. Pym é um mago — Michael cochichou animadamente. — Aquele devia ser o quarto dele, não

acham? Fico imaginando o que mais ele guarda lá dentro.

A essa altura, Kate aceitava que o que havia acontecido a eles era magia. Na verdade, aquilo explicava muita coisa, não apenas o livro que Michael encontrara, mas também como, por exemplo, uma cordilheira inteira tinha ficado escondida. Então tudo bem, a magia era real. Mas naquele momento ela estava mais preocupada em pensar como sairiam dali.

— Para onde você acha que ele está levando a gente? — perguntou Emma.

— Ele provavelmente vai nos executar — disse Michael, levantando os óculos. O dia estava quente e úmido, e os três haviam começado a suar.

— Desde que te execute primeiro, sr. É-Só-um-Álbum-de-Fotos. Porque eu, com certeza, vou querer assistir. — Ela se voltou para a criatura que os capturara. — Para onde você tá levando a gente, fedido?

— Não fala com ele — disse Kate.

— Não estou com medo.

— Sei que não — disse Kate, apesar de saber que o contrário é que era verdade. — Mas, de qualquer forma, não fala.

Depois de dez minutos em que foram obrigados a ir adiante com grunhidos e empurrões, as crianças chegaram ao alto de uma curta subida. A mata se abriu e Michael ficou paralisado.

— Olhem!

Ele apontava na direção do rio. A princípio, Kate não entendeu o que estava vendo. Era como se a água tivesse descido por metade do desfiladeiro, passado sob uma estreita ponte de pedra e subitamente parado a uns 250 metros da cachoeira. Só que não havia cachoeira! Não havia rio nenhum despencando do penhasco! Kate seguiu com o olhar o sulco seco do abismo até onde a tira de água parava. Reparou no que parecia ser uma grande parede de madeira atravessando o desfiladeiro e então ela entendeu: a represa

de Abraham! Ela olhou para a cidade, para o lago cintilante a distância e viu o mesmo grande barco de antes, flutuando sobre a superfície vítrea. Na outra Cambridge Falls, aquela que tinham deixado, não havia represa nem lago, e mal havia árvores. O que teria acontecido para que tudo mudasse? Seu captor esfarrapado seria o culpado?

— No *Compêndio do Anão* — começou Michael — G. G. Greenleaf escreve que os anões eram grandes construtores de represas. Não eram como os elfos. Esses só queriam construir salões de beleza.

Emma gemeu e disse que ela e Kate não queriam ouvir falar de anões.

— Vamos morrer daqui a pouco. Não tortura a gente ainda mais.

A criatura saiu das árvores atrás deles e começou a sacudir a espada.

— Vamos lá — disse Kate.

Enquanto as crianças desciam a colina, a mão de Kate segurou o medalhão da mãe. Era sua tarefa tirá-los dali, sua tarefa protegê-los. Afinal de contas, ela prometera.

— Aquelas são... — disse Emma.

— São — disse Kate.

— E...

— É.

— O que estão fazendo com elas?

— Não sei.

A criatura os tinha levado para fora do mato, até uma clareira ao lado da represa. Olhando de perto era de fato como uma enorme parede de madeira, talvez com mais de 7 metros de espessura — e a coisa inteira se arqueava, formando um C suave de um lado ao outro do abismo. A parte da frente encarava uma longa extensão de água parada. A parte de trás... nada, um vazio.

Mas nenhum deles, nem Kate, nem Emma, nem Michael, olhava para a represa.

Por uma simples razão.

Haviam encontrado as crianças de Cambridge Falls.

No meio da clareira, quarenta ou cinquenta meninos e meninas estavam juntos num montinho apertado. Kate supôs que o mais novo tinha 6 anos e o mais velho, mais ou menos a idade de Michael. Não havia gritos, nem empurrões, nem correrias. Nenhum comportamento que Kate sabia ser normal quando crianças se juntavam. Mais ou menos cinquenta crianças estavam juntas no mesmo lugar, perfeitamente paradas e caladas.

E, ao redor, circulavam nove criaturas em decomposição, vestidas de negro.

Houve um grito ríspido e o captor das crianças as levou para a frente.

— Emma — sussurrou Kate —, a gente precisa fazer algumas perguntas para essas crianças. Então não faz nada, tá bom?

— Do que você está falando?

— Ela está dizendo para você não começar uma briga. Michael disse.

— Tudo bem — resmungou Emma.

A criatura os obrigou a ficar na parte de trás do grupo. Kate ficou aliviada por a maioria das crianças estar olhando para o bosque do outro lado do desfiladeiro, não tendo percebido a chegada deles, aparentemente. Um menino, porém, olhava direto na direção deles. Tinha rosto redondo, um punhado de cabelos ruivos muito encaracolados e dentes da frente bem grandes.

— O que você tá olhando, seu... — começou Emma.

— Emma.

Emma fechou a boca.

— Vocês não são daqui — disse o menino.

Ele mantinha a voz baixa e a expressão em seu rosto era uma que Kate reconhecia. Tinha visto aquilo nas crianças que chegaram à conclusão, depois de anos de orfanato, de que ninguém vai adotá-las. O menino não tinha esperança.

— Meu nome é Kate — disse ela, falando no mesmo tom do menino, quase aos cochichos. — Esses aqui são o meu irmão Michael e a minha irmã Emma. Como você se chama?

— Stephen McClattery. De onde vocês vêm?

— Do futuro — disse Michael. — Provavelmente uns 15 anos. Mais ou menos.

— Michael é o nosso líder — disse Emma animadamente. — Então, se a gente morrer, a culpa é dele.

O menino pareceu confuso.

— Aquele troço achou a gente no bosque e fez a gente vir até aqui — disse Kate. — O que são eles?

— Você está falando dos Gritões? — disse Stephen McClattery. Uma garotinha tinha vindo ficar a seu lado. — Chamamos eles assim por causa do jeito como eles berram. Já os ouviram berrarem?

— Eu escuto quando estou dormindo — disse a garotinha.

Kate olhou para ela. Era mais nova que Emma, com tranças e óculos que faziam seus olhos parecerem imensos. Estava agarrada a uma boneca muito velha, que tinha perdido metade do cabelo.

— É a sua irmã?

Stephen McClattery balançou a cabeça negativamente.

— Essa aqui é a Annie. Ela morava numa casa lá na aldeia.

A menina assentiu vigorosamente, para mostrar que isso era mesmo verdade.

— Onde vocês moram agora? — perguntou Kate, embora soubesse a resposta.

— Na casa grande — respondeu Stephen.

Kate olhou para os irmãos. Estava claro que pensaram no grande quarto com as barras na janela e fileiras e mais fileiras de

camas.

— Vocês são órfãos? — perguntou Emma. — Todos vocês?

— Não — disse Stephen. — A gente tem pais.

— Então por que não moram com eles? — Michael perguntou.

Stephen McClattery deu de ombros.

— Ela não deixa.

Kate sentiu um calafrio de terror. Com toda certeza, aqui estava a explicação para as crianças desaparecidas. Mas, antes que Kate pudesse perguntar quem “ela” era, uma das crianças gritou, e a multidão avançou. As crianças pulavam, gritavam, subiam umas nas outras, o medo das criaturas aparentemente esquecido. Stephen McClattery e a menina haviam desaparecido na multidão.

— O que é isso? — perguntou Emma. — O que tá acontecendo ali?

Kate se esforçou para olhar sobre as cabeças das crianças. Do outro lado do desfiladeiro, silhuetas saíam do bosque. Ela entendeu por que elas gritavam.

— São as mães.

As silhuetas do outro lado eram só de mulheres. Estavam acenando, chamando as crianças pelos nomes.

Kate olhou em volta. Os Gritões — foi assim que o menino os chamou — estavam à frente da turba, empurrando as crianças para trás. Era a chance de fugir. Mas para onde iriam? Ainda estariam presos no passado.

Então lhe ocorreu.

— Michael! Você ainda tem a foto?

— Não, ela desapareceu quando eu coloquei dentro do...

— Não estou falando daquela que o Abraham deu pra gente. A outra! Aquela que você tirou com a sua câmera! Quando a gente estava naquele quarto! Diz pra mim que você tá com ela!

Os olhos de Michael se arregalaram quando entendeu o que ela queria dizer.

Eles tinham chegado ali depois que ele pusera a foto de Abraham dentro do livro. Então talvez a foto tirada no gabinete subterrâneo pudesse levá-los de volta.

— É! É verdade, estou com ela bem aqui.

Mas, no exato instante em que Michael pôs a mão na bolsa, ouviu-se um novo som.

*Arruuugga — arruuuggga!*

Vinha das árvores atrás deles, e Kate viu as crianças e as mães se calarem e olharem na direção do barulho. Por alguns segundos, nada aconteceu. Então ela ouviu o inconfundível ronco de um motor e uma motocicleta negra reluzente emergiu da floresta, com os pneus largos e calombados mastigando a terra. O motorista era um homem muito pequeno, de aparência muito esquisita. O queixo era longo e fino, o alto do crânio se estreitava quase a fechar um ponto, mas o meio de seu rosto era largo e achatado. Era como se alguém tivesse agarrado o queixo e o alto da cabeça e tivesse puxado. Tinha cabelos claros e gordurosos e vestia um terno escuro risca de giz e uma gravata-borboleta antiquada. Usava óculos tipo vespa.

Ele apertou a buzina.

*Arruuugga!*

A motocicleta tinha um *sidecar*. Mas Kate não conseguia distinguir os traços do passageiro. Quem quer que fosse usava um antigo jaleco de estrada, um capacete de couro e o mesmo tipo de óculos do motorista.

*Arruuuggga!*

A motocicleta se sacudiu e se moveu ruidosamente, formando um círculo em torno das crianças, e parou na beira da represa. Kate reparou que os Gritões não haviam se movido. Pareciam estar esperando.

O motorista desligou o motor e correu até o passageiro, que já tinha saltado. A pessoa removeu o jaleco, os óculos e o capacete e largou tudo sobre o homenzinho. Logo ali, diante deles, estava uma

garota de 16 ou 17 anos. Tinha uma pele branca impecável e cabelos dourados que caíam sobre seus ombros em cachos perfeitos. Usava um vestido branco de babados que pareceu antiquado para Kate, e seus braços finos estavam à mostra. Não usava joias. Não precisava. Era a criatura mais bela e radiante que Kate já vira. Parecia praticamente exalar vida. Ao ver uma flor amarela a seus pés, a garota soltou um grito de alegria, arrancou-a, então se voltou e saltitou até a represa.

— Quem é ela? — perguntou Michael.

— É ela — disse Stephen McClattery baixinho. — É a Condessa.

— Não gosto dela — disse Emma. — Parece metida.

A garota ou a jovem (seja lá qual for o nome escolhido para se classificar uma menina de 16 ou 17 anos) chegou à represa e começou a subir uma escada. Até aquele momento, Kate estivera concentrada demais nas crianças para realmente perceber como era imensa a represa. Erguendo-se a um ou 2 metros sobre a beirada do desfiladeiro, formava uma espécie de ponte larga e curva até o outro lado. Kate observou quando a Condessa, ao chegar ao alto, começou a saltitar até o centro. Então parou, bem no meio da garganta, com nada atrás dela a não ser o céu e as paredes do vale cobertas de árvores.

Virou as costas para as mães, embrulhadas em xales, e voltou-se para as crianças, dando um pulinho de empolgação.

— Ah, vejam só! Vocês todos vieram! Estou tão feliz em ver todo mundo!

— Ela não parece tão ruim assim — cochichou Michael.

— Ah, cala a boca — sibilou Emma.

A voz da garota era alegre, e Kate percebeu um ligeiro sotaque.

— Pois é, tenho certeza de que estão todos se perguntando por que eu chamei vocês aqui. Bem, podem agradecer ao meu secretário, o sr. Cavendish. — Ela fez um gesto na direção do homenzinho, que tentava ajeitar seu cabelo engordurado. — Ah, ele

não é uma gracinha? Bem, ele me lembrou que hoje é o segundo aniversário da minha chegada a Cambridge Falls. *C'est incroyable, n'est-ce pas?* Estamos juntos há dois anos inteiros! Não é uma maravilha?

Se alguém achava aquilo maravilhoso, guardou a informação para si.

— Porém, o sr. Cavendish também me lembrou que os seus homens não estão nem perto de encontrar aquilo que pedi no dia em que cheguei. Peninha. — Ela fez um biquinho de protesto.

— Ela tem um jeito simpático, não acham? — disse Michael.

Dessa vez, foi Kate quem o mandou calar a boca.

A Condessa prosseguiu:

— Mas não se desesperem, *mes amis!* Sua pequena Condessa pensou e pensou até ficar com dor de cabeça, e descobri o que fiz de errado! Por isso, eu culpo somente a mim mesma! Eu disse para os homens: "Achem o que eu quero e eu vou embora. Vocês vão voltar para junto das suas famílias. Tudo será como antes." *Quelle imbécile!* Como pude ser tão tola? Pedi aos seus homens que achassem uma coisa e a recompensa era privá-los da minha companhia? Alguém se espanta por não ter havido progresso?! Vocês não querem que eu vá! Vocês me amam demais! Não condeno vocês, é claro. Mas isso simplesmente não vai dar certo. Por isso, por mais difícil que seja, precisamos fazer com que vocês tentem me amar menos.

Ela agitou a mão e, subitamente, uma das criaturas decrepitas vestidas de negro começou a caminhar na direção das crianças. Ela chegou até a massa de corpinhos e, um segundo depois, a pequena Annie estava sob seu braço, sendo carregada para a represa. Ouviu-se um grito das crianças e das mães. A criatura ficou ao lado da Condessa e, segurando a menina pela manga do casaco, balançou-a na beira da represa.

O grito de Annie feriu os ouvidos de Kate. Suas pernas chutavam o ar vazio. Uma mulher do outro lado da garganta caiu de

joelhos.

— O que ele tá fazendo? — exclamou Emma, agarrando o braço de Kate com tanta força que chegou a machucá-la. — Ele não pode... ele não pode...

A Condessa pôs as mãos nos ouvidos e dançou em um círculo, gritando comicamente:

— Barulho demais! Não consigo ouvir os meus pensamentos!

Finalmente, os gritos diminuíram e havia só o som do choramingo de Annie.

A Condessa sorriu de uma forma solidária.

— Eu sei! É terrível! Mas o que eu posso fazer? Já se passaram dois anos, não é mesmo, sr. Cavendish? Foram dois anos?

O secretário assentiu com a cabeça esquisita.

— E acreditem em mim, *mes anges*, não gosto de bancar a ranzinza! Mas preciso curá-los do excesso de amor por mim! — A Condessa pegou a boneca que Annie havia deixado cair e alisou seu cabelo cheio de falhas. — Então já informei aos seus homens. Eles vão encontrar o que estou procurando ou a partir deste domingo... detesto domingos, são tão monótonos... a partir deste domingo, a sua cidade vai perder uma criança por semana que eu tiver que esperar.

Com uma risada, ela jogou a boneca na represa. Enquanto ela despencava no vazio, gritos se ergueram de ambos os lados do desfiladeiro. Kate pôde sentir o terror atravessando as crianças. Então algo esbarrou em seus ombros. Ela olhou para cima e viu um uniforme rasgado e desbotado e, a princípio, achou que fosse um dos Gritões. Mas alguma coisa era diferente. A figura se movimentava suavemente, sem os tremores das criaturas. E era enorme. Mais alto do que qualquer um dos Gritões e duas ou três vezes mais largo. Se fosse um homem, seria o maior homem que Kate já havia visto. Ao passar, ele olhou para baixo. Os olhos eram

de um cinza-granito profundo. Ele seguiu em frente, atravessando a multidão de crianças na direção da bela criatura na represa.

— Quem é esse? — Emma perguntou. — Não é um Gritão. Viu os olhos dele?

Lá em cima, na represa, a Condessa sacudiu a cabeça dourada e o Gritão retirou Annie da beirada e a jogou na direção das escadas. Soluçando, a menina pôs-se de pé e correu para se juntar às outras crianças.

— Bem, foi uma visita deliciosa. Vocês todos parecem tão bem! Gosto de ver que estão se cuidando direitinho. Mas eu preciso...

— Ela viu o homem! — disse Emma.

— Viu quem? — Quando o homem passou, Michael estava ocupado limpando os óculos, esfregando as lentes como se pudesse simplesmente apagar o que havia testemunhado. — Do que você está falando?

A Condessa olhava fixamente o homem imenso que saía do meio da massa de crianças. Kate viu que ela cochichava alguma coisa para o Gritão a seu lado. A coisa abriu a boca e eles ouviram novamente o grito.

Michael e Emma puseram as mãos nas orelhas, mas não adiantou. As outras crianças reagiram como se tivessem sido golpeadas, muitas caindo de joelhos. Ofegante, Kate viu três das criaturas puxarem espadas enferrujadas e dentadas e se aproximarem do homem. Num instante, o homem segurava sua própria espada. A multidão de crianças recuou. Emma foi derrubada. Kate e Michael a levantaram, cambaleando para trás, para não serem pisoteados. Sobre o choro das crianças, eles ouviam os grunhidos, o choque das espadas e então, um a um, os gritos horrendos foram sendo extintos.

Quando se afastaram da multidão, Kate viu três Gritões caídos no chão. Pareciam estar derretendo na terra com um chiado terrível. O homem respirava pesado. O lenço da sua cabeça tinha sido

rasgado. Ele tinha cabelos escuros e compridos e uma cicatriz de um dos lados do rosto.

— Ele matou os Gritões! — exclamou um chocado Stephen McClattery. — Matou aqueles Gritões! Nunca ninguém fez isso!

Mais seis Gritões atacaram o homem.

No alto da represa, a Condessa segurava a flor que havia arrancado, olhando por cima dela como se fosse uma menina que observa seu par no baile, do outro lado do salão. Kate viu que Cavendish, o motorista com a cabeça na forma de uma bola de futebol americano, tentava se esconder atrás da motocicleta da melhor forma que podia.

— Ele não pode lutar com seis deles — disse Michael. — É demais.

Pelo jeito, o homenzarrão chegara à mesma conclusão. No que as criaturas começaram a avançar, ele se voltou para a represa e se aprumou em posição de ataque.

— Morra, bruxa!

Mas, antes que ele pudesse lançar a espada, a Condessa soprou a flor. Kate viu um redemoinho dourado se aproximar e envolver o homem. Em posição de ataque, com os músculos tensos, ele parou, completamente imóvel. Um Gritão deu-lhe um chute no peito e o homem desabou, aterrissando no chão e levantando uma nuvem de poeira, sem mudar de posição. A Condessa soltou uma risadinha e pulou sem sair do lugar.

— Vocês viram aquilo? — disse Michael. — Viram o que ela fez?

— É uma bruxa. — disse Emma. — Alguém devia empurrá-la da represa. Ou botar fogo nela. É o que se faz com as bruxas.

Kate sabia que eles precisavam ir embora. Não importava quem os visse. E estava a ponto de mandar Michael pegar o livro quando a bela jovem se virou e olhou diretamente para eles.

Kate sentiu como se tivessem cravado uma faca em seu peito.

A Condessa estendeu o braço, com o dedo apontado para o coração de Kate. Sua voz era um guincho.

— Parem essas crianças!

— Michael — sibilou Kate —, o livro! Agora!

— Eles vão ver...

— Não importa! — Pegou a bolsa dele e ela mesma puxou o livro. As formas negras corriam na direção deles. Um deles gritou. Depois outro. E mais outro. Kate teve a terrível sensação de estar presa debaixo d'água, sem ar. Ela não conseguia respirar.

— Onde... onde tá a foto?

Michael não se mexeu. Kate percebeu que os gritos das criaturas o deixaram paralisado. Então Emma o esbofeteou.

— Por que... por que você fez isso?

— A foto!

Michael olhou para as figuras sombrias que se aproximavam, jogando as crianças longe para abrir caminho. A Condessa voltou a gritar.

— Parem essas crianças!

Ele meteu a mão nos bolsos, tirou a foto e, no mesmo instante, deixou-a cair.

Kate caiu de joelhos, abrindo o livro no colo.

— Emma... segura o meu braço!

Com as mãos trêmulas, ela foi pegar a foto, mas Michael estava com o pé em cima dela.

— Cadê ela? — ele perguntou. — Não consigo ver.

— Você tá em cima dela! Tira o pé!

Os Gritões se aproximavam. Os berros eram mais fortes do que nunca. Ela precisava se concentrar, se concentrar...

Por um momento, houve silêncio. Parecia que, afinal, as criaturas tinham que respirar. Kate sentiu o ar voltar para seus pulmões, o coração bombeava sangue para seu corpo. Ela empurrou Michael e agarrou a foto. Estava coberta de terra e com a marca do

sapato dele. Com o canto do olho, viu Stephen McClattery ser jogado para o lado.

— Depressa! — berrou Emma.

— Segurem em mim! — disse Kate.

No momento em que duas formas escuras se aproximaram, Kate colocou a foto na página em branco. Sentiu um puxão na barriga e o chão desapareceu sob seus pés.

Kate piscou. Estava tudo escuro. O ar parecia fresco. Ela piscou mais algumas vezes e então, quando seus olhos se acostumaram, ela foi tomada pelo alívio. Estavam no cômodo subterrâneo na mansão. Ela estava ajoelhada no chão com o livro no colo. Do outro lado da sala, podia ver os três, Michael, Emma e ela mesma, com os corpos delineados pelas lanternas.

E, subitamente, desapareceram.

Kate sentiu que estava sendo solta. Como se alguma força a estivesse mantendo no mesmo lugar.

— Kate. — A voz de Emma estava a seu lado. Kate percebeu a ferocidade com que a irmã agarrava seu braço. — Kate, cadê o Michael?

Ela olhou para onde Michael deveria estar. O irmão não estava ali.

CAPÍTULO CINCO  
Dr. Stanislaus Pym



Na hora do jantar, Kate e Emma disseram para a srta. Sallow que Michael não estava se sentindo bem e que tinha ido para a cama. As duas mal tocaram na comida e mal ouviram a velha resmungar que não devia estar à altura dos padrões culinários de Versalhes e que, com certeza, ela seria conduzida à guilhotina de manhã bem cedo.

Abraham já tinha acendido o fogo quando elas chegaram ao quarto. As meninas subiram na cama que dividiam e se abraçaram.

— Vai ficar tudo bem — Kate disse para Emma. — Vamos tirá-lo de lá.

Em algum momento, no meio da noite, Kate sentiu que Emma adormecera. Mas ela continuou acordada, com a mente examinando o que havia acontecido. Será que um dos Gritões puxou Michael no último momento? Ou pior, será que ela colocou a foto no livro antes de Michael poder tocá-la? Será que ele tentou alcançá-la só para vê-la desaparecer diante de seus olhos? Ela ficava imaginando Michael segurando o ar onde ela e Emma haviam estado um segundo antes e o terror que devia tê-lo varrido quando sentiu o toque frio dos Gritões. Deitada no escuro, com a respiração pesada de Emma a seu lado, Kate sussurrou sem parar: “A culpa é minha, a culpa é toda minha.” A mãe tinha lhe pedido para fazer só uma coisa. Manter o irmão e a irmã em segurança. E ela não tinha feito isso. O que diria para a mãe? Como explicaria? Sua única esperança estava no livro escondido debaixo do colchão. Elas o usariam. Iam arranjar outra foto antiga, voltariam no tempo e trariam Michael de volta.

O céu por trás da janela tinha começado a clarear quando Kate sacudiu Emma até que ela acordasse.

— Se veste — disse ela. — A gente vai procurar o Abraham.

Abraham morava num apartamento no alto da torre norte, e as duas ficaram postadas diante da porta, batendo por mais de um minuto, mas ninguém atendeu. Na cozinha, encontraram a srta. Sallow batendo com as panelas no fogão.

— Abraham foi para Westport — disse a srta. Sallow, jogando um par de salsichas no prato de Kate. — Foi pegar o dr. Pym.

— O quê?

— Lamento não falar francês, Vossa Alteza, mas se você não consegue entender o bom e velho inglês, vou repetir. Ele foi para Westport para pegar o dr. Pym. Saiu cedo. Deve estar de volta a qualquer minuto.

— Kate — cochichou Emma —, lembra o que o Michael disse? O livro deve ser desse doutor aí. Você acha mesmo que ele é um feiticeiro ou...

— Onde está o seu irmão? — quis saber a srta. Sallow.

— Na cama — disse Kate. — Não está se sentindo bem.

— Hum. Imagino que esteja fazendo greve de fome por causa da lavagem que eu ando servindo. Bem, mesmo assim vocês podem levar comida para ele. Deixem que ele jogue tudo escada abaixo, se quiser.

Ela saiu para pegar uma bandeja na despensa.

Assim que ela sumiu, Emma se debruçou na mesa e cochichou:

— O dr. Sei-Lá-Quem vai saber que a gente pegou o livro. Vai nos transformar em sapos ou coisa pior! A gente precisa...

Ela parou de falar porque passos irregulares se aproximavam do corredor. Um segundo depois, Abraham mancou até a cozinha, ainda vestido para enfrentar o frio.

— Bom dia, meninas, bom dia. — Ele cruzou a cozinha até chegar à chaleira, esfregando as mãos. — Está frio como uma

sepultura lá fora. Eu disse para o doutor, disse mesmo, quando a gente passava pelo lago. “Você acertou em cheio”, ele disse. “Está frio como uma sepultura.” Ah, a gente teve uma bela conversa, eu e o doutor.

— Abraham?

— Sim, senhorita? — Ele havia se servido de chá e jogava torrões e mais torrões de açúcar na caneca.

— Temos que te pedir um favor. Precisamos de outra...

— Não terminaram ainda? Que pena! — A srta. Sallow tinha se arrastado de volta para a cozinha. Ela agarrou os pratos de Kate e Emma e os jogou na pia. — Para a biblioteca, Vossa Altezas. Vi o doutor no corredor. Ele quer ver vocês agora mesmo.

— A gente? — perguntou Kate. — Mas... por quê?

— Como eu vou saber? Talvez ele queira autógrafos. E o que vocês estão esperando? Trombeteiros e arautos para anunciar sua entrada? E você — disse, jogando uma cebola em Abraham —, para de roubar o meu açúcar!

— Dois torrões foi tudo o que eu peguei, srta. Sallow.

— Dois torrões? Eu vou te dar dois torrões! E mais dois! E mais dois!

A srta. Sallow perseguiu Abraham em volta da mesa, batendo nele com uma colher de pau.

Kate suspirou.

— Vamos.

Kate e Emma pararam na porta da biblioteca.

— Lembra — sussurrou Kate — que a gente não sabe nada sobre ele. Ele pode ser só um homem comum que cuida de um orfanato.

— Um orfanato com três crianças numa casa velha e esquisita, cheia de coisas mágicas. Sei.

Kate tinha de admitir que a irmã estava certa, mas naquele mesmo instante uma voz soou:

— Venham, venham. Não fiquem aí cochichando.

Vendo que não tinham muita escolha, Kate segurou na mão de Emma e abriu a porta.

Elas haviam estado na biblioteca no dia anterior, quando Emma quebrara a escada deslizante, e por isso estavam familiarizadas com o aposento. Havia dois andares de livros e, diante da porta, uma parede com uma série de janelas estreitas com molduras de ferro, que contemplavam os estúbulos arruinados. À esquerda, havia uma pequena lareira e quatro poltronas de couro muito gastas. Um homem de cabelos brancos com um terno de tweed estava de costas para elas, tentando acender o fogo. Uma capa de viagem, uma bengala e uma bolsa velha e surrada tinham sido deixadas sobre uma das poltronas.

— Sentem-se, sentem-se — a voz ecoou chaminé acima. — Estarei com vocês em um minuto.

Kate e Emma sentaram-se. Kate perguntou-se se o homem tinha alguma ideia do que estava fazendo. Gravetos e jornais estavam empilhados de qualquer maneira na lareira, junto com algumas pedras, uma velha lata de refrigerante e saquinhos de chá usados. Ele não parava de acender fósforos, mas nada parecia acontecer.

— Droga — disse o homem. Kate o ouviu dizer alguma coisa baixinho e, subitamente, um fogo alegre apareceu na grade. — Ah, agora sim!

Emma cutucou as costelas de Kate com o cotovelo e apontou, como se para dizer: “Não falei?”

O homem ficou ereto e se virou para as duas, limpando as mãos. Era com toda certeza muito velho, mas seus movimentos eram tranquilos, sem aquela rigidez comum da idade. Tinha sobrancelhas espessas em forma de chifre que combinavam com o cabelo branco, e os óculos estavam dobrados e ficavam ligeiramente tortos em seu rosto, como se ele tivesse acabado de sofrer algum

tipo de acidente. O terno parecia ter estado no mesmo acidente e em mais alguns outros.

— Acender o fogo é uma arte esquecida. Não é qualquer pessoa que consegue. Agora deixem que eu me apresente. Sou o dr. Stanislaus Pym. — disse ele, com uma exagerada mesura.

Kate e Emma olharam. O homem parecia o tio velho de alguém, inofensivo e ligeiramente gagá. Ao mesmo tempo, Kate pensou, havia algo estranhamente familiar nele. Como se ela já o tivesse visto antes. Mas era impossível...

O dr. Pym fitou as duas com uma sobrancelha erguida e ar de expectativa.

— Ah, eu... — Kate lutou com as palavras. — Sou a Kate. Esta é minha irmã, Emma.

— E vocês têm um sobrenome?

— Não. Quer dizer, sim. Mais ou menos. É P. A letra. É só o que a gente sabe.

— Ah, sim, agora eu me lembro. Das suas fichas. E vocês têm um irmão, se me lembro bem. Onde ele está?

— Michael não está se sentindo bem — disse Kate.

O dr. Pym olhou para ela, e a imagem que fazia dele como um velho simpático e ligeiramente espalhafatoso desapareceu. Parecia que os olhos dele a atravessavam. Então, com a mesma rapidez, ele voltou a sorrir.

— Que pena. Bem, me avisem se houver alguma coisa que eu possa fazer. Tenho outros talentos além de acender o fogo. Então... — ele se sentou diante delas — me contem. A história das suas vidas. Levem o tempo que for necessário. Uma coisa que eu odeio é alguém que corre com uma história. Temos um belo fogo. A srta. Sallow pode nos trazer chá. Podemos demorar o tempo que for preciso.

Ele tirou um cachimbo do bolso, levou um fósforo até a ponta, deu algumas baforadas e soltou uma grande nuvem de fumaça

verde-azulada. A fumaça não subiu, mas se expandiu envolvendo Kate e Emma em seus braços e as empurrando.

— Podem começar quando quiserem — disse ele, amigavelmente.

Por um momento, Kate não falou. Lembrava-se de como, depois da entrevista com a Mulher Cisne, ela ouvira Miss Crumley falando ao telefone, ameaçando, implorando, tentando subornar, procurando alguém, qualquer um, que levasse Kate e seus irmãos. Este homem havia aparecido do nada. Por quê? O que ele queria? Que os tinha trazido para cá com algum motivo, ela não tinha a menor dúvida. Mas o que era?

— Algum problema, querida?

Kate lembrou a si mesma que o que importava agora era salvar Michael. Respirou fundo. O tabaco do cachimbo do doutor tinha um leve perfume de amêndoas.

— Deixaram a gente no Orfanato St. Mary na véspera do Natal, há dez anos...

Ela planejava mencionar alguns pontos importantes e depois pedir desculpas e dizer que precisavam ver como estava o irmão. Mas uma coisa estranha aconteceu. Antes que soubesse o que estava fazendo, ela se ouviu contando ao doutor, com a participação de Emma, todos os detalhes de suas vidas. Como a irmã Agatha tinha sido bondosa com eles e como sempre fumava na cama, o que uma noite a fez tocar fogo em si mesma e no resto de St. Mary. Como o orfanato seguinte era cuidado por um homem muito gordo que roubava toda a comida boa para a sua família gorda, e quantas noites eles haviam tido só um pouquinho de pão dormido e sopa aguada para o jantar. Assim por diante, ela e Emma, as duas falando, contaram sobre os diferentes orfanatos onde moraram, sobre as crianças que conheceram, e como se recusavam a serem chamados de órfãos porque sabiam que os pais voltariam um dia. Ela teve uma vaga noção de que a srta. Sallow entrara e colocara na

mesa chá, torrada e geleia e de que, tempos depois, voltara para levar os pratos vazios. Ela e Emma continuavam a falar, dizendo coisas que nunca haviam contado para ninguém: as lembranças que Kate tinha dos pais, seus sonhos sobre a casa onde todos iam morar quando a família voltasse a se reunir. Emma falou por muito tempo sobre o cão que ela ia ter. Ele seria preto com manchas brancas e se chamaria senhor Smith. Não faria truques porque aquilo seria humilhante para ele, e tudo isso era novidade para Kate. Em determinado momento, a srta. Sallow voltou com uma bandeja de sanduíches e elas contaram sobre a srta. Crumley e o desastre com a senhora do chapéu de cisne, a viagem de trem rumo ao norte, a espessa neblina do lago e como Abraham estivera esperando por eles com uma charrete, e que era a primeira vez que tinham andado numa charrete puxada a cavalos. De repente, Kate teve consciência de que o dr. Pym estava falando.

— Nossa, que aventura a de vocês! E aqui metade do dia já se passou, tão rápido. Pois é, por mais agradável que seja, não vou prender vocês por mais tempo. Com certeza têm coisas mais importantes a fazer do que ficar de papo com um velho.

Kate sentiu como se estivesse saindo de um sonho. Olhou para o prato vazio onde os sanduíches estiveram. Eles tinham comido? Ela não conseguia se lembrar. O fogo ainda ardia na lareira, mas lá fora o sol tinha passado pelas janelas. Quanto tempo tinham ficado ali?

— Vamos voltar a conversar mais tarde. Mas eu gostaria de dar um aviso a vocês. — Ele se curvou para frente. — Há lugares neste mundo que são diferentes de todos os outros. Quase como países separados. Uma floresta aqui, uma ilha ali, parte de uma cidade...

— Uma cordilheira — disse Kate.

— É — disse o dr. Pym. — Às vezes uma cordilheira inteira. Cambridge Falls e tudo o que a cerca é um lugar assim. A cidade é bastante segura. Mas não se embrenhem pelas montanhas. Existem

perigos que vocês não poderiam imaginar. Um dia, vou explicar tudo isso com mais detalhes, mas estamos entendidos por enquanto?

Ele olhou para Kate e mais uma vez ela sentiu que ele podia ver dentro dela. Ela assentiu e ele se recostou, abrindo um sorriso de avô.

— Excelente. Aliás, pedi para a srta. Sallow fazer alguma coisa especial para o jantar de amanhã. Ganso, talvez. É véspera de Natal, afinal de contas.

— O quê?! — exclamaram Kate e Emma em coro.

— Ora essa. Não haviam percebido? — Então, como se uma ideia tivesse lhe passado pela cabeça, ele murmurou. — Ah, é claro. Foi na véspera do Natal que vocês foram deixados no primeiro orfanato, não é? Então amanhã vai ser... — ele parecia estar fazendo contas de cabeça — o décimo ano desde o desaparecimento dos seus pais.

Kate ficou abismada. Amanhã seria mesmo a véspera de Natal? Como ela não sabia daquilo? Era como se enquanto estivessem conversando com o doutor não tivessem se passado apenas horas, mas dias.

O dr. Pym se levantou.

— Talvez amanhã o seu irmão esteja completamente recuperado e eu tenha o prazer de conhecê-lo. — Ele conduziu as meninas, ambas ainda meio tontas, até a porta. — Me digam, vocês estão indo procurar o Abraham?

Kate não questionou como ele sabia daquilo. Apenas assentiu com força.

— Peça para ele mostrar a última foto que tirou. Talvez vocês achem interessante.

E assim, ele as levou para fora e fechou a porta.

Assim que Kate e Emma saíram da biblioteca, voltaram a pensar com clareza.

— O que aconteceu? — disse Emma. — Era como se o meu cérebro tivesse ficado mole.

— O meu também.

— Você acha que ele fez alguma espécie de magia com a gente? Eu disse coisas que nunca contei para ninguém. Você acha que tem problema?

Kate percebia a preocupação na voz de Emma. Examinou seus próprios sentimentos. Sabia da reação normal ao dividir com outra pessoa coisas demais. Você sentia vergonha e arrependimento e desejava poder voltar atrás. Mas a verdade era que ela sentia que haviam lhe permitido baixar uma coisa que ela vinha carregando por tanto tempo que seu peso tinha se tornado uma parte dela. E, ao subir a escada em espiral até a torre de Abraham, ela se sentiu estranhamente leve. Tinha consciência da frieza do ar que atravessava as paredes. A canção de um pássaro distante. O rangido dos degraus sob seus pés e os pés de Emma. Embora a tarefa diante delas fosse amedrontadora — pois não tinha ideia de como ela e a irmã de 11 anos resgatariam Michael de uma feiticeira e seus soldados demoníacos —, ela se sentia cem vezes melhor do que naquela manhã.

— Não — disse ela. — Acho que não tem nenhum problema.

— Eu também — disse Emma. E Kate viu que ela sorria.

Bateram na porta de Abraham ao longo de dois minutos, mas novamente ninguém atendeu.

— Ele está começando a me irritar — disse Emma.

Lá embaixo, encontraram a srta. Sallow esfregando o chão do saguão principal.

— Eu mandei aquele velho rabugento pegar o ganso de Natal do doutor. Ele provavelmente vai precisar ir até Westport. Vai estar de volta ao anoitecer.

— Mas a gente precisa falar com ele agora — disse Emma.

— Ah, precisam, altezas? Bem, talvez no futuro a gente possa organizar as nossas agendas com a sua secretária pessoal. Mas, até esse dia abençoado — ela enfiou o esfregão nas mãos de Emma e empurrou um balde e uma escova para Kate —, vocês duas bem que podem ser úteis.

Ela as empurrou para a grande sala de jantar formal, onde, segundo ela, o dr. Pym queria ter o jantar da véspera de Natal. Era uma sala enorme, revestida de madeira, com uma longa mesa de carvalho no meio. Sobre a mesa estavam pendurados dois candelabros de ferro fundido, entre teias de aranha que se prendiam a eles como guirlandas. Havia uma lareira de pedra, tão grande que Kate e Emma poderiam ter encaixado ali a cama onde dormiam. No momento, a lareira era ocupada por uma família de raposas. Dois dragões de pedra seguravam a prateleira sobre o fogo e, como tudo o mais, os dois estavam cobertos por uma espessa camada de poeira e sujeira.

— O dr. Pym mandou não incomodar as raposas, mas o resto eu quero tão limpo quanto uma manhã de domingo no seu Louvre de Paris.

— Isso é besteira — disse Emma depois que a srta. Sallow saiu.  
— A gente tem que ajudar o Michael.

— Eu sei — disse Kate. — Mas a gente não pode fazer nada até conseguir uma foto com o Abraham.

Emma resmungou alguma coisa incompreensível, mas se curvou e começou a limpar o chão. Kate molhou a escova e começou a esfregar um dos dragões. Enquanto trabalhavam, duas pequenas raposas as observavam das profundezas da lareira.

Quando chegou a hora do jantar, Abraham ainda não tinha voltado e Kate e Emma comeram sozinhas na cozinha. Disseram à srta. Sallow que levariam um prato para Michael. Ao subirem a escada, não sentiam mais a leveza que se seguira à conversa com o

dr. Pym. Estavam mortas de cansaço e desesperadas de preocupação.

Era a segunda noite que tentavam dormir enquanto fitavam a cama vazia de Michael. As crianças nunca tinham se separado por tanto tempo. Amanhã, Kate disse para si mesma, amanhã vamos resgatá-lo.

No meio da noite, ela acordou com um susto. Percebeu que não verificara se o livro continuava ali. Saiu da cama e buscou debaixo do colchão. Tateou com o coração apertado. Então sua mão tocou na encadernação de couro. Ela puxou o livro devagar.

A lua estava no céu e uma luz prateada caía sobre a cama, dando à capa esmeralda do livro um brilho sobrenatural. Ela abriu em uma página do meio. Estava vazia. Passou os dedos sobre o pergaminho. O papel estava seco e encarquilhado pelo tempo. Virou com um rangido uma folha rígida. Vazia. Outra página, também vazia. E outra. E outra. Todas em branco. Aí, quando estava prestes a fechar o livro, alguma coisa aconteceu.

Os dedos estavam pousados na página que ela havia aberto, e era como se uma imagem fosse subitamente projetada na sua mente. Viu uma aldeia às margens de um rio. Havia uma torre. Havia mulheres lavando roupa. E a imagem não estava parada. Ela via o movimento da água, o vento sacudindo os galhos de uma árvore. Achou ter ouvido, a distância, um sino batendo.

— O que você tá fazendo? — gemeu Emma.

Kate fechou o livro. Ela o guardou de volta, sob o colchão.

— Nada — disse ela, se cobrindo. — Pode voltar a dormir.

CAPÍTULO SEIS  
A página negra



A srta. Sallow botou as duas para trabalhar de manhã bem cedo, e entre terminar as tarefas para a governanta e evitar o dr. Pym, não foi antes do meio da tarde que Kate e Emma se encontraram ao lado do fogo de Abraham, bebendo cidra e ouvindo ele reclamar de como tinha precisado ir longe para encontrar um ganso.

— Não é que eu esteja me queixando. Gosto de um ganso gordo tanto quanto qualquer pessoa, mas mandar um sujeito velho como eu sair por aí num dia frio como o de ontem? Frio como uma sepultura. Como duas sepulturas! Mais cidra?

O quarto de Abraham na torre era totalmente redondo, com janelas se abrindo em todas as direções. Mas a mais notável característica do cômodo, além de formar um círculo perfeito, era o fato de que todos os espaços de paredes estavam cobertos com fotos. E as fotos não paravam ali. Havia pilhas no chão. Pilhas sob as cadeiras, pilhas soltas escorregando das mesas. Havia centenas, milhares de fotos, todas amareladas e desbotadas pelo tempo.

— Coisa de antigamente — disse Abraham, quando as duas entraram e olharam para todos os lados, espantadas. — Eu tinha uma grande paixão pela fotografia. Talvez porque eu nasci com uma perna ruim e não podia trabalhar nas minas. Mas o tempo muda as coisas. Não tiro uma fotografia há muitos anos.

Ele se debruçou, enchendo as canecas das meninas com cidra.

— Têm certeza de que está tudo certo? Vocês duas parecem um pouco abatidas. Espero que não tenham pegado a doença do

seu irmão.

— Estamos bem.

O que Kate e Emma não diziam uma para a outra era que estavam na véspera de Natal e fazia dez anos do desaparecimento dos pais. Enquanto se vestiam naquela manhã, Emma tinha abraçado Kate subitamente, sem nenhuma explicação. Ficaram ali, no meio do quarto, abraçadas por quase um minuto, sem dizer uma palavra.

— Então vocês conheceram o doutor. Ele não é de Cambridge Falls, sabem. Apareceu um belo dia e comprou esta casa velha há mais de dez anos. Abrigou a mim e à velha Sallow.

— Abraham... — Kate e Emma tinham decidido ser diretas. Precisavam de respostas e o velho criado era a melhor e mais segura possibilidade que tinham de conseguí-las. — Você... bem, você se lembra da gente? De antes. Do dia perto do lago. Lembra se a gente simplesmente... apareceu, do nada?

Kate sabia que se tivesse feito esta pergunta dois dias antes, Abraham não teria a mínima ideia do que ela estava falando. Mas, desde então, ela, Emma e Michael tinham voltado no tempo. Agora o passado era diferente. Isso queria dizer que as lembranças de Abraham também deviam ser diferentes. E, de fato, antes mesmo que ela tivesse terminado de fazer a pergunta, o velho estava sorrindo.

— Se eu lembro de vocês? Três crianças assim, bum!, aparecendo do nada? Não se esquece uma coisa dessas. Quando eu vi vocês saltando do barco anteontem, eu disse para mim mesmo: "Abraham, seu velho, são eles, os mesmos que apareceram do nada há quase 15 anos, e olhe só, não envelheceram um dia sequer." Ainda bem que vocês resolveram falar. Fiquei com medo de estar ficando lelé. — Abraham se debruçou mais ainda. — Vocês já entenderam tudo, não é? A verdade sobre Cambridge Falls.

Kate balançou a cabeça em sinal negativo.

— É por isso que estamos aqui.

— Ah, vocês estão brincando comigo! Duas crianças que pulam para lá e para cá no tempo e eu devo acreditar que não perceberam a natureza do lugar onde vivem?

— A gente achou... quer dizer, a gente suspeitou que tinha algo estranho...

— Estranho, ah sim. É uma forma suave de dizer.

— E o dr. Pym... ele é...

— Ele é o quê, senhorita?

— Ele é um... — Kate não conseguia dizer a palavra.

Felizmente, a paciência de Emma tinha chegado ao limite.

— Ele é um mago?

— Shhhhhh! — Abraham puxou a cadeira ainda mais para perto, fazendo gesto para que as duas baixassem a voz. — Não vamos anunciar isso em Westport! — Aí ele piscou, sorrindo. — Mas vocês acertaram. O homem é um mago, sem dúvida nenhuma.

Kate pousou a cidra no chão. Não confiava mais nas próprias mãos.

— E como vocês duas descobriram? Ele fez um encanto?

— Ele fez o fogo aparecer — disse Emma.

Abraham assentiu com ar de quem sabe das coisas.

— É, um homem brilhante, o doutor, mas ele não saberia acender o fogo nem se a própria vida dependesse disso. Me digam, vocês são bruxas então? — Um olhar de preocupação passou pelo seu rosto. — Porque se forem, só digo que sempre fui gentil com vocês e não mereço ser transformado em bode nem ganhar mais um traseiro...

— Não somos bruxas — garantiu Kate.

— É — disse Emma. — Sempre achamos que a magia era um monte de bobagens que o Michael falava.

— É mesmo? — Abraham coçou a barba. — Vocês não sabiam que a magia era verdadeira?

— Não é incomum — disse Kate. — A maioria das pessoas não acha que existe magia de verdade.

— Nem mesmo o Michael — acrescentou Emma. — E ele é bem esquisito.

— Então como diabos vocês foram...

— Vamos contar tudo — disse Kate. — Mas você tem que nos contar sobre Cambridge Falls. A verdade.

Ele olhou para elas por um longo instante, depois suspirou.

— Muito bem. Acho que o gato saiu da toca. Mas vou precisar fumar. — Ele tirou o cachimbo, bateu na ponta com o polegar e acendeu-o com um graveto do fogo. — Agora, a primeira coisa que vocês precisam saber é que o mundo mágico costumava ser entrelaçado com o nosso. Assim. — Abraham juntou seus dedos nodosos. — Foi desse jeito por milhares de anos. Até que as pessoas, quero dizer as pessoas normais, começaram a se espalhar e a se multiplicar, construindo aldeias e cidades. Finalmente, os tipos mágicos perceberam que não era possível deter a humanidade. Aí começaram a marcar territórios e a torná-los invisíveis para os olhos humanos e impossíveis de se entrar, a não ser que se soubesse o caminho. Pedacos inteiros simplesmente sumiram do mapa. Isso aconteceu por um século ou mais. Então, no último dia de dezembro de 1899, o que sobrava do mundo mágico desapareceu. Puft!

— Não faz tanto tempo assim — interrompeu Kate. — As pessoas se lembrariam!

— Estamos falando de magia profunda, menina. Fizeram com que as pessoas se esquecessem. Esqueceram das ilhas e das florestas que desapareceram. Esqueceram que alguma coisa como a magia existiu. Toda a história do mundo foi reescrita. O único problema foi que, aqui e ali, uma cidade humana foi arrastada junto. Cambridge Falls é uma delas. Eu, a srta. Sallow, as pessoas da aldeia, a gente foi vizinho do povo mágico a vida inteira. Chegamos a fazer negócios com eles noutros tempos. Mas somos humanos,

feito vocês. Não como aqueles que vocês encontrariam ali. — Ele apontou para a janela com o cachimbo. — Tem coisas nas montanhas que vocês não acreditariam.

O velho se curvou para a frente.

— Agora é a vez de vocês, minhas queridas. Se não são bruxas, como apareceram naquele dia, há 15 anos?

As meninas se entreolharam. Tinham medo de que, se contassem sobre o livro, ele dissesse que pertencia ao dr. Pym e as obrigassem a devolvê-lo. E se isso acontecesse, como salvariam Michael?

— A gente mentiu — disse Emma. — Somos bruxas. Queríamos só ver o que você sabia. Parabéns. Você passou.

Kate achou que esta era uma mentira assustadoramente ruim, mas Abraham assentiu como se viesse suspeitando daquilo o tempo todo. Tudo certo, pensou ela.

— Abraham — disse Kate —, precisamos de algumas fotos antigas. Do tempo... em que ela estava aqui.

Apesar do agradável calor do fogo, um frio pareceu se abater sobre o aposento.

Abraham baixou a voz.

— Você está falando da Condessa, não é? E o que você ia querer com ela? Tempos sinistros aqueles. Melhor esquecer.

— Por favor, a gente realmente precisa das fotos.

— E se você não der, vamos te transformar em um sapo.

Emma apertou os olhos para Abraham e mexeu um dedo. O velho deu um pulo na mesma hora e correu até um baú que ficava junto à parede, abriu-o rapidamente e começou a vasculhar o conteúdo.

Kate olhou para Emma com ar de reprovação.

Emma deu de ombros.

— Ele está pegando as fotos.

Abraham voltou com uma grossa pasta de couro recheada de fotografias.

— Ela me transformou no fotógrafo oficial. Criatura vaidosa, ela. Sempre dizendo que era meu dever registrar a beleza dela para a posteridade. — Ele bufou e entregou a pasta para Kate. — Pode ficar. Fico melhor sem elas.

Kate olhou para dentro. Havia centenas de fotos. Com toda certeza, poderiam achar aquela que as levaria de volta para a época e o lugar em que Michael estava.

— Abraham, quem era a Condessa? É por causa dela que Cambridge Falls é do jeito que é?

Abraham parecia não querer responder, mas Emma apertou os olhos e ele ergueu as mãos, se rendendo.

— Tudo bem, vou dizer o que eu sei. Mas quem ela era, de onde veio, não faço a menor ideia. Ela simplesmente apareceu em Cambridge Falls com cinquenta daqueles demônios. Gritões, era como as crianças os chamavam. Eu lembro que um pegou vocês naquele dia, perto do lago, então vocês sabem como eles são criaturas terríveis e amaldiçoadas. — Um pedaço de madeira chiou e estalou, e Abraham parou para mexer no fogo com uma pá de ferro. Quando prosseguiu, sua voz tinha ficado mais baixa.

— Era verão. Dia lindo. Nenhuma nuvem no céu. A maioria dos homens estava nas minas. São duas horas de caminhada na direção das montanhas. Então só havia mulheres e crianças na aldeia. E eu, graças a essa minha perna. — Uma das mãos esfregou distraidamente a perna ruim. — Eu estava na casa do meu primo e ouvi o grito. Um som que não se parecia com nada que eu tivesse ouvido antes. Tirou o meu fôlego. Corri para fora e um daqueles monstros estava perseguindo um menino pela rua. Ele o pegou e o levou embora antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Eu segui os dois até a praça. Não dava para acreditar no que eu estava vendo. Crianças por toda parte. E eles, os Gritões. Estavam

segurando espadas e afastando as mães para trás, separando todas elas dos pequeninos. E foi então que eu vi aquele cabelo dourado dela, brilhando entre todas as formas negras. Ela disse alguma coisa e aqueles monstros saíram com as crianças na frente deles, como ovelhas, desceram a garganta e atravessaram a ponte. Segui com as mulheres, todas urrando e gritando e...

Abraham parou de falar. Estava olhando para Kate.

— Você está se sentindo bem, senhorita?

— O seu rosto está todo branco — disse Emma.

— Eu... eu estou ótima — gaguejou Kate. — Por favor, continue.

Mas ela não estava ótima. Estava pensando nas crianças, em como deviam estar apavoradas, em como ela havia deixado Michael com aqueles monstros...

— Por favor, eu estou ótima.

Abraham assentiu e bebeu um gole da cidra.

— Bem, naqueles tempos o velho senhor Langford morava na casa grande. Um homenzinho minúsculo, ele era. E um malandrinho bem rico, também. A família dele era dona das minas desde sempre. E ele estava ali, nos degraus da frente, quando ela chegou com aqueles monstros e todas as crianças chorosas. Ele começou a perguntar o que ela achava que estava fazendo, que ali era propriedade privada e tal, se ela sabia com quem estava falando. Aí ela soltou uma risadinha e, meu Deus, uma das criaturas cortou o senhor Langford bem no meio. Que visão. Um minuto, o sujeito estava ali dizendo para ela ir embora. No minuto seguinte, havia dois pedaços dele. Verdade seja dita, ninguém gostava do senhor Langford, que era um tampinha metido. Ainda assim, foi horrível. A boca ainda se mexia quando a parte de cima despencou no chão.

Kate e Emma permaneceram completamente imóveis, sem ousar respirar. Abraham voltou a mexer no fogo. Estava mergulhado no passado.

— Mandamos mensageiros até as minas. Mas já estava anoitecendo antes que os homens voltassem. Pegamos lanternas e todas as armas que conseguimos e cruzamos a ponte. — Abraham riu sem achar qualquer graça. — O que a gente estava pensando? Não éramos lutadores. E ali estava ela, uma feiticeira maligna com uma horda de guerreiros demoníacos. Não havia a menor chance. — Abraham sacudiu a cabeça. — Ela desceu os degraus da frente e veio nos encontrar. Três deles, dos Gritões, estavam com ela. Mas ela não precisou fazer nada além de levantar a mãozinha assim — Abraham ergueu uma das palmas —, e todos pararam. Ela disse naquela vozinha aguda e doce dela: “As suas crianças estão lá dentro, cada uma está com uma lâmina na garganta. Vão estar mortas antes que vocês passem pela porta.” Ah, o silêncio foi terrível. Nenhuma alma se mexeu. Lembro das duas metades do corpo do senhor Langford ainda ali, nos degraus, e que ela nos olhava, tão bela e terrível na luz das tochas. Então ela disse que queria alguma coisa que estava nas montanhas. Disse que, se a gente encontrasse, ela devolveria as crianças.

— O que vocês fizeram? — Emma perguntou ofegante.

— O que você acha que a gente fez, menina? Os homens foram para as montanhas com um bando daqueles monstros tomando conta deles. As mulheres voltaram para a aldeia. E ela ficou na casa com as crianças.

Por todo um minuto, ninguém falou. O único som vinha dos chiados e dos estalos do fogo. Kate percebeu que estava agarrando a pasta com tanta força que as mãos estavam grudadas. Ela as abriu lentamente, flexionando os dedos.

— E ninguém tentou reagir? — Emma perguntou finalmente.

— Alguns tentaram. Alguns homens perdiam a paciência, ficavam com saudades da mulher ou dos pequenos e piravam.

— O que aconteceu com eles?

— Ela tinha um barco. Ele servia de prisão flutuante para qualquer um que desobedecia. À noite, dava para ouvir os gritos que vinham do lago. — Abraham estremeceu. — Havia boatos de que ela fazia coisas com as pessoas. Coisas horríveis.

Kate lembrou que, quando voltaram ao passado, ela havia visto um grande barco flutuando no lago, a distância. Só podia ser aquele de que ele falava.

— O que ela estava procurando?

— Ela nunca disse exatamente. Mas as pessoas falavam.

— Falavam o quê?

A voz de Abraham havia se tornado um sussurro.

— As pessoas diziam que era uma espécie de livro. Um grande livro de magia que tinha sido enterrado havia muito tempo nas montanhas. Imaginem... — A voz ficou ainda mais baixa, e Kate e Emma precisaram se esforçar para ouvi-la. — Imaginem alguma coisa tão assustadora e terrível que precisou ser enterrada para ficar longe dos olhos dos homens.

Kate olhou para Emma. Os olhos escuros da irmã estavam arregalados. As duas pensavam na mesma coisa. A Condessa queria o livro delas? Mas tinham encontrado o livro dentro da casa. Não podia ser o mesmo.

— O que aconteceu no fim?

Abraham balançou a cabeça.

— Não, eu já disse tudo que podia dizer. Me transformem numa salamandra. Algumas coisas devem ser deixadas em paz.

— Por favor — disse Kate —, precisamos saber o que houve com as crianças. — E então disse o que a fazia estremeecer por dentro: — Ela está com o nosso irmão.

— O quê?

— Ele não está doente. A gente deixou ele lá. No passado... eu deixei ele no passado.

— Ah, meu Deus... — Abraham pôs uma mão manchada no rosto. — É, agora eu me lembro. Bloqueei tantas lembranças daqueles dias, mas eu me lembro do seu irmão. — Ele balançou a cabeça. — Não, não posso contar para vocês. Não me peçam. Sinto muito. Vocês têm que procurar o dr. Pym. É o único que pode ajudar. Sinto muito...

Ele começou a se levantar, mas Kate agarrou sua manga.

— Pelo menos mostra para a gente a última foto que você tirou? Por favor?

O homem piscou várias vezes, claramente surpreso com o pedido. Então mancou até uma escrivaninha, destrancou uma gaveta e tirou uma foto antiga. Com mãos trêmulas, ele a entregou.

A foto era escura e tremida. Parecia mostrar um grupo de mulheres correndo nas margens da garganta. Muitas das figuras seguravam tochas. Mas, por pior que fosse a qualidade da imagem, tanto Kate quanto Emma podiam sentir o desespero e o medo das mulheres.

Uma porta bateu. As duas ergueram o olhar e viram que Abraham havia subido a escada em espiral até o seu quarto e trancado a porta.

— Vamos — disse Kate. Ela guardou a foto no bolso e as duas saíram da torre.

Desceram até a cozinha. Já estava quase escurecendo e elas não tinham comido nada desde o café da manhã. A srta. Sallow estava assando o ganso no forno, ocupada demais para censurá-las por terem perdido o almoço. Elas pegaram pão, queijo e salame e fugiram para cima.

Abraham estava certo sobre uma coisa: a Condessa era vaidosa. Tiveram de passar penosamente por dúzias de fotos da Condessa em vestidos de noite. A Condessa com joias. A Condessa andando de barco. A Condessa jogando badminton com seu estranho secretário. Geralmente ela olhava modestamente para a

câmera, como se tivesse sido pega de surpresa. Mas, de alguma forma, as fotos sempre contemplavam seu perfil esquerdo.

— Olha essa aqui. — Emma estava no chão, cercada de fotos, segurando uma foto em que a Condessa parecia jogar charme sob um guarda-sol de renda. — Eu disse que ela era metida. — Ela jogou a foto numa pilha no canto, que ficava cada vez maior.

Kate examinava as fotos na cama e, quando encontrava a imagem de um Gritão, rapidamente a guardava no final da pilha. Nos últimos dois dias, ela tinha tentado não pensar no que Michael poderia estar passando. Era a única forma de manter a sanidade. Mas, agora que tinha ouvido a história de Abraham e visto as fotos dessas criaturas com as roupas negras desfiadas e as longas espadas serrilhadas, o medo inundava seu coração. Ela encontrou uma foto com um Gritão particularmente pavoroso e se viu afastando a pilha de fotos, tomada pela preocupação.

Emma fez um barulho e jogou outra foto no canto.

O livro estava pousado ao lado do joelho de Kate e, por um momento, ela deixou que os dedos vagassem pela capa esmeralda. Ela pensou na visão da noite anterior. Será que havia imaginado aquilo? Abriu o livro e apertou os dedos contra uma página vazia. O efeito foi imediato. Ela viu a aldeia com a mesma nitidez com que via o lugar onde se encontrava. Mas o lugar havia crescido. Havia ruas calçadas com pedras, uma muralha. Um mercado. Viu homens e mulheres, todos andando de um lado para o outro. Ela podia ouvir as vozes da multidão.

Virou outra página e tocou o pergaminho com os dedos. Viu um imenso exército marchando por uma estrada, a poeira sendo levantada por suas sandálias. Ouviu o bater das lanças e dos escudos, as pancadas ritmadas de um tambor. Atrás dele, a distância, Kate vislumbrou a aldeia na margem do rio, queimando. Soltou uma exclamação e virou mais algumas páginas. O exército desapareceu. Viu embarcações no mar. Balançavam sobre as ondas,

as velas estalando ao vento. Ouviu os gritos dos marinheiros, o chicotear de cordas, sentiu os depósitos de madeira transbordando com tesouros de terras distantes. Virou mais páginas. Viu pessoas fugindo quando um dragão negro e um dragão vermelho se enfrentavam no ar, sobre uma cidade, expelindo chamas. Os dois se embolaram e caíram, esmagando construções, espalhando fogo. Outra página. Um cavaleiro de armadura avançava para o interior de uma caverna, enquanto um monstro com braços longos e escamosos serpenteava da escuridão, sibilando. Virou mais um punhado de páginas e viu um balão de ar quente subir ao céu enquanto mulheres de vestidos compridos e homens com chapéus de palha brancos aplaudiam. Outra página. Viu uma cidade cheia de automóveis antigos. Avançou para um lugar mais no fim do livro. Ela esperou. Nada aconteceu. Fitou o pergaminho vazio. Bem no meio, apareceu um pontinho preto. Enquanto Kate observava, ele começou a se espalhar, como uma mancha de tinta. De repente, a página inteira ficou negra. E depois, ela viu com horror que a escuridão começou a se espalhar por seus dedos.

— Kate!

Emma estava olhando para baixo. Kate percebeu que estava deitada de barriga para cima.

— O que aconteceu?

— Você gritou.

— Do que você tá falando? Eu não gritei.

— Hã... gritou sim — disse Emma. — E pareceu que tinha desmaiado também.

Ela ajudou a irmã a se sentar. Kate deu uma olhada de relance no livro. A página estava em branco de novo.

— O que aconteceu? — Emma perguntou.

— Nada. — Kate procurou o livro e o fechou.

— Sei. Bom, olha o que eu encontrei. — Emma entregou-lhe uma foto.

Um grito ficou preso na garganta de Kate. Ali, em preto e branco desbotado, olhando para ela do passado, estava Michael. Estava sozinho, com um canto da casa visível ao fundo. E estava segurando um cartaz escrito à mão onde se lia ME AJUDEM.

Alguém tentou abrir a porta.

— O que é isso? Quem trancou essa porta?!

Era a srta. Sallow.

— Depressa — cochichou Kate. Elas limpavam uma área sobre a cama e Kate puxou o livro para si. — Fica me segurando.

— Estão preocupados que alguém entre aí e leve as joias da coroa da França, é isso? Destranquem a porta!

Kate pegou a foto de Michael e abriu o livro. Mais uma vez, as páginas estavam em branco. Seu coração começou a bater mais depressa. Ela sabia que precisava fazer aquilo rápido, antes de perder a coragem.

Baixou a mão com a foto.

— Espera! — Emma segurou seu braço.

— O que você tá fazendo? A gente precisa...

— A gente precisa de uma foto para voltar.

O coração de Kate parou. Ela quase tinha mandado as duas para o passado sem ter como voltar. Emma agarrou a câmera de Michael, apontou para Kate e tirou uma foto. A máquina a cuspiu um momento depois.

— Será que as orelhas reais estão surdas? O ganso está assado e o dr. Pym me mandou buscar Vossas Altezas, inclusive o delfim, esteja ele se sentindo bem ou não. Por isso *ouvre la porte* ou eu vou entrar!

— Um segundo! — exclamou Kate, tentando parecer descontraída. — Vamos sair em um segundo!

Emma soprou a foto e a guardou no bolso.

— Tudo bem — disse ela, segurando o braço de Kate.

Elas podiam ouvir a srta. Sallow resmungando do outro lado da porta, examinando as chaves em seu cinto.

Kate parou, segurando a foto sobre a página em branco. Sentiu aquilo de novo, a escuridão se esgueirando para fora do livro, ameaçando engoli-la.

— O que foi? — perguntou Emma.

Respirando fundo, Kate se concentrou em Michael e pôs a foto sobre a página.

CAPÍTULO SETE  
Convidados da Condessa



— Desculpa — disse Kate, pela sexta ou sétima vez. — Desculpa...

No momento em que haviam aparecido, Kate e Emma tinham corrido para Michael, quase derrubando o irmão com seu abraço. Perguntaram se ele estava bem, por quanto tempo era prisioneiro, se a Condessa o havia machucado. Emma disse que mataria a bruxa na mesma hora. Era só Michael pedir.

A noite mal caíra. Estavam a uns 20 metros da casa, à margem de uma espessa alameda de pinheiros, cujos galhos entrelaçados erguiam-se até o céu que escurecia.

— Estou bem — dizia Michael. — Só estou aqui há alguns dias. Gente, eu não consigo respirar.

Ele conseguiu sair do abraço das duas, mas Kate continuou a segurar seus braços com um fervor que sugeria que ela nunca mais o soltaria novamente. Os olhos dela reluziam com lágrimas.

— A gente não queria te deixar. Achei que você tinha me segurado. Eu nunca...

— Olha — disse Michael, enquanto ajeitava os óculos —, a gente não tem tempo pra isso agora. É claro que eu perdoo vocês e tudo o mais, mas a gente tem que sair daqui. Já devem estar procurando por mim. Deixa eu pegar o livro.

Kate vacilou por um segundo — o porquê ela não sabia — e então o entregou.

— Com licença?

Kate se virou. Abraham estava atrás deles, mexendo nervosamente na câmera. Ela não havia reparado nele até agora.

— Para mim não tem problema que vocês apareçam do nada e coisa e tal, parece que vocês fazem muito isso. Mas, se não fizer diferença, eu vou só sair daqui, tudo bem? Tudo bem, eu vou só... — E antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, ele desapareceu mancando em meio às árvores.

Kate virou-se de novo e viu que Michael não tinha sequer erguido os olhos. Estava ocupado folheando o livro. Uma pergunta surgiu na sua cabeça.

— Como você conseguiu escapar dos Gritões? Eles não estavam mantendo você junto com os outros meninos?

— E como você conseguiu encontrar o Abraham de novo? — perguntou Emma. — Ele só estava passando por aí?

Michael fechou o livro com força.

— Vocês precisam confiar em mim. Não importa o que acontecer, vai ficar tudo bem.

— Do que você tá falando? — perguntou Kate. — A gente precisa sair daqui. — Ela estava a ponto de mandar Emma pegar a foto que ela havia tirado no quarto, quando alguém soltou uma risada. O som era como água fria escorrendo por sua espinha. O secretário da Condessa saiu de trás de uma árvore. Estava vestido com o mesmo paletó risca de giz que ele usava naquele dia na represa, só que agora, de perto, Kate distinguia os rasgões e as manchas de gordura. Ele estava sorrindo, os dentes eram cinzentos e estreitos. Um minúsculo pássaro amarelo estava empoleirado em seu ombro.

— Ah, sim, muito bem, muito bem. — A voz tinha um tom agudo, quase histérico. Ele esfregou as mãos, alegremente. — A Condessa vai ficar tão feliz, tão feliz.

— Eu disse que elas voltariam para me pegar — disse Michael.

Kate achou que estava tendo uma alucinação. Não era possível. Michael nunca as trairia. E ela ainda dizia aquilo para si mesma quando dois Gritões vestidos de preto saíram das sombras.

Ao aproximarem-se da frente da casa, o secretário berrou para o Gritão de sentinela que abrisse a porta. Mas a figura sombria o ignorou e o homem precisou abrir sozinho, resmungando sobre a falta de respeito e sobre como a Condessa certamente ficaria sabendo daquilo.

Ele os guiou por uma série de corredores tortuosos. Por várias vezes, Michael pareceu a ponto de falar com as irmãs, mas em todas as ocasiões Emma o olhou com fúria e ele se virou. Os óculos de Michael estavam quase amassados e ele tinha uma marca vermelha na bochecha. No segundo que se seguiu à aparição dos Gritões, Emma tinha voado sobre ele, derrubando-o. Ela o socou com os dois punhos e o chamou de traidor e covarde, urrando que ele não era mais seu irmão. O ataque fez com que ele deixasse o livro cair no chão. Kate e o secretário mergulharam para recuperá-lo ao mesmo tempo. Seguiu-se um cabo de guerra, que viu seu fim quando um dos Gritões deu um soco cruel em Kate, com a parte de trás da mão. Caída no chão, com os ouvidos apitando, ela viu outro Gritão arrancar Emma de Michael, ainda chutando e berrando.

A cabeça de Kate ainda latejava. Mesmo assim, ela não deixou de perceber a diferença na mansão. As janelas e os espelhos estavam limpos. As velas refletiam nos pisos polidos de madeira. Nenhuma peça do mobiliário estava rasgada ou quebrada, nem servia de lar para uma família de animais. A Condessa podia ser perversa, mas poderia ensinar uma ou duas coisas sobre arranjos domésticos para a srta. Sallow.

Kate pegou a mão da irmã. O rosto de Emma era uma máscara paralisada, manchada pelas lágrimas.

— Esse não é o Michael — cochichou. — É aquela bruxa. Ela pôs alguma espécie de feitiço nele. Não é o Michael. Lembra disso.

Não é ele.

Emma fez que sim com a cabeça, mas as lágrimas continuavam a descer por suas faces.

O secretário parou diante de portas duplas em um corredor mal iluminado. Kate sabia que estavam do lado de fora do salão de baile. Ela podia visualizar os candelabros cheios de teias de aranha desmoronados no chão, a sacada semidestruída, as janelas quebradas.

— Vocês ficam aqui — ordenou ele aos Gritões, os olhos amarelos das criaturas reluzindo nas sombras.

Cavendish se aproximou. Não era muito mais alto do que Kate e seu hálito recendia a cebolas. Era a pessoa mais repugnante que ela já havia visto.

— Sigam meus conselhos, minhas avezinhas, e não deixem a Condessa se zangar. Vocês não querem ir para o barco, não é? Avezinhas não gostam do barco. — Ele deu um sorriso que deixou à mostra seus dentes acinzentados.

— Você precisa escovar os dentes — disse Emma. — Por pelo menos um ano.

Cavendish cerrou os lábios e fez uma cara feia. Fez um gesto com a cabeça para que eles o seguissem e empurrou as portas duplas.

Era como entrar num sonho. Kate e Emma piscaram algumas vezes, atordoadas pela luz, e tornaram a piscar, mal conseguindo acreditar no que viam. Uma centena de casais desfilava pelo salão, dando voltas, girando, enquanto uma orquestra com trinta músicos tocava uma valsa. Kate via o maestro, que sacudia os braços e olhava para os dançarinos como um pai orgulhoso. Alguns homens usavam smokings com pontas compridas, que esvoaçavam enquanto eles rodavam com seus pares. Outros estavam de uniforme com cinturões em vermelho e azul, os peitos reluzindo com medalhas de ouro. As mulheres usavam vestidos bordados com rubis, pérolas e

esmeraldas. E em toda parte Kate via diamantes em pescoços desnudos, refletindo a luz dos milhares de velas que ardiam nos candelabros. Um criado em uniforme verde com meias brancas e esticadas passou carregando uma bandeja com champanhe para os homens e as mulheres mais velhas, que permaneciam junto às paredes.

— Avezinhas, esperem aqui — chiou Cavendish. — A Condessa vai chegar a hora que quiser.

E então Kate a viu, o cabelo dourado reluzindo bem no meio dos dançarinos. A pele completamente branca, o vestido da cor de sangue, e os diamantes que cobriam a garganta e o peito brilhavam como se, sozinhos, fornecessem a luz para o aposento. Seu par era um rapaz atlético, de uniforme, com o bigode mais impressionante que Kate já havia visto. A Condessa disse alguma coisa e o jovem deu um passo para trás e se curvou. Ela retribuiu com uma minúscula reverência e, segurando a barra do vestido, saltitou em meio aos casais até chegar ao lugar onde as crianças se encontravam, ao lado do ansioso e agitado Cavendish.

O rosto da Condessa estava corado com o calor e o exercício, e seus olhos cintilavam cheios de vida. Eram de um azul profundo, quase violeta, e no momento em que pousaram nela, Kate se sentiu como a pessoa mais sortuda do mundo.

— Você está aqui! Minha linda Katrina! — A Condessa pegou as mãos de Kate e, antes que ela pudesse reagir, beijou-lhe as bochechas. Atrás dela, os casais giravam ao mesmo tempo, criando um pano de fundo atordoante. — E que sorte que você chegou a tempo para o baile. A nata de São Petersburgo está aqui. Até o czar está sendo esperado mais tarde, embora naturalmente ele não vá aparecer, aquele chato. Agora me conte, minha querida — ela se aproximou mais de Kate, sussurrando —, o que você acha do cavalheiro com quem eu estava dançando?

O rapaz em questão havia se retirado da pista de dança e se juntado a dois outros homens de uniforme. Ele se mantinha ereto como um bastão, com uma das mãos enfiadas no cinto, enquanto a outra acariciava o bigode.

— Aquele ali é o capitão Alexei Markov, dos Terceiros Hussardos — disse a Condessa num tom baixo e conspiratório. — Ele é um pouquinho orgulhoso demais do bigode, mas é bonitão, apesar disso. Em breve, vamos ter um caso, mas não vai terminar bem. — Ela franziu a testa de forma teatral. — Alexei vai insistir em se gabar dele em seu clube e não vou ter outra escolha além de matá-lo junto com toda a sua família.

Kate sorriu e, ao fazê-lo, viu que Emma a olhava fixamente, aterrorizada. Foi como se alguém lhe tivesse dado um tapa para acordá-la. Ela puxou a mão que estava com a Condessa, com o coração batendo forte.

Se a Condessa percebeu que Kate havia puxado a mão, não disse nada. Estava apontando com o leque para um homem muito velho, de costeletas brancas, adormecido numa cadeira. O velho exibia uma coleção tão enorme de medalhas que chegava a pender para um lado. Kate praticamente esperava que o peso o arrastasse para o chão com estardalhaço.

— Veja só o meu amado marido — disse a Condessa, se fazendo ouvir apesar da orquestra. — Ele não é repulsivo demais para ser descrito? E você sabe que quando me casei com ele, aos 16 anos, fui celebrada como a maior beldade da Rússia? Vamos dar uma volta pelo salão?

Ela começou a se afastar, e Cavendish, ainda agarrando o livro contra o peito, deu um empurrão em Kate e Emma para que as duas a seguissem.

— Eu admito — disse a Condessa, atravessando a multidão e acenando para pessoas dos dois lados — que havia aqueles que insistiam em louvar Natasha Petrovski, com sua pele de leite

coalhado e seus olhos úmidos de vaca. Naturalmente, foi antes daquele terrível acidente com a jarra de ácido. Pobrezinha, ouvi dizer que ela morreu num asilo húngaro. Louca desvairada, delirando sem parar sobre uma bruxa. — A Condessa deu uma risadinha, cobrindo a boca com o leque e dando aquele olhar de menina travessa para Kate. — Mas o que eu estava dizendo? Ah isso, meu marido. Quando me casei com o Conde, todos disseram que ele só viveria mais seis meses. Não preciso dizer que eu não planejava deixar que ele vivesse tanto tempo. Mas não é que aquela mula velha continuou rangendo por quase um ano? Honestamente, ele deve ter sobrevivido a meia dúzia das minhas tentativas de envenená-lo. Nunca se casem com alguém cheio de frescuras com comida, minhas queridas. É só problema.

Nenhum dos convidados parecia reparar nas crianças. Quando as meninas ou Michael, ou mesmo o secretário, se aproximavam, as pessoas perfeitamente vestidas simplesmente saíam do caminho sem sequer olhá-los diretamente.

A Condessa soltou uma gargalhada animada.

— Finalmente, fui procurar uma bruxa velha e comprei dela uma poção feita com raízes de abelhas, pasta de âmbar e hálito de salgueiro. Nem precisou engolir aquele negócio. Bastou ele respirar enquanto dormia e, de manhã, estava morto como um camponês no inverno, me deixando como única dona da maior propriedade sob o domínio do czar. — Ela se voltou para eles, o rosto reluzindo com a lembrança, e fez uma reverência. — A Condessa Tatiana Serena Alexandra Ruskin, a seu dispor.

Kate e Emma olharam fixamente para a cabeça loura, abaixada. Michael se curvou para a frente e cochichou que seria educado se elas... Mas Emma deu-lhe uma cotovelada nas costelas. Kate pensava no dia em que tinham visto a Condessa pela primeira vez, em como ela parecia quase radiante demais, bonita demais, cheia de vida demais. Agora, Kate compreendia: não era real. A Condessa

não tinha 16 ou 17 anos. Na realidade, se ela fosse quem disse que era, se já estivesse viva quando ainda havia czares na Rússia, ela podia ter 100 anos. Ou mais. A magia a mantinha jovem. Não era para menos que às vezes parecesse interpretar o papel de adolescente.

A Condessa se ergueu com um suave ruído de seda, observando os dançarinos.

— Sim — disse ela com um cansaço filosófico. — Esse era o meu mundo. Tive riqueza, posição social, beleza. Idiota como eu era, pensei que tinha realmente conseguido alguma coisa. Mas ainda aprenderia o verdadeiro significado do poder. — Ela bateu as mãos vestidas com luvas de seda e tudo desapareceu, os homens de uniformes e smokings, as mulheres de vestidos, a orquestra, os criados de vestimentas verdes, a luz dos candelabros, tudo se foi. As crianças ficaram subitamente sozinhas com a Condessa e seu secretário com dentinhos de rato no grande e silencioso aposento. Apenas algumas velas reluziam perto das paredes.

— E então — disse ela com um sorriso —, vamos sair para a varanda? Gostaria de tomar um pouco de ar. E acredito que vocês têm algo para mim.

A Condessa fez com que Kate e Emma esperassem com o secretário, enquanto Michael a ajudou a se cobrir com um xale de seda negra. Kate observou o secretário, em busca de qualquer sinal de que sua atenção se dispersava, qualquer coisa que lhe desse uma oportunidade de agarrar o livro. Já tinha sussurrado para Emma que ficasse pronta com a fotografia.

Mas, acima de tudo, ela desejava que suas mãos parassem de tremer. Ela fechou os punhos e, quando isto não funcionou, enfiou-as nos bolsos para que Emma não visse. Não queria que a irmã notasse o quão apavorada e verdadeiramente desesperada estava.

O secretário balbuciou alguma coisa para o passarinho minúsculo sobre seu ombro e abraçou o livro com ainda mais força.

De repente, Kate sentiu a mão de Emma em seu bolso, afastando seus dedos, deslizando a mãozinha para junto da dela. Viu o rosto da irmã voltado para ela, os olhos escuros cheios de confiança e de amor.

Numa voz que só Kate conseguia ouvir, Emma disse:

— Vai ficar tudo bem.

Kate achou que seu coração ia explodir. Ela sempre soube que a irmã era forte, mas era três anos mais jovem e, naquele momento, quando tudo parecia tão sombrio, ter Emma lhe oferecendo força...

— Venham — disse a Condessa, avançando na direção da porta.

Ela os conduziu para um pátio de pedras nos fundos da casa. A noite estava quente; o ar, pesado e doce com o perfume das flores que desabrochavam. Dragões de vidro de todas as cores estavam pendurados, com velas acesas dançando em suas bocas abertas. Uma jarra de porcelana se encontrava sobre uma mesa no meio do pátio e, ao lado da jarra, uma garrafa de cristal cheia de um líquido escuro.

— Por favor — disse a Condessa, gesticulando em direção às cadeiras. — Adoro me sentar ao ar livre numa noite de verão. Talvez seja o meu sangue russo me lembrando que o inverno nunca está distante. Vocês gostariam de tomar um refresco? Juro que não está envenenado.

Sem esperar por uma resposta, o secretário começou a servi-los, derramando uma boa quantidade sobre a mesa.

Apesar do medo e da preocupação, Kate não conseguiu deixar de pensar em como tudo lhe parecia familiar. A casa, os estábulos. Era o lugar onde moravam. Ainda assim, estavam muito, muito longe de casa. Ela olhou o livro de relance, sob o braço do secretário. Tinham que dar um jeito de recuperá-lo.

De repente, a noite foi rompida por um grito. Kate sentiu a mão de Emma apertar a sua com ainda mais força. O grito estava distante, vinha de algum lugar no fundo do bosque. Mas não havia como se enganar sobre sua origem.

A Condessa se servia de um copo daquilo que estava dentro do frasco. Tinha cor profunda de rubi e era estranhamente denso.

— De vez em quando, as mulheres da aldeia tentam alcançar a casa. Sem dúvida querendo ver seus pirralhos. Seria de se imaginar que a essa altura elas teriam aprendido. Não têm a menor chance de passar pelos meus guardas. — A Condessa girou o líquido em seu copo. — São criaturas espantosas, os *morum cadi*. Nunca se cansam. Não conhecem a dor, nem o medo, nem a compaixão. São possuídos apenas pelo ódio a todas as coisas vivas — disse ela, erguendo a taça até os lábios e bebendo tudo.

— Qual foi o nome que você disse? — perguntou Kate, amaldiçoando o tremor que ouviu em sua própria voz.

— *Morum cadi*, os guerreiros sem morte — disse a Condessa. — Embora eu ache que Gritão seja um nome adequado. Foram homens, há centenas de anos. Mas trocaram as almas pelo poder e pela vida eterna. O que eles obtiveram, de certa forma.

— Não são tão ruins — disse Emma. — Só fedorentos.

A Condessa deu um sorriso indulgente.

— E você bem que é uma mentirosa corajosa, não é? — Ela se serviu com outra taça. — Dizem que o grito do *morum cadi* é o som de uma alma sendo lacerada sem parar, por toda a eternidade. Um já é horrível, mas mil deles juntos no campo de batalha? Vi exércitos inteiros darem meia-volta e saírem correndo. — Ela levou o líquido vermelho aos lábios. — É uma visão e tanto.

Kate imaginou a mãe de alguém correndo pela floresta, com as pernas cada vez mais pesadas, os gritos se aproximando.

— Ai — disse Emma.

Kate estava esmagando a mão da irmã. Ela afrouxou o aperto e sussurrou:

— Desculpa.

— Tanta devoção — arrulhou a Condessa. — Mas eu vejo a verdade.

Ela se esticou na mesa e colocou um dedo na base da garganta de Kate.

— Abandonada por aqueles que mais amava. A ferida paira sob você como uma sombra. Mas eu podia fazê-la ir embora. Seria tão fácil...

Ela retirou a mão. Um filamento fino e cinzento estava pendurado na ponta do seu dedo. Parecia repuxado do meio do peito de Kate. Quando ele se rompeu, Kate arfou.

— O que você...

— O que eu fiz? Minha doce e pequena Kat, eu te libertei! Ah, o peso que você precisava suportar! Não percebe como ele te esgotava, pouco a pouco, todos os dias da sua vida? Mas agora ele foi embora, toda a dor e o sofrimento, todo o medo. Eu tirei de você. Imagine viver sempre deste jeito.

Ela estava certa, pensou Kate. Era como se ela pudesse respirar pela primeira vez em anos.

— É só dizer e você nunca mais vai sentir aquilo de novo.

O filamento flutuou no ar, ainda pendurado à ponta do dedo. Kate lembrou-se da mãe abaixada, dizendo-lhe para cuidar do irmão e da irmã, e embora a memória estivesse ali, a sensação do amor da mãe, daquele último beijo, havia desaparecido.

— Me devolve.

— Tem certeza, *mon ange*? Tem muita dor aqui.

— Me devolve. — Se guardar aquele momento significava sentir dor pelo resto da vida, Kate aceitava.

A Condessa deu de ombros e tocou o peito de Kate, que logo sentiu o peso se acomodar sobre ela como uma mortalha.

— Bem, vamos dar uma olhada no que vocês me trouxeram?

O secretário estava vagando a alguns metros de distância, com os dois braços envolvendo o livro gananciosamente. Nesse momento, ele veio correndo e o colocou nas mãos estendidas da Condessa. Ela soltou uma pequena exclamação quando os dedos tocaram na capa esmeralda.

Estava claro que ela tentava se controlar, mas os dedos tremiam quando ela o abriu e virou as páginas. Depois de um minuto, com um esforço evidente, ela finalmente soltou o livro.

Kate a ouviu murmurar.

— Finalmente.

A Condessa olhou para as crianças, os olhos reluzindo mais do que nunca.

— *Alors, mes enfants*, gostariam de saber o que encontraram?

A Condessa começou a dizer que, para compreender de onde o livro tinha vindo, as crianças primeiro precisavam imaginar uma era distante no passado, quando a magia e os homens conviviam em um só mundo, antes que o mundo da magia começasse a se afastar e a humanidade fosse obrigada a esquecer...

— É — interrompeu Emma com grosseria. — A gente já sabe de tudo isso.

— Bem — prosseguiu a Condessa com a voz ainda doce e suave. — O centro do mundo mágico, o local onde havia mais conhecimentos e poder, era Alexandria. Ou Rhakotis, como era chamada antes, onde o grande deserto se encontrava com o mar. A cidade era governada por um conselho de magos cuja linhagem remontava ao obscuro princípio do mundo. Seu conhecimento era ancestral, primordial. Transmitido de professor para aluno por milhares de anos. Mas, apesar de serem tão poderosos, eles viam que seu tempo se encerrava, que a era dos humanos se aproximava e temiam o dia em que seriam esquecidos.

“Vocês veem — continuou a Condessa, sorrindo para Kate e Emma — que, embora fossem bruxos, eles também eram homens. E como os homens de todos os tempos, não conseguiam imaginar um mundo onde eles deixassem de ter importância. Então, o que fizeram aqueles homens sábios e tolos? Escreveram seus segredos, tudo aquilo dito no nascimento do universo, as palavras pronunciadas éons atrás nas trevas e no silêncio para criar cada coisa, para que eles, graças à sua sabedoria, perdurassem.”

A Condessa riu, mas esta não foi a risada animada e alegre de antes. O som era duro, desdenhoso.

— Os ancestrais deles haviam compreendido. Certas coisas são poderosas demais para serem controladas por uma só pessoa. Por essa razão, o conhecimento sempre fora dividido entre o conselho, sem que ninguém soubesse exatamente o que os outros sabiam. Dessa forma, era seguro. Quando se propôs que os segredos fossem reunidos, houve vozes que se opuseram. Que disseram que tamanho poder, reunido em um único lugar, seria perigoso demais, que talvez fosse melhor que ele se perdesse. Mas outras vozes prevaleceram, e assim a grande magia foi registrada em simples papel.

“Eles não eram completos ignorantes, certamente. Criaram proteções. Vocês viram que as folhas estão vazias. Levaria uma vida de estudos de magia para ler e compreender uma única página. Além disso, estabeleceram uma ordem de guardiões cuja única missão era proteger os livros.”

— Você quer dizer que tem mais de um? — perguntou Kate.

— Isso. Os magos criaram três grandes livros, que eles chamaram de Livros do Princípio. E os enterraram em uma casa-forte muito abaixo da cidade.

— E aí, o que aconteceu? — Emma perguntou com petulância, como se ela não se importasse, embora Kate percebesse que ela prestava atenção em cada palavra.

A Condessa deu de ombros.

— O que acontece com todas as grandes civilizações. Convencidos de que pertenciam à mais iluminada das sociedades sobre a terra, eles se tornaram indulgentes e frouxos. Os magos brigaram entre si e o conselho se desfez. Eles estavam certos: a era da magia estava chegando ao fim. Finalmente, a cidade foi tomada por Alexandre, o primeiro grande comandante humano. Ele a queimou completamente. E quando as cinzas foram reviradas, os livros haviam desaparecido.

“Daí para frente, só há suposições. Alguns acreditam que Alexandre levou os livros com ele, que permaneceram em sua posse até sua morte, quando foram roubados pelo seu mago mais importante. Outros acreditam que a ordem de guardiães criada pelos bruxos deu sumiço nos livros antes do cerco, deixando-os escondidos nos mais remotos cantos da terra. Outros pensam que, na confusão depois da queda da cidade, os livros foram roubados por quem não tinha a menor ideia da sua importância e foram passados de mão em mão através dos tempos. Se alguém por acaso imaginou sua natureza, esse alguém utilizou o poder do livro da forma mais grosseira e simples, como vocês três fizeram quando voltaram no tempo. Naturalmente, sempre houve boatos de que este ou aquele livro tinha aparecido, mas nunca foram provados. Pelo que eu sei, ninguém pode alegar honestamente ter visto um dos Livros do Princípio desde que Alexandre marchou Rhakotis adentro, há mais de 2 mil anos. Quer dizer, pelo menos até agora.”

Ela pousou levemente a mão sobre a capa do livro.

Por alguns momentos, ninguém falou. Kate queria muito dizer “E daí?”. Para ela, não tinha a menor importância que o livro tivesse sido escrito por um bando de bruxos muito tempo atrás. Ela só precisava dele para levar os irmãos de volta para casa.

Então Michael falou.

— Agora você vai fazer aquilo?

Kate olhou para o irmão. Ele parecia ter ficado mais pálido enquanto estavam sentados ali e suava visivelmente. Os óculos não paravam de escorregar em seu nariz.

— Você está com ele agora, não é? Então você vai fazer o que prometeu? — Sua voz implorava.

— Do que ele está falando? — Emma quis saber.

— Muito simples, minha querida — disse a Condessa. — Eu queria que você e a sua irmã voltassem com o livro. Por isso, fiz uma oferta ao seu irmão. Em troca, ele concordou em atrair vocês aqui e entregá-las a mim.

Emma bufou.

— Você acha que a gente vai acreditar nessa história? Você botou algum feitiço nele, isso sim.

— Lamento, mas não fiz nada disso. Seu irmão me ajudou por vontade própria.

A Condessa falou como se estivesse declarando nada mais que um simples fato. Kate sentiu uma punhalada gelada no coração.

Emma pareceu sentir a mesma coisa, pois voltou a insistir, com mais força do que nunca.

— Não, não é verdade! O Michael nunca faria uma coisa dessas! Não com a gente! Não é, Michael?

Ela olhou para ele, implorando. Mas Michael ficou apenas encarando a mesa.

— Diga para elas, Michael — disse a Condessa, com a voz baixa, mas firme. — Conte para as suas irmãs.

Kate prendeu a respiração. Não, pensou ela. Por favor. Deixe que ele esteja sob um feitiço.

Michael falou bem baixinho.

— É verdade.

— Não! — Emma agarrou-o pelo ombro e começou a sacudi-lo com brutalidade. — Não, você foi enfeitado! Eu sei! Só pode estar! Você não faria isso com a gente.

— Não seja dura demais com ele, minha querida — disse a Condessa. — Eu olhei no coração dele e vi o que ele mais desejava no mundo. Ele não pôde resistir.

Emma estava chorando. Grandes lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Cala a boca! Você tá mentindo! Não tem nada que você pudesse dar que fizesse com que ele traísse a gente! Ele é nosso irmão! Você não sabe de nada! Você é só uma bruxa má, só isso! Sua...

— Emma... — disse Kate.

— Não! — gritou Emma. — Ele nunca... ele... — Ela interrompeu a frase, enterrando a cabeça no ombro de Kate, soluçando. — Ele é nosso irmão. Ele nunca... ele nunca...

— Pobrezinha — arrulhou a Condessa. — Na verdade, ela é bastante frágil, não é mesmo?

Kate lançou-lhe um olhar de ódio. O medo tinha desaparecido. Todo o seu corpo foi subitamente consumido por uma raiva ardente. Ela queria pular sobre a mesa e gritar com a Condessa, dizer-lhe como ano após ano, orfanato após orfanato, sem ter nada, nem mesmo uma cama para chamar de sua, Emma nunca havia desistido. Ela sempre lutou. Porque sabia que aonde quer que fossem, o irmão e a irmã estariam lá. Eram sua família, a única coisa certa na vida. E agora a Condessa havia tirado aquilo dela.

Kate sentiu um gosto salgado e percebeu que também estava chorando. Secou as lágrimas e olhou para a bela criatura com olhos cor de violeta do outro lado da mesa e fez uma promessa silenciosa de que, se tivesse uma chance, a mataria pelo que ela fez.

— Conte a elas o que eu ofereci para você — disse a Condessa. Michael estava chorando e sua voz vacilou quando ele falou.

— Ela disse que... encontraria eles.

— Do que você tá falando? — Emma o fustigou, ainda chorando, mas furiosa. — Hein?! — Ela começou a bater nele.

Michael não brigou nem se defendeu. — De encontrar algum anão estúpido?! Eu odeio você!

Mas Kate, subitamente, entendeu.

— Ela prometeu que encontraria a mamãe e o papai.

Emma parou com uma das mãos ainda cerradas. Estava atordoada, com os olhos arregalados.

— Por que — implorou Kate —, por que você...

— Porque... — Michael ergueu o olhar, o rosto coberto de lágrimas, o nariz escorrendo à vontade. — E se eles não voltarem?

E ali estava. Aquilo que nenhum deles jamais havia dito. Até o ar parecia perceber e se paralisar. Então Kate se imaginou berrando com Michael, dizendo-lhe que estava errado: a mãe tinha feito a promessa para ela, e não para ele. Ela sabia. Viu Emma encarando-a com olhos arregalados, implorando-lhe para dizer alguma coisa. Mas Michael — que por um momento parecera tão chocado quanto as irmãs — já matraqueava.

— Você disse que eles vão voltar, mas e se não voltarem? Já se passaram dez anos! Ela pode encontrar nossos pais! Ela prometeu que encontraria! — Ele se voltou para a Condessa, as lágrimas descendo pelo rosto. — Faz isso. Você já tem o livro. Você disse que faria quando tivesse o livro. Encontra nossa mãe e nosso pai. Por favor. Faz isso.

A Condessa esticou a mão e acariciou o cabelo de Michael.

— Meu menino querido, eu bem que gostaria. Mas sabe, eu não tenho o livro.

Ela acenou com a cabeça na direção onde o livro se encontrava, sobre a mesa.

— O que tá acontecendo com o livro? — Kate perguntou.

As beiradas estavam ficando tremidas, indistintas. Era como se o livro estivesse ligeiramente fora de foco.

— Uma coisa engraçada sobre o universo, minha querida Kat: ele respeita a individualidade. Só uma pessoa ou um objeto pode

existir de fato num dado momento. Múltiplas versões são proibidas. No dia em que você deixou Michael na represa e voltou para o seu tempo, deve ter havido um ou dois segundos em que vocês se viram. Lembra como foi?

Kate se lembrava. Lá no aposento subterrâneo, vendo a si mesma, Emma e Michael, ela havia sentido uma imensa força pressionando-a. Então, no momento em que as suas outras versões desapareceram, o peso aliviou.

— A magia pode driblar essas regras — disse a Condessa. — Especialmente uma magia tão poderosa quanto a que está contida no livro. Por um breve período, duas cópias podem existir ao mesmo tempo. Mas mais cedo ou mais tarde, o universo se corrige. Desde que vocês chegaram aqui, a outra cópia deste livro, aquela que já existe neste tempo, tem exercido seu domínio.

O livro ficava cada vez mais desbotado. Kate sentiu o pânico crescer dentro dela.

— Faz alguma coisa!

— Bem que eu queria. Infelizmente, nem eu posso mudar as leis da natureza. Mas eu estou grata. Estava a ponto de desistir. Dois anos neste buraco, sem parecer estar perto de chegar ao meu objetivo. Mas o fato de vocês terem encontrado o livro nesta casa me diz que estou perto. Olhem bem agora.

Então, diante de seus olhos, o livro dissipou-se e desapareceu.

Ouviu-se um trovão no céu e um vento frio soprou no pátio. Uma tempestade se aproximava.

— Mas — Kate não conseguiu se conter — como a gente vai voltar para casa?

— Minha querida — disse a Condessa com os olhos reluzindo sob a luz das velas —, vocês estão em casa.

## CAPÍTULO OITO

### Lobos



Dois Gritões apareceram e arrancaram Kate, Emma e Michael das cadeiras assim que uma chuvarada avançou em direção à casa. Kate ouviu os protestos de Michael, que implorava à Condessa. Foram arrastados pelos corredores iluminados por velas, enquanto o secretário se esforçava para acompanhar o ritmo. Emma cravou as unhas na mão que agarrava seu braço, berrando para que a criatura a soltasse. O Gritão reagiu jogando-a sobre o ombro, mas Emma simplesmente continuou a bater, mesmo futilmente, nas suas costas. Kate sabia que só podiam estar se dirigindo para um lugar.

Pararam diante de portas duplas e o secretário sacou um chaveiro.

— Espera... — começou Kate, mas as portas se abriram e eles foram jogados lá dentro. A fechadura se trancou por trás deles e Kate ouviu a risadinha aguda do secretário desaparecendo pelo corredor.

O quarto estava silencioso e completamente às escuras. Lá fora, a chuva martelava no telhado.

De repente, houve empurrões, uma briga, alguém gemendo de dor. Emma havia encontrado Michael e se jogara sobre ele.

— Emma, para com isso! — Com dificuldade, Kate puxou a irmã, ganhando uma cotovelada no rosto em meio aos esforços.

— Odeio você! — berrou Emma. — Queria que você estivesse morto! Você não é meu irmão!

— Não! — Kate pôs o rosto bem diante do rosto da irmã. A bochecha de Emma estava úmida com as lágrimas. — Nunca diga uma coisa dessas! Tá me ouvindo? Nunca diga isso!

Emma desabou, e Kate a abraçou enquanto ela soluçava. Michael fungava no chão. Kate sabia que devia procurá-lo e reconfortá-lo, dizer que compreendia por que havia feito aquilo, mas ela não conseguia, pelo menos não ainda.

Houve uma pancada a um metro de distância. Emma parou de chorar. Ninguém se mexeu. Fitaram o escuro, prestando atenção.

— Onde a gente está? — sussurrou Emma.

Em resposta, o céu noturno se iluminou e, por um instante fugaz, uma luz branca faiscou no céu. Kate conteve um grito. Cinquenta crianças estavam ali, olhando para eles. Kate viu fileiras de camas, as sombras das janelas gradeadas se estendendo pelo chão. Em seguida, o trovão sacudiu a casa e mais uma vez tudo escureceu.

Uma voz disse:

— Quem está com a luz?

Um rascar, o brilho de um fósforo e logo em seguida uma lamparina reluziu nos fundos do aposento.

— Tragam para cá — disse a voz, e o pequeno globo luminoso passou de mão em mão, iluminando um rosto pálido após o outro, até parar em quem falava.

— Você — disse Emma.

Stephen McClattery aproximou-se deles, trazendo a lamparina para perto de seus rostos. Ele os examinou por um longo momento e depois disse:

— Peguem os três.

Uma massa fluida de crianças os cercou.

— Esperem! — gritou Kate, enquanto prendiam seus braços. — O que vocês estão fazendo?

— Ele está com a Condessa. — Stephen apontou para Michael. — A gente viu.

— E daí? — disse Emma, chutando as crianças que tentavam segurá-las. — A gente não está.

— Ele é seu irmão, não é? Vocês provavelmente estão juntos nisso.

Kate viu que a maioria das crianças era jovem, não tinha mais de 6 ou 7 anos, com rostos quase selvagens de medo e empolgação.

— Ele é um traidor — disse Stephen. — Ele está ajudando a Condessa.

— Não! — Kate disse. — Ele cometeu um erro! Só isso!

— É um traidor mesmo assim. Silêncio agora. A gente precisa conversar.

Ele deu as costas para Kate e começou a cochichar com quatro ou cinco meninos e meninas, todos mais ou menos da sua idade. Kate havia passado por orfanatos suficientes para já ter visto crianças daquele jeito. Sozinhas, elas formavam suas próprias leis. Suas próprias sociedades. O segredo, ela sabia, era não demonstrar medo. Demonstre medo e elas acabam com você.

Stephen McClattery virou-se novamente.

— A gente resolveu. Vamos enforcar ele.

— O quê?!

Stephen assentiu com seriedade.

— É o que se faz com os traidores. Eu li num livro.

Aparentemente, era uma solução bastante boa para as outras crianças. Começaram a gritar.

— Vamos enforcar! Vamos enforcar!

— Alguém arranja uma corda! — disse Stephen McClattery.

— Não tem corda aqui — exclamou uma voz.

— Vocês podiam rasgar uns lençóis — disse Emma. — E depois, amarrar tudo junto!

— Emma!

Emma olhou para Kate e deu de ombros, sem demonstrar preocupação.

— Obrigado — disse Stephen McClattery. — Vocês três, rasguem os lençóis.

Três meninos arrancaram os lençóis de um par de camas e começaram a tentar rasgá-los em faixas.

— Vocês não podem enforçar ele! — Kate ainda estava contida por meia dúzia de mãos e, para falar com Stephen, precisou berrar para o outro lado do quarto. Estava tentando não entrar em pânico. Sabia que aquilo só ia irritá-los ainda mais. As crianças tinham se transformado em uma turba. — Ele cometeu um erro! Todo mundo comete erros!

— E isso aqui? — Uma garota avançou correndo com uma corda de veludo que arrancara de uma das cortinas.

— É, vai servir — disse Stephen, e com surpreendente agilidade, ele a usou para fazer um laço. — Tragam ele aqui! E vocês três, parem de mexer nos lençóis.

Michael foi levado para a frente, para que ele e Stephen ficassem no meio da multidão de crianças.

— Ei, espera... — Emma começava a parecer nervosa.

— Você foi considerado culpado, com toda justiça, de ser um traidor — disse Stephen. — Quer dizer as suas últimas palavras?

Michael estava chorando. Ele balbuciou alguma coisa baixinho.

— O que é?

Michael ergueu a cabeça e olhou para Kate e Emma.

— Eu disse... desculpa.

As lágrimas de Michael reluziram sob a luz da lamparina e pareceu a Kate que ele mal percebia a presença das outras crianças

ou o que estava prestes a acontecer. Ou se percebia, não ligava. Tudo o que importava para ele era que as irmãs entendessem.

— Tudo bem — disse Stephen McClattery —, mas regras são regras. — Quando se tratava de execuções, o menino falava sério. — Você é um traidor e a gente tem que te enforcar. — Ele passou o laço sobre a cabeça de Michael e o grito voltou a soar pela segunda vez.

— Vamos enforcar! Vamos enforcar! — O bando começou a arrastar Michael. Kate percebeu então que teria de brigar. Teria de lutar com Stephen McClattery e derrotá-lo. Se fizesse aquilo, as outras crianças se comportariam. Estava a ponto de se jogar sobre ele quando ouviu uma voz, uma voz que ela reconhecia.

— Pelo amor de Deus... Ninguém vai ser enforcado.

Stephen virou a lamparina e Abraham mancou para a luz. Atrás dele, Kate viu uma espécie de porta na parede, onde não havia nada antes.

— Se afastem, seus bandidinhos — disse ele, abrindo caminho em meio às crianças, até conseguir retirar o laço da cabeça de Michael.

As crianças que seguravam Kate e Emma simplesmente desapareceram.

— Enforcar ele. É isso que vocês vão fazer agora, é? — Ele bateu de leve na parte de trás da cabeça de Stephen. — Onde está o seu juízo, garoto?

— Ele é um traidor — disse Stephen. — Eles todos devem ser traidores.

— Essas duas não são. Eu garanto. — Ele gesticulou na direção de Kate e Emma. — Eu vi as duas sendo agarradas pelos Gritões.

— Mas ele é. A gente não pode simplesmente deixar ele ir.

Abraham pegou a lamparina e segurou-a próxima do rosto de Michael, manchado pelas lágrimas.

— Ele é mesmo. Mas me escutem, todos vocês. — Apesar de abafado pela chuva, Abraham mantinha o tom de voz baixo. — São tempos ruins. Todo mundo fez coisas que gostaria que fossem perdoadas. Mas, se começarmos a discutir uns com os outros, ela ganhou. O que importa é que a gente permaneça unido. No final das contas, é tudo o que temos. Uns ao outros. Lembrem-se disso.

Ninguém falou por alguns momentos. Kate viu Emma se abaixar e pegar alguma coisa no chão. Os óculos de Michael. Tinham sido derrubados durante a briga. Emma os virou na mão e então os estendeu silenciosamente.

— Obrigado — disse Michael, engasgando um pouquinho.

As outras crianças pareciam ter se esquecido de Kate e seus irmãos. Estavam amontoadas em volta de Abraham.

— O que você trouxe pra gente?

— O que você trouxe, Abraham?

Kate ficou impressionada com a rapidez com que a histeria havia deixado os meninos. Ela já tinha visto aquilo antes com outros grupos de crianças, mas nunca de forma tão repentina.

— Se acalmem, todos vocês — disse Abraham. — Antes eu quero ver a Annie.

Um murmúrio atravessou a multidão e a menina de tranças que tinha sido sacudida na beirada da represa veio para a frente. Abraham ajoelhou-se. Ele tirou uma boneca feita à mão de dentro do casaco.

— Eu mesmo fiz. Ficaria feliz se você aceitasse.

A menina aceitou a boneca e a abraçou, sem dizer uma palavra.

Abraham apresentou uma pilha de cartas.

— Agora vamos fazer silêncio enquanto eu distribuo. Stephen e os outros vão ajudar os menores a ler.

Um silêncio reverente tomou conta do quarto. Uma a uma, enquanto Abraham sussurrava os nomes nas cartas, as crianças se apresentavam, recebiam os envelopes e os levavam de volta para suas camas.

Quando ele acabou, Abraham se aproximou de onde Kate se encontrava com Michael e Emma.

— A bruxa não sabe das passagens secretas que dão acesso à casa, por isso eu tento entrar aqui pelo menos uma vez por semana. Para trazer comida. Cartas dos pais. Desculpa pelo que aconteceu, vocês duas terem sido agarradas e tudo o mais. Só me mandaram tirar uma foto do menino com aquele cartaz de “Me ajudem”. Não sabia que era uma espécie de armadilha. De qualquer maneira, eu vi aqueles monstros agarrando vocês e imaginei que acabariam aqui. Parece que eu cheguei bem na hora.

— Obrigada — disse Kate. — Não sei o que teria acontecido.

Ele sacudiu a mão com desdém.

— São boas crianças. Estão com medo há tempo demais, só isso. Elas não iam enforcar seu irmão de verdade... provavelmente. Agora, é melhor que vocês três venham comigo. A Condessa tem alguma coisa em mente para vocês, e eu tremo só de pensar no que poderia ser.

— Mas se você consegue entrar e sair — disse Emma. — Por que eles todos não fogem?

Abraham soltou uma risada seca.

— Aí está a esperteza da bruxa. Mantém todo mundo separado, filhos, mães, pais. Tem os malditos monstros guardando todo mundo. Esses pequenos sabem que, se tentarem fugir, as mães e os pais acabam no barco. Torturados. Ou coisa pior.

Stephen veio para a frente e cochichou no ouvido de Abraham, que assentiu.

— Preciso ver uma delas que anda doente. Depois a gente vai.

Ele seguiu Stephen até uma cama a alguns metros de distância. Kate sentiu alguém puxar sua mão. Annie estava ali, agarrada à boneca nova. A menininha levantou os braços. Kate entendeu imediatamente. A maioria das crianças ali era mais nova do que Emma. A não ser por aquele dia, na represa, provavelmente não viam as mães havia anos. Aquilo a tornava a coisa mais próxima disso. Kate pegou a menina no colo, e Annie envolveu seu pescoço com os braços magros.

— Kate — disse Emma.

Ela se virou. Outras vinte criancinhas haviam se juntado à sua volta. Todas olhavam para Kate e Annie com olhos de muito anseio. Kate sentiu o coração apertar com a dor e desejou ser capaz de consolar todas elas.

Abraham aproximou-se com Stephen.

— Tudo bem. Hora de partir. Ninguém sabe quando ela vai mandar um daqueles demônios atrás de vocês.

Kate pôs Annie no chão.

— Você vai deixar a gente? — perguntou Annie.

Sem pensar, Kate falou.

— Eu vou voltar. Prometo.

— Ela não tá falando sério — disse Stephen McClattery.

— Tá falando sim! — Michael falou ardentemente e todo mundo o olhou com surpresa. — Quando minha irmã diz uma coisa, ela fala sério. Ela voltou pra me buscar, não foi? — Ele olhou para Kate e Emma. — Se ela diz que vai voltar, ela vai voltar.

— Isso mesmo — disse Emma. — E se algum de vocês tentar enforcar o meu irmão de novo, vão ter que me enforcar primeiro! — Ela sacudiu a cabeça ferozmente na direção de Michael, e Kate percebeu que ele estava perdoado.

— Rápido — disse Abraham, e entrou na passagem.

Kate seguiu Emma e Michael. Olhou para trás, para os rostos fantasmagóricos de Annie, Stephen e das outras crianças. Depois,

Abraham fechou a porta com um ruído seco e suave e tudo escureceu.

— Fiquem aí um minuto — cochichou Abraham. E eles o ouviram descendo pela passagem.

O ar estava parado e tinha cheiro de mofo. Os ombros dos meninos roçavam uns contra os outros naquele aperto. Kate sentiu Michael estremecer e, quando ele falou, sua voz estava rouca.

— Achei... que eu podia fazer alguma coisa sozinho. Você sempre tomou conta da gente, Kate. Só pensei que dessa vez eu podia...

— Tudo bem.

— E eu sei que a mamãe e o papai vão voltar. Eu não devia ter...

— Tudo bem. De verdade.

— É — disse Emma. — Só não seja tão burro de novo.

E ali, na escuridão, eles procuraram as mãos uns dos outros. Abraham voltou, trazendo o cheiro da chuva e da lama em suas roupas.

— Não tem ninguém. Mas a gente não pode acender nenhuma luz, por isso vamos devagar. A chuva ajuda, mas sejam o mais silenciosos que puderem. Nossas vidas dependem disso.

Ele partiu com Emma atrás dele, Michael a seguindo e Kate por último.

O corredor tinha menos de um metro de largura e Abraham cochichava avisando para que se abaixassem, pisassem em uma tábua ou escapassem de buracos. De vez em quando, feixes de luz penetravam pelas paredes. Mas na maior parte do tempo Kate só conseguia distinguir o contorno indistinto da cabeça de Michael. Abraham os guiava, para a esquerda, para a direita, subindo alguns degraus, descendo outros. Depois de dez minutos percorrendo corredores sinuosos como um labirinto, ele parou. Tinha ficado mais claro e eles conseguiam distinguir as feições uns dos outros.

Abraham pôs um dedo nos lábios, mandando que ficassem ainda mais quietos.

Ainda bem que ele fez isso, porque assim que dobraram um canto, a Condessa esperava por eles. Não estava exatamente no corredor. Na verdade, estava em uma das muitas salas de estar da mansão, com os olhos fixos numa janela oval que se encontrava na parede que separava sua sala da passagem. Emma não conseguiu conter uma pequena exclamação, e Abraham, na mesma hora, tapou sua boca. Mas era tarde demais. A bruxa já tinha percebido sua presença.

Tinha mesmo? Segundos se passaram e a Condessa simplesmente permaneceu ali, a centímetros do vidro, virando calmamente a cabeça para lá e para cá. Então Kate se lembrou: já estivera naquele aposento. Havia um espelho na parede. Exatamente onde a Condessa estava. Enquanto Kate olhava, a Condessa tocava no cabelo com uma das mãos, sem dar qualquer sinal de tê-los visto. Depois, ela se virou e se afastou.

Abraham fez sinal para que as crianças viessem e elas estavam a ponto de seguir quando alguém na sala da Condessa começou a falar.

— E o que a senhora vai fazer agora, se é que este pobre servo pode perguntar?

O secretário de dentes cinzentos estava abaixado no carrinho de bebidas, despejando vodca gelada num copo, com o pássaro amarelo empoleirado em seu ombro.

Do outro lado da sala, a Condessa se recostou numa confortável cadeira, pousando os pezinhos sobre uma banquetela.

— Vou fazer um relatório completo. Devia ter feito isso na primeira vez que as crianças apareceram.

— Sim, sim, naturalmente, sem dúvida é uma sábia decisão.

Abaixando-se com dificuldade, o homem lhe entregou o copo.

O espelho se encontrava na parede diante da qual a Condessa estava sentada. Isso queria dizer que as crianças, amontoadas no corredor, tinham uma visão clara de tudo o que se passava. Era emocionante estar tão perto, e mais ainda porque Kate não conseguia acreditar que estavam invisíveis. Cada vez que o olhar da Condessa vagava pela parede, Kate precisava lutar para não sair correndo. Estava grata pelo tamborilar da chuva, convencida de que, sem ele, a Condessa e seu secretário com toda a certeza ouviriam seu coração dando marteladas no peito.

— O que é, seu ratinho chorão? — retrucou a Condessa. — Sei que você está pensando em alguma coisa.

Torcendo os dedos, Cavendish se curvou rapidamente três ou quatro vezes, fazendo uma medida.

— É só que... não, impossível, não estou em posição de sugerir, não...

— Sua posição é fazer o que eu mando você fazer, seu inseto. E então, o que está transpirando nesse seu cérebro pútrido?

Sozinha com seu secretário, a Condessa aparentemente não sentia necessidade de ser simpática ou de representar o papel de adolescente graciosa e deslumbrada. A aparência era a mesma, sem dúvida, mas seus modos, sua voz, tudo nela sugeria poder, malícia e um apetite de chacal, insaciável.

Cavendish encolheu a cabeça como se fosse uma tartaruga. Falou em pequenos suspiros molhados.

— Sim, minha senhora, perdoe minha imbecilidade. Estava só me perguntando o que exatamente a Condessa desejaria relatar? Que ela teve um dos Livros do Princípio em mãos e que o perdeu?

— Controlar isso ia além dos meus poderes. Você sabe disso.

— Inegável, sim, inegável, a Condessa é inocente. E felizmente — ele fez um zigue-zague com dois dedos e deu um sorriso endiabrado e falso —, felizmente nosso mestre é conhecido por sua natureza compreensiva.

Mestre? Kate ficou estupefata. Havia mais alguém? Alguém ainda pior do que a Condessa? Como uma coisa dessas seria possível? Ela olhou para o lado e viu Emma sacudindo a cabeça e articulando a palavra "ótimo".

— Você acha que eu não devia contar para ele — disse a Condessa lentamente.

Cavendish deu um passo ansioso para a frente.

— O livro perdido deve estar próximo, minha senhora. A senhora mesma disse isso antes... de uma forma muito bela, devo acrescentar. E uma pessoa, até uma pessoa tola como eu, não pode deixar de imaginar como seria melhor dizer: "Tenho o que você procura, mestre." Em vez de: "Estive com ele, mas perdi. Ops!"

Bebericando a vodca, a Condessa descansou a cabeça contra o encosto de couro da cadeira.

— Nisso você tem razão, verme. Muito bem. Vou esperar.

O homem curvou-se ainda mais, como se ser chamado de "verme" fosse o maior dos elogios. Mas continuou a examiná-la com seus olhinhos.

— Como pode ser — começou ela, em voz baixa — que, depois de todos esses milhares de anos, três crianças ordinárias simplesmente esbarrem num dos Livros do Princípio?

— Sorte, talvez? Simples acaso?

A Condessa riu com desdém.

— Não existe acaso quando se trata de magia. Aquelas crianças têm alguma importância. De uma forma que não consigo compreender por completo.

No corredor, Abraham puxou a manga de Kate para indicar que tinham de sair. Mas Kate sacudiu a cabeça. Ela, Michael e Emma eram o assunto da conversa. Ela queria ouvir o que estava sendo dito.

A Condessa terminou a bebida e estendeu o copo para que Cavendish tornasse a enchê-lo.

— E você vasculhou todo o porão? No aposento de que o menino falou, o escritório subterrâneo onde eles encontraram o livro, nenhum vestígio?

— Nada, minha senhora. E nenhum traço de encantos que pudessem ocultar um espaço desses. Esse aposento, se a criança dizia a verdade, deve ter sido construído no futuro. A senhora ainda acredita que o velho está por trás disso?

— É claro — zombou a Condessa —, quem mais poderia estar? — Ela bateu com as unhas contra o copo, subitamente alegre. — Pense só, quando eu levar o livro para nosso mestre, vou ser elevada ao mais alto posto. Vamos governar lado a lado.

Cavendish deixou a garrafa bater com um estrondo no carrinho de bebidas.

A Condessa ergueu os olhos.

— Tenha cuidado, seu sapo!

— Sim, sim, Condessa. Um milhão de desculpas. — Ele remexeu nas garrafas, desorientado, batendo umas nas outras.

— Você é mesmo um idiota, sabia? Quando tiver algo para dizer, diga logo em vez de ficar fazendo besteira como uma mocinha bêbada.

O homem se virou. Estava puxando os dedos com tanta força que Kate achou que ele ia acabar arrancando-os das mãos.

— É só que... eu me preocupo com a senhora. Isso, eu me preocupo.

Ela riu.

— Se preocupa comigo? E por que você deveria se preocupar comigo, seu montinho de lixo ambulante?

Ele se arrastou para perto da cadeira dela, retorcendo os dedos, aparentemente incapaz de olhar seu rosto.

— A Condessa é tão bela e forte, e nosso mestre, terrível e assombroso como é, é conhecido por agir de forma... imprevisível.

O silêncio tomou conta do aposento. A Condessa olhava fixo para o homem que suava e se remexia.

— Você acha que ele vai me negar a recompensa?

— Não, não — disse ele, erguendo o olhar rapidamente. — Eu nunca diria isso. Nunca. Mas... — Ele pôs os dedos na boca e os mordeu ferozmente.

— O que você quer que eu faça? Fale.

— É só que... — Ele se aproximou mais um pouquinho. A voz era como o sibilar de uma cobra. — A Condessa já é tão poderosa que eu me pergunto, assim que ela tiver o livro, quem seria o mais poderoso? A Condessa ou...

A mão da Condessa disparou e agarrou o homem pelo cabelo ensebado. O pássaro voou de seu ombro, assustado.

— Você está sugerindo, sua criatura miserável, que, quando eu estiver de posse do livro, devo usar o poder dele em benefício próprio e trair o mestre a quem juramos lealdade?

— Minha senhora, não! Nunca! A senhora me interpretou mal...

— É mesmo? — Ela deu um puxão bem forte no cabelo.

— Por favor, senhora! Eu imploro! Eu nunca... nunca...

Ela sorriu, bela e mortífera.

— Se acalme, senhor Cavendish. Sei que só tinha a intenção de me proteger. E de qualquer forma, eu ainda não possuo o livro, não é? — disse ela, alisando o cabelo engordurado do homem.

No corredor úmido e escuro, Kate sentiu um calafrio ao ver o homem e a mulher se entreolharem e alguma coisa se comunicar entre eles.

Abraham voltou a dar um puxão na sua manga. Insistente. Ela assentiu. Cada instante passado ali era perigoso. Ela começava a se virar quando a Condessa disse:

— Reparou na menina mais velha? O livro deixou marcas nela.

Kate congelou.

— Fico pensando — murmurou a Condessa. — Será possível que... Não, não pode ser...

O secretário deu um sorriso horrível.

— Sei o que a senhora está pensando. Impossível, mas se fosse verdade... Talvez a Condessa queira examinar a criança mais uma vez? Antes de entrar, tomei a liberdade de despachar um dos *morum cadi* para trazê-la para cá. Deve chegar a qualquer momento.

Emma e Michael olharam para Kate com os olhos arregalados de pânico. Precisavam ir — imediatamente. Mas antes que qualquer um deles pudesse se mexer um grito atravessou as paredes da casa.

Eles correram, agora sem tentar fazer silêncio. Ouviram a voz aguda, elevada do secretário, a balbúrdia distante no quarto das crianças, os berros dos Gritões.

Muito rapidamente, chegaram ao que parecia ser um beco sem saída. Ouviam mais Gritões lá fora, circulando em volta da casa. Abraham ofegava ruidosamente.

— Eu vou primeiro. Vocês três esperam até me ouvirem desviar a atenção deles. Aí corram para as árvores. Sigam para o mais longe que puderem, o mais rápido que conseguirem. Encontrem algum esconderijo para a noite. De manhã, sigam para o sul, acompanhando o rio. Olhem para o céu. Dizem que a bruxa usa pássaros como espiões. Depois de um dia de caminhada, vocês vão chegar ao lago. Qualquer barco deve levar vocês para Westport. Lamento não poder ajudar mais.

— Você fez muito — disse Kate. — Obrigada.

— Diga uma coisa — pediu Abraham. — É verdade que vocês são do futuro?

— É.

— E vocês estão aqui para consertar as coisas?

— O quê? Não, a gente... a gente veio só pegar o Michael.

— Você prometeu para os meninos que voltaria.

— E eu vou voltar. Mas não sei como posso ajudá-los.

Por um momento, Abraham simplesmente olhou para ela.

— Talvez não — disse ele, finalmente. — Mas você ouviu a Condessa. Não existe acaso quando se trata de magia. As coisas acontecem por algum motivo. Até a vinda de vocês para cá. Chega, já falamos demais.

Kate e Emma o abraçaram. Michael ficou para trás, ainda muito envergonhado, mas Abraham pôs a mão no ombro do garoto.

— Você cometeu um erro, mas ainda é um bom sujeito e as suas irmãs aqui amam você.

Michael assentiu, engolindo com dificuldade. Abraham segurou uma maçaneta que saía da parede. Kate mal conseguia discernir a silhueta da porta.

— Lembrem-se, corram e não olhem para trás. — E então abriu a porta, deixando que uma rajada de vento e chuva entrasse, e desapareceu.

Mais uma vez a escuridão. Eles esperaram, ouvindo os gritos lá fora. Emma estava agitada.

— E aí, quem você acha que é o tal mestre?

— Tenho algumas teorias — disse Michael.

— Como por exemplo?

Michael parou, endireitando os óculos.

— Ainda não estou pronto para falar delas.

Emma bufou, irritada, mas era óbvio que ela não estava realmente irritada, que estava feliz porque as coisas estavam do jeito que costumavam ser, com Michael a deixando maluca.

— Aposto que o velho de quem a Condessa estava falando era o dr. Pym. Você não viu, Michael. Ele é mesmo um mago.

— Sério?! Ele fez alguma magia?

— Bem, eu e a Kate fomos atrás dele e vimos ele fazer o fogo aparecer do nada, não foi, Kate? E acho que ele tem um cachimbo mágico.

— Que tipo de cachimbo?

— Como é que eu vou saber? Do tipo mágico, seu bobão.

— Quer dizer, do tipo que você fuma ou do tipo que você usa para soprar?

— Ué, o tipo que se fuma. Será que ir pro passado faz todo mundo ficar burro?

Kate mantinha a orelha perto da porta para ouvir os sons que vinham de fora. Mas era difícil se concentrar. Sua mente insistia em voltar para o que a Condessa havia dito.

*Reparou na menina mais velha? O livro deixou marcas nela.*

Ela pensou no que tinha acontecido no quarto, quando ela e Emma examinaram as fotos, em como tinha colocado a mão sobre a página e visto o negrume se espalhar sobre o pergaminho até seus dedos. O que havia acontecido com ela?

— Kate... — Michael tocou seu braço. — Acho que o Abraham conseguiu mandar eles pro outro lado.

Havia gritos e comoção do outro lado da casa.

Kate segurou a maçaneta.

— Eu vou primeiro. Não parem de correr. Independente do que aconteça.

Depois que o Gritão enviado pelo secretário não conseguiu encontrar Kate e os irmãos, o pandemônio irrompeu no dormitório. Crianças corriam para todos os lados, gritando, pulando na cama umas das outras. Algumas das mais novas começaram a chorar. O caos tomou conta de tudo por vários minutos. Aí a porta se abriu e a Condessa entrou. Tudo ficou completamente silencioso.

Ela sacudiu a mão. No mesmo instante, velas se acenderam nas paredes. Ela sorriu e as crianças sentiram que estavam sendo puxadas para junto dela.

— Onde elas estão? — A voz era tranquilizante, doce.

Ninguém respondeu.

— Não vou machucar eles. Longe disso, só quero ajudá-los! Estão correndo um grande perigo. Por favor. Me digam para onde eles foram.

Havia algo de muito delicado na forma com que ela falava. As crianças diriam qualquer coisa para ela, falaria sobre Abraham, sobre as passagens secretas, sobre Kate, Michael e Emma. Ela era sua amiga.

— Para onde quem foi?

A Condessa olhou para o garoto que havia falado. O queixo de Stephen estava firme e os braços cruzados. Ela se abaixou, aproximando-se, deixando seu perfume chegar até ele.

— Os três que foram trazidos para cá. Duas meninas e um garoto. Ah, você está de conversinha! — Ela passou a mão no cabelo dele, brincalhona. — Eu sei que você sabe de quem eu estou falando.

— Eles não... eles não estão aqui.

— Sim, meu amor, até aí eu já entendi! Mas para onde eles foram?

Stephen fitou os lindos olhos. Os dedos se prenderam com força aos braços. Ele estava lutando contra a pressão. Ela era o inimigo. Como Abraham havia dito. Tinha que mostrar aos outros como era possível resistir.

Ele se obrigou a dar de ombros.

— Sei lá. Simplesmente sumiram.

Uma das crianças abafou uma gargalhada. A Condessa ergueu a cabeça com os olhos faiscando.

— Sumiram?

— Aham. Como magia ou coisa assim.

— É — disse outra criança. — E teve um barulho!

— E fumaça — disse uma terceira. — Com raios!

— É! A gente precisou saltar pra longe deles!

— Sei. — Ela tinha perdido a ligação com eles. De alguma forma, as crianças haviam encontrado sua força nesse menino.

O secretário entrou correndo, arfando, ensopado, o cabelo grudado no crânio.

— Você encontrou eles? — retrucou a Condessa.

Ele negou com a cabeça.

— Só aquele fotógrafo aleijado e idiota. O grosseirão estava bêbado de novo.

Então a Condessa disse:

— Soltem os lobos.

As crianças se encolheram de susto. Até o secretário pareceu surpreso.

— Minha senhora — ele deu uma risadinha, sem fôlego —, me perdoe, aquelas feras não são fáceis de controlar. Estão famintas. É coisa inteligente, claro. Eles se tornam caçadores mais ferozes. Mas o que vai impedi-los de arrancar todos os membros das crianças?

— Acho que é um risco que vamos ter que correr, não é? — Ela parou na porta e fez um gesto para Stephen. — Ah, e mande aquele ali para o barco.

— Eu odeio isso! — exclamou Emma ao cair de cara em mais uma poça. — Eu odeio essa chuva idiota!

Ao deixarem a casa, haviam corrido a curta distância até as árvores sem ver um único Gritão, mas desde esse momento avançavam com dificuldade. A tempestade tinha transformado o chão da floresta em um pântano e os pés deles não paravam de entrar em poças ou de escorregar em folhas lambidas pela chuva.

Michael havia caído uma vez e eles perderam minutos preciosos procurando seus óculos. Emma tinha ficado particularmente irritada depois de ter que enfiar a mão em um buraco nojento, imundo, cheio de minhocas, enquanto, no fim das contas, os óculos desaparecidos estavam pendurados na orelha de Michael.

Os três estavam encharcados, extremamente enlameados e cansados.

Enquanto ela e Michael ajudavam Emma a se levantar, Kate pensava na distância que teriam de percorrer naquela noite. Onde estariam seguros?

A situação parecia desesperadora.

Foi quando eles ouviram o uivo.

Não era um Gritão. Mas o som vinha da direção da casa. Segundos depois, havia um coro de gritos selvagens. Com a mesma rapidez, eles se calaram.

— Estão vindo — disse Kate.

As crianças correram como nunca haviam corrido na vida, ignorando o peso nas pernas, a dor no corpo. Logo Emma se afastou. Sumiu atrás de um emaranhado de arbustos. Ao se abaixar sob um galho, Kate ouviu a irmã gritar. Um segundo depois, ela e Michael haviam vencido os arbustos e Kate pôde ver por si mesma.

— Não!

Estavam na beira de um penhasco que contemplava o vale escuro, iluminado pelo brilho dos relâmpagos. O fundo se encontrava a dezenas de metros e não havia nada além de paredes rochosas em todas as direções. Kate xingou, lembrando-se do primeiro dia no orfanato e de como eles tinham ido até a cachoeira e saboreado a sensação vertiginosa e empolgante de observar o rio despencar do penhasco. Ela devia ter percebido para onde estavam indo.

Outra série de uivos da floresta. O que quer que estivesse fazendo aquele barulho estava se aproximando.

— O que a gente vai fazer?! — exclamou Emma.

— Ali! — A uns 20 metros de distância, um caminho estreito descia sinuosamente o penhasco. Kate não tinha ideia se ele chegava lá embaixo, mas era sua única esperança.

— Vamos!

O caminho era íngreme e escorregadio, nunca tinha mais do que um metro de largura e geralmente era bem menos do que isso. Fazia um zigue-zague para frente e para trás e as crianças se seguravam nas outras quando os sapatos escorregavam na lama e rajadas de vento tentavam jogá-las no vazio. Desceram 10 metros, 20, 35, com a chuva fustigando seus rostos.

Atrás dos outros, Kate não parava de olhar para o lado, esperando ver o fundo do vale. Se conseguissem chegar até lá embaixo, teriam uma chance. Podiam encontrar uma gruta para se esconder ou...

— Kate!

Emma havia parado e apontava para o alto do penhasco. Kate olhou para cima no momento em que um raio atravessou o céu, iluminando os contornos de um enorme lobo parado lá no topo. A criatura soltou um uivo que ecoou por todo o vale.

— Corram! — ela gritou.

Deixaram de lado qualquer cautela que ainda pudessem ter. Correram pelo caminho com os pés encontrando milagrosamente os fragmentos de terra firme em meio à lama. Mais 10 metros. Vinte. Kate deu uma olhada para cima. Meia dúzia de criaturas avançava pelo caminho a uma velocidade estonteante, precipitadamente, imprudentes. Enquanto Kate olhava, a matilha bateu em uma curva, houve um ganido e um corpo escuro se deslocou da massa.

— Pra trás!

Ela agarrou Emma e as duas, junto com Michael, se achataram contra a pedra enquanto a criatura que rosnava e se debatia despencou, a centímetros de distância.

— Tudo bem — ela ofegou, o coração na garganta. — Estamos bem.

— Não — disse Michael.

— Estamos sim, a gente só precisa se apressar.

— Não! Olha!

Kate olhou por trás de Emma para ver o que ele apontava e suas pernas quase cederam. O caminho prosseguia por alguns metros e depois desaparecia no espaço. Literalmente acabava. Ela sentiu vontade de desistir. De se sentar e deixar que tudo acabasse. Mas outra voz, mais forte, falou dentro dela e disse que as coisas não iam acabar daquele jeito. Ela não ia permitir. Forçando a vista para enxergar em meio à chuva e à escuridão, ela viu que o caminho de fato prosseguia, mas uns 4 metros depois. Ela rapidamente examinou as opções. O fundo do vale finalmente estava visível, mas ainda uns 30 metros abaixo. Não havia como recuar. Os lobos avançavam pelo caminho e se aproximavam a cada segundo. Não havia outra escolha.

— A gente precisa pular!

— Você ficou maluca? — berrou Michael.

— É a única maneira!

Bem naquele momento, um lobo soltou um longo e arrepiante uivo.

— Tá bom — disse Michael, e se virou, deu três passos e saltou na escuridão.

Kate e Emma prenderam a respiração enquanto ele pairava no ar. Por sorte, a outra parte do caminho era mais baixa e ele aterrissou com quase um metro de sobra, caindo sobre as mãos e os joelhos.

Então a beirada do caminho desmoronou.

Kate começou a gritar, mas Michael já se arrastava para a segurança. Sem desperdiçar outro momento, ela se virou para Emma.

— Você vai ter que pular mais longe. Você consegue.

— Eu sei. — Os olhos de Emma tinham um brilho feroz, determinado. Ela se agachou e disparou, soltando pedaços de lama ao se lançar no ar. Michael permaneceu na beira do caminho, pronto para segurá-la se ela não conseguisse chegar.

Emma aterrissou sobre ele.

Kate ouviu a pancada e o “Au!” de Michael quando os dois se embolaram. Ela não tinha como não se impressionar. Infelizmente, o impacto havia feito com que mais uns 70 centímetros do caminho desmoronassem.

No alto do seu campo de visão, Kate sentiu um movimento e, sem olhar, jogou-se no chão. Um corpo passou sobre ela, as mandíbulas se fechando no ar, no lugar onde ela estivera. Houve ganidos frenéticos quando o lobo caiu da beirada, sem conseguir parar. Kate levantou-se a tempo de vê-lo desaparecer na escuridão lá embaixo. Olhando para cima, viu que o resto da matilha não estava distante. Não havia tempo para esperar.

Ela correu até a beirada e saltou. Mas, ao pular, seu pé escorregou na lama e, no instante em que se projetou, percebeu que não conseguiria chegar ao outro lado. Esticou os braços, mas via Emma e Michael passando na frente dela, berrando seu nome e estendendo as mãos. Era simplesmente longe demais. Então, milagrosamente, uma forte rajada de vento bateu na face do penhasco e a empurrou para a frente. Seu peito bateu no caminho. Ela perdeu o fôlego. Enfiou as mãos na lama, tentando se segurar, mas começou a escorregar para trás, caindo.

E então dois pares de mãos começaram a puxá-la para a segurança.

Um momento depois, as três crianças estavam de joelhos na lama, abraçadas, tremendo de alívio. Mesmo com a chuva e o vento, Kate teria ficado ali a noite inteira sem problemas. Mas sabia que não estavam seguros. O salto que quase a matou não seria nada de mais para um lobo. Ela se afastou e olhou de volta para o penhasco. A matilha contornava a última curva, próxima o bastante para que as crianças ouvissem o áspero ofegar dos animais.

— Se eu tivesse uma espada! — disse Michael.

Kate duvidava seriamente que teria feito alguma diferença, mas não havia tempo para discutir.

— Me ajudem.

Ela começou a pular para cima e para baixo na beira do caminho. O solo era macio, sem apoio, e a chuva o enfraquecera ainda mais. Por duas vezes Kate escorregou quando a terra se desfez, e em ambas as vezes os irmãos a puxaram. Em segundos, as crianças haviam aumentado o intervalo de 5 metros para 6 e depois 8 metros, até que quando o primeiro lobo se lançou no ar, havia um vão de mais de 8 metros.

Talvez fosse o medo, a exaustão ou o fato de saberem que se o lobo chegasse até ali, não adiantaria mais fugir, mas as crianças não correram. Ficaram paradas, ensopadas, cobertas de lama, observando a grande fera que voava em sua direção.

Não é o suficiente, pensou Kate. Ele vai conseguir.

O lobo bateu no final do caminho. As crianças recuaram instintivamente, mas o animal não atacou. Kate viu que, na realidade, ele não tinha completado o salto. A parte inferior do corpo ainda se debatia no ar enquanto ele prendia as garras nas pedras soltas e na lama, mandíbulas estalando furiosamente. A criatura jogou-se então para a frente, erguendo-se, as pernas traseiras encontrando apoio. E no momento em que um grito subiu pela garganta de Kate, mais de um metro de terra cedeu, levando o lobo consigo.

Kate soltou o ar, sem perceber que tinha prendido a respiração por todo esse tempo. Forçou a vista para ver, em meio à chuva, os três lobos que restavam. Estavam amontoados no fim do caminho, uma massa trêmula que rosnava. Ela percebia sua fome, mas sabia que não se arriscariam a saltar.

— Qual o problema com vocês, seus covardões! — berrou Emma. — Venham pegar a gente!

Os lobos deram meia-volta e subiram de volta pelo caminho, desaparecendo na escuridão.

— Olha só! — disse Emma, voltando-se para Michael e Kate em triunfo. — Estão desistindo.

— Difícil — disse Michael. — Provavelmente estão procurando outro caminho para descer.

— Vamos — disse Kate.

Faltavam mais 20 metros até o fundo e eles chegaram lá bem depressa. Os corpos dos lobos que haviam caído jaziam sobre as rochas. Kate olhou para o alto do penhasco, mas não conseguiu ver o resto da matilha.

Ela ouviu Emma dizer que apostava que a srta. Crumley tinha planejado tudo aquilo. Michael respondeu que duvidava muito, e Emma disse alguma coisa sobre a cabeça de Michael ter a forma de um nabo.

Ela tirou os dois da cabeça e tentou pensar. Estava chovendo mais do que nunca. Estavam todos exaustos. Ela não tinha ideia de quanto tempo levaria para os lobos encontrarem outro caminho até lá embaixo. A pergunta era: deveriam continuar correndo ou começar imediatamente a procurar por um esconderijo?

— Kate...

— Deixa eu pensar.

— Kate. — Emma puxou seu braço. Kate se virou.

A 30 metros, uma silhueta escura estava se movimentando no alto dos rochedos.

— Corram!

Partiram em direção às árvores. Um rosnado irrompeu atrás deles. Lutaram para subir uma pequena elevação. A cada segundo, Kate esperava sentir o peso do animal sobre suas costas. Siga em frente, dizia para si mesma, só siga em frente.

Olhando para trás, ela deixou as árvores e chegou ao alto de uma colina. Bateu em Michael e Emma, quase derrubando os dois.

— Não parem! A gente...

As palavras se calaram em sua garganta. Um lobo estava agachado diante deles. Por um longo momento, ninguém se mexeu. O pelo cinzento da criatura tinha se embaraçado com a chuva. A boca se mantinha aberta, os dentes à mostra num sorriso sinistro, enquanto um rosnado baixo saía de suas vísceras. Emma e Michael ficaram paralisados. Ela precisava fazer alguma coisa. E se corresse para cima dele? A fera não esperaria aquilo. Talvez desse aos irmãos tempo para escapar. O fato de que ela não sobreviveria não a assustou nem um pouco. Enquanto se aprontava, Kate viu outro lobo aparecer na chuva, a cabeça baixa, olhos fixos e assassinos. Então, um som nas suas costas lhe disse que o primeiro lobo tinha fechado o círculo. E ela compreendeu afinal: não havia nada que pudesse fazer. Iam morrer ali.

— Kate... — disse Emma com a voz trêmula.

— Deem as mãos — disse Kate. Eles deram, fazendo um círculo, um de costas para o outro. — Fechem os olhos — ordenou Kate. — Agora!

Michael e Emma obedeceram, mas Kate manteve os olhos arregalados, olhando para o círculo dos lobos. Era responsabilidade dela. Seu fracasso. Ela não se pouparia até o fim.

Grudou o olhar no maior lobo do grupo, para que ele soubesse que ela não sentia medo. Não sentia mais a chuva açoitando seu rosto nem a fadiga em seu corpo. A imagem da mãe cruzou sua mente. Desculpa, pensou Kate, fiz tudo o que pude.

O animal se abaixou, preparando-se para o bote.

Kate espremeu as mãos de Emma e Michael e murmurou "eu amo vocês" no momento em que o lobo se lançou no ar.

Os dentes do animal nunca chegaram a atingi-la.

Houve o som de passos rápidos e pesados, alguma coisa sendo brandida em meio a chuva. O lobo percebeu e tentou mudar de direção, mas já era tarde demais. O objeto, uma mancha cinzenta,

ficou diante dos olhos de Kate por um instante, e então bateu na cabeça do lobo ruidosamente, suficientemente próximo para que Kate ouvisse o crânio da criatura se partir.

Aí apareceu um homem ao lado deles. Era enorme, um gigante. O cabelo comprido e escuro escondia seu rosto, e grossas correntes pendiam dos dois punhos. Com rosnados ferozes, os dois lobos que restavam se lançaram sobre o homem. Ele pegou um deles no pulo e partiu o seu pescoço com um estalo abafado. O segundo se prendeu no braço do homem, afundando as presas em sua carne. Ele arrancou a criatura e a jogou longe, como uma pessoa normal faria com um gato. O animal bateu em uma rocha e caiu no chão, atordoado. O homem deu dois longos passos, pôs a bota sobre seu pescoço e pisou. Houve um som de esmigalhar. O lobo jazia imóvel.

Ele voltou para o lugar onde as crianças se encontravam. Michael e Emma haviam aberto os olhos e fitavam o homem com espanto. Ele parecia enorme diante delas, o rosto escondido pelas sombras, mas mesmo assim Kate o reconheceu. Era o homem que havia atacado a Condessa naquele dia na represa.

— Venham comigo — disse ele.

## CAPÍTULO NOVE

### Gabriel



Era assim: Kate escolhia uma árvore ou uma rocha e dizia para si mesma: Ali, vou só até ali, e, enquanto caminhava, não se permitia pensar em como as suas roupas estavam molhadas e pesadas, como arranhavam sua pele a cada passo, como os músculos de suas pernas tinham sido substituídos por tanta lama inerte. Ela pensava: Vou chegar até ali. Aí, quando chegava à rocha ou à árvore escolhida, ela olhava adiante, depois do gigante, em meio à chuva e à escuridão, para escolher outra árvore ou rocha e fazer tudo de novo.

Olhou para Michael. Ele tinha entrado num estado de caminhada entorpecida, inconsciente. A cabeça pendia para o peito e a água escorria por seu nariz enquanto ele colocava um pé trêmulo diante do outro. Mesmo assim, estava em melhor situação do que Emma. Ela tinha chegado a adormecer enquanto andava. Da terceira vez em que isso aconteceu — depois de ter tropeçado e despertado dizendo: “Hã? Quem fez isso?” —, o gigante havia se virado e a recolhido em seus braços. Kate esperou ouvir protestos. Emma nunca deixava que adultos a colocassem no colo. Mas a irmã tinha simplesmente se encolhido e adormecido.

Aquilo fez com que Kate, exausta como estava, tentasse prestar atenção em onde o homem os levava. Ela naturalmente havia perguntado, mas o gigante soltara apenas um grunhido mandando que Kate ficasse quieta. Ela precisou se satisfazer com o que podia vislumbrar das imediações, o que não era muito por causa da chuva,

da escuridão e do fato de que uma árvore ou rocha se pareciam muito com qualquer outra árvore ou rocha. E eles continuaram a andar, seguindo trilhas irregulares, enlameadas, apertadas pelas árvores, escalando rochas, pulando riachos recém-aparecidos, subindo sem parar, subindo sem parar, até que Kate resolveu que "molhado" e "cansado" eram só palavras diferentes para expressar dor, e parou de escolher árvores e rochas para sinalizar seu avanço. Simplesmente abaixou a cabeça e deixou-se guiar pelas batidas dos passos do homem e pelo chacoalhar das correntes que pendiam de seus punhos.

Então, subitamente, eles pararam.

Kate ergueu os olhos. Viu os contornos de uma pequena cabana enfiada na colina. O homem abriu a porta e entrou; Kate e Michael cambalearam para dentro atrás dele.

O ar na cabana era frio e bolorento. Com toda a certeza, ninguém pisava ali fazia muito tempo. Mas pela primeira vez no que já parecia uma eternidade, não chovia sobre as crianças. Elas ficaram na escuridão quase total, ouvindo a movimentação do homem. Houve o rascar de um fósforo, e ele acendeu uma lanterna pendurada no meio do teto. Sem uma palavra, virou-se e se ocupou com a lareira, dando a Kate e Michael a chance de inspecionar o ambiente.

Havia uma grande cama com um cobertor de pele de urso, onde Emma já dormia profundamente, a lareira de pedra onde o homem empilhava lenha, e uma velha mesa de madeira com bancos e assentos. As paredes estavam cobertas com raquetes de neve, varas de pescar, machados de gelo, arcos e flechas, facas, uma longa lança, enquanto do teto pendia uma coleção de armadilhas, junto com panelas e caçarolas de variadas formas e tamanhos. A cabana era pequena, mas bem-cuidada, e tudo o que podia se precisar estava à mão. Logo um brilho forte e cálido encheu o

aposento e, quando Kate olhou para Michael, viu que ele havia entrado na cama ao lado de Emma e que roncava baixinho.

O homem se levantou.

— Pendure as roupas perto do fogo. E mantenha as cortinas fechadas. A cama é de vocês.

E foi embora.

Com esforço, Kate conseguiu que o irmão e a irmã se levantassem e tirassem os sapatos e as roupas ensopadas. Sem se dar ao trabalho de abrir os olhos, Emma e Michael deixaram tudo cair numa poça no chão, vestiram as camisas secas separadas pelo homem, que batiam na altura dos joelhos, cambalearam de volta para a cama e engatinharam sob as cobertas. Kate colocou os sapatos diante da lareira. Espremeu a água das roupas num balde e depois as pendurou sobre uma corda que encontrou e prendeu perto do fogo. Descobriu que estava em algum ponto além da fadiga, como se nunca mais fosse capaz de voltar a dormir, mas depois de vestir a última camisa seca, ela subiu na cama, só para estar do lado dos irmãos. Para onde tinha ido o homem? E quem era ele? Certamente não se tratava de um amigo da Condessa, mas será que podiam confiar nele? Obviamente, era muito perigoso. Ela ficou ali deitada, com o polegar e o indicador fazendo círculos preocupados no medalhão da mãe. Sentiu o peso do cobertor de pele de urso e a sensação seca e quente dos lençóis sobre sua pele. A chuva caindo sobre o teto parecia muito distante. Decidiu ficar acordada até que o homem voltasse.

Seus olhos se abriram. Por quanto tempo tinha dormido? Ainda era noite, ainda chovia. Mas o homem tinha voltado. Estava sentado na lareira de pedra, serrando as algemas de metal que prendiam seus punhos enquanto a luz do fogo dançava sobre a longa cicatriz que cortava seu rosto. Aquela era a hora de perguntar quem ele era. Por que havia tentado matar a Condessa. Mas Kate ficou ali parada, ouvindo a respiração dos irmãos, ouvindo a chuva no telhado, os

estalinhos do fogo, o barulho da serra cortando o metal. Estava tão cansada. Ia fechar os olhos só por um minuto. Depois ela falaria com ele.

Kate teve uma série de sonhos turbulentos. No último deles, viu uma cidade subterrânea. Ela se erguia no oco de uma grande montanha e os prédios não se pareciam com nada que ela já tivesse visto. Pareciam ter sido esculpido direto na pedra, como se a cidade não tivesse sido construída, e sim escavada. O efeito era imenso, brutal e estranhamente belo. De repente, o chão começou a tremer e a se abrir. As construções desmoronaram. O fogo apareceu. Depois, a terra pareceu engolir a cidade inteira.

Kate acordou ofegante, coberta de suor. O fogo tinha se apagado. A luz do dia atravessava as cortinas. As correntes que tinham se prendido aos punhos do homem jaziam enroscadas ao lado da lareira. Ela estava sozinha. As roupas de Emma e de Michael haviam desaparecido da corda. Sentiu como estavam as suas. Tinham secado. Ela se vestiu depressa e saiu.

Foi um choque sair para a luz do sol, e ela piscou diversas vezes, protegendo os olhos. A cabana estava empoleirada sobre a encosta de uma montanha e contemplava o vale. Era uma manhã bonita, sem nuvens. O ar parecia fresco e límpido. De fato, se não fosse por todos os indícios à sua volta — o chão ainda enlameado, a chuva reluzindo sobre a copa das árvores lá embaixo, as roupas rasgadas e imundas, o sangue seco nas mãos —, ela quase poderia acreditar que a noite, e tudo o que havia acontecido, a tempestade, os lobos, a súbita aparição do homem, não tinha passado de um sonho.

— Bom dia!

Michael estava sentado sobre uma pedra a alguns metros de distância, com o caderno equilibrado sobre o joelho.

— Estou só atualizando o meu diário. Vou acabar num segundo. Kate olhou em volta e não viu Emma nem o homem.

— Michael...

— Só um segundinho.

Kate fechou os olhos e apertou a ponta dos dedos contra as têmporas. Precisava pensar. Ainda iam para Westport? Se sim, onde estavam naquele momento? Que distância haviam caminhado durante a noite? O homem poderia dizer. Mas onde ele estava? E onde estava Emma? Kate estava a ponto de mandar Michael terminar de escrever o diário mais tarde quando seu sonho, que havia desaparecido quando ela acordara, voltou subitamente — não do jeito que os sonhos costumam voltar, com visões vagas e desconjuntadas, mas com exatidão, nitidez, como se ela estivesse vendo tudo de novo, a cidade subterrânea, a terra se abrindo...

— Kate?!

Michael a sacudia. Ela piscou e percebeu que estava caída no chão. Tinha desmaiado de novo?

— O que aconteceu? Você...

— Estou bem.

As palavras da Condessa ressoaram em seus ouvidos: *Reparou na menina mais velha... O livro deixou marcas nela.* Obviamente, ela não estava bem. Mas viu como Michael a fitava e conseguiu dar um sorriso.

— É só... que eu me levantei rápido demais. Onde está a Emma?

— Não sei — ele disse, ainda prestando atenção nela. — Ela já tinha saído quando eu acordei.

Quando Emma acordou, estava amanhecendo. Uma luz cinzenta e fraca havia penetrado no interior da cabana. Kate e Michael ainda dormiam. O homem estava apagando o fogo com os pés, os gravetos enegrecidos e carbonizados se transformando em cinzas em volta dele. O braço estava enfaixado no lugar onde o lobo havia mordido. Ela viu quando ele vestiu uma camisa, pegou uma faca, um arco, um pequeno coldre da parede e — depois de dar uma olhada nela — partiu sem dizer uma palavra.

Imediatamente, Emma se levantou, se vestiu e correu para fora. Uma pesada névoa matinal pairava sobre o vale e ela chegou a tempo de ver a forma imensa do homem desaparecendo na paisagem cinzenta. Ela caminhou silenciosamente atrás dele.

Por que estava seguindo o homem? Emma não sabia dizer. Normalmente, achava adultos nada interessantes. Em sua experiência, eram para ser apenas tolerados ou completamente desobedecidos. Abraham era legal, imaginou ela, e o dr. Pym tinha sido interessante, por ser um mago e tudo o mais. Mas até este homem aparecer, ela nunca havia encontrado um adulto que realmente tivesse chamado sua atenção.

Emma abaixou-se atrás de uma pedra quando o homem parou. Ele parecia estar ouvindo alguma coisa em meio à neblina.

Ela teve uma lembrança. Era de alguns anos antes. Um velho rico havia pago para que todas as crianças do orfanato fossem levadas ao zoológico. Emma imaginara que o sujeito estava à beira da morte e tentava fazer algo de bom para ir para o céu. Seja qual fosse a razão, aquele passeio ao zoológico fora, de longe, o melhor dia da sua vida. Havia pandas, jaguares, girafas de pescoço comprido, macacos malhados que guinchavam e tagarelavam quando caíam das árvores. Crocodilos-do-nilo, que as pessoas costumavam adorar. Leopardos-das-neves do Himalaia. Cobras verde-esmeralda, que podiam engolir um homem inteiro. Para onde quer que andasse, havia mais coisas para ver. Mas o animal que mais chamou sua atenção, aquele que fez com que ela permanecesse em espanto arrebatado, foi um leão. Era enorme, duas vezes maior que qualquer dos outros leões. Seu pelo era pesado, de um dourado-amarronzado, com o rosto marcado por muitas batalhas e os olhos mais profundos e negros que Emma jamais vira. Segurando nas barras externas da jaula, ela havia sentido o poder e a inteligência que havia nele, e mais, por trás da imobilidade, a pura violência animal pronta para explodir.

Alguma coisa naquele homem a fizera lembrar do leão.

Viu quando ele deixou o caminho e desapareceu na neblina. Esperou um momento e o seguiu. A terra estava úmida e escorregadia e, enquanto se apoiava nas árvores, uma cascata de pingos de chuva caiu sobre sua cabeça e ombros. Entrou numa clareira e parou. O homem havia desaparecido.

Enquanto pensava na direção que devia seguir, ouviu um movimento e um cervo saltou de trás das árvores. Era grande e forte, com chifres levantados. Escondida pelos galhos, Emma prendeu a respiração, impressionada pela beleza do animal. Ele esticou o pescoço e mordiscou um arbusto.

Ela queria que Kate e Michael estivessem ali. Especialmente Kate. Michael provavelmente teria arruinado o momento dizendo alguma coisa estúpida sobre anões.

O cervo subitamente se ergueu, com o corpo todo tenso. Virou-se para correr, mas, neste momento, o homem surgiu em meio à névoa e aterrissou nas costas do animal, jogando-o no chão. A lâmina faiscou e, um segundo depois, a garganta do bicho foi cortada.

Emma soltou uma exclamação, atônita com a velocidade e a ferocidade do ato. Ela viu o homem se ajoelhar e colocar uma mão sobre a cabeça do animal. Podia ver o movimento de seus lábios, sussurrando. Depois, ele ergueu os olhos e seus olhares se encontraram.

Ela sabia que ele queria que se aproximasse.

Suas pernas tremiam. Emma caminhou até ele. Vapor se erguia do corte no pescoço do animal e o cheiro de sangue estava no ar. Ela não sentiu medo. Coisas demais haviam acontecido nos dias anteriores para que ela sentisse medo naquele instante. Mas havia algo tão franco naquela cena, no homem, no cervo e na morte no silêncio da mata; aquilo fez seu coração estremecer.

Ela parou ao lado do corpo. Os olhos do homem não haviam se descolado dela.

— Não se assuste.

Emma queria dizer que não estava assustada. Mas percebeu que não conseguia falar.

A mão grande do homem permanecia pousada na cabeça do cervo.

— Os lobos, na noite passada, eram perversos. Não me senti mal em matá-los. — A voz era baixa e forte. — Mas matar uma criatura como essa é uma coisa sagrada. Deve ser feito só quando existe real necessidade. E é preciso pedir perdão ao espírito.

Ele a olhou para ver se estava entendendo, e Emma assentiu, lembrando-se de novo dos olhos escuros e profundos do leão.

O homem cortou a barriga do cervo e começou a limpá-la. Era habilidoso e fez aquilo rápido, sem desperdícios. Emma ficou enjoada enquanto o observava retirar os órgãos e colocá-los em uma bolsa de couro forrada, mas não olhou para o outro lado. Disse a si mesma que Michael, se estivesse ali, estaria vomitando sem parar, e aquilo a fez se sentir melhor.

— Ontem à noite, com os lobos, você sentiu medo?

Emma pensou em mentir, mas respondeu:

— Senti.

— Não pareceu. — Emma achou que ele aprovava e sentiu um calor explodir em seu peito.

O homem falou:

— Você não é de Cambridge Falls.

Não era uma pergunta, mas ele esperava uma resposta dela.

— Não. A gente é... bem, a gente é mais ou menos, hã, do futuro. — Estava se sentindo mais à vontade agora. — Olha, a gente encontrou um livro mágico e se você põe uma foto dentro dele, você vai para o lugar onde a foto foi tirada, sabe? E foi o que a gente fez, botamos a foto no livro e chegamos aqui.

O homem havia interrompido o que estava fazendo e a fitava. Em um segundo, Emma entendeu duas coisas. A primeira era por que ela o seguira. Era porque na noite passada, quando ele a carregara na chuva, ela tinha se sentido mais segura do que jamais se sentira em toda a sua vida. A segunda coisa que ela entendeu foi que, subitamente — por causa do jeito com que ele a olhava, com o sangue nas mãos, a faca, os dois sozinhos no mato —, ela não se sentia nada segura.

— Desculpa — disse ela em voz baixa. — Eu podia ter explicado melhor.

Ela lutou contra o desejo de sair correndo. Obrigou-se a ficar ali, olhando nos olhos dele, diante do corpo ainda morno do cervo. O momento passou. Assentindo lentamente, o homem limpou a lâmina da faca na pele do animal e a devolveu à bainha.

— Meu nome é Gabriel.

— Eu sou a Emma.

Ele se levantou, erguendo o cervo nos ombros.

— Vamos voltar. Seus irmãos devem estar acordados. Temos muito o que conversar.

A primeira coisa que Kate viu foi o homem aparecendo na curva do caminho com um corpo sobre os ombros.

Não, temeu ela.

Aí Emma apareceu, trotando atrás dele. Ela sorriu e acenou.

Quando o homem foi pendurar o cervo num abrigo ao lado da cabana, Emma contou animadamente para Kate e Michael tudo o que havia acontecido, que o nome dele era Gabriel, que ele havia matado o animal e que, se estivesse lá, Michael teria vomitado...

— Ei! — interrompeu Michael.

— Desculpa — disse Emma. — Mas teria mesmo.

— Você não devia ter saído — disse Kate. — É perigoso.

Emma assentiu e tentou ao máximo parecer arrependida.

— O que você contou sobre a gente?

— Ah, bom... que a gente veio do futuro... e falei do livro.

Kate reparou que Emma não parava quieta, demonstrando nervosismo.

— O que é?

— Nada. Só que quando eu contei sobre o livro, ele ficou meio esquisito.

— Esquisito como?

— Ah, você sabe. — Emma chutou a lama e deu de ombros. — Como se ele estivesse pensando em me matar ou coisa assim.

— O quê?!

Naquele momento, o homem voltou e os chamou para o café da manhã. Sentaram-se numa mesa de madeira, na cabana. O homem, ou Gabriel, como Emma já se referia a ele, tinha mudado de camisa e lavado o sangue das mãos em um riacho atrás da cabana. Ele lhes contou que não podiam se arriscar a acender uma fogueira durante o dia. Os Gritões estavam à solta no vale, procurando por eles, e veriam a fumaça. Para o café da manhã, teriam que se contentar com pão, mel e frutinhas que ele e Emma haviam recolhido no caminho de volta.

Kate e Emma não comiam uma boa refeição desde o café da manhã do dia em que haviam voltado ao passado, e as refeições de Michael com a Condessa, embora extravagantes, eram porções mágicas que faziam você se empanturrar, mas ficar com fome dez minutos depois. Ainda assim, foi só depois que o homem colocou a comida sobre a mesa que as crianças perceberam como estavam famintas. Momentos depois, estavam enfiando enormes pedaços de pão lambuzados de mel em suas bocas, seguidos por punhados de frutinhas que explodiam entre seus dentes. Em um determinado momento, Gabriel trouxe um jarro com leite e serviu quatro xícaras. Michael pegou a sua, engoliu metade de uma vez só, depois se virou e cuspiu tudo na cabana.

O homem não se abalou.

— Leite de cabra — disse. — É amargo, se você não está acostumado. Bebam. Faz bem. — E para desespero de Michael, o homem voltou a lhe encher a xícara.

Emma levou à boca um grande gole e se esforçou ao máximo para não fazer cara feia.

— É ótimo — disse ela, forçando um sorriso. — Gostei muito.

Embora comesse com tanto apetite quanto o irmão e a irmã, Kate manteve um olho grudado no anfitrião. Ele estava sentado diante deles, ocupando todo um lado da mesa, e parecia muito envolvido com a comida. Finalmente, o homem lambeu o restinho de mel que havia em seus dedos, terminou de beber o leite, passou a mão na boca e suspirou.

— Agora me contem tudo — disse ele.

Normalmente, Kate teria resistido a uma ordem dessas, pois seu impulso natural era revelar o mínimo possível sobre si e seus irmãos. Mas, quando o homem voltou o olhar para ela, Kate sentiu o mesmo que Emma sentira antes, como se houvesse algo nele que exigisse a verdade.

Então, mais uma vez, ela contou sua história: como os pais haviam desaparecido, como os três tinham sido transferidos de orfanato em orfanato, como finalmente tinham sido enviados para cá, para Cambridge Falls.

— E a Cambridge Falls do seu tempo — começou o homem —, como ela é?

Kate descreveu uma terra arrasada e sinistra de onde as árvores haviam desaparecido e onde as pessoas eram assustadas e pouco amistosas. Disse que não havia represa contendo o rio e que a água despencava de um desfiladeiro e precipitava-se dos penhascos. Disse que os únicos animais que existiam eram os lobos que rondavam à noite. Disse que não havia crianças.

— E a bruxa? — A voz do homem estava firme, mas eles podiam perceber o ódio em seus olhos escuros. — Ela ainda está lá?

Kate balançou a cabeça em sinal negativo. A primeira vez que tinham ouvido falar na Condessa ou nos Gritões foi ao descobrirem o livro e viajarem para o passado.

— Me fale do livro.

Emma e Michael começaram a fazer intervenções e ela contou sobre a exploração da casa, sobre a porta na adega que conduziu a um aposento subterrâneo e como Michael descobriu o livro.

— Achamos que talvez fosse o gabinete do dr. Pym, ou algo assim — disse Emma.

— Dr. Pym?

— É. Ele é o diretor do orfanato. Supostamente é um mago, mas a gente só viu ele acender uma lareira.

— Esse dr. Pym de vocês é um velho com grandes sobrancelhas brancas? — perguntou Gabriel.

— É sim! — exclamou Emma. — Você conhece ele?

O homem ignorou a pergunta.

— Termine a história.

Então Kate contou como foram para o passado, como o viram tentar assassinar a Condessa, como Michael ficou para trás, como ela e Emma conseguiram outra foto com Abraham para resgatá-lo.

— Aí a gente voltou pro passado...

— Você está deixando alguma coisa de fora.

— Não, não é verdade.

— Você está mentindo.

— Não está — disse Emma. — Eu estava lá. Foi o que aconteceu.

— Então tem uma coisa que ela não contou para você.

Kate viu Emma olhar para ela, confusa, questionadora. Ela tinha desejado pular aquela parte. Ficava assustada quando pensava naquilo e não queria compartilhar seu medo com Michael e Emma. Mas o homem não lhe dava escolha. Assim, com o coração em disparada, Kate contou como havia colocado a mão sobre a página

em branco do livro, falou das visões que teve, da escuridão que se infiltrou em seus dedos.

Depois, Emma e Michael ficaram olhando para ela, boquiabertos.

— Você viu dragões? — disse Michael perdendo o fôlego. — Lutando?!

— O que você acha que era aquela coisa preta? — perguntou Emma. — Talvez fosse tinta, né? Tinta mágica? E por que você não falou nada pra gente?

Kate começou a explicar. Não compreendia o que aquilo queria dizer. Não queria que se preocupassem com...

Mas o homem a interrompeu e mandou que ela continuasse a história. Estava prestando ainda mais atenção nela.

Kate sentiu Michael ficar tenso quando ela chegou à parte em que foram capturadas pelo secretário e traídas pelo irmão. Apesar de ter tentado ao máximo amaciar a história, para ajudá-lo, mais uma vez o homem atacou.

— Você ajudou a bruxa a atrair e prender as suas irmãs?

Kate viu Michael abrir a boca. Percebeu os argumentos que se formavam em seus lábios, explicando por que, na ocasião, entregar as irmãs tinha parecido uma ideia razoável. Então ele suspirou e baixou o olhar para a mesa.

— ... Ajudei.

Um som, quase um rosnado, saiu do homem.

— A gente já perdoou ele — disse Kate, rapidamente.

Ela prosseguiu, contando como a Condessa havia pegado o livro só para vê-lo desaparecer diante de seus olhos, como os prendera com as outras crianças, como Abraham havia conseguido tirá-los dali por passagens secretas. Contou como correram pela floresta e como ouviram o uivo do primeiro lobo. E então parou. Ele sabia do resto.

O homem pegou uma casca de pão e a mergulhou no pote de mel.

Kate se sentiu exausta. Tinha sido difícil contar a história. Olhou para o homem. Ele mastigava, pensando no que havia acabado de ouvir. O olhar dela viajou até a cicatriz. Ela começava alguns centímetros abaixo do olho esquerdo e descia um tanto torta até o queixo. Dava ao rosto dele um aspecto assustador. Mas mesmo assim passou pela cabeça de Kate que, com todo o seu jeito pensativo, ele era bonito. Seu rosto ficou corado e ela olhou para o colo.

O que havia de errado com ela? Aqui estavam, presos no passado, perseguidos por sabe-se lá quantos daqueles Gritões terríveis. O que ela tinha na cabeça para pensar na boa aparência daquele homem?

— E aí, você vai nos contar a sua história? — pediu Emma. — Por favor?

Kate e Michael se espantaram.

— O que foi? — perguntou Emma.

— Você disse “por favor” — disse Michael.

— E daí?

— Você nunca diz “por favor”.

— Digo sim.

— Não — falou Kate. — Você nunca diz.

— Eu achava que ela não sabia o que isso queria dizer — disse Michael.

— Ah, cala a boca — resmungou Emma.

— Tudo bem — disse o homem, e o retumbar da sua voz os fez ficar em silêncio. — Você disse a verdade. Merece o mesmo em troca. O que você quer saber?

Para Kate, a prioridade devia ser descobrir quem realmente era aquele homem.

— Qual é o seu nome?

— Gabriel Kitigna Tessouat.

Michael soltou uma risada.

— Sério?

Gabriel olhou para ele.

— Porque é um nome muito bonito — acrescentou Michael rapidamente.

Kate perguntou se ele era de Cambridge Falls.

Ele negou com a cabeça.

— Por muitos séculos, houve duas comunidades humanas nessas montanhas. Cambridge Falls. E o meu povo. Pelo que se conta, um dia um mágico chegou à nossa aldeia. Disse para a gente como, em todos os lugares, o mundo mágico estava se recolhendo. Disse que o resto do mundo não seria mais capaz de nos ver. Esqueceriam até que a gente tinha existido. Nós e o povo de Cambridge Falls podíamos fazer uma escolha: nos mudar para algum lugar no mundo normal ou então ficar nas montanhas, escondidos o tempo todo. Ficamos com a segunda opção.

Ele parou para se servir de leite e Emma se inclinou, cochichando para Kate e Michael.

— Aposto que o tal mágico era o dr. Pym. É por isso que ele sabia sobre o cabelo branco dele.

Kate mandou que ela calasse a boca. Estava pensando em como havia algo naquele homem que sugeria um mundo diferente, mais antigo. Agora ela compreendia a razão. Perguntou como ele tinha aparecido naquele dia, na represa. Gabriel disse que, de tempos em tempos, ia a Cambridge Falls para espionar a Condessa. Tinha visto a bruxa e seu secretário deixarem a mansão e, curioso, matou um Gritão, vestiu-se com suas roupas e os seguiu até a represa. Lá, viu a Condessa segurando uma criança na beirada. Antes de querer saber o que estava acontecendo, ele já avançava para ela com a espada erguida para atacar.

— Aí ela lançou aquele feitiço em você — disse Emma. — Senão você com certeza teria matado ela. Eu sei.

— Quando eu acordei, me vi numa cela — disse o homem. Seu rosto ficou sombrio com a lembrança. — Não tinha nenhuma luz e, a princípio, eu não sabia onde estava. Depois, senti que estava em movimento e ouvi as batidas da água.

— O barco! — exclamou Emma. — O Abraham falou sobre ele! Disse que é uma prisão onde torturam as pessoas. Fazem experiências e um monte de coisa!

— Não é uma prisão — disse Gabriel. — É uma jaula. Uma jaula para um monstro.

O silêncio tomou conta da cabana.

— A primeira coisa que eu fiz foi gritar para ver se estava sozinho. Ninguém respondeu. Mas achei que tinha ouvido alguma coisa lá embaixo. O fedor daquele lugar, tão denso com o cheiro da morte! — Ele fechou os olhos, como se estivesse esperando que o cheiro desaparecesse. Depois de alguns segundos, prosseguiu. — O chão era uma grade de ferro e eu vi que uma jaula grande atravessava a parte de baixo de todas as celas ao nível da minha. De novo, nenhuma resposta. Fiquei em silêncio. Aí eu ouvi, no fundo da escuridão, uma respiração entrecortada, as batidas de garras e uma voz fraca e sussurrada prometendo a si mesma: “Daqui a pouco... daqui a pouco...” Aí eu soube o que a criatura lá embaixo também sabia. Eu não era um prisioneiro. Era comida.

Se antes havia silêncio, não se comparava com o que houve quando o homem terminou de falar.

Finalmente, Emma disse quase esperançosa:

— Talvez fosse um Gritão.

— Não. Era outra coisa.

— Mas por que a Condessa manteria isso, seja lá o que fosse, dentro de um barco? Por que não guardaria na mansão? — perguntou Kate.

O homem deu de ombros.

— Aposto que sofre de hidrofobia — disse Michael.

Kate pediu que ele explicasse. Michael tossiu e levantou os óculos no nariz. Emma gemeu. Era o sinal de que ele ia contar alguma coisa chata de verdade que havia lido num livro.

— Nas histórias, não é raro que as feiticeiras e os bruxos perversos mantenham um monstro por perto. Para usar em último caso. Naturalmente, os anões nunca fizeram esse tipo de coisa. Eram honrados demais para...

— Michael...

— Certo, bem, o problema de se ter um monstro por perto, seja um lobisomem, um dragão ou um ogro de lama, é que muitas vezes eles acabam atacando o mestre. Por isso, as pessoas construíam todas essas proteções e se preveniam. Eu estava pensando que esse monstro pode ter medo de água... é o que quer dizer "hidrofobia"...

— É o que quer dizer "hidrofobia" — imitou Emma baixinho.

Michael a ignorou e seguiu com a explicação:

— A Condessa poderia controlá-lo se deixasse ele no barco. Aí, se for preciso, ela pode mandar o monstro para terra firme.

Gabriel assentiu.

— Você provavelmente está correto.

— Sério? — disse Emma, incapaz de esconder a irritação. — Tem certeza?

— Mas como você escapou? — perguntou Kate.

— Ainda não foi construída uma jaula capaz de me conter.

Ele disse aquilo como se não fosse necessário dar nenhuma outra explicação. E ao olhá-lo, Kate concordou.

— E você vai tentar de novo matar a Condessa? — Emma perguntou. — Podemos ajudar. A gente ia adorar matar aquela bruxa!

— Não — disse ele. — Vou voltar para a minha aldeia. Preciso contar a eles o que vocês disseram. As coisas que vão acontecer

com as nossas florestas. E a nossa sábia deve ser consultada a respeito do livro que a bruxa está procurando. Ela vai saber o que é.

— O que é uma sábia? — perguntou Emma.

— É uma mulher que faz mágica — disse Michael.

— Eu não estava perguntando pra você — grunhiu Emma.

— Ele está certo — disse Gabriel.

Emma olhou para Michael com fúria.

Kate ficou em silêncio. Uma ideia havia lhe ocorrido. Ela a examinou cuidadosamente na cabeça, com medo que escapasse. Então falou:

— Leva a gente com você.

O homem balançou a cabeça negativamente.

— Vou precisar me movimentar depressa e o caminho que eu vou tomar é perigoso. Vocês vão ficar mais seguros aqui. Com o cervo que eu matei, vocês vão ter bastante comida. Podem beber a água do riacho atrás da cabana. Esperem para acender o fogo depois do anoitecer. Assim que eu puder, mando alguém para cuidar de vocês.

— Mas... — disse Kate.

— A gente... — disse Emma.

— Não! — E ele bateu com a mão imensa na mesa, sacudindo os pratos e as xícaras e encerrando a discussão. Levantou-se e tirou um telescópio de latão da parede, dizendo que havia um pico logo acima da cabana de onde ele podia ver todo o vale. Queria ter certeza de que não havia Gritões por perto. Depois, teria de partir.

No momento em que a porta se fechou, Emma virou para Michael.

— Ele não quer levar a gente por sua culpa.

— O quê?

— Ele odeia sabe-tudos. Ele me contou hoje de manhã, depois que matou o cervo. Ele disse, "eu odeio demais sabe-tudos".

— Claro, tenho certeza que ele disse isso.

— Fiquem quietos! — disparou Kate. — A gente precisa convencer ele a nos levar. Ele falou que a tal mulher deve saber sobre o livro. Talvez ela até saiba onde ele está. A gente precisa achar o livro antes da Condessa. É a única forma que temos de voltar para casa. — Kate fez uma pausa. — Ela teve um pensamento terrível. — Emma, você ainda tem a foto, não tem? Aquela pra gente voltar?

Por vários torturantes instantes, ficaram olhando Emma vasculhar os bolsos.

Finalmente, ela tirou a foto. Estava amassada no meio e dobrada num canto, e um pedaço de chiclete cor-de-rosa tinha grudado na parte de trás, mas lá estava Kate, sentada no quarto, olhando para eles do futuro.

As crianças soltaram um longo suspiro coletivo.

— Emma — disse Kate suavemente —, talvez seja melhor ela ficar comigo.

— Isso, por favor — resmungou Michael.

— Tá bom. — Emma puxou o chiclete e entregou a foto para a irmã. Alisando-a ao máximo, Kate a enfiou no bolso interno do casaco.

— Voltando ao nosso problema — disse Michael —, como vamos convencer ele a levar a gente?

No fim, o problema deles se resolveu sozinho, pois assim que ouviram passos pesados, a porta se escancarou e Gabriel entrou correndo.

— Vamos. Agora.

Antes que as crianças pudessem sequer se perguntar o que havia feito com que ele mudasse de ideia, o berro de um Gritão ecoou no vale.

— Vinte deles — disse Gabriel, enquanto retirava um objeto enrolado numa lona, escondido entre as vigas. — Vão chegar aqui em três minutos.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Michael. — Como vamos escapar?

— A gente vai lutar até conseguir sair — disse Emma, com a voz tomada por uma intensa raiva. — Não é, Gabriel?

Mas ele havia ido até a lareira e, naquele momento, pôs a mão sobre uma pedra e empurrou. Bem lentamente, com um raspar áspero de pedra contra pedra, toda a lareira se virou, mostrando uma passagem escura que levava para dentro da montanha.

— Por aqui — disse ele.

CAPÍTULO DEZ  
O labirinto



Assim que entraram na passagem, o homem mandou que Kate, Michael e Emma ficassem exatamente onde estavam. Depois, empurrou a lareira de volta ao lugar com uma pancada seca. As crianças ficaram na escuridão, respirando o ar estagnado, ouvindo Gabriel se mexer. Ele acendeu um fósforo e, com ele, duas surradas lamparinas a gás, que estavam penduradas na parede. Entregou uma delas para Kate.

— Onde a gente está? — perguntou ela.

Com as sombras da lamparina dançando sobre a sua cicatriz, Gabriel parecia mais assustador do que nunca.

— Estamos no lugar onde vocês ficam quietos e fazem o que eu digo. Venham.

Ele deu meia-volta e desceu pelo corredor.

Chegaram a uma série de degraus irregulares e, lá embaixo, encontraram uma porta de ferro com várias fechaduras e trancas. Gabriel a abriu, conduziu as crianças para dentro e depois fechou e trancou a porta por trás deles. Agora eles se encontravam em um túnel diferente. Era largo e tinha paredes de aparência áspera. Dois trilhos de ferro corriam pelo meio do chão.

Depois que estavam andando por uns 15 minutos, Kate voltou a arriscar:

— E aí, onde é que a gente está?

Por um momento, ela achou que o homem simplesmente não iria responder. Então ele disse:

— Em um dos velhos túneis de mineração usados pela cidade. Ele vai nos levar através das montanhas até o vale onde fica a minha aldeia.

Eles prosseguiram, Gabriel e Emma na frente (o túnel era suficientemente largo para que duas pessoas andassem lado a lado) e Kate e Michael atrás. Na cabana, quando tinha falado para os irmãos sobre seu plano para voltar para casa, Kate tinha tentado parecer segura de si. Mas no fundo do coração, suspeitava que, mesmo se a sábia de Gabriel pudesse lhes dizer algo de útil, as chances de eles encontrarem o livro antes da Condessa e dos Gritões eram, de fato, muito pequenas.

Enquanto caminhavam, Gabriel surpreendeu Kate ao começar a falar. Contou a eles sobre as montanhas, sobre como eram cheias de magia antiga e profunda e que, por essa razão, precisavam ser respeitadas. Disse que os homens de Cambridge Falls sempre souberam que havia lugares que não deveriam ser cavados, coisas que ninguém ousava perturbar. Como os *hannudin* — conhecidos como assassinos da esperança —, espíritos maléficos semivivos que se aproximavam por trás de você, na escuridão, e sussurravam que todos os seus piores pensamentos eram verdadeiros: os seus amigos eram falsos, a sua esposa não te amava, os seus filhos iam acabar odiando o próprio nome. Os homens apagavam as lamparinas, se sentavam na escuridão e acabavam sendo encontrados meses ou anos mais tarde, depois de morrerem de fome ali mesmo no local. Havia os *salmac-tar*, uma raça antiga, feras, basicamente, que ao que constava teriam dado à luz os duendes muito tempo atrás e que moravam nas profundezas, abaixo das raízes das montanhas. Não tinham olhos, e sim imensas orelhas como as de um morcego, e se movimentavam emitindo estalinhos, ouvindo os sons ecoarem nas paredes rochosas, com dentes e garras afiados, capazes de perfurar ferro e ossos.

— Mas mesmo essas criaturas fazem parte do equilíbrio. Foi diferente quando a bruxa chegou. Tudo mudou — disse Gabriel.

Ele ficou em silêncio e, por algum tempo, houve apenas o som de seus passos batendo no chão coberto de cascalho. Kate pegou-se pensando sobre os vinte *morum cadi* que o homem havia visto no vale. Imaginou-os destroçando a cabana, encontrando a porta secreta atrás da lareira, depois entrando no túnel, um após o outro, seus olhos amarelos vasculhando a escuridão...

Sabia que este tipo de pensamento não ajudava, mas não conseguia se conter. O que finalmente a trouxe de volta foi Gabriel. Ele voltou a falar, descrevendo alguma coisa como um par de mãos invisíveis que atingiam o peito e esmagavam o coração e os pulmões. Estava descrevendo, percebeu Kate, o guincho de um Gritão.

— Mas é uma ilusão — disse ele. — A dor está apenas na sua cabeça.

— O quê?! — Aquela raiva súbita a surpreendeu. — Você tá dizendo que a gente imaginou tudo? Que todos aqueles meninos na represa imaginaram tudo?!

— Não disse isso — corrigiu o homem. — O grito cria pânico e medo na mente. O medo é tão grande que o seu corpo começa a parar de funcionar. Essa é a dor que vocês sentem. É real, mas vem da sua mente.

— E como você acaba com ela? — perguntou Michael.

— Matando os Gritões — disse Emma. — É claro.

— Aceitem que o grito não pode ferir vocês fisicamente — explicou Gabriel. — Depois, aprendam a administrar o medo. É a única forma. Além de matá-los.

Kate pensou em dizer para o homem que provavelmente “administrar o medo” era bem mais fácil quando se era um gigante de espada na mão, matador de lobos, mas Michael já estava rabiscando o diário, murmurando “administrar... medo”, e ela deixou

para lá. Em vez disso, fez a pergunta que a perturbava desde a noite anterior:

— Você sabe se tem mais alguém além da Condessa? A gente ouviu ela dizer alguma coisa sobre um mestre.

Gabriel balançou a cabeça, fazendo que não.

— Nunca ouvi falar de mestre nenhum. Vamos perguntar para a sábia. É possível que ela...

Ele parou, virou-se e fitou a passagem. Estava totalmente alerta e vibrante. Kate olhou para a escuridão, mas o túnel estava silencioso e imóvel como um túmulo.

— Talvez seja uma daquelas misturas de duende com morcego — cochichou Michael.

— Quietos.

Gabriel entregou a lanterna para Emma e desembulhou a peça de lona. Não era uma espada, como suspeitara Kate. O que se encontrava lá era algo mais parecido com um enorme facão de mato. A lâmina era fina perto do punho, mas ficava progressivamente maior e mais grossa, de forma que a ponta era realmente bem larga. Era feita de algum tipo de metal escuro e o fio reluzia à luz da lamparina.

Gabriel deu um passo para frente.

Ainda assim, nada se moveu.

Kate abriu a boca para perguntar o que ele achava que tinha ouvido. Neste instante, o Gritão se materializou na escuridão. Atacou-os, com a espada erguida e olhos amarelos reluzentes, mas sem fazer som algum. Depois, Kate concluiria que isso fora o mais aterrador, porque por mais terríveis que os gritos fossem, ao menos davam algum tempo para fugir. Agora já era tarde demais. Ela só podia ficar parada e esperar o golpe.

Ouviu-se um som metálico e ruidoso, que reverberou quando a lâmina de Gabriel se encontrou com a do outro e a espada da criatura se espatifou. No momento seguinte, as duas metades do

corpo do Gritão jaziam no chão, chiando, enquanto uma fumaça malcheirosa saía do cadáver. Kate olhou para Gabriel. Sua lâmina também fumegava. Ele havia cortado o Gritão ao meio, espada, corpo e tudo o mais.

— Corram — disse ele.

Eles obedeceram, correndo como nunca haviam corrido antes. Passaram por corredores sinuosos, subiram escadas, desceram escadas, contornaram cantos escuros. Gabriel não parava de insistir que fossem cada vez mais rápido. O túnel continuava a se dividir, mas ele sabia para onde estava indo. “Para a esquerda... direita... por aquela passagem ali, venham!” Não levou muito tempo para que ouvissem o primeiro grito. Outros mais o acompanharam, guinchos desumanos ondulando pelos túneis estreitos. Kate sentiu o cansaço tomar conta de si e quase tropeçou. Olhou para Michael e Emma e viu que eles também estavam com dificuldades. Tentou dizer a si mesma que a dor estava só na sua cabeça, que os gritos não podiam machucá-la, mas não fez diferença. Ainda se sentia como se corresse ladeira acima com uma pedra nas costas.

E, todo esse tempo, os gritos se aproximavam.

Saíram subitamente de um dos túneis e descobriram que estavam à beira de um imenso abismo subterrâneo. Não conseguiam ver a parte de cima nem a de baixo. Nem mesmo o outro lado. Uma ponte de cordas estendia-se escuridão adentro e desaparecia. Os guinchos nos túneis estavam mais altos do que nunca. A horda chegaria até eles em instantes.

— Vão vocês — ordenou Gabriel. — Vou segurar os Gritões o máximo que der. Sigam o túnel até o outro lado da ponte. Vocês vão chegar a uma câmara. Peguem a segunda entrada à esquerda. Não parem. Escolham sempre a segunda à esquerda. Assim que saírem, vão encontrar uma trilha que leva até a minha aldeia. Se vocês perderem o rumo, vão ficar perdidos para sempre. Vão embora agora. Eu encontro vocês depois.

— Mas... — protestou Emma.

— Agora! Não temos tempo!

— Vamos! — Kate agarrou a mão de Emma e a empurrou para a ponte. Michael já corria na frente. A ponte balançava debaixo deles, enquanto os pés batiam nas tábuas de madeira. Na metade da travessia, Kate sentiu uma corrente gelada erguer-se da escuridão. O ar tinha uma umidade fria, ancestral, que fez sua pele se arrepiar.

— Olha! — berrou Emma.

Kate se virou. Dois Gritões haviam saído do túnel atrás deles. Quando atacaram, Gabriel avançou para encontrá-los. Lâminas faiscaram e se bateram. Gabriel escapou de um golpe, agarrou uma das criaturas e a lançou no abismo. Seu grito foi engolido pelo negrume.

— Vamos! — exclamou Kate, puxando a mão da irmã. Correram os últimos 20 metros até o lugar onde Michael esperava. Agora estava escuro demais para ver Gabriel do outro lado. Mas, aparentemente, mais Gritões saíam do túnel, pois havia cada vez mais gritos e sons de metal contra metal, furiosos e constantes. Uma batalha mortal acontecia em completa escuridão.

— A gente não pode deixar o Gabriel! — gritou Emma, com os olhos arregalados de desespero. — Temos que fazer alguma coisa!

— Não podemos fazer nada! — disse Kate. — E ele mandou a gente seguir em frente, lembra?

— A entrada fica bem aqui! — exclamou Michael.

Praticamente arrastando Emma, Kate os conduziu pelo corredor. Logo os sons da batalha haviam silenciado e, depois de um minuto de muita correria, eles chegaram à câmara que Gabriel havia mencionado. Era um aposento grande, circular, com teto alto e seis saídas idênticas.

— A gente não devia ter abandonado ele! — Emma libertou-se de Kate e havia lágrimas de frustração e vergonha em seus olhos. —

Ele nos ajudou e a gente correu feito um bando de covardes!

— Não tivemos escolha!

— Esta é a saída que a gente quer — indicou Michael. — Segunda à esquerda.

— A gente não pode pelo menos esperar? — implorou Emma. — Só um segundo, para ver se ele vem. Por favor, Kate, só um segundo.

Kate olhou as lágrimas que escorriam pelas bochechas da irmã. Sabia que devia recusar. Precisavam ficar o mais longe possível dos Gritões. Ela suspirou.

— Só um segundo.

Ao ver Emma se virar e fitar o corredor escuro, Kate sentiu inveja dela. Emma vivia seus sentimentos até as últimas consequências. Amava, odiava e não questionava as mil consequências possíveis de cada ação. Kate sabia que, se ela deixasse, a irmã voltaria correndo na hora para ajudar Gabriel, mesmo que isso significasse morte certa.

Michael chegou perto dela e tossiu discretamente.

— Você precisa melhorar o seu “não”.

— Tá bom, Michael.

— Estou dizendo isso porque...

Kate lançou-lhe um olhar, e ele evidentemente captou a mensagem, pois logo se afastou, murmurando alguma coisa sobre as técnicas de construção daquele aposento serem diferentes das do resto da mina, e sobre como ia examinar aquele canto ali...

Kate decidiu que esperariam mais trinta segundos. Depois, ela faria Emma seguir em frente, mesmo que tivesse de arrastá-la. Seu olhar esbarrou com uma das passagens escuras à sua direita. A visão chegou sem dar aviso.

Viu um quarto iluminado por velas. Duas figuras estavam sentadas diante de uma mesa de madeira. Havia um homem com longos cabelos cor de gengibre, vestido com uma capa escura. A

outra figura se encontrava na sombra. Um pacote embrulhado em linho repousava na mesa entre os dois. Kate sabia que era o livro. De muito longe, Kate ouviu Michael dizer a Emma que realmente estava na hora de irem embora.

Kate se aproximou da entrada e a visão ficou mais intensa. Ela ouviu que um acordo tinha sido fechado. A figura nas sombras concordava que ele e seu povo iriam esconder e proteger o livro.

Com uma voz feito pedra, ele disse:

— Vamos construir uma casa-forte.

Antes que soubesse o que estava fazendo, Kate gritou: “Me sigam!”, e saiu correndo pela passagem.

Uma voz na sua cabeça protestou aos gritos. Ela estava desobedecendo à recomendação de Gabriel! Iam ficar perdidos para sempre! Ela precisava parar, dar meia-volta...

Mas uma voz mais forte dizia que o livro estava ali, chamando por ela. E que se ela hesitasse, se parasse para explicar a visão para Michael e Emma, perderia a ligação, perderia o livro...

Então ela correu, e atrás dela, ouviu gritos pedindo que parasse, esperasse, e depois o som de pés que corriam.

Ela entrou em outro aposento, idêntico ao primeiro, com outras seis portas. Esperou até que os passos e os gritos de “Kate! Pare!” quase tivessem a alcançado antes de se jogar em outro caminho. De alguma forma, ela sabia exatamente para onde ir. Correu por cinco, dez, 15 minutos, atravessando uma dúzia de aposentos idênticos com saídas idênticas, parando tempo suficiente para que os passos atrás dela quase a alcançassem, antes de se jogar por novos portais, confiando que os irmãos pudessem seguir o brilho da lanterna.

Enquanto corria, ela continuava a ter visões. Viu a casa-forte ganhando forma no interior da montanha. Viu o homem de cabelos avermelhados com o livro diante de si, passando os dedos sobre as páginas vazias para que palavras e imagens aparecessem e

desaparecessem. Viu, finalmente, quando ele entrou na casa-forte já pronta e colocou o livro sobre um pedestal no centro...

Kate parou. Ela arfava. O caminho tinha terminado abruptamente em uma parede rochosa. Não estava certo. Ela devia ter entrado em algum lugar errado. Mas como era possível?

Uma mão agarrou seu braço. Michael estava curvado, arfando.

— Michael! É isso! Eu posso...

Michael balançou a cabeça.

— ... Emma...

— Emma? O que você...

— Achei que ela estava seguindo, mas ela... eu tive que... ou voltar... mas você não parava... — Ele abaixou a cabeça, ainda tentando recuperar o fôlego.

Não havia outra luz vinda do túnel. Não se ouviam passos.

— Ela deve ter ido — resfolegou Michael — ... ajudar o Gabriel.

Todos os pensamentos sobre o livro foram varridos da mente de Kate.

— A gente precisa voltar.

— Como? É... um labirinto! Você não notou?! Todos os aposentos são iguais! Foi por isso que o Gabriel mandou a gente tomar cuidado! Nunca vamos achar o caminho de volta!

— A gente precisa! A gente...

— Kate!

Ela se virou. Uma linha preta havia aparecido no meio da parede. A rocha se abriu. Um vento bateu, a chama da lanterna estremeceu e se apagou.

Uma voz dura como ferro falou na escuridão:

— Prendam eles.

CAPÍTULO ONZE  
O prisioneiro na cela 47



Gabriel estava de costas para a ponte instável, o peito arfando, o punho da machete escorregadia com o suor. Tinha levado meia dúzia de cortes nos braços e um talho profundo na lateral do corpo. As espadas dos *morum cadi* eram envenenadas. Qualquer uma daquelas feridas podia matá-lo. Mas Gabriel não pensava no assunto.

Tinha destruído seis monstros: quatro partidos ao meio e dois lançados no abismo atrás de si. Mas ainda havia mais de uma dúzia amontoados em volta dele, em semicírculo, com espadas erguidas, olhos amarelos reluzentes, a respiração ou o que quer que se parecesse com respiração chiando através do pano que cobria seus crânios apodrecidos. Precisavam apenas avançar e o derrotariam.

Então por que haviam parado de atacá-lo?

A resposta se revelou quando uma tocha emergiu do túnel e dirigiu-se para trás do amontoado. Os Gritões se afastaram para permitir a passagem do secretário. O baixinho respirava com dificuldade e limpava a testa com um lenço rendado lilás.

— Minha nossa — ofegou. — Tanta correria. Deve ter um jeito melhor.

Ele balançou o lenço para os Gritões.

— Os meus amigos estão te fazendo companhia? Primeiro as apresentações, não é? Griddley Cavendish, às suas ordens. — Ele fez

uma reverência e abriu seu sorriso horrível. — E quem é você, meu caro senhor?

Gabriel calculou a probabilidade de alcançar o homem com um pulo. Pensou que conseguiria, mas que ao fazê-lo ficaria ao alcance dos Gritões.

— Vamos lá — disse Cavendish, com a voz escorregadia e sedutora. — Com toda certeza, você é alguém de valor. Fugiu do barco. Foi capaz de matar Gritões e lobos quando quis. Para não falar daquela passagem secreta tão esperta atrás da lareira. Eu confesso, quase não vi. Quase, mas... a Condessa, tão inteligente, sim, por sorte se deu ao trabalho de iluminar minha ignorância um tempo atrás e me ensinar alguns feitiços simples, como aqueles que revelam portas e passagens secretas. Tanto esplendor e perspicácia. Não é para menos que as crianças a amem. Então, qual é o seu nome, cavalheiro?

— Chegue mais perto que eu digo — respondeu Gabriel.

O secretário soltou uma risadinha e socou a própria perna algumas vezes, como se achasse tudo muito divertido, ao mesmo tempo em que sacudia a cabeça vigorosamente.

— Ainda por cima tem senso de humor! Muito bem, obrigado pelo convite, mas nós dois sabemos o que você está pensando, não é? Esse negócio afiado aí, hum? Não é mesmo? — Ele apontou o dedo torto para a lâmina de Gabriel e, por algum motivo, tocou no lado de seu nariz.

Gabriel começava a pensar que o homem estava maluco.

— Pois bem, sem nomes. Que tal só nos dizer onde estão as crianças? Se não, vou precisar que meus amigos podres aqui te piquem em pedacinhos mais obedientes.

O rosto de Gabriel não demonstrou nenhuma emoção. Mas sua mente estava em disparada. A Condessa queria tanto as crianças, tanto, que havia enviado o secretário e vinte Gritões. Era praticamente toda a força que guardava a cidade. Seria apenas pela

ligação que tinham com o livro ou havia mais alguma coisa? Será que as crianças eram importantes de alguma forma? Ele sentiu que tinha cometido um erro terrível ao deixá-las sozinhas.

— Mandou que elas atravessassem a ponte, não é? Para o labirinto? Me parece perigoso. É tão fácil se perder, não é mesmo? — O secretário deu um passo cuidadoso para se aproximar. — Vamos fazer um acordo. Essas crianças não valem nada para você. Você as encontrou no bosque. Foi ajudá-las. É compreensível. Estavam sendo perseguidas por aqueles lobos terríveis. Qualquer um teria feito o mesmo. Nos ajude a encontrá-las. Faça isso — disse, respirando com dificuldade e se esforçando em manter o sorriso —, e a Condessa vai lhe dar qualquer coisa que você deseje. Riqueza. Poder. Ela pode ser muito generosa.

O secretário, descuidadamente, havia dado outro passo à frente. Um só golpe e sua cabeça seria separada dos ombros. Mas Gabriel sabia que só teria tempo de dar um golpe antes que os Gritões pulassem sobre ele. O que aconteceria com as crianças?

— Diga para a bruxa...

— Sim? — Cavendish inclinou-se para a frente, ansiosamente.

— Que eu vou atrás dela e vou pegá-la.

Ele se virou rapidamente e, com um golpe da espada, decepou as cordas que prendiam a ponte. Na mesma hora, ela despencou no abismo e Gabriel pulou, deixando para trás os gritos furiosos do secretário.

Ele esticou a mão livre, tateando a escuridão. Mas não havia nada. Só ar negro e frio. E então ele estava caindo. Tinha desapontado todo mundo. As crianças ficariam sozinhas. Seu povo...

Sua mão bateu contra uma tábua. Ela escapou, mas Gabriel pegou a próxima logo que a ponte se esticou e ele foi jogado para a frente. Bateu na rocha com uma força impressionante. Ficou pendurado por um segundo, recuperando o fôlego. Viu a luz trêmula da tocha lá em cima, do outro lado do abismo. A voz vazia do

secretário o amaldiçoava aos gritos. De repente, por puro instinto, ele levantou os joelhos, bem no momento em que uma espada atingiu as tábuas onde estavam seus pés. Na escuridão abaixo, Gabriel viu os olhos amarelos de um Gritão. Devia ter saltado atrás dele e se agarrado a uma das cordas penduradas na ponte.

Gabriel pôs a arma na bainha e começou a subir. Não tinha esperanças de lutar com o Gritão enquanto estivesse pendurado na ponte. Precisava chegar lá em cima.

— Gabriel!

Ele ergueu os olhos. Quarenta metros acima, iluminado pelo brilho de uma lanterna, o rosto pálido de Emma, a menina mais nova, olhava para o penhasco.

Seu arrependimento por ter mandado as crianças na frente subitamente foi substituído pela irritação. Abriu a boca para brigar com ela, mas bem naquele momento a espada do Gritão voltou a golpeá-lo e a pontinha raspou no calcanhar de sua bota. Ele começou a escalar mais rápido. Não percebeu que o rosto de Emma havia desaparecido por trás da beira do penhasco.

Seus pés eram grandes demais para caberem nos pequenos intervalos entre as tábuas, por isso ele precisou subir apoiado nas mãos. Arrancava cada tábua, depois de passar, para criar mais dificuldades para o Gritão. Mas ele podia ouvir que a criatura subia, apesar de tudo.

— Gabriel!

Ele não ergueu os olhos.

— Gabriel!

A voz da menina era tensa, insistente.

— Gabriel!

Ele arriscou-se a olhar, pretendendo dizer-lhe de forma bem clara que qualquer conversa teria de esperar. Ela estava de pé, na beira do abismo, lutando para segurar uma pedra muito maior do que sua cabeça. Quando viu que ele a olhava, Emma soltou a carga.

Gabriel jogou-se para a esquerda. A rocha despencou, passando a centímetros dele e atingiu em cheio o rosto do Gritão, derrubando-o da ponte.

Gabriel viu o corpo desaparecer no vazio e voltou a olhar para Emma.

A menina acenou para ele, sorridente.

— Está tudo bem! Eu peguei ele!

Crianças, pensou Gabriel.

Ele subiu rapidamente o que faltava e se ergueu na beirada da pedra. A garota segurava a lamparina, com os olhos cheios de empolgação. Gabriel olhou em volta, ainda ofegante.

— Cadê o seu irmão e a sua irmã?

— Eu me separei deles.

— Eu mandei vocês seguirem em frente. Você não devia ter voltado.

O sorriso da menina desapareceu. Ela pareceu magoada.

— Parem aí! — A voz fina do secretário atravessou o abismo. — Em nome da Condessa!

— Vamos — disse Gabriel. — A gente precisa sair daqui. — Ele começou a andar, mas a garota deu as costas para ele e cruzou os braços.

— Eu salvei a sua vida. Acho que você podia pelo menos agradecer.

Gabriel se sentiu tentado a levantá-la e carregá-la. A qualquer momento, o secretário e os *morum cadi* iam começar a procurar outra forma de atravessar o abismo. Porém, mesmo contrariado, ele percebeu que estava sorrindo.

— Você tem razão — disse ele. — Tenho uma dívida com você.

Emma olhou para ele, como se quisesse ter certeza de que falava sério. Então assentiu:

— De nada. Mas você não tem dívida nenhuma. Estamos quites. Agora a gente devia sair daqui.

— É uma boa ideia — respondeu Gabriel, como se não tivesse acabado de sugerir a mesma coisa.

— Por que você está rindo? — quis saber Emma.

— Nada.

— Aham, então...

Um zumbido atravessou o ar, e ouviu-se uma pancada suave. Emma gritou e cambaleou para trás. Gabriel a pegou antes que caísse. Uns 18 centímetros de flecha negra saíam de suas costas, e mais uns 60 centímetros pela barriga.

— Gabriel... — Seus olhos estavam arregalados, apavorados.

Segurando a lanterna, Gabriel pegou a menina no colo da forma mais rápida e cuidadosa possível. O secretário berrava do outro lado do abismo. Parecia estar repreendendo as criaturas.

— Shh... — disse ele, com delicadeza, enquanto Emma gemia de dor. — Estou com você. — E partiu com ela pelo caminho.

Suas mãos e pés estavam presos. Capuzes foram jogados e amarrados sobre suas cabeças. Tudo acontecera na mais completa escuridão, e por isso Kate não tinha ideia de quem os capturara. Mas agora tochas eram acesas. Ela não conseguia vê-las (era um capuz excepcionalmente grosso), mas sentia o calor e o crepitar das labaredas. Então alguém a levantou, a jogou sobre o ombro e ela sentiu que estavam se movendo, caminhando.

— Michael — exclamou ela. — Você tá aí?

— Aqui! — Parecia estar a alguns metros dela. — Estou bem.

— Silêncio! — grunhiu uma voz áspera.

Uma hora se passou. Talvez mais. Era impossível saber em tal escuridão. As costelas de Kate esbarravam dolorosamente contra o ombro de seu captor, e ela se ajeitou para diminuir a pressão. Tinha logo desistido de tentar descobrir para onde estavam indo. Tudo que sabia era que cada passo os levava para cada vez mais longe de Emma e da esperança de se reencontrarem. Precisou morder o lábio para não chorar. Não queria que Michael ouvisse seu desespero.

Finalmente, a voz áspera mandou que parassem.

Kate foi depositada sobre a pedra. Tiraram o nó do seu capuz e o removeram. Ela piscou, incapaz de enxergar diante da súbita luz das tochas. Michael estava ao seu lado e seu capuz também estava sendo retirado.

— Michael — cochichou ela. — Você tá bem?

— Estou. As minhas costelas estão doendo, mas...

Ele ficou de boca aberta. Enquanto Kate observava, seus olhos se arregalaram de uma forma estranha, quase alarmante.

— A... — gaguejou. — A...

— Michael? O que é? Qual é o problema?

— Ano...

Kate virou a cabeça e, com os olhos acostumados à luz, viu uma dúzia de homens troncados e barbudos reunidos em volta deles, em um túnel. A maioria deles não prestava quase nenhuma atenção às crianças. Alguns estavam com comida. Outros conversavam ou afiavam as armas. Muitos tinham sacado cachimbos finos e compridos, e começavam a acendê-los. Todos, como Kate percebeu, tinham espadas curtas e machados ameaçadores enfiados em cintos metálicos.

— São... anões — resfolegou Michael, finalmente capaz de formar palavras.

Eram, de fato, anões com barbas, machados e armaduras, exatamente como Michael sempre os descrevera. Kate não sabia por que sentia surpresa em descobrir que os anões realmente existiam. A partir do momento em que ela, Michael e Emma tinham descoberto que existia magia, ela deveria ter considerado lógico que também existissem anões. Sua única desculpa era que os últimos dias tinham sido bem movimentados.

— Eu sempre soube — murmurou Michael. — Quer dizer, eu não sabia. Eu só... tinha esperança. — Ele olhou em volta, com ar sonhador, repetindo: — ... Anões...

Um deles se afastou do grupo. Era troncado (embora todos fossem troncados de alguma maneira) e tinha um rosto envelhecido, com uma longa barba avermelhada cheia de trancinhas bem-cuidadas. Ele se ajoelhou diante das crianças, pousando o elmo no chão, com uma batida ligeira, e limpou a garganta.

— Bom — era a voz dele que estivera dando ordens —, podem começar.

Kate ficou confusa.

— Começar o que, senhor?

— A contar a sua história — disse ele, tirando as luvas. — Como vocês acabaram no nosso território. Invadindo desse jeito.

Ao som da palavra “invadindo”, houve um rumor geral entre os anões.

— A gente não invadiu — disse Kate. — A gente...

— Você é um anão! — soltou Michael.

O anão de barba ruiva olhou para Michael. Viu o grande sorriso pateta do menino, a expressão atordoada, e aparentemente decidiu ignorar aquela afirmação tão óbvia. Voltou-se para Kate.

— Ah, não estavam invadindo, não é? Tinham permissão? Vamos ver. Vocês têm uma carta de passagem, imagino.

— Bem, não, não temos.

— Nenhuma carta de passagem.

— Não.

— Nenhum visto? Documentos de trânsito? Nenhum anel mágico dourado entregue aos seus ancestrais há séculos por um rei dos anões garantindo a vocês livre acesso a todo o território dos anões?

— Hum... não.

— Então, minha garota, isso significa que vocês estavam invadindo!

Este segundo e mais enérgico “invadindo” foi seguido por uma manifestação ainda mais ruidosa por parte dos outros.

— Pois bem — disse o anão, com ar de satisfação —, como determinamos que vocês não passam de uma dupla de invasores insignificantes...

— Vocês são anões! — exclamou Michael. — Todos vocês!

O anão ruivo ergueu uma sobrancelha e acenou na direção de Michael:

— Ele tem problemas mentais ou algo do tipo?

— Não — disse Kate. — Ele está bem. Ele... — Ela hesitou em dizer que Michael simplesmente gostava de anões. Teve a sensação de que o anão ruivo ia achar aquilo um tanto condescendente. Ele parecia irritadiço. — É que... é que é a primeira vez que ele vê um anão.

— Bem — disse o anão alisando a barba —, então deve ser um grande dia para ele, não é? O que vocês queriam por aqui para invadir as nossas terras?

Houve ecos de: “É, é, o que vocês queriam aqui, seus invasores!”

— A gente não estava invadindo! — protestou Kate. — A gente se perdeu!

— Ouviram isso, rapazes! — o anão exclamou, olhando para trás. — É a velha história do “a gente se perdeu”! Temos uma dupla de cordeiros perdidos aqui!

Os anões caíram na gargalhada.

O anão ruivo sacudiu a cabeça.

— Ah, você vai precisar de uma história melhor do que essa, menina, bem melhor. O último sujeito que estava supostamente perdido encontrou o caminho bem rápido. É isso aí! Encontrou o caminho para a ponta do meu machado!

Nesse momento, o anão saltou, tirou o machado do cinto e desenhou um arco amplo bem sobre a cabeça das crianças, tão próximo que Kate e Michael sentiram a movimentação do ar quando a lâmina passou. Kate não tinha ideia de como estavam as caras

dela e de Michael depois disso, mas foi o suficiente para provocar ainda mais gargalhadas com direito a tapinhas nos joelhos.

Passou pela cabeça de Kate que aquele não era, de forma alguma, o comportamento que ela teria esperado de anões.

— Parem de rir! — ordenou. — Não tem graça. — Um comentário que, naturalmente, fez todos rirem ainda mais. — Os Gritões estavam atrás da gente!

Silêncio. O anão de barba ruiva, com ar sério, se aproximou.

— Gritões, é? Em território de anões?

Kate assentiu.

— Vamos ouvir essa história pra boi dormir. Mas seja rápida e tente não contar muitas mentiras.

— Não é mentira — disse Kate, consciente logo ao dizer isso de que planejava algumas omissões estratégicas. Ela contou que tinham sido aprisionados pela Condessa e haviam conseguido escapar. Disse que, enquanto fugiam, encontraram acidentalmente um antigo túnel de mineração. Um bando de Gritões viera atrás deles, perseguindo-os enquanto atravessavam uma ponte de corda até entrarem no labirinto (aquele tinha sido o termo empregado por Michael e parecia adequado). No labirinto, tinham se separado da irmãzinha. Kate não mencionou Gabriel, nem o livro, nem o fato de que tinham vindo do futuro.

— A sua irmã — disse o anão. — Então tem mais um de vocês.

— É. Ela é a mais nova. Você precisa nos libertar pra gente ir atrás dela!

— Bem, essa sua história é cheia de mentiras e omissões. Isso dá para ver. Mas não tenho como discutir que uma criança não deve ficar vagando por aí sozinha, mesmo que seja uma criança criminosa e invasora. Melhor ficar nos nossos calabouços. Sem dúvida, os *salmac-tar* já devem ter pegado sua irmã.

— Os *salmac-tar* — disse Kate, lembrando das criaturas de que Gabriel havia falado, sem olhos, com grandes orelhas parecidas com

as de morcegos, aquelas com garras que podiam fatiar um osso. — Eu achei... que eles moravam nas profundezas.

— Andam audaciosos, ultimamente. Avançando no nosso território. É por isso que estávamos fazendo uma patrulha. — O rosto do anão pareceu se fechar. — É culpa dela. Da bruxa. Uma desgraça, toda essa miséria... — Ele baixou a voz, resmungando uma série de palavras incompreensíveis, das quais Kate só conseguiu distinguir “rei”, “bruxa” e “bastardo”.

— Meu senhor — Michael subitamente tentava se colocar de joelhos. — Receio que não tenhamos nos apresentado devidamente. Meu nome é Michael P. Esta é minha irmã Katherine. Estamos sozinhos, correndo grande perigo, e em nome do rei Ingmar, o Bondoso, humildemente pedimos sua misericórdia e sua ajuda neste momento difícil.

Todos os anões pararam e olharam para ele. Kate estava igualmente espantada. Então, ao mesmo tempo, os anões caíram na gargalhada.

— Vocês ouviram? — exclamou o anão de barba ruiva, dirigindo-se aos outros, que estavam ocupados demais rindo para ouvir qualquer coisa. — Em nome do rei Ingmar, o Bondoso? — ele imitou, sacudindo a cabeça, parecendo enxugar uma lágrima. — É bom demais! Bom demais.

Michael parecia confuso e um pouco magoado.

— Bem — começou o anão ruivo, colocando a mão gorducha sobre seu ombro —, a gente só está brincando. Você disse belas palavras e se dirigiu da forma correta, talvez só tenha sido um pouquinho antiquado. Foi um susto ouvi-las de um garotinho humano como você. Então conhece alguma coisa da nossa história?

— C-conheço — gaguejou Michael. — A sua história. As suas tradições. Sei o que levar para um jantar na casa de um anão. Sei como funciona a lei dos anões em relação a heranças. Decorei a

letra de 17 canções de anões para brindar. Sei tudo que tem para saber sobre vocês.

— É mesmo? — O anão aproximou seu rosto do rosto de Michael. — Então me diga, garoto, o que é que nós valorizamos acima de tudo?

Kate esperava que Michael falasse alguma coisa sobre trabalho duro, habilidade manual, devoção ao dever ou qualquer uma das qualidades sobre as quais ele sempre falava. Mas ele disse algo que ela nunca o ouvira mencionar antes. E quando ele falou, sua voz estava baixa.

— Posso responder. É o que eu mais gosto nos anões. A coisa mais importante para vocês... é a família.

Kate sentiu o chão fugir sob seus pés.

— O clã — ele prosseguiu —, a família. Ela é a base da sociedade dos anões. Vocês cuidam uns dos outros. Quando alguém se torna parte do clã, é para sempre. Vocês nunca... nunca abandonam ninguém. Nunca.

Kate sentiu as lágrimas enchendo seus olhos. Em todos esses anos, ouvindo toda a conversa de Michael sobre anões, só agora ela compreendia. Uma família que nunca abandona você. Se as suas mãos não estivessem amarradas, ela teria abraçado Michael e dito que ele tinha uma família nela e em Emma, e que sempre teria.

— Acertou em cheio — disse o anão. Kate viu que os outros assentiam ao fundo. — Mas como sabe tanto sobre nós? Você é um tanto baixinho, talvez, mas não vejo nada particularmente típico de anões em você.

— Ah... se olharem na minha bolsa... — Michael se contorceu para apresentar a bolsa. O anão pôs a mão lá dentro e retirou um livro pequeno e grosso, que Kate reconheceu imediatamente.

— *O Compêndio do Anão*, de G. G. Greenleaf! — exclamou seu captor de barba ruiva. — Lembro bem dele. O velho G. G era um anão muito esperto.

— Espera aí! — Michael estava quase fora de si. — Você está dizendo que o G. G. Greenleaf era um anão? O meu livro foi escrito por um anão de verdade?!

— Se G. G. Greenleaf era um anão? Olhem o que ele está dizendo? Claro que era! Por isso todas as crianças anãs devem ler o livro! Mas como um garoto humano como você encontrou esse livro?

— Era do meu pai. Ele deixou para mim. A única coisa que ele me deixou. — O túnel, de repente, ficou muito silencioso. — A verdade é que eu não me lembro muito dele. Quase nada. O livro é tudo que eu sei sobre ele.

Demorou um longo momento até que o anão de barba ruiva voltasse a falar, e sua voz era gentil.

— Deve ter sido um homem interessante o seu pai. Começo a achar que você não é uma criança idiota, afinal de contas. Última pergunta: o que você acha dos elfos?

Kate viu os anões se aproximarem, olhando para Michael.

— Bem, para ser sincero — começou Michael —, acho que são meio... bobos.

Os anões soltaram um grande grito e o anão de barba ruiva, seguido por outros seis ou sete, se aproximou e deu um forte tapa no ombro dele.

— “Bobo” é exatamente a palavra para eles! — exclamou o barba ruiva. — Eles não passam de cavalinhos de exibição! — Alguns anões agora imitavam os elfos, fingindo pentear os cabelos, passando os dedos nas sobrancelhas, piscando os olhos e caminhando na ponta dos pés.

Kate começava a achar que, por mais bobos que fossem os elfos, os anões só podiam ser piores.

— Você é um bom rapaz — disse o anão. — Meu nome é Robbie McLaur. Estendo a minha mão para você em sinal de amizade. Ah, as suas mãos estão amarradas, não é? Bem... — E ele voltou a bater no ombro de Michael.

— E então, você vai deixar a gente ir embora? — perguntou Kate.

— Ah, não, moça. Não posso fazer isso, eu lamento. O rei fez um decreto. Todos os invasores devem ser capturados e jogados no calabouço até que ele possa interrogá-los pessoalmente.

— Mas não somos perigosos — disse Michael. — E a gente só invadiu o território porque se perdeu.

— Verdade — disse Robbie McLaur. — Ou talvez mentira. Vocês dizem que atravessaram a ponte e entraram no labirinto. Pois é, aquilo era mesmo um labirinto. Construído pelos maiores arquitetos dos anões séculos atrás. Pois vocês poderiam viajar a vida inteira ali, dez vidas inteiras, e nunca encontrariam a saída! Mas os dois entraram por uma ponta e deram de cara com a nossa porta secreta. Sabem as chances de isso acontecer? Eu não apostaria nisso nenhum galeão de madeira. E de alguma forma vocês conseguiram. Como isso aconteceu, hein?

Kate deu de ombros.

— Tivemos sorte.

O anão sacudiu um dedo gorducho.

— Não, menina. Você está escondendo alguma coisa. — Kate começou a protestar, mas ele manteve a mão suspensa. — Devo dizer que não tenho nenhum amor pela bruxa e seus Gritões, e acho que qualquer aliança com tais criaturas é uma traição à grande história dos anões...

— Peraí! — Kate o interrompeu. — Aliança? Você tá trabalhando pra ela? Como pode...

O barba ruiva ergueu o machado e o bateu com tanta força que ele abriu fissuras na pedra do chão. As crianças sentiram o impacto nas pernas, e os anões que estavam conversando fizeram silêncio, enquanto o som ecoava pelo túnel adentro.

— Vou dizer uma vez — rosnou Robbie McLaur. — EU. NÃO. TRABALHO. PARA. A. BRUXA. — Seus olhos estavam sombrios de raiva, e

por um momento Kate ficou aterrorizada. Mas então, com a mesma rapidez, a fúria pareceu deixá-lo e ele desviou o olhar, suspirando. — Mas... ela e o rei têm... uma espécie de entendimento.

— Ele está deixando ela escavar, não é? — falou Michael. — Pra achar... o que ela está procurando. Ele permite que ela escave as terras de vocês.

O anão assentiu.

— É.

— Então você precisa deixar a gente ir embora! — disse Kate. — Você sabe que é errado!

O anão recusou, baixando a voz para que só Kate e Michael pudessem ouvi-lo.

— Não, moça. Embora eu não concorde pessoalmente com a política do rei e até pense nele como um bêbado, uma catástrofe, a pior tragédia que aconteceu à nação dos anões em mil anos, ordens dele são ordens, e eu não vou ser o anão que desobedece ao seu rei. Não, eu não vou ser.

— Mas você não podia pedir pra alguns dos seus homens procurarem a minha irmã? — Kate agora implorava. — Se aqueles *salmac*-sei-lá-o-que estão por aí, ela não devia ficar sozinha!

— Você tem razão neste ponto. Mas não posso mandar os meus soldados numa missão de resgate de um invasor. O que aconteceria se dois ou três deles esbarrassem com uma horda de *salmac-tar*? Seria espetinho de anão para aqueles monstros. Eu nunca poderia explicar isso para um conselho de disciplina. Sinto muito, mas a sua irmã vai ter que contar com a sorte.

Kate ficou furiosa. Sentia lágrimas quentes escorrendo por seu rosto.

— Como você pode dizer que se importa com a família? Você não se importa nem um pouco com a família.

— Me importo sim, moça. Eu me importo com a minha.

Então ele guardou o *Compêndio* na mochila de Michael e vestiu suas luvas, fazendo sinal para dois anões colocarem as crianças nos ombros. A tropa marchou pelo túnel e virou em um grande aposento, ao final do qual havia um par de portas de ferro e dois anões de sentinela. Virando o pescoço enquanto era carregada, Kate viu que as portas eram gravadas com desenhos ornamentados de um anão de muito boa aparência, com uma barba esvoaçante que cintilava sob a luz das tochas. Quando se aproximaram, Kate percebeu que o cintilar vinha de centenas de diamantes perfeitos.

Sem parar, o barba ruiva anunciou:

— Capitão Robbie McLaur, voltando com dois cativos para o rei Hamish.

Os sentinelas bateram com a ponta das lanças no chão e as grandes portas se abriram. Kate viu outra câmara, e no fim dela, mais um par de portas de ferro que se abriu, e depois delas, outra câmara também com portas de ferro que se abriam, e depois dessa, mais uma e mais outra, todas as portas se abrindo (e todas gravadas com o mesmo anão bonito da barba de diamante). Ela e Michael foram carregados de câmara em câmara enquanto as sentinelas permaneciam alertas ao lado de lanças duas vezes maiores do que eles e saudavam o capitão Robbie McLaur. Cada par de portas ia sendo fechado e trancado por trás dele, e quando a tropa atravessou o último, Kate viu que haviam chegado a uma grande ponte de pedra adornada por esculturas de 6 metros de anões ferozes, segurando seus machados. A ponte arqueava-se sobre um enorme abismo, e uma luz branca e brilhante emanava lá de baixo, iluminando tudo à sua volta.

— Capitão — chamou Michael, com a voz vinda em sopros, à medida que ele era sacolejado. — De onde vem aquela luz?

— Do palácio do rei Hamish — disse o anão. — O telhado inteiro é encravado de diamantes. E te digo que ele próprio projetou e realizou a ideia. — Ele falou isso como se não aprovasse

totalmente os telhados cobertos de diamante. — Vocês vão ver mais de perto quando forem interrogados por ele. Imagino que isso aconteça daqui a uns cinquenta anos, mais ou menos.

— O quê?! — exclamou Kate.

— Os anões vivem centenas de anos — disse Michael. — Pensam no tempo de uma forma diferente da gente.

— Que ótimo — disse Kate. — Isso é realmente ótimo.

Do outro lado da ponte, entraram em mais um túnel e desceram uma escada íngreme que parecia não ter fim. Sobre o ombro armado de seu captor, Kate sentia cada passo, até que finalmente eles chegaram a um corredor de pedra iluminado por tochas presas na parede. Os anões que passavam ali não eram alegres como aqueles na tropa de Robbie McLaur. Usavam capuzes que cobriam os rostos, olhavam para o chão, e mesmo os anões de Robbie McLaur pareciam evitar contato com eles.

— Carcereiro — ela ouviu a voz de Robbie McLaur —, tenho dois prisioneiros invasores para o rei.

— A cela 198 está livre — respondeu o carcereiro. — O ocupante morreu hoje cedo. Ou talvez tenha sido na semana passada. Acabamos de reparar no cheiro.

— Hum, então o corpo ainda deve estar lá.

— É. Mas posso mandar removê-lo nos próximos dias. Até lá, duvido que ele vá incomodar muito seus prisioneiros — disse o carcereiro, gargalhando alegremente.

Kate olhou para Michael. Quando ficassem a sós, ela ia lhe dizer, em termos bem precisos, exatamente o que pensava sobre os anões.

— E por que eles não ficam na cela 47? — sugeriu Robbie McLaur.

— Já está ocupada. Alguém altamente perigoso. Os seus cativos me parecem um pouco moles.

— Não, é a cela 47 que eu quero, carcereiro. Isso, é lá que eles devem ficar. Se esse sujeito amolecer esses dois um pouquinho, tanto melhor. Vai ficar mais fácil na hora do interrogatório.

— Claro, capitão. Por aqui.

Kate ouviu a chave se virar na fechadura e depois ela e Michael atravessaram uma entrada baixa, passando por Robbie McLaur, que estava debruçado sobre uma mesa assinando algo que parecia ser um documento oficial.

— Capitão, por favor! — chamou Kate. — A gente fica na cela 198! Por favor!

Mas Robbie McLaur não ergueu os olhos e eles passaram pela porta, que logo foi trancada atrás deles.

O carcereiro os conduziu por um corredor úmido e iluminado por tochas. Kate e Michael podiam distinguir portas de ferro dos dois lados e ouvir batidas, arranhões e rosnados do interior das celas. Desceram um lance de escada, entraram em outro corredor, desceram mais degraus, seguiram um caminho ainda mais estreito e pararam.

— Aqui — disse o carcereiro. — Cela 47.

Os dois anões colocaram Kate e Michael no chão e cortaram as cordas que prendiam seus pés e mãos. O carcereiro bateu na porta com um bastão.

— Você aí! Vá para trás e não tente nada! Tem mais dois entrando!

O carcereiro esperou, mas houve apenas silêncio. Pôs a chave na fechadura e, com um movimento rápido, virou-a, abriu a porta e guinchou: "Agora!" Os dois anões empurraram Kate e Michael para dentro e bateram a porta atrás deles. Kate ouviu a chave se virar e a tranca se fechar. Tudo estava em silêncio, imóvel e em absoluta escuridão. Ela havia aterrissado sobre um piso de pedra, coberto com pouca quantidade de palha. Kate estendeu o braço e encontrou o de Michael.

— Michael — sussurrou —, você tá bem?

— Aham. Acho que sim.

Da forma mais silenciosa possível, os dois se levantaram. Kate fitou a escuridão. Havia alguma coisa ali com eles. Alguma coisa perigosa, o carcereiro tinha dito. Mas o quê? Será que podia vê-los?

— O que a gente vai fazer? — cochichou Michael, e Kate percebeu o pânico em sua voz.

Houve um barulho do outro lado do aposento. Parecia que alguém ou algo se levantava.

— Não se aproxime! — gritou Kate. — Estou te avisando! Fique onde está!

Mas seja lá o que aquilo fosse, se aproximou. Podiam ouvir passos lentos sobre a palha. Kate e Michael recuaram até suas costas se apertarem contra o metal frio da porta.

— Eu disse pra parar! Ou eu... ou eu...

Antes que Kate pudesse pensar numa ameaça plausível, a coisa falou:

— Talvez seja melhor a gente ver com o que está lidando.

Kate ficou congelada. Aquela voz... Como ela conhecia aquela voz? Uma chama apareceu na escuridão, e a forma do homem se separou das sombras. A princípio, Kate achou que ele tinha uma lanterna. Então, quando ele chegou mais perto, percebeu que ele segurava a chama nua na palma da mão. Mas não foi isso que fez com que soltasse uma exclamação de surpresa. Foi o rosto do homem.

— Olhem só — disse o dr. Stanislaus Pym. — O que temos aqui?

CAPÍTULO DOZE  
Café da manhã no jantar



A criança não pesava nada. Gabriel pousou-a delicadamente no chão da primeira câmara, de forma que ela ficasse deitada, de lado. A camisa, na parte da frente e de trás, estava empapada de sangue.

— Gabriel...

— Feche os olhos.

Ela obedeceu e Gabriel agarrou a ponta emplumada da flecha. Suas mãos estremeceram, talvez pela primeira vez na vida. Ele partiu a seta com um estalo forte. Emma gemeu, mas manteve os olhos fechados. Ele fez o mesmo com a ponta que saía de suas costas. Desta vez, um pequeno grito trêmulo deixou os lábios de Emma. As mãos estavam presas, como se ela rezasse, e lágrimas se formaram no canto dos olhos. Apenas alguns centímetros da flecha escura e manchada de sangue apareciam dos dois lados. Ele decidira deixar o fragmento em seu corpo. O veneno já havia contaminado a menina e a haste, pelo menos, servia para estancar o sangramento. Ele a segurou no colo e entrou na segunda porta à esquerda, movimentando-se o mais rápido que ousava.

— O Michael e a Kate não voltaram — disse Emma com uma vozinha fraca e trêmula, semiabafada contra o peito. — Achei... achei que iam voltar pra me buscar.

— Não fale. Você precisa das suas forças.

O tempo, como ele sabia, era o maior inimigo. Precisava tirá-la das montanhas e levá-la à aldeia o mais rápido possível. Quando chegassem lá, vovó Peet, a sábia da tribo, poderia tratá-la. Mas será que Emma conseguiria sobreviver tanto tempo? E ele? As espadas dos Gritões tinham o mesmo veneno da flecha. Gabriel tinha algumas feridas nos braços e um grande corte em um dos lados do corpo. Podia sentir a presença do veneno como gelo em seu sangue, avançando rumo ao coração.

E os irmãos da menina? Será que seguiram em frente pelo labirinto, simplesmente presumindo que Emma estivesse com eles? Mais cedo ou mais tarde, perceberiam a verdade e começariam a voltar. Mas a cada câmara deserta, a cada túnel escuro e vazio, Gabriel sabia que as chances de encontrarem as outras duas crianças eram menores. Teriam se perdido? Ou alguma coisa os havia encontrado? Esses túneis não eram desprovidos de vida.

Gabriel olhou para Emma. Os olhos estavam fechados e a respiração era rápida e superficial. Gotículas de suor depositavam-se em seu rosto. Ela não ia conseguir chegar até a aldeia. Ele parou em uma câmara e a deitou. Não gostava de parar ali, mas não tinha escolha. Levantou a camisa dela para expor o ferimento. O veneno havia se espalhado. Estava visível em volta da pequena saliência da flecha, uma grande aranha negra sob a pele pálida, estendendo suas pernas escuras. Ele pegou uma pequena bolsa de couro e esvaziou o conteúdo: diversos tipos de folha, uma raiz retorcida, um frasco de líquido amarelado. Ele deitou a bolsa no chão e amassou as folhas em um montículo. Estavam secas e logo se transformaram em pó.

— O que você tá fazendo?

Deitada no chão, Emma havia aberto os olhos.

— Preciso cuidar dos seus ferimentos. A flecha estava envenenada.

Gabriel pegou a faca e cortou duas fatias finas da raiz. Picou-as e acrescentou-as às folhas esmagadas. Depois, retirou a tampa do

frasco e cuidadosamente deixou que caíssem três gotas amarelas. As raízes e as folhas começaram a chiar e a soltar fumaça. Gabriel pegou o cabo da faca e começou a misturar tudo, até que virasse uma massa amarronzada.

— Eles se perderam por minha causa, não foi, Gabriel? — A voz era quase um sussurro. — Eu não devia ter deixado eles. Eles descobriram que eu não estava ali, voltaram para me procurar e se perderam. É o que aconteceu, não é? A culpa é minha. Você precisa encontrar eles, Gabriel. Precisa me deixar aqui e encontrar eles.

— Vou encontrar. Mesmo se tiver que voltar com todos os homens e mulheres da aldeia. — Ele mergulhou o dedo na pasta amarelo-amarronzada. Tinha um cheiro quente, de turfa, e grudou em seus dedos. — Mas primeiro preciso cuidar de você.

— Não...

— Não discuta.

Gabriel começou a aplicar o emplastro e Emma prendeu a respiração, para não gritar. Quando tocava na beira do ferimento, o preparado de Gabriel borbulhava e chiava. Emma sentiu como se queimasse profundamente sua pele.

Depois de um momento, quando soube que podia controlar a voz, ela disse:

— Eu vou morrer, não vou?

— Isso aqui vai diminuir a velocidade do veneno — disse ele, continuando a passar o emplastro.

— Tudo bem. — Ele passou o remédio em suas costas. Ainda queimava, mas a sensação parecia muito distante, como se ela tivesse se separado do corpo. — Não estou com medo. Mas, quando você encontrar o Michael e a Kate, pede desculpa por mim, tá bom? Por ter fugido? E diz pro Michael que o que ele fez não foi errado. Eu provavelmente teria feito a mesma coisa. E diz que eu amo os dois. Mais do que tudo, não deixa de falar isso.

Gabriel passou o resto da pomada em volta da saliência da flecha nas costas da menina. Tinha feito o que podia. A sobrevivência dela agora dependia de suas próprias forças e da rapidez com que ele conseguisse levá-la para a aldeia.

Passou um momento olhando-a, deitada sob a luz da lanterna. Ele sempre tinha sido um solitário. Mesmo em sua própria tribo. Mas sentia uma ligação com aquela criança que nunca havia sentido por nada vivo. Pousou suavemente a mão grande sobre sua cabeça. Os olhos estavam fechados. Apesar do remédio, ela estava lhe escapulindo.

— Você tem um grande coração. — Ele afastou o cabelo da menina de sua testa suada. — Você não vai morrer hoje.

E então ele ouviu. *Clique-clique*. Olhou para um dos portais. Embora não visse nada além da escuridão, ele conhecia aquele som. Eram batidas de garras sobre a pedra.

Olhou para Emma. Estava inconsciente. Era uma pequena bênção. Levantou-se, as pernas bambas por causa do veneno em seu corpo. Tirou a machete das costas.

Não havia esperança de fuga. A criatura estava perto demais. Ele ficou ali, olhando para o portal, esperando que ela aparecesse das sombras.

— Então eu cuido de um orfanato! Espantoso! As voltas que a vida dá!

Kate e Michael estavam sentados em pilhas de palha, diante do dr. Pym. A chama que o dr. Pym havia colocado no chão de pedra da cela, e que havia crescido até se transformar em uma fogueirinha alegre, crepitava entre eles.

— Bem, para falar a verdade — disse Michael —, não é bem um orfanato.

— Michael!

— Só estou dizendo... Que tipo de orfanato tem só três crianças?

— Ele tem razão — disse o dr. Pym. — Parece que eu fiz alguma besteira. Ou vou fazer. Em 15 anos, ou seja lá quanto tempo.

Quando o velho mago aparecera pela primeira vez na escuridão, a reação de Kate havia sido de confusão. Que era mesmo o dr. Pym, ela não tinha a menor dúvida. Não achou que estivesse tendo outra visão. Mas o que fazia o diretor do orfanato trancado na prisão dos anões? Ela ficou onde estava, as costas contra a porta.

— Doutor Pym! O que você está fazendo... aqui?

Michael soltou uma exclamação de espanto.

— Ele é o dr. Pym?! O dr. Pym?!

— Olá — disse o mago, sorrindo para eles com a chama dançando na palma da mão.

Kate pôs a mão na parede para se segurar. Estava tendo a mesma sensação que tivera naquele dia, na biblioteca, de que já havia visto aquele homem antes. A imagem dele em meio às sombras apontava para alguma lembrança dentro dela.

— Você é mesmo o dr. Pym? — disse Michael.

— Sou eu. E quem seriam vocês?

— Michael — disse Kate. — Nosso irmão. Ele não estava com a gente no dia em que você se encontrou comigo e com a Emma. — Kate lutava para manter a calma. Tinha que pensar com clareza. Emma estava em perigo. Precisavam de ajuda, se pretendiam encontrá-la. Mas será que podiam confiar no dr. Pym? Quando o choque de vê-lo diminuiu, as dúvidas sobre o feiticeiro voltaram com força total.

— E quem é você, minha querida?

— ... O quê? — Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— Perguntei "quem é você?". Sempre fico feliz em conhecer gente nova. Mas percebi que vocês já me conhecem.

— Isso! Não se lembra? A gente se conheceu... — As palavras se calaram nos lábios de Kate quando ela percebeu o erro. Ela e

Emma só encontrariam o mago na casa de Cambridge Falls dentro de 15 anos. O homem que sorria diante deles, vestido, sem sombra de dúvida, com o mesmo terno de tweed que usaria uma década e meia depois, no futuro, não tinha a mínima ideia de quem ela era. Kate sentiu-se boba e derrotada.

— ... Quer dizer, a gente vai se conhecer... É complicado.

— Eu e você não nos conhecemos — explicou Michael, prestativo —, porque eu já estava preso no passado.

— Entendo — disse o dr. Pym. Depois ele sacudiu a cabeça. — Para falar a verdade, não entendo nada. É melhor vocês entrarem e explicarem tudo.

Ele os conduziu para os fundos da cela, que era do tamanho de uma confortável sala de estar, ou melhor, de uma confortável sala de estar feita inteiramente de pedra e ferro, sem janelas, e tendo apenas palha velha como mobiliário. O dr. Pym fez dois montinhos de palha e mandou Kate e Michael se sentarem. Então, deslizou a chama da palma da mão, deu um sopro e o fogo ganhou vida. O dr. Pym se acomodou num terceiro montinho, dobrou as pernas compridas e tirou um cachimbo do bolso interno do casaco.

— Agora — disse ele, enquanto colocava o fumo no cachimbo —, comecem do princípio.

— Espera... — Kate tinha decidido pedir-lhe ajuda. Que outra escolha eles tinham? Emma estava perdida. — A gente vai contar tudo, tá bem? Mas primeiro...

— Ah, claro, apresentações. Muito bem. Sou Stanislaus Pym. Mas você sabia disso. Ouvi você dizer que se chama Kate? É apelido de Katherine?

— É, mas...

— Katherine do quê?

— P! Katherine P. E este é o Michael, mais uma vez! Mas...

— P? Como a letra? Isso não é muito comum.

— Não sabemos os nossos sobrenomes verdadeiros! Olha, eu disse que a gente contaria tudo! Mas primeiro você precisa encontrar a nossa irmã Emma! Ela deve estar em perigo!

— Ela fugiu pra ajudar o Gabriel! — disse Michael. — Apesar de a Kate ter mandado ela não voltar. Ela sempre faz esse tipo de coisa.

— Michael, essa não é a hora.

— Desculpa — balbuciou Michael — ... mas ela faz.

— Então a irmã de vocês está com o Gabriel?

— Você conhece ele? — Kate ficou surpresa.

— Conheço — disse o dr. Pym. — E se isso é verdade, não precisam se preocupar. O Gabriel é um dos indivíduos mais habilidosos que eu já conheci.

— Mas a gente não tem certeza de que ela está com o Gabriel! Será que você não pode fazer algum feitiço...

— Katherine, para começar, magia não funciona assim. Você não diz "abracadabra" e consegue que alguém simplesmente apareça. Bem, às vezes acontece, mas não neste caso. Em segundo lugar, fiquem tranquilos. Já estou trabalhando para localizar a sua irmã enquanto estamos aqui conversando.

— Você tá? — Ela foi incapaz de tirar o tom cético da voz.

— Ah, com toda a certeza.

— Mas você tá só... sentado aí — disse Michael. — Mascando o seu cachimbo.

— É. — O dr. Pym sorriu. — Bem impressionante, não é? Mas agora insisto que comecem a história. Prometo que tudo o que vocês me disserem para eu formar uma ideia melhor sobre a sua irmã vai contribuir para que eu a encontre.

Kate cedeu (também, que opção ela tinha?) e eles começaram a contar a história, embora de uma forma um tanto abreviada (Kate ponderou que ele ouviria tudo de novo em 15 anos), mas passando pelos pontos principais: o desaparecimento dos pais, a mudança de orfanato a orfanato, a chegada a Cambridge Falls e a descoberta,

através de Abraham, de que o diretor do orfanato, o dr. Pym, era um mago...

(— Nossa, este tal de Abraham é um pouco fofoqueiro, não é? — comentou o dr. Pym.)

... de como encontraram o livro no aposento subterrâneo...

(— Aquele era o seu gabinete? — perguntou Michael.

O dr. Pym deu de ombros.

— Não tenho a mínima ideia. Ainda não sou o dono da casa. Era agradável?

— Um pouco assustador — disse Michael.

— Ah — disse o dr. Pym, parecendo desapontado. Mas ele sacudiu o cachimbo para que prosseguissem.)

... e contaram como usaram o livro para voltar ao passado, sobre a Condessa, sobre como Michael ficara preso no passado, e Kate e Emma voltaram para resgatá-lo...

(— Muito corajosas — disse o dr. Pym com ar de aprovação. — Atitude muito nobre.)

... e contaram como o livro havia desaparecido diante de seus olhos, sobre as crianças do dormitório a quem Kate havia prometido ajuda, a fuga, os lobos, Gabriel, a perseguição nos túneis, como se separaram de Emma e a captura pelo capitão Robbie McLaur e seus anões.

— Minha nossa — disse o dr. Pym. — Quanta coisa aconteceu. Não é para menos que vocês estejam com uma aparência tão exausta.

— Olha — a impaciência tomava conta de Kate —, eu sei que você é um mago e que provavelmente sabe o que está fazendo, mas talvez precise tentar outro feitiço porque, obviamente, a Emma ainda não está aqui...

— Minha querida, estou fazendo tudo o que posso — disse o dr. Pym, lançando-lhe um olhar sob as sobrancelhas nevadas. — Mas a

verdade é que os meus poderes estão um tanto prejudicados, no momento.

— O que você quer dizer? Você pode usar magia!

— Correção: posso usar alguma magia. Esta cela...

— É de ferro, não é? — exclamou Michael. — O ferro dos anões, nas paredes!

— Ah! — disse o dr. Pym, com admiração — Vejo que você sabe alguma coisa sobre os anões.

— Acho que os anões são os mais nobres, os mais...

— Tudo bem, Michael, a gente sabe. Doutor Pym, qual o problema com o ferro nas paredes?

— Embora eles mesmos não tenham poderes mágicos, os anões são criaturas mágicas. Tudo o que constroem está impregnado de magia. Quanto maior é a habilidade empregada, maiores as propriedades mágicas do objeto. E anões não têm competidores quando se trata de trabalhar com o ferro. Então quando constroem uma cela como esta, o ferro é trabalhado de um jeito que enfraquece os poderes de alguém como eu.

Kate estava a ponto de dizer algo de que se arrependeria depois — algo como “Então para que você serve?” —, mas naquele momento a porta se abriu e quatro anões entraram na cela. Um deles carregava uma mesinha baixa e quadrada. Os outros três equilibravam bandejas com pilhas de pratos fumegantes de comida.

— Ah — disse o dr. Pym —, o jantar.

Só que não era. Os anões estavam colocando sobre a mesa pilhas de panquecas lambuzadas com manteiga, bacon gordo, tortas espessas cobertas de queijo e recheadas de carne, vidros de geleia, compota, mel, pedaços e mais pedaços de torradas douradas, tigelas fumegantes de mingau, pedaços de queijo macio, pirâmides de rosquinhas gorduchas, recheadas de geleia, e finalmente uma jarra do que parecia ser cidra quente de maçã.

— Os anões são fortes defensores do café da manhã na hora do jantar — comentou o dr. Pym —, e devo dizer que comecei a gostar desse hábito. Muito obrigado, meus amigos.

Os anões que serviam a refeição abaixaram-se em cumprimento, e as barbas varreram o chão enquanto recuavam para fora e fechavam a porta de ferro.

— Venham para cá, vocês dois. Sei que estão preocupados com a sua irmã, mas precisam manter as energias. Não vão ser de nenhuma ajuda se estiverem esgotados. E eu tenho algumas coisas para contar que vocês devem achar bem interessantes. Portanto, vamos começar, antes que a comida esfrie?

E ele se debruçou para cortar para si uma grossa fatia de presunto, ovo e torta de queijo. Michael olhou para Kate. Ela assentiu e eles assumiram posições em volta da mesa para começar os trabalhos.

— Deixa eu começar perguntando uma coisa para vocês. — O dr. Pym comia uma rosquinha com geleia tentando, sem muito sucesso, evitar que o recheio pingasse no terno. — Estou certo em presumir que vocês também estão procurando pelo livro?

— Está — disse Kate. Ela estava devorando uma pilha espessa de panquecas de mirtilo. — É a única forma de a gente voltar para casa. Mas não temos a mínima ideia de onde ele está.

— Bem... — O velho mago enfiou o último pedaço da rosquinha na boca, deixando que um monte de geleia fosse parar em sua gravata, sem perceber. — Ainda bem que eu sei, então.

Kate e Michael congelaram.

— O quê? — perguntou Kate.

— Ainda bem que eu sei onde o livro está. — Ele tinha começado a examinar uma pilha de trancinhas de canela, procurando as mais compridas e açucaradas. — Ah, agora sim. — Ele puxou uma espiral dourada e ergueu-a para admirá-la melhor.

Contou-lhes que o livro estava escondido sob a Cidade Morta.

E o que era a Cidade Morta?

A Cidade Morta, como o dr. Pym explicou enquanto mascava a trancinha feito um panda, era a antiga capital dos anões. Fora abandonada uns quinhentos anos atrás, depois de ter sido devastada por um terremoto.

— Você está bem, minha querida? As panquecas estão caindo mal?

— Estou bem. — A voz de Kate estava tensa. Ela se lembrava do sonho da noite passada, da cidade no interior da montanha, de como a terra havia se aberto para engoli-la. Seria a mesma cidade? Só podia ser.

— De qualquer maneira — o dr. Pym lambeu os dedos para limpá-los —, o livro está trancado em uma casa-forte sob as ruínas.

Kate sentiu um calafrio. Por que ela tinha aquelas visões? Mais uma vez, ela se lembrou da Condessa dizendo que o livro a havia marcado.

— E a Condessa... ela sabe?

— Bem, com certeza ela sabe de alguma coisa. Mandou os homens de Cambridge Falls escavarem aquela região pelos últimos dois anos.

— Mas comucêsabdtuduisso? — Michael perguntou (ele estava com boa parte de uma panqueca de banana dentro da boca).

— Boa pergunta — disse o dr. Pym. — Acho melhor eu começar contando coisas de muito tempo atrás.

Ele sacudiu um monte de farelos dourados do casaco, pegou uma rosquinha e começou...

Como as crianças já sabiam, havia três grandes livros de magia. Os chamados Livros do Princípio. O dr. Pym não julgou necessário discorrer sobre as diversas qualidades e poderes dos livros naquele momento. Bastou dizer que 2.500 anos atrás, depois de a cidade de Rhakotis ser saqueada pelos exércitos de Alexandre, o Grande, dois

dos Livros do Princípio de fato sumiram. Porém, o terceiro foi contrabandeado para fora da cidade por um jovem mago muito inteligente e bem-apegoado. (Ele mencionou várias vezes a boa aparência do mago. Parecia ser uma parte importante da história.)

Durante anos, este jovem feiticeiro permaneceu em movimento, ocultando o livro em um esconderijo e outro. Sabia que havia muitas forças sinistras ansiando pelo poder do livro, e que o usariam para objetivos torpes e destrutivos. Finalmente, depois de talvez uns mil anos, o mago já-não-tão-jovem atravessou o oceano com o livro, subiu nessas montanhas e fez um pacto com o rei dos anões para escondê-lo.

Mais uma vez, Kate sentiu um tremor de reconhecimento. Era a visão que a havia guiado pelo labirinto. Será possível que o livro estava dando pistas para ela? Será que ele queria ser encontrado por ela?

— Você vai comer aquele waffle? — cochichou Michael. — Porque ele tem pedacinhos de chocolate...

Kate empurrou o waffle para ele.

O rei dos anões fez com que seus melhores pedreiros construíssem uma casa-forte bem abaixo da cidade, e lá o livro foi colocado. Por mais dez séculos, tudo permaneceu tranquilo. Então houve o terremoto, e não foi só a cidade que ele destruiu. Matou também a maior parte da população, inclusive todos aqueles que sabiam sobre a existência do livro. Assim, quando os anões se mudaram para o sul a fim de reconstruir a capital, o livro ficou para trás, esquecido sob as ruínas.

— Bem, como eu soube da existência e da localização do livro não importa...

— Como você conseguiu? — perguntou Michael. Era o tipo de detalhe prático ao qual ele não era capaz de resistir.

— Meu menino, eu disse que não importava.

— Aposto que você descobriu um antigo manuscrito na biblioteca. Mas estava ali atrás de todos os outros manuscritos e por anos e anos ninguém prestou atenção até que você viu e percebeu que se tratava do diário do jovem mago e...

— Não, não foi assim que aconteceu.

— Ah! Aposto que foram as árvores que contaram, não foi? Carvalhos velhos. Provavelmente ainda eram árvores bebês na época, mas viram o jovem mago levar o livro para dentro das montanhas, e aí você lançou um feitiço para que elas falassem...

— Nada disso, ninguém pode fazer as árvores falarem. Não os carvalhos, pelo menos. Eles são terrivelmente monótonos.

— Então eu aposto que...

— Você era o mago! — exclamou Kate.

— Isso é maluquice — disse Michael. — Ele teria que ter milhares de... — Mas parou a frase no meio porque o dr. Pym sorria para Kate.

— Minha querida, como você soube?

Kate pensou em dizer a verdade, que tinha se dado conta de repente que o homem de cabelo cor de gengibre em sua visão, aquele que havia entregado o livro ao rei dos anões para garantir sua segurança, era o dr. Pym — só que bem mais jovem. Se ela contasse aquilo, o dr. Pym talvez começasse a fazer perguntas. Ia querer saber tudo sobre suas visões.

Ela deu de ombros.

— Foi só um palpite.

O dr. Pym deu uma olhada nela, mas prosseguiu.

Contou para os dois como, a princípio, tinha como hábito voltar para a região com intervalos de alguns anos. Mas conforme o tempo passava e o livro permanecia intocado, e especialmente depois do terremoto, quando ele passou a ser o único ser vivo que sabia da sua localização, as visitas se tornaram menos frequentes. A última viagem havia sido cinco ou seis anos atrás. Foi quando ele conheceu

Gabriel. E descobriu, com alarme, que tinham se espalhado histórias sobre um objeto de grande poder enterrado nas montanhas. Era como se aqueles que moravam na região tivessem começado a sentir a presença do livro. O dr. Pym sabia que, mais cedo ou mais tarde, aqueles boatos chegariam aos ouvidos errados. Começou a procurar um novo esconderijo.

Explorou o mundo inteiro, rejeitando uma caverna submarina aqui, uma fortaleza nas montanhas ali. Estava na Amazônia examinando um conjunto de cavernas quando teve notícias da chegada da Condessa. Voltou imediatamente. Àquela altura, a Condessa vinha trabalhando por quase dois anos. Os homens de Cambridge Falls, sob as chicotadas e os golpes dos guardas, tinham escavado uma rede de túneis sob a Cidade Morta. Embora ainda não tivessem descoberto a casa-forte, o dr. Pym sentia que esse dia não estaria distante. O livro precisava ser removido imediatamente.

— E os homens? — exclamou Kate. — E as crianças?! Por que eles não foram libertados primeiro?

— Katherine, os seus sentimentos são muito bonitos. Mas a segurança do livro tinha que vir antes. Se ele caísse nas mãos da Condessa, muitas outras vidas estariam em perigo.

Kate pousou de volta na mesa o pãozinho que comia. Suas mãos tremiam de raiva. Disse a si mesma que se tivesse uma escolha, mesmo que significasse que ela, Michael e Emma ficariam presos para sempre no passado, mesmo se fosse para salvar a vida de uma única criança e reunir uma única família, ela deixaria a Condessa ficar com o livro.

A questão, prosseguiu o dr. Pym, era como pegar o livro. Os soldados da Condessa tinham montado um campo de prisioneiros na Cidade Morta. Não seria fácil evitar as sentinelas. Mas mais desencorajador ainda era chegar à própria casa-forte. O terremoto, tantos anos antes, havia selado completamente a passagem.

— Mas aposto que existe um caminho secreto, não é? — disse Michael.

— Você é um cara muito inteligente. — O dr. Pym sorriu. — Ainda bem que não está trabalhando para a Condessa. Estaríamos todos fritos.

— Ah, eu nunca trabalharia para ela — disse Michael com um tom enfático, depois olhou para Kate e balbuciou — quer dizer... de novo.

O dr. Pym explicou que quando a casa-forte foi construída, o rei dos anões construiu uma espécie de porta dos fundos. Foi pensada para o caso de acontecer uma calamidade desse tipo.

— Nossos bons e velhos anões — disse Michael com um sorriso. — Sempre um passo à frente.

Chegava-se a essa entrada secreta através de uma caverna muito abaixo da sala do trono. As paredes eram cobertas por uma espécie rara de líquen que brilha no escuro com uma luz dourada. Quem chegasse àquela caverna poderia alcançar a casa-forte.

— Mas como se chega à caverna? — perguntou Kate.

— Esse, minha querida, é exatamente o problema. O terremoto mudou tudo de lugar. Túneis. Passagens. Embora eu tenha conseguido penetrar na Cidade Morta, não consegui encontrar a entrada certa. Nossa! Vocês já experimentaram uma dessas? — Ele segurava uma rosquinha gorda, cheia de creme, na qual havia acabado de dar uma grande mordida.

— Você pegou a última — disse Michael com tristeza. Ele vinha olhando para aquela rosquinha por vários minutos.

— Ah, me desculpe. — O dr. Pym dividiu-a ao meio e entregou metade. Uma operação um tanto melequenta, mas Michael pareceu apreciar o gesto.

— Então o que você fez? — Kate perguntou com impaciência.

— Bem, quando percebi que precisava de um guia, alguém que conhecesse os túneis sob a Cidade Morta e que pudesse reconhecer

a caverna pela minha descrição, fui para o único lugar onde poderia encontrar esse indivíduo... a corte dos anões. Todo mundo já comeu o bastante? Excelente. Acho que está na hora do chá.

Dr. Pym ergueu uma pequena chaleira de ferro e serviu três xícaras de líquido âmbar fumegante, avisando que tomassem cuidado para não queimar as línguas. Comentou que, apesar de frustrante em alguns aspectos, o ferro dos anões fazia uma chaleira de altíssima qualidade. Depois, ele se recostou e colocou uma pequena quantidade de tabaco em seu cachimbo, riscou um fósforo, trago até que estivesse bem aceso e soltou um longo fio de fumaça com perfume de amêndoas.

— Agora chegamos à segunda parte da minha história. A história de Hamish. — Dr. Pym bebericou seu chá. — Até recentemente, os anões desta região eram governados por uma rainha, uma senhora justa, idosa e sábia, minha boa e querida amiga. Durante minha última visita... como disse, há uns cinco anos... ela me garantiu que seu filho caçula (eram dois) seria o rei, depois que ela morresse. O mais jovem era tudo o que um futuro rei deveria ser: bom, verdadeiro e com todas aquelas qualidades chatas e necessárias. O outro filho, o mais velho, era um bandido. Uma criatura de paixões descontroladas e higiene bem deficiente. Estava claro para todo mundo que ele seria um desastre como rei. Mas infelizmente, pouco depois da minha visita, a rainha morreu sem deixar um testamento. Ou pelo menos... — Dr. Pym fez uma pausa, passando um olhar cheio de significados para as crianças. — Pelo menos nunca encontraram o testamento, e então Hamish se tornou o rei, em vez de Robbie.

— Peraí... você está falando do capitão Robbie? — perguntou Kate.

— Ah, sim, vocês disseram que conheceram o bom capitão Robbie. Ele e Hamish são irmãos. Tão diferentes quanto o dia e a noite, quanto... — parou, buscando outra comparação e então deu

de ombros — ... bom, dia e noite passam a ideia. Pois bem, Hamish era o rei havia pouco tempo quando a Condessa e os *morum cadi* apareceram na corte. Ela o bajulou com presentes e promessas e pediu permissão para escavar a Cidade Morta. Não disse a ele o que procurava. Aliás, afirmou que ela mesma não sabia. Disse que estava seguindo uma lenda, um boato. Uma história sobre um artefato mágico perdido. Mas prometeu que, quando encontrasse o objeto misterioso, ela e Hamish o compartilhariam. No final, ele deu permissão.

— Ele é tão idiota assim? — perguntou Kate.

— Ah, com toda a certeza — disse o dr. Pym. — Mas mesmo assim, não levou muito tempo para que percebesse que tinha sido enganado, que a Condessa sabia exatamente o que estava procurando e que não tinha a menor intenção de dividir. Você pode muito bem perguntar por que Hamish simplesmente não retomou a Cidade Morta à força. Afinal de contas, as forças dele eram muito superiores às da Condessa. Por enquanto, vou dizer apenas que ele tinha razão, uma boa razão, para temer um confronto aberto. Então só se sentou no trono e juntou poeira... literalmente, porque o imbecil se recusa a tomar banho... e foi nessa situação que eu o encontrei.

“Ele estava no meio de um de seus infindáveis banquetes. Acho que a mula chegou a acreditar que eu vinha dar parabéns pela ascensão dele ao trono. ‘O que você trouxe para mim, mago?’ Foram suas primeiras palavras. Respondi que não trazia presentes, muito pelo contrário, eu pedia um.

“‘Ah, você pede?’ Ele riu com sarcasmo. ‘Por quê? Está chegando o Natal dos magos? Por que ninguém me disse?’

“Eu disse que precisava de um guia. Que pretendia passar na frente da Condessa e desaparecer com o objeto que ela tanto procurava. Tinha pensado em inventar uma história complicada para esconder o meu plano, mas senti que Hamish andava tão

desconfiado que sentiria o cheiro do meu truque na mesma hora. De qualquer maneira, o efeito das minhas palavras foi imediato. Hamish atacou como um tigre — um tigre sujo, fedorento e semianalfabeto.

“Você então sabe o que ela está procurando?”, gritou ele.

“Sei sim’, respondi.

“Ele exigiu que eu contasse tudo o que sabia. Me recusei. Ele me ameaçou, mas continuei a me recusar. Ele ficou furioso. Gritou. Cuspiu. Derrubou pratos. Virou mesas. Deu um soco no ministro da Cultura. Foi um acesso de raiva como nunca vi antes, e o tempo todo ele gritava que o tal objeto estava enterrado na terra dos anões, que pertencia aos anões, ou melhor, que era dele e de mais ninguém.”

— O argumento dele faz sentido — murmurou Michael.

— Eu disse a Hamish — prosseguiu o dr. Pym — que os anões eram só os guardiões do objeto. Ele não pertencia a eles.

“Então você se recusa a me ajudar?!, berrou ele. ‘Acha que eu não posso te ferir, mago?! Isso é o que você pensa, seu canalha? Seu idiota de cabelos brancos!’

“Respondi que sabia perfeitamente bem que ele podia me ferir. Mesmo assim, não contei o que estava enterrado sob a Cidade Morta. E foi assim... — o dr. Pym abriu os braços como se para abraçar as paredes da cela — ...foi assim que acabei aqui. Tudo isso aconteceu há quatro dias.”

As crianças ficaram em silêncio, segurando as xícaras de chá ainda fumegantes, e pensando em tudo que o dr. Pym havia dito.

Michael perguntou se o dr. Pym tinha uma chave para entrar na casa-forte. O velho mago sorriu:

— Algo do tipo. Tenho sim. Mas falei demais para uma única noite. Vocês estão cansados e precisam dormir. Algo me diz que amanhã vocês vão precisar de todas as suas forças.

— E a Emma? — Kate tinha ouvido tudo que o dr. Pym havia dito sobre a viagem do livro, a casa-forte, Hamish... Tinha sido

paciente. Mas já bastava. — Você disse que estava procurando por ela! Onde ela tá? Tá segura? Tá viva? Pode dizer isso pra gente?

— Ela esteve em grande perigo — disse o dr. Pym com a voz baixa. — Mas já conseguiu escapar. Agora ela está na aldeia do Gabriel, sendo cuidada pela sábia deles. Garanto a você, minha querida, que a sua irmã está bem segura.

Por um momento, Kate e Michael ficaram chocados demais para falar.

— De verdade? — perguntou Kate.

— De verdade. Você quer ver com os seus próprios olhos?

Kate assentiu.

O dr. Pym abriu um sorriso.

— Muito bem.

E de repente, pareceu que o corpo todo de Kate tinha sido recheado com areia. Seus braços e pernas ficaram incredivelmente pesados. As pálpebras se fecharam. Instintivamente, lutou para continuar acordada. Sentiu Michael desmoronar sobre ela.

— Mas... — balbuciou ela — a gente...

Ela dormiu antes de encostar a cabeça na palha.

Enquanto dormia, sonhou que estava de volta ao labirinto, flutuando por um de seus corredores sombrios. Havia uma luz adiante, vinda de uma câmara. Ela se dirigiu a ela, saindo do túnel, e a cena que se abriu diante de si era pior do que qualquer pesadelo. Emma jazia imóvel no chão. A parte de baixo de sua camisa estava escura com sangue. Kate viu a protuberância escura da flecha que saía das suas costas. Gabriel estava de pé junto dela, com sua assustadora arma agarrada nas duas mãos, o fio reluzindo sob a luz da lanterna. E, aproximando-se dele pelo chão da câmara, estava a criatura mais horrível que Kate poderia ter imaginado.

A pele era translúcida, de um branco gosmento, pontilhada por manchas verdes. As pernas e os braços eram horrendamente longos

e finos, as costas curvas por terem passado gerações e gerações se movimentando por túneis baixos. As garras batiam no chão enquanto avançava, e Kate viu os olhos leitosos e cegos e as orelhas imensas, parecidas com as de um morcego. O *salmac-tar* soltou um chiado gorgolejante do fundo da garganta e se lançou sobre Gabriel, com as longas garras estendidas. Kate tentou gritar, mas nenhum som saiu. Gabriel deu um passo para a frente, sacudindo a arma sobre sua cabeça e desenhando um arco luminoso. Homem e monstro se encontraram no centro do aposento, e Kate sentiu o peito se apertar de medo, mas então a cabeça do monstro voou para longe do corpo, batendo na parede mais distante e rolando uma, duas, três vezes antes de parar, com o rosto para baixo.

Por um longo momento, tudo permaneceu imóvel. Mesmo o corpo sem cabeça permaneceu onde estava, como se ainda não tivesse percebido o que havia acontecido. Então, lentamente, caiu de joelhos, tombou para a frente e congelou. Gabriel limpou o sangue da lâmina e começou a ir em direção a Emma, mas parou ao ouvir alguma coisa.

Kate também ouviu. *Clique-clique... clique-clique...*

O som vinha de uma das entradas escuras. E de outra. E de mais outra. Os cliques aumentaram de volume como o zumbido de insetos, tornando-se mais ruidosos e densos. Gabriel colocou a arma na bainha, pegou Emma e a lanterna e saiu correndo.

Kate sentiu que o acompanhava enquanto ele voava pelos corredores escuros. Podia ouvir sua respiração, sentir o cheiro de seu suor. Atrás deles, os cliques ficavam cada vez mais altos. Emma em nenhum momento abriu os olhos. Gabriel se lançou de câmara a câmara, túnel a túnel. Quando olhava para trás, Kate conseguia distinguir sombras fantasmagóricas na escuridão, avançando rapidamente na direção dos dois, escalando paredes, vindo cada vez mais depressa.

De repente, não estavam mais no labirinto. Corriam no interior de uma grande caverna vazia feita de rochas naturais, e Kate viu as formas brancas derramando-se para fora da boca do túnel atrás deles. Gabriel tropeçou, quase caiu, e as criaturas iam chegar nele num instante, com dentes e garras, quando ele recuperou o equilíbrio e atravessou um pequeno riacho, cambaleou em outro túnel curto até alcançar a saída, fora da montanha, e a noite pareceu fria ao bater no rosto dela, o luar iluminou a escuridão, e embora fosse um sonho, lhe encheu os pulmões com ar limpo e fresco. Gabriel parou e olhou para trás. Embora não conseguisse vê-los, Kate ouviu a fúria das criaturas no interior da montanha. Por alguma razão, pareciam incapazes de sair.

Gabriel começou a seguir uma trilha que acompanhava a montanha. Kate viu no vale lá embaixo uma série de fogueiras trêmulas que ela sabia que vinham da aldeia de Gabriel. Emma estava segura.

Kate acordou, sentindo o cheiro do tabaco do dr. Pym.

— Bom dia — disse o mago. — Vocês dormiram quase nove horas. Os dois deviam estar exaustos.

Kate esfregou os olhos. O fogo crepitava. Michael continuava apagado sobre a palha.

— Tive um sonho muito esquisito.

— Teve? Estou doído para ouvir. — O dr. Pym estava sorrindo para ela com aquele sorriso bondoso, o rosto coberto pela fumaça. — Sabe, andei estudando você e o seu irmão. Vocês dizem que não lembram nada dos seus pais?

— Tenho lembranças. Mas não sei os nomes deles nem nada. Por quê?

O dr. Pym bateu o cachimbo contra as pedras do chão, esvaziando as cinzas, e o devolveu ao bolso.

— Ah, podemos conversar sobre isso depois. É melhor você acordar o Michael. Eles vão chegar a qualquer momento.

— Quem vai chegar? — Kate se sentia grogue, como se ainda continuasse parcialmente dentro de seu sonho. Tinha mesmo sido um sonho? Parecia tão real. E por que o dr. Pym estava fazendo perguntas sobre seus pais?

Houve o som de uma tranca sendo puxada. A porta se abriu e o capitão Robbie McLaur entrou.

— Vamos lá, força! O rei quer ver todos vocês.

## CAPÍTULO TREZE

### Hamish



Quatro guardas anões, comandados pelo capitão Robbie McLaur, guiaram o dr. Pym e as crianças por uma série de corredores e escadarias até a sala do trono do rei Hamish.

— Não é da minha conta, mago — disse Robbie McLaur enquanto marchavam pelo corredor iluminado por tochas —, mas pelo bem dessas crianças vou te avisando que o meu irmão não é um anão a ser subestimado.

— Apreciamos a sua consideração, capitão — disse o dr. Pym. — Mas acho que sabemos como nos comportar.

— Tudo bem, são os seus pescoços que estão em jogo. Eu só não gosto de ver crianças sendo picadas em pedacinhos quando isso pode ser evitado. Sou um tanto antiquado, talvez.

Logo começaram a passar por anões que iam na direção contrária, carregando bandejas empilhadas com restos gordurosos de uma grande refeição. Um deles trotava com uma dúzia de jarros vazios que rolavam com a ajuda de uma vareta. Depois, num cruzamento, precisaram abrir caminho para dois anões que rolavam um barril de madeira pelo corredor berrando: “O rei quer mais cerveja! Mais cerveja para o rei!”

— Minha nossa — disse o dr. Pym —, espero que ele não esteja bêbado demais.

— Não apostaria o meu dinheiro nisso — resmungou Robbie McLaur.

Enquanto se aproximavam de enormes portas douradas, o capitão exclamou com voz retumbante:

— Capitão Robbie McLaur acompanhando os prisioneiros como pediu o rei Hamish! — e dois sentinelas abriram as portas para permitir sua entrada. Kate procurou a mão de Michael.

— Fica do meu lado.

Michael assentiu, mas não disse nada. Tinha medo de que, ao falar, sua irmã percebesse em sua voz toda a empolgação que ele sentia por estar entrando na sala do trono de um autêntico rei de anões.

— E talvez você não devesse sorrir tanto — sugeriu Kate.

— Quietos! — Robbie McLaur vociferou, pois estavam atravessando a entrada. Ele não precisava ter dito nada. O próprio salão silenciou as crianças.

Era o maior aposento que os meninos já tinham visto. Espalhava-se a perder de vista. O teto era tão alto que as grandes colunas de pedra que o sustentavam pareciam erguer-se e desaparecer na escuridão. Mas, além do tamanho e das proporções, havia riqueza em exibição. Os diamantes incrustados no teto cintilavam como estrelas no céu noturno. Pedras preciosas estavam assentadas no chão como ladrilhos. Murais pintados de ouro e prata cobriam as paredes, representando vitórias dos anões contra ogros, duendes, dragões e hordas de *salmac-tar*. Tudo naquele salão tinha sido projetado para impressionar o visitante com a majestade do trono dos anões.

Kate e Michael ficaram parados na entrada, olhando tudo.

Aí, Kate disse:

— É um chiqueiro.

Por toda parte havia pilhas de pratos sujos, pedaços de comida em decomposição, jarros de cerveja pela metade e anões imundos e

inconscientes. Criados exaustos corriam de um lado para o outro do grande salão, trocando pratos e jarras vazias por outros, cheios. Robbie McLaur soltou um grunhido de desagrado.

— O rei Hamish é conhecido por seu apetite — cochichou o dr. Pym. — Um banquete pode levar dias ou semanas.

— Não está certo — disse Michael. — Anões não deviam se comportar assim.

— É, rapaz — rosnou Robbie McLaur —, nunca se disse algo mais certo.

— Ah, vejam só! — exclamou uma voz do outro lado do salão. — Se não é o feiticeiro! E ele trouxe pirralhos também! Tragam eles pra cá! Tragam eles pra cá!

Os guardas fizeram com que o grupo avançasse. As crianças tomaram cuidado para não pisar nos anões que roncavam nem na cerveja fétida.

— Muito feliz por você se dar ao trabalho de nos visitar, mago! Rá, idiota!

Hamish estava sentado no centro de uma longa mesa cheia de anões com rosto ensebado. Alguns ainda comiam e bebiam, indiferentes, mas a maioria estava inconsciente, desabada sobre a mesa ou apoiada em algum vizinho. Hamish era o único que continuava em excelentes condições.

Era de longe o maior anão que as crianças já tinham visto. Embora tivesse apenas a altura de um homem pequeno, possuía uma massa enorme. Kate achou que ele se parecia com um gigantesco javali barbado.

— Espero que vocês tenham ficado confortáveis no calabouço. Gostamos de agradar nossos convidados. Não queremos que as pessoas saiam por aí falando mal de nós. — Ele riu de uma forma desagradável e deu um demorado gole na cerveja, sendo que boa parte dela acabou em sua barba. Kate achou que a barba, que cobria todo o peito, parecia-se muito com um avental louro e

peludo. Ela chegava a ver coisas presas nela: pedacinhos de queijo e torta, casca de pão, um ossinho, um garfo. Era exatamente o oposto do capitão Robbie McLaur, de pé, ao lado deles, com a barba cuidadosamente aparada e o uniforme impecável.

Enquanto Hamish bebia o resto da cerveja, um criado retirou silenciosamente um prato vazio e começou a se afastar.

— Ei! — berrou Hamish, lançando sua taça, que atingiu a cabeça do criado. — Eu ainda não acabei com isso!

Entre muitas reverências e pedidos de desculpas balbuciados, o criado devolveu o prato e Hamish raspou os últimos farelos de alguma coisa e colocou tudo na boca.

— Pronto! — resmungou, jogando o prato sobre o ombro para que ele caísse ruidosamente no chão. — Agora você pode levar.

Então ele limpou os dedos na barba — processo que o levou a desalojar várias minissalsichas — e arrotou. O som ecoou por todo o salão e pareceu despertar os anões na mesa, porque todos subitamente se endireitaram e começaram a arrotar ao mesmo tempo, como se tentassem disfarçar a falta de boas maneiras do rei. Logo o grande salão reverberava com os ecos da sinfonia de arrotos dos anões.

*Brrrraaappht...*

*Errrapth...*

*Grrapphhaaaa...*

*Blllluuupppgggg...*

*Ugggrrraapphhhh...*

— CHE-GA! — berrou Hamish, batendo com o punho na mesa. No mesmo instante, os anões fizeram silêncio e segundos depois, o último *eerrppptt* silenciou.

— Sinceramente — disse o dr. Pym —, ele é um exemplo horrível.

— Dr. Pym — Kate puxou a manga do velho —, o que a gente vai fazer?

Mas o mago só mandou que ela se calasse e continuou a olhar para o rei.

De repente, Hamish bateu as mãos. A princípio, nada aconteceu. Depois, a distância, as crianças ouviram um som rítmico e trovejante. Ficou cada vez mais alto e, de uma vez, as grandes portas se abriram e duas fileiras de anões de armadura marcharam para dentro do salão. Eles se separaram, fazendo sons metálicos com os pés enquanto se posicionavam e, no que pareceu questão de segundos, o salão se encheu com centenas de anões de elmos reluzentes e machados afiados e brilhantes sob a luz das tochas.

— Muito bem, mago. — Hamish carregou a palavra com todo despeito que conseguiu reunir. — Estou pronto para te receber como você merece. Mas, antes de começarmos esse negócio, quais são os nomes desses seus pirralhos que acham que podem andar pela minha terra quando e onde quiserem? Hein? Responda.

— Não foi de propósito — começou Kate. — A gente...

— Ei! — Hamish bateu na mesa. — Eu mandei você falar?! Hein? Por acaso eu disse, “quero ouvir a resposta de um dos pirralhos”? Eu falei: “gostaria que um desses pirralhos se pronunciasse”? — Os anões à sua volta sacudiram a cabeça vigorosamente. — Não! Eu disse: “Mago.” É ele! — Ele apontou para o dr. Pym com uma asinha de galinha. — Então, mocinha, fique de boca calada. Essa daí é muito mal-educada.

— Eu te apresento — disse o dr. Pym com calma — Katherine e Michael. Sobrenome P.

Kate conseguiu fazer uma espécie de meia reverência, mas Michael continuou só a encarar Hamish, pasmado. Parecia estar praticamente em choque.

— E como creio que Katherine estava prestes a dizer, a presença deles nas suas terras se deveu inteiramente ao acaso. O fato é que eles tinham fugido da Condessa... — Quando ele

mencionou a Condessa, houve muitos grunhidos de mau humor. — E ao fugir, acabaram entrando nas suas terras.

— Uma história plausível — disse Hamish. — Muito boa e bonitinha.

— Aliás, enquanto eles estavam no seu labirinto, se separaram da irmã caçula. Se Vossa Majestade der permissão, eles gostariam muito de se reencontrar com ela.

— Irmã caçula, você está dizendo? Qual a idade dela?

— Onze anos — disse Kate. — O nome dela é Emma.

— A pequena Emma lá fora, sozinha. É terrível, não é? Chega a me deixar com uma lágrima no olho. Não faz vocês ficarem à beira das lágrimas? — Hamish bateu no anão à sua direita, que assentiu e limpou um pouco de molho que escorria pela bochecha.

— Muito bem — disse o rei. — Como vocês foram tão sinceros comigo sobre como chegaram aqui, sobre o que estavam fazendo e tudo o mais, acho que não tenho escolha a não ser deixar vocês partirem, talvez até mandar um grupo escoltar vocês e a sua irmã. Que tal, hein?

O dr. Pym sorriu alegremente.

— Seria muito gentil da sua parte, Vossa Alteza.

— Especialmente porque — Hamish enfiou a pata no meio de uma torta, recolhendo um pedaço de carne e queijo — essas crianças aí são inocentes e não estão atrás do mesmo maldito livro mágico que você e a bruxa estão procurando, aquele que foi enterrado em alguma casa-forte secreta na Cidade Morta e que, por direito, pertence aos anões! Não é?

Hamish encheu a boca com a massa da torta e sorriu para o dr. Pym. Kate sentiu suas pernas perderem toda a força. Estavam encrencados.

— Vossa Alteza... — começou o dr. Pym.

— Fecha essa matraca! — Hamish deu um salto e se levantou, abrindo os braços na mesa e mandando pratos e cálices para o

chão. O rosto estava vermelho vivo e pedacinhos de comida voavam da boca enquanto ele apontava um dedo curto e grosso para o dr. Pym. — Não me venha com mentiras! Com quem você acha que está lidando, hein? Você acha o Hamish só um anão idiota, não é? Você acha que, por ser um anão e ter um corpo menor que o seu, o meu cérebro também é menor, não é?! Acha que é fácil me enganar?! Acha que não sei de todas as malditas palavras que são faladas nos meus malditos calabouços!? Acha que não havia malditos anões estenógrafos ouvindo todos os seus roncos e sussurros?! Acha que eu não tenho uma transcrição completa e com correção ortográfica de tudo o que cada maldito prisioneiro murmura no meio da noite, trazida para mim a cada manhã? — Ele pôs a mão debaixo da barba, aparentemente sob a camisa, e tirou um rolo de pergaminho, que jogou sobre a mesa. — E vocês vêm aqui e tentam mentir pra mim! Pra mim! Pra pegar um tesouro que pertence aos anões! Os malditos Livros do maldito Princípio. Acho que não! Acho que não mesmo!

Dr. Pym manteve a tranquilidade da voz.

— Não, Vossa Alteza. O livro não pertence aos anões. Eles apenas o guardaram.

— Está enterrado sob uma cidade dos anões! Em uma casa-forte construída por anões! Pertence aos anões! Ponto! Ponto final! Fim da maldita história!

O dr. Pym olhou para as crianças e sorriu.

— Não se preocupem.

— Não se preocupem! — Kate guinchou em resposta. — Como a gente pode não se preocupar?

— Bem — disse o dr. Pym —, se preocupem só um pouquinho, talvez.

Hamish continuava a resmungar.

— Vou te ensinar a não subestimar um anão, meu bom feiticeiro.

— Meu rei...

Hamish fez um gesto com a mão.

— Nananinã, não me venha com “meu rei”. Está tarde demais pra isso. — Hamish se levantou e começou a andar de um lado para o outro, passando a mão na barba e falando sozinho. — É isso aqui que vai acontecer: vamos entrar quietinhos por essa porta dos fundos, encontrar o sr. Livro Mágico enquanto está solitário... Como? É, vamos pegá-lo... O livro vai pro saco, vamos passar por toda aquela gentalha e a bruxa nunca vai descobrir que foi a gente que pegou. Ela só encontra a casa-forte e pensa, ah, opa, casa-forte vazia, hein?

— É, mas como você sem dúvida leu na transcrição, eu não consigo lembrar...

— Das malditas cavernas douradas. Eu sei, eu sei. — E Hamish virou a cabeça, berrando: — FERGUS!

Um anão extremamente velho, muito curvado pela idade e com uma longa barba branca que encostava no chão, deixou as sombras próximas à parede e cambaleou para frente... lentamente.

Hamish gemeu.

— Pelo amor de... pode se apressar, Fergus? Vai morrer antes de chegar à droga da mesa!

De fato, Kate viu que os anões trocavam dinheiro, aparentemente apostando se Fergus morreria ou não antes de chegar à mesa. Mas naquele momento o capitão Robbie se aproximou e o ajudou a percorrer o resto do caminho.

— Então, Fergus, você sabe dessa... — Ele estalou os dedos e um criado, curvando-se prestimosamente, levou a transcrição para frente e Hamish alisou-a sobre a mesa para ler. — Dessa tal “caverna dourada” sob a Cidade Morta de que o senhor Sou-um-Maldito-de-um-Mago-Esperto estava falando.

A voz do velho anão saiu como um chiado trêmulo e baixo.

— Ah, sim, sim... a caverna dourada. A Cidade Morta... passagem secreta sob a... a... a... — Kate achou que ele ia ficar empacado naquela palavra indefinidamente, mas ele conseguiu pronunciar o resto: — ... a sala do trono.

— Isso mesmo, Fergus, isso mesmo. Na Cidade Morta. Uma passagem secreta sob a sala do trono. Você disse que conhecia um caminho para a caverna, não é?

Fergus não respondeu.

— Fergus?

Por um segundo, Kate achou que o anão tinha mesmo morrido. Obviamente, alguns dos anões concordavam, pois houve mais troca de dinheiro.

— FERGUS!

— Humm? O quê... — O velho havia adormecido.

— Você disse que conhece um caminho pra tal caverna dourada?

— Ah, sim, há um caminho. Mas é perigoso. Uma passagem sombria...

— Muito bem — disse Hamish, parecendo satisfeito. — Está tudo certo então. E agora você — ele olhou para o dr. Pym — vai me entregar a chave dessa casa-forte e talvez, apenas talvez, eu desista de cortar as suas cabeças quando voltar com o meu livro mágico. O que me diz?

— Temo que não seja possível, Vossa Alteza — disse o dr. Pym suavemente. — Eu sou a chave.

— O quê?

— Nem a entrada principal nem a porta dos fundos têm uma tranca, no sentido tradicional. A porta foi selada por um encanto. Só pode ser aberta por alguns escolhidos.

Enquanto Kate e Michael olhavam, o rosto de Hamish passou da sua habitual palidez pouco saudável para o vermelho, vermelho

intenso, roxo e finalmente para um tom próximo ao azul-escuro, semelhante a um hematoma feio. Aí ele começou a gritar...

— Você acha que eu sou idiota?! Acha que só porque você disse isso eu vou te levar comigo pra fazer alguma espécie de mágica de araque e fugir com o livro?! Você acha... — Hamish parou de falar. — Peraí, você disse que alguns podem abrir... só pode ser aberta por alguns. Quem mais pode abri-la?

O dr. Pym abriu a boca, então fez uma pausa.

— Rá! Peguei você, não foi? Quem mais?

— Prefiro não dizer — respondeu o dr. Pym.

— Prefere não dizer, prefere não dizer! — Hamish apontou para Michael. — Cortem fora a cabeça daquele ali!

— Espera! — disse o dr. Pym, suspirando. — Muito bem. A casa-forte abre pela minha mão... ou pela mão dessas crianças.

As duas crianças viraram as cabeças e olharam para o dr. Pym. Ele, porém, estava encarando Hamish.

Michael cochichou:

— Do que ele tá falando?

— Sei lá. — Kate não tinha a mínima ideia se aquilo era mentira do dr. Pym, se era alguma espécie de plano que ele não mencionara ou se, de fato, era verdade. E se fosse verdade, como eles poderiam abrir a casa-forte? O que isso queria dizer?

Por sua parte, Hamish pareceu aceitar a declaração do dr. Pym como sendo perfeitamente razoável. Esfregou o queixo (ou melhor, esfregou a barba. O queixo estava embaixo dela, em algum lugar) e franziu a testa, pensativo.

— É, imaginei que tivesse alguma relação com esses pirralhos. Eles vagam pelo labirinto e aparecem batendo na porta secreta. Esquisito, não é? Certo! Alguém tranca o mago e junta os fedelhos! Vamos fazer um passeio.

Kate ouviu as palavras antes de ter consciência de falar.

— Não vou ajudar você.

O salão ficou em silêncio. Hamish debruçou-se tão na frente da mesa que se apoiava nas mãos como um gorila. A voz era lenta e ameaçadora.

— O que você disse?

— Não vou ajudar você a abrir a casa-forte. — Kate não tinha bem certeza da razão que a levava a enfrentar Hamish. Obviamente, não queria que ele ficasse com o livro. Mas, como refletiu, era principalmente por achá-lo nojento. Soltou a mão de Michael para cruzar os braços, achando que aquilo a faria parecer mais determinada.

— Inacreditável, essa maldita. — Hamish olhou para os anões dos dois lados dele. — Ouviram o atrevimento dessa aí? De quem é essa maldita sala do trono? E quem é o maldito rei dos malditos anões? Ah, você vai me ajudar, menina! Acredite em mim, você vai ajudar. O que é isso? Dia de Enfrentar o Rei? Acho que não, porque se fosse... — Ele parou, sem saber bem como prosseguir. — Bem, não existe essa data!

— Não importa — disse Kate, virando a cabeça para o lado com altivez. — Não vou ajudar você.

Hamish permaneceu ali, bufando de raiva e olhando-a furiosamente.

— Você tem determinação, mocinha, vou admitir. Mas infelizmente para você não preciso da sua ajuda, porque de acordo com esse mago idiota, preciso apenas da sua linda mãozinha. — Ele lançou um garfo sobre um dos soldados para chamar atenção. — Ei! Você aí! Me traga a mão desta pestinha. Mas deixe o resto dela! Vou ensinar quem é o rei por aqui!

— Você não é um anão!

O salão inteiro, inclusive Hamish, virou-se e olhou para Michael. O rei ergueu a mão para interromper o anão que tinha dado um passo na direção de Kate.

— O que você disse, menino?

Michael tinha o rosto vermelho, estava furioso e com as mãos cerradas ao lado do corpo.

— Eu disse que você não é um anão! E é verdade!

Kate compreendeu de cara o que Michael queria dizer. Sabia quão seriamente Hamish, um autêntico e verdadeiro rei dos anões, devia ter decepcionado o irmão.

— Sei mais sobre os anões do que quase qualquer outra pessoa — prosseguiu Michael, ardentemente. — Toda a minha vida, li tudo o que conseguia encontrar. Eram os soldados mais corajosos, os amigos mais leais. Sempre subestimados pelas pessoas, mas sempre venciam, porque eram os mais inteligentes e os mais esforçados.

Os anões jogados sobre a mesa tinham se erguido enquanto Michael falava. Kate viu o capitão Robbie fitando o irmão, com uma expressão chocada que transparecia através de sua máscara de soldado.

— Mas você... — continuou Michael. — Você é uma desgraça.

— É mesmo? — disse Hamish com frieza.

— Michael — cochichou Kate, procurando a manga de sua camisa para puxá-lo para trás. Mas toda a atenção de Michael se concentrava no rei dos anões e ele deu um passo à frente, para longe do alcance dela.

— É isso. E se você soubesse da metade das coisas que a minha irmã fez, você estaria obedecendo a ela e não o contrário. Ela é duas vezes mais corajosa do que você poderia sonhar em ser. A gente só queria o livro pra voltar pra casa. Você só quer porque é ganancioso. Quer cortar a mão de alguém? Corte a minha. — E ele deu outro passo à frente e pousou o pulso magro sobre a mesa.

Por um longo momento, ninguém se mexeu nem falou. As centenas de anões no salão, aqueles na mesa e em posição de alerta, ficaram parados como estátuas. Kate sentiu, ao mesmo tempo, um medo intenso e um orgulho inacreditável pelo irmão. Michael, o menininho que aturava implicâncias de orfanato em

orfanato, que com frequência precisava que a irmã caçula o tirasse das brigas, cujos óculos eram rotineiramente roubados e jogados na privada, estava agora diante de um rei anão de posse de um machado (e claramente descontrolado). Parecia tão pequeno e magro. Porém, sua mão estava perfeitamente imóvel sobre a mesa, e ele olhava audaciosamente para Hamish. Kate sempre soube que Emma era corajosa, mas nunca tinha pensado em Michael dessa forma. Ela jurou nunca mais cometer tal injustiça novamente.

Hamish deu de ombros e fez um aceno casual.

— Tudo bem. Corte fora a mão dele... e depois, a da garota.

Kate olhou com desespero para o mago.

— Dr. Pym, faz alguma coisa!

— Agora! — gritou Hamish, batendo com o punho na mesa. — Vamos logo com o corta-corta!

Um soldado deu um passo à frente, tirando o machado do cinto. Não deu mais de dois passos antes de ser derrubado e ver seu machado quicando pelo chão. O capitão Robbie o havia acertado no peito.

— O que... — Hamish começou. Mas o capitão Robbie foi para cima dele e a fúria justa de sua voz encobriu a do rei.

— Não, irmão. Não vou deixar você fazer isso.

A tensão no salão aumentou ainda mais, se é que tal coisa fosse possível. Hamish ergueu toda a sua estatura, o que, por ser um anão, não era tanta coisa assim. Os olhinhos pequenos ardiavam de raiva, mas ele manteve a voz baixa.

— Acho que você talvez esteja se esquecendo de quem é o rei por aqui, não é, irmão?

— Não sou um traidor — disse o capitão Robbie. — E talvez devamos mesmo recuperar o livro para mantê-lo a salvo da bruxa. Mas devíamos estar ajudando essas crianças. E não garantindo os nossos ganhos.

“O menino tem razão. Você desonra o nosso povo e eu presto um bom serviço a você ao te impedir. Você se perdeu, irmão. Essa corrupção e negligência estão acontecendo há tempo demais. Precisam ter fim. Pense no que nossa mãe diria se pudesse ver no que você se tornou.” Ele fez um gesto para incluir todo o salão, as canecas derrubadas, os anões bêbados...

Por um breve instante, Hamish pareceu vacilar, e Kate se permitiu sentir esperança. Então ele ergueu a mão, apontando um dedo curto para o capitão Robbie.

— Prendam este traidor. — Três anões vieram correndo. O capitão Robbie não fez qualquer tentativa de resistir.

— Vossa Alteza — interveio o dr. Pym —, se me permite falar. É verdade, eu preferia cuidar pessoalmente do livro, mas forçado a escolher entre vê-lo em sua posse ou na da Condessa, eu escolho a sua. Mas vou avisando: uma mão decepada não vai abrir a casa-forte. Uma criança viva deve executar a tarefa. Garanta a segurança delas e eu prometo que as crianças vão ajudá-lo.

Por um momento, Hamish pareceu a ponto de discutir, depois grunhiu, pegou uma fatia de bolo de chocolate e a lançou sobre o mago e o capitão Robbie.

— Muito bem. Prendam os dois juntos. Vou cuidar deles quando voltar. Partimos imediatamente.

As duas fileiras de anões de armadura deram meia-volta e marcharam para fora do salão.

O dr. Pym se ajoelhou entre Kate e Michael.

— Desculpe. Vocês vão precisar fazer tudo sozinhos.

— Espera aí! — disse Kate. — Você estava falando a verdade? Sobre a casa-forte?

— Sim, ela vai abrir pra vocês.

— Mas como você...

— Minha querida, no momento em que você pôs os pés na minha cela, vi que o livro tinha lhe tocado. Uma coisa que só podia

ter acontecido se você e os seus irmãos fossem as crianças que eu vinha esperando. — Então ele sorriu e, na forma como olhava para ela, era como se seu rosto mostrasse a confirmação de algo que ele suspeitava havia muito tempo. — E que seja você, entre todas as crianças. Não me enganei com os sinais...

— O que você quer dizer com isso?! Eu não...

— Não há tempo para explicações. Porém... — ele abaixou a voz até que ela não passasse de um sussurro — você precisa ser aquela a pegar o livro. Não Hamish. Entende? Não posso lhe dizer como fazer isso, mas você precisa dar um jeito de ser essa pessoa. É essencial. — Depois ele pousou a mão na cabeça de Kate e balbuciou algumas palavras. Ela sentiu um formigamento estranho.

— O que você fez?

— O livro escolheu você, Katherine. Só você pode ter acesso a todo o poder dele. Mas ele não vai obedecer até que o seu coração esteja curado. Espero ter lhe dado os recursos.

Antes que Kate pudesse perguntar o que ele queria dizer, os guardas o arrastaram para longe.

— Tragam os pirralhos — rosnou Hamish. — E acordem o Fergus.

CAPÍTULO CATORZE  
Vovó Peet



— Vamos lá, acorde, acorde! Não adianta fingir que ainda está dormindo...

Emma gemeu e se escondeu sob os cobertores duros e pesados. Continuou deitada, ainda meio dormindo, enquanto a voz da mulher continuava a mandar que ela acordasse. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que a voz era da srta. Sallow, a rabugenta empregada do orfanato que nutria tanto ódio pela Casa de Bourbon. Isso queria dizer que tudo o que havia acontecido — encontrar o livro, volta ao passado, a Condessa, Gabriel — teria sido um sonho. Mas tudo fora tão real! Tudo parecera tão... Que cheiro era aquele?

Abriu os olhos e descobriu que se encontrava numa cama no interior de uma cabana de madeira mal iluminada. O ar estava estagnado, fumacento; o chão era feito de terra batida, e o que ela tomara por cobertores eram, na realidade, montes de velhas peles de animais. Virou a cabeça. No meio do aposento, um menino magro estava acorocado diante do fogo, de costas para ela, mexendo em algo dentro de uma panela de ferro e enchendo a cabana com o perfume de carne cozida e verduras.

Tudo bem, Emma pensou, não foi um sonho.

— Agora sim. Pode se sentar. Você não está morta. Ainda não, pelo menos.

A pessoa que falava surgiu diante dos seus olhos, vinda de trás da cama. Era uma mulher muito gorda, muito velha, que tinha um

volumoso cabelo grisalho embaraçado e o rosto mais cheio de rugas que Emma jamais havia visto. As mãos eram deformadas pela artrite e havia sujeira sob as unhas amareladas, parecidas com garras. Usava um velho vestido negro, um xale da mesma cor e ao menos uma dúzia de colares compridos e balouçantes, decorados com amuletos, penas, contas, minúsculos frascos e vasos, pedaços de raízes e cascas de árvore, pétalas de flores secas, o dente de algum animal enorme e várias caixas de madeiras pequenas e lindamente entalhadas. Ela se arrastava com os pés calçados com mocassins de pele de cervo extremamente gastos, os cordões chacoalhando suavemente. Se Emma a tivesse visto na rua, acharia que era uma senhora maluca. E era isso mesmo que pensava naquele momento.

Afastou-se quando a mulher estendeu-lhe a mão.

— Quem é você?! Onde eu estou?! Cadê o Gabriel?! Não chega perto de mim!

— Bem sensível, você, não é?

— É melhor você se afastar, senão o Gabriel vai te matar quando chegar aqui!

— Gabriel, Gabriel. Ele me avisou que você era guerreira. É, ele me avisou. — A velha tinha uma forma sussurrante, musical de falar.

— O Gabriel me trouxe pra cá? — perguntou Emma, baixando a guarda um pouquinho.

— Se não tivesse trazido, você acha que estaria viva e conversando comigo? A resposta é não. Ah, mas você não lembra? Pense agora.

E como um relâmpago, Emma se lembrou... De estar de pé na beira do abismo, sentir o choque súbito e quente... de olhar para baixo e ver a ponta emplumada da flecha saindo pelo lado do seu corpo... a febre, enquanto Gabriel a carregava pelo labirinto. Instintivamente, sua mão foi para a barriga.

— Vamos, vamos — disse a velha — Deixe isso com a vovó.

Ela levantou a camisa de Emma (foi só então que Emma reparou estar usando roupas limpas, desconhecidas). Havia um curativo com lama endurecida poucos centímetros ao lado do umbigo. As unhas amarelas da velha levantaram as beiradas e a lama começou a se soltar. Emma ficou olhando, meio horrorizada, meio fascinada, esperando ver um grande buraco atravessando-lhe ao meio. Quando toda a lama tinha se desprendido, havia só uma pequena cicatriz cor-de-rosa.

— Hum — disse a velha. — Nada mal esse trabalho.

Emma ficou atônita.

— Mas como...

— Eu sei uma coisa ou outra. Sim, sim, a velha vovó Peet sabe uma coisa ou outra. — Afastou-se arrastando os pés, tagarelando baixinho para si mesma.

— Eu quero... ai. — Uma onda de tonteira tomou conta de Emma, e ela teve que se deitar.

— Comida, é o que você precisa agora. O cozido da vovó. Faz você ficar forte.

— Preciso falar com o Gabriel. Os meus irmãos estão perdidos.

— Não, não, perdidos, não. — A velha misturava e moía alguma coisa numa tigela, movimentando-se com a segurança de quem tinha muita prática, adicionando um raminho disso, uma pitada daquilo, abrindo vários frascos e vasos presos aos colares, para colocar um pouquinho de um pó prateado ou para pingar algumas gotas daquele líquido verde, sem parar de misturar e moer o tempo todo. — Encontrados.

— Como assim? Quer dizer que eles estão aqui? Cadê?

— Aqui não. Ainda sob a montanha. Acharam um amigo. Sempre onde menos se espera. — Ela olhou para o menino perto do fogo. — Rápido com esse cozido.

— Do que você tá falando? Que amigo? Onde?

A velha raspou o que estava misturando e colocou dentro de uma xícara de madeira. Adicionou água, mexeu e estendeu para Emma.

— Beba.

A princípio, Emma só sentiu o gosto de água suja, mas depois desse primeiro momento, percebeu hortelã, alecrim, mel e algo que ela só podia chamar de luz do sol e, se fosse possível, de canto dos pássaros. Baixou a xícara. Ela sentia uma onda dourada e suave viajando por seu sangue, espalhando-se até a ponta dos dedos dos pés e das mãos, até a ponta dos cabelos, aquecendo-a por dentro.

— Uau.

A velha sorriu, multiplicando as rugas em seu rosto.

— Talvez vovó saiba alguma coisa, hein?

— Quem eles acharam, a Kate e o Michael?

— O mago.

— Peraí... quer dizer o dr. Pym?! Eles acharam o dr. Pym?! Como você sabe?

— Eu vi, como mais saberia? Pergunta boba.

— Bom, a gente precisa encontrar eles! O dr. Pym precisa matar aquela bruxa idiota! Ela é horrível! Cadê eles? Vamos agora mesmo!

A velha balançou a cabeça em sinal negativo, pegando uma cesta no chão. Emma ouviu o barulho de vasos batendo lá dentro.

— Você tem um caminho diferente. — Ergueu a aba de couro pendurada na entrada, deixando rapidamente que a luz da manhã entrasse. Ela se virou para o garoto diante do fogo. — Faça ela comer. Vou ver o Gabriel.

— Espera! — exclamou Emma. — Quero... — Mas, ao sair da cama, as forças a deixaram e ela desabou no chão.

O garoto saiu da frente do fogo e ajudou Emma a voltar para a cama. Foi então que ela viu que não se tratava de um garoto, e sim

de uma garota, talvez um ano mais nova do que Kate, mas magra e definida, com cabelo bem curto.

Ela foi ríspida, praticamente jogando Emma na cama. Depois, foi até o fogo, usou uma concha para pôr o cozido numa tigela de madeira e o trouxe, secando uma colher na camisa enquanto andava.

— Você pode comer sozinha, não pode? Não é um bebê?

— Claro que posso — disse Emma teimosamente, embora na verdade, mesmo depois de tomar a poção da velha, ela se sentisse mais fraca do que jamais havia se sentido na vida. Pegou a tigela e a colher da menina. O cozido era um caldo amarelado, com pedaços de carne, verduras e batatas. Tinha o cheiro do paraíso.

A garota se sentou num banco, cruzou os braços e olhou fixamente para Emma, como se quisesse ter certeza de que ela ia mesmo comer tudo.

Emma quis encará-la de volta, mas estava morta de fome, por isso alternou-se entre lançar olhares furiosos para a menina e engolir colheradas famintas de cozido.

— Achei que você estava morta. O Gabriel te trouxe na noite passada. Mais cinco minutos, a vovó falou, e teria sido tarde demais.

— Ela é sua avó?

— Não. Todo mundo chama ela de vovó. Vovó Peet. É uma sábia. Faz magia. Foi assim que ela curou você. É claro que agora ela é dona da sua alma.

Emma parou de comer.

A garota abriu um sorriso.

— Estou brincando. Ela não é assim. Mas você acreditou.

— Não acreditei.

— É claro que acreditou. Você achou que a vovó Peet tinha guardado a sua alma em um vaso ou coisa assim.

Emma decidiu que não gostava daquela menina e que ia ignorá-la.

— O Gabriel contou que a bruxa tinha te prendido, mas que você escapou. É verdade?

Emma deu de ombros como se aquilo não fosse nada difícil.

— Ela mandou os homens cavarem na Cidade Morta, embaixo da montanha. Eu fui até lá escondida. Eu vi.

Emma parou de comer, a curiosidade provocada.

— O que é a Cidade Morta?

— Onde os anões costumavam viver. Há muito tempo, eles tinham uma cidade sob a montanha. Aí, um dia, aconteceu um grande terremoto, sabe? — A garota parecia ficar empolgada em contar a história. — Metade da cidade foi simplesmente engolida. Um monte de anões morreu. Foi quando eles foram embora e construíram essa outra cidade. Hoje as pessoas acham que ela é assombrada. Nem chegam perto. Mas eu não tenho medo. — Ela olhou para Emma. — Você sabe o que a bruxa está procurando?

Emma olhou para a comida.

— Não.

— Não vou contar para ninguém.

— Eu disse que não sei. Como é que a Condessa não prendeu você?

A garota riu.

— Ela não se mete com a gente. Só com o povo da cidade. Se você quer saber, eles merecem o que aconteceu com eles. Se deixarem ser pegos desse jeito... Eu teria lutado com ela. Não ia ligar se ela me matasse. Aquela gente da cidade não passa de um monte de covardes.

Emma encheu uma colher com a última cenoura, depois ergueu a tigela e bebeu o caldo. Estava pensando nas crianças presas na mansão e em como a Condessa iria machucar seus pais e mães, caso tentassem fugir.

— Qual é o seu nome?

— Dena.

— Pois é, Dena, você não tem ideia do que tá falando. Então por que você não cala essa boca idiota?

A garota deu um salto, com os punhos fechados.

— Se você não estivesse doente e não fosse menor que eu, eu ia te fazer retirar o que disse.

Emma jogou longe a tigela e deu um salto para fora da cama. O cozido da velha devia ter mais alguma coisa além de carne e verduras porque, subitamente, Emma se sentiu forte como nunca.

— Pode tentar!

Um segundo mais, as duas estariam engalfinhadas no chão, lutando e dando socos como gatos selvagens, mas naquele mesmo instante a aba da porta se abriu e um homem entrou. Tinha o mesmo cabelo escuro e comprido de Gabriel, mas era menor, mais esguio, com um rosto jovem e sem cicatrizes. Se ele tinha compreendido o que estava a ponto de acontecer ou se sequer se importava, era impossível dizer, pois sua expressão não se alterou. Olhando para Emma, ele disse para a outra menina:

— Ela precisa de sapatos.

Dena hesitou por um momento. Depois, bufando de irritação, ela se abaixou e tirou um par de mocassins usados de baixo da cama e os jogou nas mãos de Emma.

— Venha comigo — disse o homem, virando-se e erguendo a aba.

— Quero ver o Gabriel.

O homem olhou para trás, sobre o ombro.

— Ele que me mandou aqui.

E saiu. Emma calçou os mocassins e correu atrás dele, lançando um último olhar desafiador para Dena.

A aldeia ficava aninhada na encosta da montanha, entre um par de montes cobertos por pinheiros. Ao deixar a cabana quente e fechada, Emma parou para respirar. O ar era frio, fresco e carregado dos perfumes de uma manhã de verão. Emma viu que havia talvez

duas dúzias de cabanas de madeira, algumas atrás de árvores de copas espessas, outras se juntando para formar as margens de uma via principal que se estendia colina acima (se é que “via principal” pudesse se aplicar para descrever uma faixa de terra batida com uns 6 metros de largura). Emma caminhou atrás do rapaz, perguntando-se onde estariam todas as pessoas. Depois que fizeram uma curva, ela viu. A aldeia inteira, ou o que ela imaginava ser a aldeia inteira, estava reunida diante de uma única cabana. As pessoas ouviam um grupo formado por seis ou sete velhos. Emma estava longe demais para ouvir, mas parecia uma espécie de conselho. Quando Emma e o rapaz se aproximaram, os velhos ficaram em silêncio, com os olhos grudados nela. O guia de Emma balançou a cabeça em sinal de respeito e depois levantou a aba da porta para que ela pudesse entrar na cabana.

O aposento estava escuro e ficou ainda mais depois que a aba se fechou. O rapaz não a acompanhou. Emma parou e deixou que os olhos se acostumassem. Havia um cheiro fétido e venenoso no ar. Uma grande forma escura se aproximou dela. Emma piscou e reconheceu a vovó Peet. A sábia pegou Emma pelo braço e a levou para dentro da cabana.

— Onde está o Ga...?

A pergunta morreu em sua garganta. A velha a levava até uma cama nos fundos do cômodo, onde Gabriel estava deitado, de olhos fechados e sem camisa. Meia dúzia de cortes profundos riscavam seus braços e havia uma ferida feia em um dos lados do seu corpo. Mas não foram as feridas que fizeram Emma prender a respiração e morder o lábio. Espalhando-se para fora de cada corte, visíveis sob a superfície da pele, viam-se filamentos negros e espessos.

— Veneno — disse vovó Peet. — Se chegar ao coração, é o fim dele.

— Então faz alguma coisa! — implorou Emma. — Salva ele! Faz alguma coisa! Você tem que fazer!

— Não é tão fácil, menina. Os ingredientes do antídoto são muito difíceis de achar. Usei tudo o que tinha salvando a sua vida. O Gabriel insistiu. — Ela pegou uma tigela cheia pela metade com uma pasta amarelada e espessa e começou a mexer. — Não sei, não sei...

Emma olhou para o gigante. Ele a salvara e agora estava morrendo. Não era justo. Tinha de haver algum jeito... Emma jogou a cabeça para trás. A vovó Peet tinha subitamente segurado seu rosto.

— O que você...

Mas a velha não olhava para Emma. Fitava a ponta de sua própria unha grossa e amarela, onde pendia uma das lágrimas de Emma. Vovó Peet balbuciou alguma coisa, pensativa, depois sacudiu a lágrima para dentro da tigela, mandou Emma ficar parada e recolheu mais meia dúzia de lágrimas, acrescentando-as à mistura amarelada.

— Hum — murmurou, arrastando-se em volta da cama, mexendo. — Talvez...

— Você... — Os olhos de Gabriel estavam abertos. — ... Queria ver você...

Emma se obrigou a sorrir e pôs na voz o máximo de animação e segurança que conseguiu reunir.

— Estou bem. Graças a você. E você também vai ficar. A vovó vai cuidar de você como cuidou de mim. Ela diz que consegue. Você vai ficar novinho em folha.

Do outro lado da cama, a velha começou a espalhar o preparado nas feridas. Emma ouviu quando começou a chiar e borbulhar.

— Estou... feliz em ver que você está bem — disse Gabriel. Fechou os olhos.

Por favor, pensou Emma, por favor, faz ele ficar bem...

Ela pôs as mãozinhas sobre uma das mãos dele. O remédio ardia terrivelmente, pois ele fechou a mão com força, esmagando as

mãos de Emma. Mas ela não soltou. Ela não ia soltar.

## CAPÍTULO QUINZE

### Rumo à Cidade Morta



Kate e Michael caminhavam no meio do grupo, bem atrás do anão encarregado de transportar nas costas o velho Fergus da barba branca, que roncava ruidosamente. Hamish marchava na frente. Havia sete no grupo.

Não houve fanfarra quando deixaram a cidade dos anões. Hamish disse que se as pessoas soubessem que ele estava partindo, insistiriam em organizar um desfile e que ele ficaria beijando bebês por dias seguidos. Kate percebeu que os demais anões trocavam olhares e Fergus chegou a bufar, disfarçando depois como se estivesse tossindo, acabando com um autêntico acesso de tosse que durou quase um minuto.

Partiram por um pequeno portão escondido e seguiram por uma série de túneis bem-cuidados, iluminados por tochas. O tempo todo, Hamish tagarelava sobre a história da Cidade Morta, sobre as várias lendas associadas a ela, sobre o número de flexões de bíceps que ele fazia a cada manhã...

Kate se aproximou de Michael.

— Você não devia ter enfrentado o Hamish daquele jeito — cochichou ela, apertando-lhe a mão em seguida. — Mas foi uma coisa muito, muito corajosa.

Michael pareceu constrangido.

— Não foi nada de mais.

— Foi sim. A Emma teria achado a mesma coisa.

A conversa dos dois era abafada pelo chacoalhar das armaduras dos anões, pelo bater do ferro sobre as pedras, os rancos de Fergus e os comentários monótonos de Hamish. Quando Michael voltou a falar, Kate precisou pedir que ele repetisse.

— Você acha que ela tá bem?

— Acho — disse Kate com mais confiança do que realmente sentia. — E como disse o dr. Pym, o Gabriel está com ela. Ele não vai deixar que nada aconteça.

— Será que a gente vai voltar a se ver?

— Claro que vai. Nem pensa numa coisa dessas.

Michael assentiu e logo mudou de assunto, dizendo que não compreendia por que Hamish não estava levando mais anões. A Condessa não podia ter tantos Gritões assim. Por que ele simplesmente não mandava que seu exército expulsasse todos eles?

— É por causa dos *salmac-tar*.

O anão que tinha falado caminhava atrás deles. Tinha cabelo negro, barba negra e sobrancelhas grossas e espessas. Parecia mais jovem do que os outros. Tinha feito questão, como reparou Kate, de manter baixo o tom de voz.

— Há um ano, mais ou menos, o rei descobriu que, desde que a bruxa chegou aqui, ela vem conversando com aqueles demônios pegajosos, assassinos de anões. Sabem deles, não sabem?

Kate assentiu, lembrando-se do sonho no calabouço... a criatura pálida e cega avançando sobre Gabriel, as garras batendo no chão de pedra do labirinto...

— Bom, ela andou prometendo coisas para eles. Eles precisam é de um banho, se você quer saber. Fato é que ela está se protegendo. Construindo alianças. Então, se o Hamish... quer dizer, o rei... tentasse atacar os Gritões, ela teria hordas e hordas de *salmac-tar* para ajudar. Seria guerra declarada, né? O rei não quer.

— Qual o seu nome? — perguntou Kate.

— Wallace — disse, depois acrescentando, sem motivo aparente. — O anão.

O grupo tinha caminhado por quase uma hora e saiu do túnel na beirada de uma enorme fenda. Kate e Michael não viam, mas ouviam o som da água corrente na escuridão lá embaixo.

— O rio Cambridge — proclamou Hamish, chutando uma pedra, na beirada. — Atravessa as montanhas, passa pela cidade e vai até a represa. Era assim que a gente negociava com os idiotas da cidade. Até que a bruxa chegou. A mulher não tem nenhum respeito pelas forças do comércio. Vamos lá. A ponte está perto. Podemos atravessá-la para entrar no antigo reino.

— O Hamish daria um bom guia turístico — disse Michael, enquanto caminhavam perto da beirada da fenda. — Ele é mesmo muito bem-informado.

— Ele era — disse Wallace. — Antes da rainha morrer, quando vinha visita importante, era ele quem mostrava tudo. Sempre foi bom nisso. Quando estava sóbrio, quer dizer.

Enquanto se aproximavam do seu destino, Kate pegou-se pensando sobre as coisas que o dr. Pym havia dito. Por que uma casa-forte lacrada havia mais de mil anos, uma casa-forte mágica que só se abria para algumas pessoas escolhidas, se abriria para ela, Michael e (ela supunha) Emma? Como seria possível? E o que o mago quis dizer com “que seja você, entre todas as crianças...”? Ela de todas as crianças para fazer o quê? E o que quis dizer quando falou que o livro a escolhera, mas que, para ter acesso a todo o poder, ela precisava primeiro curar seu coração? Quanto mais Kate pensava sobre tudo, mais confusa e preocupada ficava.

Chegaram a uma ponte de pedra arqueada, guardada por um único anão. Ao ver o rei, ele se apoiou sobre um joelho.

Hamish pediu notícias da Cidade Morta.

— Nada, Vossa Alteza. Mas seja lá o que for que a bruxa está procurando, é melhor ela se apressar. Os homens da cidade não vão

durar muito. Não com os Gritões os castigando tanto, fazendo passar fome e trabalhar dia e noite. Se o senhor quer saber a minha opinião, a gente devia expulsar todo mundo das nossas montanhas e...

— Certo, mas quem perguntou alguma coisa pra você, hein? Você só tem que ficar aqui e segurar a sua maldita lança, seu imbecil! — Hamish balançou a cabeça e começou a atravessar a ponte, resmungando. — Todo mundo tem uma maldita opinião.

Do outro lado da ponte, Hamish ordenou que os anões tirassem a armadura. Não queria que fizessem mais barulho do que o necessário. Depois, ele cutucou Fergus para que ele acordasse.

— Vamos, seu velho gagá. Está na hora de fazer o seu trabalho. Fergus abriu os olhos. Estavam úmidos e desfocados.

— Humm?

— Já cruzamos a ponte de pedra. Como chegamos a essa tal caverna dourada?

— A caverna dourada... — Ele parecia não ter ideia do que Hamish dizia.

— É, a caverna dourada, a caverna dourada! Se você mentiu e não sabe... — Ele agarrou a barba do anão idoso.

— Pelos portões — murmurou Fergus. — Seguindo para oeste, junto ao cume. Tem uma entrada marcada com martelos cruzados e depois escadas, muitas escadas...

— Tudo bem. — Hamish virou-se para o grupo. — Cambada, é melhor ficarem quietinhos como camundongos.

Arrastaram-se por um túnel escuro e malcuidado, que terminava abruptamente em uma grande porta de ferro. Hamish cavou sob a barba e sacou uma pesada chave. Ele a encaixou na fechadura, respirou fundo e virou. A tranca saiu do lugar ruidosamente, o som ecoando por todo o corredor. Kate sentiu os anões se encolhendo.

Hamish olhou para trás, encabulado.

— Bom, perdão por isso.

O túnel terminava uns 20 metros depois da porta, saindo no que parecia ser uma caverna enorme, muito bem-iluminada. Em silêncio, Hamish ordenou que todos se deitassem no chão, e os cinco anões e as duas crianças se abaixaram e se arrastaram para a frente. Kate ouvia os sons de marteladas, batidas, ordens gritadas, o estalar de chicotes. Logo ela e Michael estavam na beirada da caverna, olhando para baixo.

Estavam muitas dezenas de metros acima da cidade, que — até onde Kate e Michael podiam ver, já que se estendia para dentro da escuridão — preenchia por completo o coração oco da montanha. Kate pensou que parecia não mais do que uma vasta metrópole num globo de neve, uma que havia sido sacudida e sacudida até que as torres desmoronassem, os prédios desabassem e as fissuras engolissem as ruas. Era o cadáver de uma cidade, largado para apodrecer ao longo dos séculos.

Até agora.

Diretamente abaixo deles, dúzias de lamparinas de gás chiavam, derramando luz sobre as ruínas. Grande parte do trabalho acontecia em uma gigantesca construção sem telhado. Kate conseguia, de leve, distinguir formas com altura de seres humanos que se movimentavam por ali, mas estavam distantes demais e havia poeira demais no ar para que ela visse com clareza o que acontecia. Não que fizesse diferença. Ela sabia que a construção só podia ser a antiga sala do trono, e os gritos e chicotadas contavam o resto da história.

— Calmartia — disse Hamish em voz baixa. — A Cidade Morta.

— Não acredito — sussurrou Michael, puxando os óculos que ameaçavam escorregar do nariz. — Uma antiga cidade de anões. Pena que estou sem minha câmera.

Kate não mencionou que já tinha visto a cidade antes. Em um sonho, duas noites atrás, ela vira sua destruição.

Hamish mandou que saíssem da beirada.

— Continuem abaixados e em silêncio — guinchou —, senão estamos mortos.

A vovó Peet acabou por expulsar Emma da cabana.

— Mas... mas... mas... — gaguejou ela enquanto a velha a empurrava para a porta. Os filamentos negros de veneno sob a pele de Gabriel haviam desaparecido, mas ele ainda não tornara a abrir os olhos. Emma queria estar ali quando isso acontecesse.

— Preciso que ele fique sozinho — disse a sábia. — Logo, logo eu te chamo.

Lá fora, a manhã já estava no fim, e a multidão diante da cabana tinha desaparecido. Emma ficou olhando de um lado para o outro da rua de terra batida. Os únicos sinais de vida vinham de alguns cães que farejavam os restos do café da manhã.

— Ele vai morrer?

Emma se virou. A menina Dena estava ao lado da cabana. Emma supôs que ela tinha tentado olhar pelas janelas.

— Claro que não — desdenhou Emma. — É preciso bem mais do que um monte de Gritões para matar o Gabriel.

Dena não disse nada. Só ficou ali parada, olhando para ela.

— O quê? — reclamou Emma. — Ele vai ficar bem!

Dena não falou nem se mexeu.

Emma se virou e sentou-se num tronco. Apanhou algumas pedrinhas e começou a jogá-las uma a uma em uma panela de ferro. Depois de alguns momentos, Dena se aproximou e se sentou ao seu lado. Juntou seu próprio monte de pedrinhas, mas, em vez de jogá-las, as passou de uma mão para a outra, peneirando a poeira.

— Meus pais foram mortos no ano passado.

Emma olhou para ela, mas Dena só prestava atenção nas pedrinhas que iam de uma mão para a outra.

— Estavam perto de Cambridge Falls. Alguns dos Gritões da bruxa pegaram eles. Provavelmente acharam que eles eram da cidade. Tentando fugir ou coisa assim.

— ... É mesmo?

A garota assentiu.

Então Emma disse:

— Meus pais desapareceram. Há dez anos.

— Morreram?

— Não. Quer dizer... eu não sei.

As duas ficaram em silêncio por um momento.

— Sinto muito pelo que aconteceu com os seus pais — disse Emma.

— O Gabriel tentou convencer todo mundo a brigar com a bruxa na época, mas ninguém quis. Como não vão fazer agora. Um bando de covardes. — E a garota jogou todo o punhado de pedrinhas, que fizeram alarido ao baterem na parte de fora da panela.

— Como assim? — perguntou Emma.

— É o que eles estão conversando — disse Dena, fazendo um sinal para o alto da colina, onde havia uma grande cabana retangular de dois andares. — Ontem à noite, o Gabriel acordou toda a aldeia, berrando que todo mundo precisava lutar. Estava quase desmaiando, por causa do veneno. Agora eles só falam sobre isso, falam e não fazem nada. Estão todos... Ei, aonde você vai?

Emma subia a rua de terra batida. Podia sentir o sangue nas bochechas e os cantos dos olhos nublados pela raiva. Gabriel tinha dito que eles precisavam lutar. Emma ia garantir que eles lutassem.

Ela afastou a aba para o ar cálido e enfumaçado. Era um único e grande aposento. Os velhos que Emma havia visto antes estavam reunidos em volta de uma fogueira, no meio, enquanto o resto da aldeia os cercava em bancos, de pé junto das paredes, ou olhavam para baixo, dos vários níveis de uma arquibancada lá em cima.

Um dos velhos falava.

— Não temos como saber o quanto a bruxa realmente é poderosa! Temos uma responsabilidade, sim. Mas não é com o povo de Cambridge Falls. Temos uma responsabilidade com o nosso sangue! Com a nossa história! — Ele batia a bengala contra o chão, levantando pequenas nuvens de poeira. — E se a gente lutar contra ela e perder? Qual seria a vingança dela? Não sabemos. Não sabemos o que ela é capaz de fazer. Não podemos nos arriscar!

Ele se sentou, em meio a muitos murmúrios. Como um raio, Emma havia pulado sobre um banco...

— Vocês todos vão morrer!

Toda a plateia da sala de reuniões — os velhos no meio, as pessoas nos bancos e junto às paredes, aquelas lá em cima —, todos deixaram de falar com quem estavam falando e se viraram para olhá-la.

— Vocês acham que se não fizerem nada ela vai simplesmente deixar vocês em paz?! São mesmo burros a esse ponto? — Uma voz dentro da cabeça de Emma dizia que ela provavelmente não deveria chamar aquelas pessoas de burras, mas ela ignorou. — Porque é a coisa mais burra que já ouvi na vida!

O velho que estivera falando ergueu a bengala e apontou para Emma.

— Retirem essa criança daqui!

Emma viu uma mulher se aproximar dela. Queria que Kate estivesse ali. As pessoas ouviam Kate.

— É verdade! Eu vi! Tá tudo morto! As árvores! Os animais! Estão todos mortos! Eu vi! Este lugar vai ser amaldiçoado!

— Retirem ela daqui! — grasnou o velho, batendo a bengala no chão.

— Não.

Todo mundo parou e se virou, inclusive Emma. Na entrada, via-se a silhueta de formas grandes e um tanto malcuidadas da vovó

Peet. Ela largou a aba da cabana e se arrastou para a frente, para ficar ao lado de Emma.

— Ela veio do futuro. Se diz que essas montanhas vão se tornar um deserto, então eu acredito nela.

— Mas, vovó — disse o velho, com uma nova nota de respeito na voz —, se o que a criança diz é verdade...

— É verdade! Você tá surdo ou... — Emma começou, até que foi silenciada por um olhar da sábia.

— Como vamos saber o que causou essa devastação? — prosseguiu o velho. — Talvez no futuro de onde essa criança veio, a gente tenha lutado com a bruxa. E perdido. Talvez o que a criança descreve seja a vingança dela.

— Velho covarde — guinchou Emma.

A vovó Peet a ignorou.

— Então, precisamos ter certeza de que não vamos perder.

Ela pegou a mão de Emma e a levou para a frente até que as duas estivessem ao lado do fogo, no meio dos velhos.

— Sou a sábia desta aldeia há mais tempo do que a maioria de vocês tem de vida e, sim, se enfrentarmos a bruxa e formos derrotados, estaremos condenados. Tudo o que somos, toda a nossa história, todas as nossas histórias vão ser apagadas da memória do mundo. Ainda assim — ela se virou lentamente, olhando para a plateia — não temos outra escolha a não ser lutar.

Emma reparou que algo estranho começava a acontecer. As rugas estavam sumindo do rosto da velha, os olhos ficando mais iluminados, a corcova de suas costas se endireitava. A velha vovó Peet, enrugada e curvada, ainda estava lá, mas enquanto falava essa outra mulher, alta, orgulhosa e bela, também apareceu. Era como se uma estivesse sobreposta à outra.

— Todos nós ouvimos histórias sobre um objeto de grande poder escondido nessas montanhas. Muitos acreditam que essas

histórias atraíram a bruxa. Mas qual é o objeto que ela busca? O que ele é capaz de fazer? As histórias não dizem.

A vovó Peet parou. Emma viu que os homens e as mulheres inclinavam o corpo para a frente. Lá em cima, a arquibancada rangia com as pessoas que mudavam de posição para ouvir melhor. Ela continuou:

— É um livro.

“Havia três grandes livros de magia, os livros de magia mais poderosos que jamais foram escritos. Mas foram perdidos há milhares de anos. Mesmo assim, todos os bruxos e sábios os conhecem, sabem do seu poder. Cada um deles tem a capacidade de transformar o nosso mundo.

“Muito tempo atrás, passei a acreditar que um desses livros estava enterrado aqui. Mas não sabia qual deles. Agora, graças a esta criança, eu sei.”

Ela pousou a mão na parte de trás do pescoço de Emma. Emma sentiu a mão deformada e calosa da velha e a mão lisa e forte da jovem.

— O livro escondido nessas montanhas, aquele que a bruxa procura com toda a vontade, é aquele que guarda os segredos do tempo e do espaço. Chama-se *Atlas*.

Um murmúrio varreu o local e, apesar de estar ao lado do fogo, Emma sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Vovó Peet levantou a mão. Os murmúrios cessaram.

— O *Atlas* permite que seu usuário atravesse o tempo. Se movimente pelo mapa da história. Só isso já semearia o medo nos nossos corações. Mas há mais. — Emma sentiu que a multidão de ouvintes tentava se aproximar ainda mais, todos presos às palavras da velha. — Se uma pessoa puder verdadeiramente se aproveitar do poder do livro, ela não será só capaz de se movimentar pelo tempo e pelo espaço, mas também de controlá-los. A matéria-prima do nosso mundo ficará sujeita aos seus caprichos. Nesse dia, todas as

nossas vidas, as vidas de todos que amamos, as vidas de todas as pessoas neste planeta, estarão em suas mãos. Não podemos permitir que o *Atlas* caia nas mãos da bruxa.

Ela parou de falar. Com o canto dos olhos, Emma viu a bela mulher fantasma desmoronar e desaparecer, até que só a idosa vovó Peet, com sua pele de elefante, estivesse a seu lado. Por alguns momentos bem longos, houve apenas silêncio. Então um homem alto e musculoso se levantou nos fundos do aposento.

— Eu vou lutar.

E um por um, eles se levantaram dos bancos ou deram um passo à frente, até que todos os homens entre 16 e 60 anos estavam de pé, dispostos e prontos para lutar.

O velho suspirou.

— Muito bem, se é preciso, é preciso. Mas quem vai comandar?

— Eu vou.

Gabriel estava de pé na entrada, com um cobertor pendurado sobre os ombros. Um momento depois, Emma o abraçava, enterrando o rosto em seu corpo para esconder as lágrimas.

CAPÍTULO DEZESSEIS  
O lago negro



Mantendo-se bem rente à rocha e movimentando-se da forma mais silenciosa possível, Kate, Michael e o pequeno grupo de anões avançaram pelo cume sobre a antiga cidade até chegarem a uma entrada em cujo arco estava entalhado um par de martelos cruzados. Eles atravessaram e se viram numa câmara escura. Hamish fez uma inspeção sob a barba e tirou um cristal do tamanho de um punho fechado que ele bateu contra a parede. No mesmo instante, uma luz branca encheu o espaço, revelando uma escadaria quase vertical que serpenteava para dentro da escuridão. Hamish bateu no velho Fergus, para que ele acordasse.

— Você vai dormir bastante quando estiver morto, o que não vai demorar muito, pode acreditar. É por ali que a gente tem que ir, não é?

Fergus piscou os olhos úmidos e fitou a escadaria.

— É, é por ali. Para baixo, para baixo, até lá embaixo. Esquerda, direita, mais uma direita, a terceira à esquerda, a sexta à direita, a oitava à esquerda e para baixo, basta seguir o seu nariz...  
— E adormeceu de novo.

— Ei! Mantenham ele acordado. Vamos precisar dele. Que inferno.

A escadaria era estreita, íngreme e cheia de voltas bruscas e inesperadas (“Quem construiu isso queria quebrar o pescoço de

alguém”, murmurou Michael, acrescentando em seguida: “Aposto que não foi um anão. Provavelmente eles usaram trabalho terceirizado”). Felizmente, os outros anões tinham sacado cristais parecidos com os de Hamish, e Kate e Michael podiam pelo menos ver onde botavam os pés. O que mais incomodava Kate era que todas as vezes que chegavam a um lugar onde as escadarias se bifurcavam, Fergus era cutucado até acordar e obrigado a dizer qual a direção que deveriam seguir. Ela pediu a Hamish que anotasse o que o velho dizia para que não precisassem acordá-lo sempre, mas Hamish desprezou a ideia.

— Você ia adorar, não é? Anotar as coisas! Ninguém anota nada enquanto eu estiver por perto! Pode apostar nisso! Rá!

Quanto mais desciam, mais frio ficava. Logo pontinhas de gelo apareceram no teto, e Kate e Michael soltavam fumacinha ao respirar. Kate reparou que os anões tinham começado a olhar em volta, nervosamente.

— Dizem que é mal-assombrado — sussurrou Wallace. Na mão direita, ele segurava o cristal reluzente. Com a esquerda, agarrava o cabo do machado. — É por isso que poucos anões vêm para cá. Anões demais tiveram mortes horríveis neste lugar. Existem histórias de alguns que se perderam no escuro e sentiram mãos geladas...

— Talvez você pudesse contar pra gente mais tarde — sugeriu Kate.

Wallace deu uma olhada em Michael, cujos olhos estavam tão arregalados que pareciam ter o tamanho da lente de seus óculos.

— É — grunhiu ele. — Posso fazer isso.

— Parem!

A súplica viera de Fergus, que Kate achava que ainda dormia nas costas de seu carregador. O grito fez as crianças levantarem as cabeças (elas andavam olhando para baixo, com medo de dar um passo em falso e rolarem escada abaixo), e foi então que perceberam que a escadaria estava terminando e haviam chegado a

uma caverna. A uns 5 metros, havia outra entrada e as escadas recomeçavam a descida em espiral.

— É aqui.— disse o velho anão.

— Aqui? — disse Hamish. — Não pode ser.

Kate tinha que concordar. A caverna era um aposento rude feito apenas de terra e pedra. As únicas coisas notáveis eram as duas entradas e um pequeno lago escuro do outro lado.

— Não — disse Fergus, descendo ao chão e encostando-se à parede. — É aqui.

— É mesmo? — desdenhou Hamish. — Esta é a caverna dourada que você estava tãããã certo de poder encontrar? — Ele agarrou a barba de Fergus e deu-lhe um puxão perverso. — Se você nos conduziu na direção errada, seu monte de ossos velhos, vou te fazer comer a própria barba!

Fergus deu uma risada.

— Claro que isso não é a caverna dourada. Tem que passar por ali. — Ele apontou para o lago negro. — No fundo da água, você encontra um túnel, nada por ele, nada, nada, vem à tona, e lá está ela, a caverna dourada, linda como você imagina. Mas tenha cuidado. — Fergus sacou um longo cachimbo de barro e começou a encher a ponta. — Alguma coisa mora lá embaixo. Escura e sinuosa.

Ele acendeu um fósforo e deu três curtas baforadas, sugando as bochechas para dentro. Depois, recostou-se e soprou um grande e preguiçoso anel de fumaça. Nenhum dos outros anões falou ou se moveu.

— Isso — sussurrou Wallace, chegando perto de Kate e Michael — não é bom.

— Como assim alguma coisa mora lá embaixo? — insistiu Hamish. — O que mora lá embaixo?

O velho deu de ombros.

— Sei lá. Nunca passei por lá. Não sou maluco, sabe?

— ENTÃO COMO DIABOS VOCÊ SABE QUE É ESSE O CAMINHO DA MALDITA CAVERNA DOURADA?

Por mais longe da cidade que estivesse, lá embaixo, Kate se perguntou se os Gritões da Condessa não seriam capazes de ouvir os gritos de Hamish. Fergus calmamente soltou outro anel de fumaça.

— O meu irmão passou por ali. Me contou tudo.

— Então por que eu não estou falando com o seu irmão, seu bacalhau velho e miserável?

— Suspeito que seja porque ele está morto. Lembro como se fosse ontem. Eu estava sentado aqui onde estou agora, saboreando meu cachimbo. Gosto de um bom cachimbo. Dennis, o meu irmão, desaparece lá no lago, eu espero, espero, espero, um tempão, finalmente ele volta, levanta a cabeça dali, e diz: "Fergus, velho, tem um túnel que leva a uma linda caverna dourada!". "Uma caverna dourada", eu digo. "É", ele diz. "E é ouro de verdade?", eu pergunto. "Não é ouro de verdade", ele diz, "é... *urp!*"

— *Urp!* — Hamish soltou. — Que diabos quer dizer "*urp*"?

— Nada. Foi o som que fez quando o monstro comeu ele. Pegou pelo pescoço e pra dentro ele foi. *Urp.*

Por um longo momento, ninguém disse nada.

Aí Hamish explodiu. Saiu pulando, gritando, cuspidando e acertando o machado em tudo o que podia. Por um segundo, Kate achou que ele ia atacar Fergus, que estava sentado, fumando o cachimbo, sem se dar ao trabalho de esconder o sorriso satisfeito em seu rosto.

— Tradicionalmente — sussurrou Michael — anões não nadam muito bem.

— Acho que o problema não é esse — respondeu Kate.

Bufando ruidosamente pela barba, Hamish grudou a cara no rosto do velho.

— Então esse é o seu maldito caminho secreto, fazer a gente perambular na sala de estar de um monstro aquático?

Fergus deu de ombros.

— Não é o meu caminho. É o caminho. O único caminho.

Hamish olhou para ele enfurecido, e Kate viu seus dedos apertarem com força o machado, como se ele estivesse pensando em arrancar a cabeça do velho, mas depois ele se virou.

— Muito bem! Todo mundo pra dentro da água! — Ele olhou com desdém para Kate e Michael. — E vocês também, seus pirralhos.

Fergus soltou outro anel de fumaça e riu baixinho.

— *Urp.*

O grupo se reuniu em volta do lago negro. Os anões precisaram tirar as botas pesadas e levar apenas suas facas mais leves. Kate e Michael tiraram os casacos e os sapatos. Kate transferiu para o bolso da calça as duas fotos que carregava, a dela no quarto e a foto que Abraham lhe havia dado, a que ele disse ser a última tirada por ele. Ver a foto de Abraham fez com que se lembrasse daquela manhã em que havia visitado o quarto dele, junto com Emma. Parecia a Kate que, apesar de terem se passado apenas alguns dias, aquela era uma lembrança de outra vida.

— Você vai ficar bem? — perguntou Michael.

— Claro. Tudo bem. — Dos três irmãos, Kate era de longe a pior nadadora. Nos primeiros orfanatos onde haviam morado, ninguém se dera ao trabalho de dar aulas de natação para as crianças. Quando Kate finalmente aprendeu, já tinha quase 9 anos, e nunca conseguiu superar o medo e o desconforto dentro da água, a sensação de que estava sempre lutando para não se afogar. E agora, enquanto enfiava as meias enroladas nos sapatos, suas mãos tremiam.

Dois anões mergulharam os dedos dos pés cuidadosamente na água, retirando-os rapidamente.

— Talvez a coisa, seja lá o que for, já tenha morrido. — Kate ouviu alguém balbuciar. Fergus ainda ria e fumava nos fundos da caverna. Wallace, com sua barba negra, aproximou-se com dois cristais reluzentes.

— Vocês vão precisar deles. Parece que lá embaixo é um breu.

— Obrigada — disse Kate. Apesar da luz que emitia, Kate viu que o cristal ficava frio em sua mão.

— Muito bem. — Hamish pisou na beirada do lago. — Não existe nenhum momento além do presente. — E agarrou um anão e o jogou lá dentro.

Houve muitos respingos e a cabeça do anão reapareceu enquanto ele sacudia os braços, lutando para ficar na superfície.

— Você, pra baixo d'água! — berrou Hamish, agarrando uma grande pedra. Ao ver que não tinha escolha, o anão respirou fundo e mergulhou. Kate viu o brilho do seu cristal diminuir lentamente e desaparecer. Houve outra pancada na água, quando Hamish empurrou mais um anão para dentro do lago.

Um dos guardas começou a recuar.

— Não sei nadar, Vossa Alteza.

— Então está na hora de aprender.

Uma pancada e ele também desapareceu.

Hamish se virou para Kate e Michael.

— Vão sozinhos ou preferem que eu jogue vocês lá dentro? De uma forma ou de outra, vão ficar molhados.

— Vamos — disse Kate.

Ela e Michael caminharam para dentro da água escura. Estava tão fria que os pés e os tornozelos de Kate começaram a doer quase que instantaneamente. Os dois chegaram à beira de uma saliência. A água mal batia nos joelhos de Kate. O passo seguinte os levaria ao abismo.

— Michael, os seus óculos.

— Ah, obrigado. — Ele os colocou desajeitadamente no bolso, tentando não derrubar seu cristal brilhante.

— É melhor você ir na frente. Você é um nadador mais rápido. Não quero ficar te atrasando.

— Kate...

— Vai ficar tudo bem.

Enquanto Michael assentia, ela pensava que provavelmente parecia bem pouco convincente. E por um breve momento, Kate percebeu como a situação era insana. Estavam dentro de uma montanha, sob as ruínas de uma antiga cidade dos anões, a ponto de mergulhar num lago negro possivelmente habitado por um monstro, tudo para que pudessem recuperar um livro mágico perdido. O que ela estava pensando? Tinha começado a recuar, puxando Michael com ela, quando uma mão áspera lhe deu um empurrão nas costas.

— Anda, pra dentro!

Foram engolidos pela água negra e gelada. Quase no mesmo instante, Kate viu o cristal de Michael começar a se afastar. Ele estava nadando para baixo. Ela o seguiu, apavorada com a ideia de perdê-lo. Depois de algumas braçadas, Michael se estabilizou. Foi quando Kate viu outra luz, lá longe na escuridão, e mais outra, obscura e desfocada, ainda mais longe. Percebeu a distância que precisavam percorrer.

Não entre em pânico, disse a si mesma. Não entre em pânico.

Tinham entrado em uma espécie de vala estreita, com paredes dos dois lados, o teto rochoso bem acima deles, e abaixo... bem, Kate não olhou para baixo. Concentrou-se na luz do cristal de Michael e em suas próprias braçadas fracas e desengonçadas. Era impossível dizer quanto tempo havia passado. Seus braços ficaram pesados. O coração martelava no peito. O pior era a pressão nos pulmões. Parecia que eles estavam se encolhendo, espremendo a última grama de ar. Ela tentou dizer para si mesma que não estava

ficando para trás, mesmo quando o brilho do cristal de Michael ficava cada vez mais fraco.

Então alguma coisa bateu em seu pé.

Ela foi tomada pelo pânico. Viu uma massa de membros que se agitavam e pensou, por um momento, que se tratava do monstro. Aí reconheceu um dos anões de Hamish. Fazia gestos nervosos, insistindo para que ela se afastasse. Ela obedeceu e ele passou por ela, com braçadas ainda mais enlouquecidas e desajeitadas do que as dela. Ele estava um metro e meio adiante quando três longos dedos deslizaram pela escuridão e agarraram sua perna. Os dedos tinham um tom canceroso de verde-amarelado, cada um com quase um metro de comprimento e com a grossura do braço de um homem. O anão os golpeou com a faca, com bolhas explodindo à sua volta, mas já estava sendo puxado para o fundo. Kate tentou gritar e seus pulmões se encheram d'água. Engasgada, ela nadou para o alto do fosso, batendo na rocha, procurando ar, uma saída. O cristal caiu de suas mãos. Ela tentou agarrá-lo, desajeitada, mas ele escorregou na escuridão, e logo não havia nada além de escuridão por toda volta, envolvendo-a por completo...

— Kate! Kate!

Seus olhos se abriram. Um segundo depois, ela estava tossindo e cuspidando, água de um gosto horrível saía de seu nariz e de sua boca.

Michael bateu nas costas dela.

— Acorda! Acorda!

— Michael... eu estou bem...

— Eu achei... eu achei... — Ele a abraçou com força.

— Espera um pouco, deixa a moça respirar.

Kate sentiu Michael ser afastado dela. Wallace estava de pé, junto dele. A água escorria de sua longa barba e o cabelo embaraçado estava grudado no rosto. Em volta deles, os anões estavam torcendo as barbas, espremendo a água das roupas, e tudo

parecia embebido por uma suave luz dourada que emanava de milhares de pontos nas paredes e no teto.

— O que aconteceu?

— O Wallace encontrou você flutuando no túnel. Ele te tirou de lá. Ele contou pra gente... — Michael abaixou a voz. — Contou pra gente o que aconteceu.

O anão a ajudou a se sentar.

— Obrigada — disse Kate. — Você salvou a minha vida.

Wallace ficou vermelho, olhou para os lados e disse baixinho:

— O capitão Robbie me mandou tomar conta de vocês dois. Mas que fique entre nós, está bem? — Ele deu uma piscadela pouco sutil.

— Você tá bem mesmo? — perguntou Michael.

— Estou — disse Kate, apesar de, ao dizê-lo, ter percebido que seu corpo inteiro tremia e que as pontas dos dedos estavam azuis.

— Muito bem! — Hamish estava a alguns metros, enrolando a barba para espremer a água. — Se espalhem, rapazes! Tem uma porta escondida aqui, em algum lugar. — Ele olhou para Kate e Michael. — Os dois pirralhos podem ajudar.

— Não! — disse Michael energicamente. — A minha irmã está molhada e com frio. Ela precisa se aquecer.

Hamish estava a ponto de discutir, mas viu como Kate tremia e fez um sinal com a mão. Wallace arranjou seixos e um pedaço de madeira escuro e, de algum jeito, momentos depois havia uma fogueira. Michael trouxe Kate para perto das labaredas.

— Beba isso. — Wallace estendeu um frasco de couro.

Kate deu um gole e quase engasgou, mas sentiu imediatamente que um calor se espalhava por seu corpo. Os tremores cessaram. Seus dedos voltaram à cor normal.

— Você também — disse Wallace para Michael.

— O que é?

— Uísque. Mistura especial da minha mãe. Ela sempre disse que é capaz de levantar um defunto.

Os anões de Hamish não levaram muito tempo para descobrir a entrada oculta. Ouvia-se um grito, e Kate os viu amontoados em um ponto da parede dourada, fitando um túnel que momentos antes não estava ali.

— Agora sim. — O rei dos anões estava sorrindo. Estalou os dedos para Kate e Michael, ainda amontoados junto da pequena fogueira. — Bom, isso aqui não é um piquenique. Vão lá pegar o livro pra mim.

Cinquenta metros adentro, o grupo encontrou uma porta. A princípio, Kate pensou que tinham cometido um engano. Não era a porta para uma casa-forte secreta. Parecia mais com a porta para o quarto de alguém. Madeira pintada de branco com uma maçaneta de latão. Havia até uma plaquinha no meio, onde se lia PRIVATIVO.

Kate pensou que a placa só podia ser piada de alguém.

Hamish segurou a maçaneta e empurrou.

A porta não se mexeu.

Ele apoiou o pé contra a rocha e empurrou de novo.

Nada.

— O dr. Pym disse que ela só abriria... — começou Michael.

— Cala a boca! — retrucou Hamish. Mandou que dois de seus guardas o segurassem e, juntos, os três forçaram a porta até que as mãos de Hamish escorregaram da maçaneta e os três caíram no chão, formando um montinho resmunguento. Hamish se levantou com um salto, procurando ver se alguém ria dele.

O rosto dos anões estava sem qualquer expressão.

— Você aí — Hamish apontou para o único que havia carregado o machado pelo túnel —, vamos dar umas machadadas.

— Duvido que seja mesmo feita de madeira — disse Michael. — Um machado não vai...

— Ei! Você quer uma maldita meia enfiada na boca? Então fecha logo essa matraca infernal! Vai, pode quebrar.

Kate e Michael se afastaram quando o anão ergueu o machado, deu dois passos correndo e o baixou com toda a sua força. Houve uma pancada, o som de algo que se espatifava, e alguma coisa voou para trás. Alguma coisa era o anão. Ficou atordoado no chão, com o machado em pedaços. A porta não tinha uma marca sequer.

— Bom — disse Hamish —, eu tinha que tentar. Agora é que a gente vai ver se valeu a pena trazer os moleques. Vamos, ninguém aqui está ficando mais jovem.

— Eu vou — disse Kate. Ela achava que podia haver alguma espécie de armadilha e, se fosse o caso, não queria que Michael se machucasse. Mas, ao se aproximar, Kate pegou-se desejando mais do que qualquer coisa que a porta não se abrisse. Se não se abrisse, era porque ela, Michael e Emma não eram especiais. Eram apenas três crianças comuns, e todo mundo ia ver isso e deixá-los em paz.

Ela estendeu a mão e segurou a maçaneta de metal. Por favor, pensou ela.

Houve um estalinho suave e a porta se abriu.

CAPÍTULO DEZESSETE  
No interior da casa-forte



A primeira coisa que Kate sentiu — quando a porta se abriu, revelando um cômodo com pé-direito alto, iluminado por cristais na parede e, bem no meio, descansando num pedestal de pedra, como se esperasse por ela, o livro, seu livro —, a primeira coisa de fato que ela sentiu foi que, depois de tudo o que havia acontecido nos últimos dias, isso — o fato de que a porta havia se aberto para ela e para mais ninguém — era a pior reviravolta de todas.

Estamos numa grande encrenca, pensou ela.

Hamish a derrubou no chão, correndo.

— Não!

Os dedos de Hamish pararam a centímetros da capa de couro do livro.

Ele se virou para Kate, que se levantava com a ajuda de Michael e de Wallace, o barba-negra.

— Não?!

— Você não pode tocar nele.

— Ah, não posso, é? Não posso? Pois bem, olhe isso aqui, mocinha...

— Você vai morrer.

Kate viu Michael lançar-lhe um olhar. Ela não tinha ideia do que estava dizendo. Tudo o que sabia era que Hamish não podia ser o primeiro a tocar no livro. Foi o que o dr. Pym havia dito.

— Você está mentindo — zombou o rei dos anões.

— Michael e eu somos os únicos que podem pegá-lo. O dr. Pym me falou. Mas pode ir, se não acredita em mim. Vê o que acontece. Só que como você vai estar morto, não vai conseguir ver nada. Mas vai em frente.

Ela cruzou os braços e tentou parecer despreocupada.

Hamish desviou seu olhar para o livro, de volta para Kate e novamente para o livro. Era óbvio que ele o queria muito. Mas afinal balbuciou algo incompreensível, cuspiu e estalou os dedos raivosamente. Um anão agarrou Kate pelo braço e a arrastou para a frente. Hamish se inclinou para ela, lançando o hálito quente e podre em seu rosto.

— Se estiver brincando comigo, garota, você e seu irmão estão mortos, entendeu? Vou cortar as suas gargantas e alimentar aquele monstro no lago. Agora... me traz aquele livro!

Impulsionada pelo empurrão de Hamish, Kate cambaleou e parou a uns 30 centímetros do pedestal. O livro parecia reluzir; a luz da casa-forte acentuava seu tom esmeralda natural. Foi então — de pé diante do livro, sem nada nem ninguém entre eles — que ela finalmente ouviu.

O livro falava com ela. Dizia que esperava por ela havia mil anos. Disse-lhe que o tomasse como seu. Ela estendeu a mão e o ergueu do pedestal.

E agora?, pensou ela.

Sentiu um puxão na barriga e o chão desapareceu sob seus pés.

— Olá.

Kate piscou. Estava em um gabinete, com livros e manuscritos empilhados por toda parte, uma pequena fogueira estalando na lareira. Pela janela, via o alto dos carros que passavam pela rua abaixo. A neve caía, abafando os sons da cidade. Mas o que realmente chamou sua atenção foi o homem sentado a cerca de um

metro de distância. Ele girou na cadeira em sua direção, deixando atrás de si uma escrivaninha apinhada de papéis e livros, vestido com o terno de tweed de sempre, amassado como sempre, cachimbo na mão e uma xícara de chá a caminho da boca, como se estivesse a ponto de dar um gole quando Kate apareceu do nada. Naturalmente, ele sorria.

— Posso ajudá-la? — o dr. Pym disse.

Por um momento, Kate só conseguiu ficar parada e olhar fixamente, tentando sem sucesso compreender o que havia acontecido.

— Dr. Pym... — ela começou e depois parou, lembrando-se do erro no calabouço, na noite anterior, quando ele não tinha a menor ideia de quem ela era. — Você sabe... você sabe quem eu sou?

— Claro — respondeu ele amigavelmente. — Você é a jovem que acabou de aparecer no meu gabinete.

Ela sentiu um aperto no coração. Viajara para ainda mais longe no passado, de volta para um tempo anterior ao encontro deles na prisão. E não só para o passado — para outro lugar. Quando olhava para fora, via carros, postes e tudo que sugeria uma cidade humana normal, ficou claro que estava em algum lugar bem longe de Cambridge Falls. Como aquilo era possível? Ela não havia colocado uma fotografia no livro. Ela nem sequer o abrira!

— Minha querida — disse o velho, interrompendo seus pensamentos e apontando para o livro com o bico do cachimbo —, isso aí é o que eu penso que é?

— É... mas por que ele me trouxe pra cá? A única coisa que fiz foi tocar nele.

— É mesmo? Fascinante.

— Eu peguei antes que Hamish pudesse tocar nele! Exatamente como você me mandou fazer!

Ela sabia que ele não ia compreender o que estava dizendo, mas não conseguiu se conter. As palavras transbordavam.

— Hamish? Aquele imbecil está metido nisso?

— Peraí! Você já devia saber o que aconteceria! Foi por isso que me mandou tocar no livro primeiro!

— Foi? Não posso dizer que me lembro...

— Agora não! No futuro! Mas como você sabia que o livro me traria pra cá? A menos... — Kate sentiu a resposta tão próxima que continuou falando. — Você deve ter feito alguma coisa! Lá na sala do trono dos anões! Quando me mandou dar um jeito de ser a primeira a tocar no livro! Você pôs a mão na minha cabeça e eu senti um formigamento. Você deve ter feito algum encanto pro livro me trazer até aqui!

O dr. Pym recostou-se na cadeira, colocou a xícara sobre uma bagunçada pilha de papéis, pôs o cachimbo na boca e começou a bater nos bolsos, à procura de fósforos.

— Acho melhor você me contar tudo. Mas, primeiro — o cachimbo acendeu, ele apagou o fósforo e esticou o braço —, por que você não me dá isso? Suspeito de que o tipo de magia que te trouxe até aqui possa ser um tanto instável, e não quero que você desapareça.

— E se o livro desaparecer e eu não puder voltar? Ele já deve existir, não é? Nesta época?

— Ah. Suponho que o livro já tenha desaparecido antes.

— É.

— E, nessa outra vez, quanto tempo se passou antes de ele desaparecer?

Kate pensou. Ela e Emma tinham voltado ao passado, encontrado Michael, foram capturadas pelo secretário e arrastadas até aquele estranho baile imaginário, depois os três foram obrigados a se sentar no pátio para conversar com a Condessa...

— Meia hora. Mais ou menos.

— Então ainda temos um tempinho. Venha, venha.

Ele estendeu as mãos e Kate entregou o livro. O dr. Pym o colocou sobre a escrivaninha diante de si.

— E agora — disse ele —, do começo.

Kate bateu o pé com raiva.

— Não! Já contei duas vezes. Você só não lembra porque ainda não aconteceu!

— Bom, isso não parece ser minha culpa.

— Mas não há tempo! O Hamish vai mandar os anões nos matarem se nós...

— Minha querida, por que você não para de mencionar o nome do Hamish? Aquele canalha nunca teria autoridade para matar ninguém.

— Ele é o rei dos anões.

Dr. Pym soltou uma risada.

— Não, não. Temo que isso simplesmente não possa ser verdade. Sou muito amigo da atual rainha. Esmerelda, bela mulher. E ela concorda comigo que Hamish daria um rei desastroso. Robbie vai assumir o trono.

— Mas ela morreu sem deixar testamento! — Kate se ouvia berrar. — E por o Hamish ser mais velho, virou rei! E quer o livro! Tá na casa-forte nesse exato momento com o Michael! Bem, não agora-agora, no agora do futuro! — Ela sabia que dizia coisas sem sentido. Queria pegar algum objeto e atirar no mago, para que ele entendesse. — E você não pode fazer nada porque continua preso no calabouço, lá na cidade dos anões!

— Ah, isso é ruim — disse o dr. Pym, soltando uma nuvem de fumaça. — Bem ruim. Mas eu temo ainda não ter compreendido. Como o Hamish entrou na casa-forte? Não é possível sem... — Ele parou e olhou para Kate. Sua voz ficou bem baixa. — Você. Você abriu a casa-forte.

Kate assentiu.

Ele se inclinou para a frente.

— Você disse que tem um irmão?

— E uma irmã! O Michael e a Emma! E os dois estão em perigo! Você precisa fazer alguma coisa. — Kate sentiu que seus olhos enchiam-se de lágrimas.

— Minha nossa — disse o dr. Pym suavemente. — Preciso insistir para que você me conte tudo. Desde o princípio.

— Stanislaus? — Era a voz de uma mulher. Kate se virou, ouvindo passos que vinham do corredor, a voz se aproximando.

— O Richard está cheio de coisas para fazer na faculdade. Acho que a gente devia ir almoçando, não acha? E com quem você está falando?

A porta abriu e uma jovem entrou. Usava jeans e suéter cinzento. Tinha cabelo louro-escuro, olhos castanhos e um rosto bondoso. Era bonita de um jeito casual. No momento em que Kate a viu, duas coisas aconteceram. Primeiro, ela percebeu que a mulher para quem olhava era sua mãe. Segundo, o chão desapareceu sob seus pés.

— ONDE ESTÁ?!

Kate estava diante do pedestal, banhada pela luz esverdeada. Respirava pesado e sentia o coração martelando em seu peito. Antes que pudesse começar a entender o que tinha se passado, foi agarrada pelo braço e arrastada.

— Onde está?

Seu rosto foi salpicado por cuspe. Ela mal percebia que estava sendo sacudida com violência. O livro. Era o que ele berrava. O livro tinha desaparecido. Mas e daí? Ela tinha visto sua mãe.

— Você me enganou! Você e aquele mago!

... Sua mãe. Ela tinha visto sua mãe.

— Vou te matar!

Kate viu alguma coisa refletir na mão de Hamish, depois ouviu passos vindos de trás, foi arrancada das mãos do anão e jogada no

chão. Ouviu Wallace argumentar com o rei que ele poderia precisar de Kate para recuperar o livro. Tinham que levá-la até o mago. Ela sabia que ele estava salvando sua vida.

— Tá tudo bem? — Era Michael, ajoelhado ao lado dela. — Você desapareceu, depois voltou, mas o livro sumiu. O que houve?

Kate apertou a mão do irmão.

— Eu vi...

Ouviram o som de um golpe e Wallace cambaleou para trás. Hamish respirava ruidosamente através da barba, com uma mão segurando a faca, a outra fechada em um punho consistente. Por um momento, o rei dos anões lançou um olhar furioso para Kate, depois guardou a faca na bainha e rosnou:

— Levem eles! Mas se o mago não me devolver o livro, vão todos morrer! O velho e os fedelhos! — Ele se virou e saiu da câmara.

Um anão agarrou Michael pelo colarinho e o arrastou para o túnel. Ela não tinha conseguido contar para ele. Outro anão se aproximou de Kate, mas Wallace o dispensou. Pousou suavemente a mão sobre o ombro dela e a guiou em direção à porta.

— Você está bem? — perguntou em voz baixa.

— Estou — respondeu Kate, com a boca seca. — Obrigada.

Descendo o túnel escuro, Kate reviveu a lembrança da entrada da mãe no aposento. Queria gravar os detalhes, antes que comessem a desaparecer. Viu o cabelo louro da mãe, os olhos castanhos, o rosto inteligente, delicado e surpreso ao encontrar aquela menina diante dela. Richard! Esse era o nome que a mãe dissera. Só podia ser o pai deles. Kate se espantou ao pensar como coisas aparentemente tão pequenas — uma voz no corredor, um nome, uma mulher cruzando uma porta — podiam significar tanto.

Mas (e isso fez a raiva começar a tomar conta de Kate), por que o dr. Pym não tinha contado a eles que conhecia seus pais? Por que guardaria isso em segredo? Será que ele conseguiria encontrá-

los agora? E como era possível que só por tocar no livro ela tivesse sido mandada para o passado? Aliás, falando nisso, como era possível que ela tivesse voltado sem livro algum? A cabeça girava, cheia de perguntas. Kate obrigou-se a manter a calma. Tinha visto a mãe. Por enquanto, aquilo bastava.

O grupo chegou à caverna dourada e amontoou-se na beira do lago. Os anões fitavam a água escura com nervosismo. Kate percebia que Michael estava doido para falar com ela, mas o guarda o prendia.

Hamish estava resmungando sobre as coisas que ia fazer com o dr. Pym.

— Vou arrancar a maldita espinha dele! Vou fazer ele comer o próprio pé! — E ainda resmungando, empurrou o primeiro anão para dentro do lago. O monstro não reapareceu e a viagem pelo fosso ocorreu sem incidentes. Enquanto nadava, Kate via as luzes gêmeas de Michael e seu guarda adiante, e nas poucas vezes em que olhou para trás, Wallace estava lá, com a faca bem segura na mão e fitando a escuridão abaixo, pronto para protegê-la em caso de ataque. Mas nada aconteceu.

Depois, sua cabeça rompeu a superfície do lago e ela inalou o ar estagnado da caverna, e em seguida ouviu uma voz que congelou seu coração.

— Ah, aí está ela.

Mãos frias a ergueram. Quando a água saiu de seus olhos, ela viu que todos os anões, até o velho barba-branca Fergus, estavam ajoelhados e tinham as mãos amarradas atrás do corpo. Uma dúzia de figuras vestidas de negro, armadas de espadas e arcos, os vigiava. Um Gritão detinha Michael pelos ombros. Ele parecia assustado, mas intacto.

Os olhos de Kate se dirigiram para a pessoa que acabara de falar, e que se aproximava dela dando risinhos e esfregando as mãos.

— Minha querida, minha querida — arrulhou o secretário, dando um sorriso que deixava à mostra seus dentes cinzentos. — Como é bom vê-la de novo.

## CAPÍTULO DEZOITO

### O corvo



Emma e Gabriel, junto com a menina Dena e o resto do grupo, subiam a montanha por um caminho que Emma não conseguia ver, mas que Gabriel e os outros pareciam saber de cor. Gabriel explicou que eles contornariam o monte até um túnel secreto que os patrulheiros da aldeia usavam para espionar a Cidade Morta. O caminho era íngreme e acidentado, e eles subiam havia menos de meia hora quando Gabriel, abruptamente, levantou Emma e jogou-a em suas costas.

— Precisamos andar rápido.

Gabriel não queria ter levado Emma com eles. Mas a vovó Peet insistiu.

— Ela está ligada ao *Atlas* — ela havia dito. — Se você encontrá-lo, vai precisar dela.

— Isso mesmo — concordara Emma. — E você também tem que levar a Dena, senão eu não vou.

E assim, Emma tinha sido equipada com novas roupas, botas, uma faca e, uma hora após a reunião, ela, Dena e o pequeno grupo de homens foram abençoados pela vovó Peet e partiram montanha acima.

Gabriel mandou que parassem perto de uma série de pinheiros logo abaixo do cume, enquanto ele enviava um patrulheiro verificar a entrada do túnel. Os homens se acocoraram e examinaram as armas em silêncio. Gabriel trocava ideias em voz baixa com dois deles, por isso Emma vagou para trás das árvores. Dez metros

depois, a montanha dava lugar a um penhasco abrupto. Emma encontrou um rochedo saindo por trás das árvores e arrastou-se para o alto.

De barriga para baixo, ela tinha uma visão de todo o vale e, pela primeira vez em dois dias, viu Cambridge Falls. A superfície azul do lago reluzia como uma joia ao sol do meio-dia e, do outro lado, Emma distinguia um amontoado escuro que ela supôs que seriam as casas da cidade.

Ver de novo Cambridge Falls, o lugar onde tudo havia começado, fez com que pensasse no irmão e na irmã. A vovó Peet tinha dito que o dr. Pym estava com eles. Aquilo lhe dava esperança. Talvez Kate e Michael estivessem até mesmo esperando na aldeia, quando ela e Gabriel retornassem. Não seria incrível? Chegar à aldeia depois de derrotar os Gritões da Condessa, liderando todos aqueles pobres e agradecidos homens. Michael, sem dúvida, ia querer ouvir os detalhes da batalha, mas ela só sacudiria a mão e diria: "Ah, você sabe como são batalhas. Se já viu uma, viu todas." E se Kate brigasse com ela por ter abandonado os dois lá nos túneis, Emma pediria desculpas e diria a Kate que ela tinha toda a razão. "Apesar", diria depois de um instante de pausa, "de que se eu não tivesse voltado, não poderia ter salvado a vida do Gabriel, mas você sabe o que é melhor, querida Kate". Emma sorriu e, por um momento, verdadeiramente relaxou, permitindo a si mesma saborear o calor da rocha debaixo dela, o frescor do vento em seu rosto e aquele que era, sob muitos aspectos, um lindo dia de verão.

— Você precisa descer daí.

Emma se levantou e olhou para trás.

Dena estava no meio das árvores.

— Alguém pode ver você.

Emma riu.

— Quem ia me ver aqui?

— Você não sabe. A bruxa tem meios. Você não devia arriscar.

Emma sentiu que a menina estava certa. Infelizmente, quando alguém dizia para Emma que ela “devia” fazer isto ou que “não devia” fazer aquilo, sua reação automática, a vida toda, tinha sido fazer o contrário no mesmo instante.

— Deixa ela me ver. Não tenho medo dela.

Naquele instante, um grasnado ecoou pelo vale. Emma ergueu os olhos e viu um grande corvo negro esvoaçando lá no alto, bem sobre suas cabeças. Ela sentiu um súbito enjoo na boca do estômago quando se lembrou do que Abraham dissera na noite em que fugiram da mansão: a Condessa usava pássaros como espiões. Emma tentava decidir o que fazer quando ouviu batidas de pés entre as árvores, e Gabriel apareceu, falando com ela em cochichos rápidos e irritados.

— Se abaixe! Agora!

Ela desceu a rocha engatinhando, ralando as mãos. Gabriel sacou seu rifle de cano longo e o pôs sobre o ombro. O pássaro voava para longe deles e, apesar de ficar cada vez menor a cada batida de asas, Gabriel não atirou. Só o seguiu, como se existisse um fio invisível que se estendia do pássaro à ponta da arma. A cada segundo o pânico de Emma aumentava, e ela rezava para que ele atirasse logo, como se matando a ave pudesse apagar o erro que ela cometera. Por fim, ele atirou, quando o pássaro não era mais do que um pontinho negro em meio ao azul. Por um momento, nada aconteceu, e Emma ficou convencida de que ele tinha errado. Em seguida, o pássaro tombou para o lado e despencou numa espiral tortuosa para dentro das árvores.

Os outros homens estavam ao lado dele agora, reunidos na beira do penhasco.

— Um dos mensageiros dela. Ela sabe.

— Talvez. — Gabriel voltou a pendurar o rifle no ombro. — A velocidade é a nossa única esperança. Vamos partir imediatamente.

Como se fossem um só, os homens sumiram nas árvores no alto da colina.

Emma segurou a mão de Gabriel. Estava a ponto de chorar.

— Gabriel, eu... é culpa minha. A Dena mandou que eu deitasse, mas fui burra... eu...

Gabriel ajoelhou-se ao lado dela. Emma esperava que ele estivesse com raiva. A missão já era perigosa, e agora mais ainda. Mas, quando ele a olhou, pareceu simplesmente decepcionado. De alguma forma, aquilo a fez se sentir ainda pior.

— Se o corvo estava nos seguindo, então ele vinha com a gente desde a aldeia. Não fez nenhuma diferença ele te ver. Vamos.

Ele se virou e deixou que ela subisse em suas costas. Ela prendeu os braços em volta do pescoço dele, escondendo a cabeça contra seu ombro quando ele se levantou e começou a subir a montanha. Lágrimas quentes e silenciosas escorriam por seu rosto, as fantasias de um minuto antes, de se comportar com arrogância quando visse Kate e Michael, voltaram para assombrá-la. Ela prometeu a si que seria mais inteligente. Faria o que Gabriel dissesse, qualquer sacrifício que lhe pedisse, se fosse para rever o irmão e a irmã. Ela se comportaria melhor.

Emma fechou os olhos e deixou-se transportar, sem esforço, montanha acima.

CAPÍTULO DEZENOVE  
A batalha da Cidade Morta



Hamish tinha se recusado a sair do lago. Ficou onde estava, com água negra até a cintura, faca na mão, rugindo para o secretário e os Gritões virem pegá-lo. Mas algo deve ter esbarrado na perna dele, pois soltou um ganido e, num salto espantosamente ágil, se projetou para fora do lago. Caíram sobre ele e o amarraram no mesmo instante. Ainda assim, com a bota de um Gritão sobre seu pescoço, ele xingava sem parar.

O secretário o ignorou. Sorrindo vitoriosamente para Kate, ele mexeu a cabeça com forma de bola de futebol americano apontando para as escadas, e os *morum cadi* levantaram os anões e os obrigaram a caminhar na direção da Cidade Morta.

Kate e Michael, os únicos que não tinham mãos amarradas, tiveram permissão para caminhar juntos, no meio do grupo. Wallace e o barba-branca Fergus estavam na frente, enquanto Hamish, que parecia estar sendo arrastado, protestando a cada passo, fechava a retaguarda.

— Kate...

— Eu sei. Vai ficar tudo bem.

— Você sempre diz isso. Como é que tudo vai ficar bem?

Kate tinha de admitir que Michael tinha razão.

— Não sei. Mas vai ficar. Vou pensar em alguma coisa.

Ela pegou a mão dele e por um instante andaram em silêncio, ouvindo Hamish xingar os Gritões atrás deles.

— Então, o que foi que você viu? — Michael falou mais baixo do que antes. — O que você ia me contar?

Kate abriu a boca para contar sobre a mãe deles, mas as palavras que saíram foram:

— Eu vi... o dr. Pym.

— Você viu o dr. Pym? No passado?

Kate disse para ele ficar quieto, mas ele prosseguiu num cochicho empolgado.

— Ah, Kate, não é coincidência. Com certeza não! As chances seriam... Bem, eu ia precisar de uma calculadora, mas seria muito, muito improvável que o livro, por acaso, te levasse ao dr. Pym. Você tem que me contar tudo.

Assim, enquanto subiam a íngreme escadaria em caracol, ela contou a Michael sobre o dr. Pym, o gabinete, a cidade nevada do outro lado da janela. Apesar de ordenar a si mesma — “diga a ele o que você viu, ele merece saber” —, cada vez que ela tentava, era tomada por um medo inexplicável. No final, não disse nada e a lembrança de ter visto a mãe deles ficou trancada dentro dela.

— Incrível — disse Michael. — Ele está aprontando alguma coisa. Algum plano de feiticeiro. Posso sentir. Mas como você conseguiu voltar para cá sem o livro? Você precisa dele para viajar no tempo. Por outro lado, o livro te levou até o dr. Pym e você nem precisou de uma fotografia. É tudo muito curioso.

— Eu se...

Subitamente, Kate ouviu alguma coisa e olhou sobre o ombro. O secretário, ofegante por causa da subida, tinha vindo por trás dos dois.

— O que as duas avezinhas estão conversando?

— Nada.

— Ah, sem dúvida, sem dúvida. Estou tão feliz em vê-los de novo. Foi muito ruim perder vocês nos túneis. Não podia contar para a Condessa. Pensei comigo mesmo, “para onde eles vão?” Avezinhas

espertas como vocês. Atrás do livro, é claro. Então corri para a Cidade Morta. E vocês vieram. Vi os dois e os anõezinhos, se esgueirando por aí. — Ele tossiu violentamente e cuspiu algo cinzento na parede. — Mas onde está a irmãzinha? Separada? Perdida? Morta, talvez? É uma pena. — Ele estalou a língua para mostrar compaixão exagerada, e Kate teve de se conter para não derrubá-lo da escada.

Ela apertou a mão de Michael com força.

— Não ouve o que ele diz.

Eles subiram em silêncio e, meia hora depois, entraram na Cidade Morta.

Os Gritões conduziram Michael, Kate e os anões por ruas esburacadas e cheias de destroços, entre as cascas de prédios antigos. Lá em cima, dúzias de lamparinas chiavam, lançando uma tonalidade amarelo-esverdeada sobre tudo. Para onde quer que fossem, passavam por Gritões. Parecia não ter fim o número de demônios vestidos de preto. Finalmente, o grupo parou na beirada daquilo que Kate presumiu um dia ter sido a praça principal. Quatro enormes jaulas abertas tinham sido erguidas, e as crianças viram quando uma fila de homens magros, de olhos fundos, foi conduzida para dentro de uma delas por um grupo de Gritões. Mais homens — talvez um total de cinquenta — amontoavam-se em outras jaulas. Estavam sentados ou de pé, indiferentes como fantasmas, mas à medida que percebiam a presença dos anões e mais ainda — ao que pareceu a Kate — as presenças dela e de Michael, os homens se aproximavam das grades das jaulas, fitando as crianças com olhos arregalados e fundos.

O secretário cuspiu uma ordem e ela e Michael foram separados violentamente — Michael e os anões foram levados para as jaulas, enquanto o secretário, prendendo o pulso de Kate com sua mão úmida, a arrastou na direção de uma das construções em ruínas em volta da praça.

Ele a conduziu a um aposento no segundo andar e fechou a porta.

— Sente-se, minha querida.

O aposento estava vazio a não ser por duas cadeiras, uma escrivaninha e uma lamparina a gás presa a uma corrente pendendo do teto. A arrumação da mobília, junto com o desagradável ar de autoridade, fez Kate se lembrar do escritório da srta. Crumley no orfanato. Havia quanto tempo que ela estivera lá? Um mês? Um ano? Será que já teria acontecido? Naturalmente, não faltava uma parede no escritório da srta. Crumley, como aqui. Kate avançou para a beira, esperando ver Michael na praça lá embaixo.

O secretário bateu com a mão na escrivaninha, assustando Kate.

— Avezinhas devem fazer o que lhes mandam. Agora, por favoooooor, sente-se!

Com relutância, Kate voltou e se sentou diante dele. O homem cruzou as mãos e tentou algo parecido com um sorriso. Foi então que Kate viu o minúsculo pássaro amarelo saindo de dentro de seu casaco. A cabeça e o bico ficaram visíveis por apenas um momento e depois desapareceram. O homem pareceu não notar. Fitava Kate com uma expressão faminta.

— Então, minha querida, você abriu a casa-forte?

Kate deu de ombros.

— Não sabe o que isso significa, não é? Mas eu sei. Não é que eu vi mesmo? É, no momento em que você chegou. Antes até da Condessa, eu vi. — Enquanto falava, os dedos se retorciam em nós. — O primeiro anãozinho que prendemos contou como você abriu a casa-forte e que ninguém mais conseguiu. Como você tocou no livro e, puf..., desapareceu. Depois, você voltou, mas o livro não. Só você. O idiota do Hamish não deve ter ficado nada feliz, não é? — Ele estalou a língua. — Nada feliz. Mas — e ele abriu outro de seus sorrisos sinistros para Kate — vamos tratar de negócios. Quando

— Você tocou no livro, o que houve exatamente? E por favor, seja o mais precisa possível.

Kate não disse nada.

— Não vai falar? É claro, tão corajosa. Um coração tão grande. Mas... — Ele virou a cabeça e assobiou. Alguns momentos depois, a porta se abriu e por ela entrou um Gritão portando um arco de aparência brutal. Ele assumiu um posto atrás de Kate, no lugar onde a parede derrubada contemplava a praça. Kate observou aterrorizada quando ele encaixou uma flecha no instrumento e a puxou para trás.

— O que ele tá fazendo?!

— Ora, ele vai matar alguém. Agora, não vou fingir que vou machucar o seu irmão. Vocês dois são valiosos demais. Porém, para cada pergunta minha que você não responder, ele vai matar um homem de Cambridge Falls, sem dúvida o pai amado de uma daquelas queridas crianças que você conheceu lá na casa da Condessa. Entendeu?

Kate assentiu, atordoada.

— Excelente. Então você tocou no livro e...

— Eu... voltei ao passado.

— Está vendo? Não foi difícil. Em que época do passado?

— Não tenho muita certeza. Alguns anos atrás, eu acho.

— E?

— E aí eu voltei para cá.

O secretário rosou para o Gritão, chocando Kate com a abrupta aspereza de sua voz.

— Mate um deles!

— Espera! Espera! Tudo bem... O dr. Pym estava lá.

— Ah! Então o velho mago está metido nisso. Eu já suspeitava. Um adversário poderoso. Bem poderoso mesmo. E talvez não tenha sido a primeira vez que a avezinha se encontrou com o bom doutor, não é? Vocês já tinham se encontrado antes?

— Já — disse Kate em voz baixa.

— A situação está ficando mais clara. E mais alguém compareceu a esse agradável reencontro?

Kate hesitou. O secretário ergueu a mão.

— Sim! Tinha... uma mulher.

— Uma mulher. Saberia dizer de quem se trata?

Kate negou com a cabeça.

— Uma mulher qualquer, então. Sem importância. Humm... — Ele coçou o lado da cabeça com uma unha quebrada e olhou para o Gritão. — Mudei de ideia. Mate o irmão dela.

No mesmo instante, o Gritão pôs o arco sobre o ombro.

— Não! Eu digo! Por favor!

O secretário ergueu um dedo. A criatura vestida de negro parou de imediato, à espera.

— Era... a minha mãe.

— A sua mãe? Muito estranho. Muito estranho mesmo... — Enquanto Kate olhava, ele pegou o pássaro amarelo de dentro do casaco e começou a acariciar sua cabeça, arrulhando. — O que ele está fazendo, meu amor? Por que a mãe da criança? Como poderia... — O secretário começou a dar risadinhas. — Claro, claro, muito engenhoso. E elegante. Velho esperto. — Ele devolveu o pássaro ao bolso do casaco e deu o maior e mais revoltante de seus sorrisos para Kate. — Bem, se o livro está no passado, você só precisa voltar e recuperá-lo, minha querida. Não é?

— Do que você tá falando? É impossível! Não posso fazer isso!

— Ah, sim, pois como você poderia voltar ao passado para recuperar o livro se precisa do livro para voltar ao passado? Não faz muito sentido, não é? Um enigma. Uma charada. De fato. Será que eu lhe conto? — Ele se levantou com um salto, contornou a escrivaninha depressa até estar na frente de Kate, prendendo seus ombros e fitando em seus olhos. — Você andou tendo visões, não é? Coisas que não consegue explicar. Isso é porque parte do livro foi

passada para você. Você, o irmãozinho e a irmãzinha são os três escolhidos. E o *Atlas* já a marcou!

A mente de Kate estava girando. O *Atlas*. Era a primeira vez que ouvia o nome.

— Como... como assim me marcou? — Kate não conseguiu controlar o tremor na voz.

— O *Atlas* é um oceano de poder. Algumas gotas dele agora correm nas suas veias. A avezinha não consegue sentir?

Por mais que Kate quisesse dizer ao homem de cabelo enebado que não acreditava nele, a verdade era que acreditava. Desde aquela noite no orfanato em Cambridge Falls, quando a escuridão tinha deslizado para fora da página e passado para seus dedos, ela sabia que alguma coisa nela havia mudado.

— Quer dizer que eu posso viajar pelo tempo?

O secretário soltou uma gargalhada grosseira e se afastou. Kate sentiu o sangue voltando para seus ombros. O homem começou a andar de um lado para o outro, puxando os dedos enquanto falava.

— Não, não, não, não! Sozinha, não é possível, não é possível! Mas com a ajuda de um poderoso bruxo ou bruxa? Ah, sim. Você vê o que o velho fez? Quis esconder o *Atlas* da Condessa e do mestre dela. Que lugar seria mais seguro que o passado? Então ele põe um encanto na avezinha e faz ela voltar no tempo. Aí, faz com que a avezinha deixe o livro com ele, pensando que os dois podem recuperá-lo quando bem quiserem.

— Mas ele vai desaparecer! — exclamou Kate. — Já desapareceu.

— Verdade — disse o secretário, imitando com zombaria um ar pensativo. — O livro não existe mais! E-va-po-rou anos atrás! — Ele sorriu para Kate e fez uma coisa verdadeiramente repugnante: piscou. — Mas se o velho Pym manda a avezinha de volta um segundo depois que ela trouxe o livro para ele? Humm? Que tal?

Finalmente, Kate compreendeu. Sim, o livro tinha sumido. Havia desaparecido meia hora depois que ela voltou ao passado, mas durante aquela meia hora, apesar de ter acontecido muitos anos atrás, o livro havia existido. O dr. Pym apenas faria com que ela voltasse àquela janela de tempo.

— Mas ele pode me mandar para o passado? Ainda não...

A paciência do secretário estava no fim.

— A avezinha está surda? Agora o poder está dentro dela! O mago pode tirar proveito dele! — Aproximando-se, passou um dedo imundo na bochecha de Kate. — Deve tê-la deixado ancorada aqui com o mesmo feitiço que lhe deu as lembranças, humm? Ficou fácil trazê-la de volta. Mantém a sua avezinha com rédeas curtas, não é?

Kate estava tentando ao máximo juntar tudo. Na sala do trono, o dr. Pym fizera alguma coisa com ela, lançara um feitiço que tinha feito o livro (ou o *Atlas*, como o secretário o chamava) levá-la para um momento no passado. E de alguma forma, aquele mesmo feitiço a mantivera presa a este tempo, assim, logo que deu o livro para o dr. Pym, ela foi novamente arrebatada para o momento em que havia partido.

O secretário de novo andava de um lado para o outro, esfregando as mãos.

— Engenhoso, engenhoso! Escondê-lo no passado! Ele acha que enganou a Condessa. Ela pode procurar o quanto quiser, mas nada de livro, nada de *Atlas*, humm? Ele não existe! Sumido, sumido, sumido! O problema é que a Condessa também tem o poder de mandar a avezinha de volta ao passado. E ela vai, minha querida. Ah, vai.

Kate detestava a ideia de perguntar qualquer coisa para aquele miserável, especialmente isso, mas não conseguiu se conter:

— Mas por que a minha mãe estava lá?

— Por quê? Por quê? Aquilo é tudo! — guinchou alegremente.

— É o detalhe brilhante. Veja, a velha raposa matreira sabia que um

dia ia mandá-la recuperar o tesouro e, mesmo com o poder que você tem, não é simples fazer com que alguém viaje pelo tempo. Antes, o feitiço dele podia pegar emprestado o poder do *Atlas*. Agora, ele tem só a avezinha. Bem mais difícil. Exige uma forte ligação com o momento que você deseja alcançar. Um vínculo, sabe? Então o que o sábio doutor fez? Ele lhe deu uma lembrança que supera todas as outras. Uma que arde como fogo no seu coração. Ele lhe deu a sua mãe.

Kate não ousava se mexer. Vinha se contendo por pura força de vontade, mas naquele momento sentiu que estava a ponto de se desmanchar.

Bem neste momento houve um guincho, e algo grande e negro desmoronou pela parede aberta e bateu no chão. O Gritão apontou o arco, mas o secretário gritou:

— Não!

Era um enorme pássaro negro. A criatura estava ferida e fazia círculos no chão, emitindo sons desesperados.

— Alguma coisa está errada — disse o secretário. — Reúna o grupo. Reforcem a segurança nas entradas...

Sua ordem foi interrompida por uma pancada forte, e a ponta de uma flecha subitamente atravessou o peito do Gritão. A criatura caiu de joelhos e uma fumaça fedorenta se levantou da ferida, chiando.

— ATAQUE! — guinchou o secretário. — Estamos sob ataque!

O grupo de Gabriel havia penetrado pelo sombrio lado norte da cidade. Dois Gritões de sentinela tinham sido atingidos por flechas, e outro pela machete de Gabriel. Emma ficou impressionada ao ver como homens grandes e carregados de armas podiam se movimentar em tal silêncio. Eram como sombras mortíferas, deslizando pelas ruínas, e ela se sentiu empolgada por estar com eles.

Gabriel fez todos pararem perto de um muro semidestruído, a um quarteirão do centro da cidade. Estavam suficientemente próximos das lamparinas a gás para verem com clareza, e Emma ouvia gritos e golpes vindos da praça. Dali, Emma viu os homens se espalharem, desaparecerem por becos e prédios e assumirem posições mais próximas, em volta da praça.

Dena estava a seu lado. Gabriel havia colocado as duas sob os cuidados de um jovem guerreiro que era apenas alguns anos mais velho do que elas, dando instruções rígidas de protegê-las, assim que a ação começasse.

Dena cutucou Emma e as duas, o garoto, Gabriel e outra meia dúzia passaram por uma fenda na parede e entraram no primeiro piso de um prédio adjacente à praça.

Emma teve uma lembrança. Era de uma noite, alguns meses atrás. Ela, Kate, Michael e os órfãos do Lar Edgar Allan Poe haviam sido levados a um jogo de beisebol em Baltimore. Emma não se lembrava de nada do jogo em si, mas se lembrava do longo túnel que percorreram, dos sons abafados da multidão, da escuridão e da súbita explosão de luzes quando entraram no estádio. Parecia com o momento atual, ela agachada com Dena perto do buraco de uma janela vazia, fitando a cena árdua e iluminada diante deles.

Havia pelo menos três dúzias de *morum cadi* na praça, a maioria reunida perto de quatro grandes jaulas. Dentro delas, Emma viu mais ou menos cinquenta homens amontoados, de aparência doentia. Seu coração se encheu de pena no mesmo instante. Pensou na Condessa, vestida luxuosamente, com seus bailes de mentirinha na mansão de Cambridge Falls. Alguém devia trancá-la numa jaula para ver se ela gostava daquilo! Em sua mente, Emma foi mais longe e colocou a srta. Crumley na mesma jaula. Sabia que a diretora do orfanato não tinha o mesmo grau de perversidade da Condessa, mas, já que estava mesmo prendendo pessoas, Emma achou que não seria má ideia.

O olhar de Emma parou em um grupo que se encontrava na jaula mais distante. Tinham a metade do tamanho dos homens e, por um momento, ela pensou que eram crianças. Aí reparou em suas barbas e na grossura de seus braços e pernas, e percebeu que estava olhando para um grupo de anões. Emma pensou que, se Michael estivesse ali, provavelmente teria uns 19 ataques cardíacos. Pessoalmente, não enxergava o que havia de tão especial. Eram baixos, tudo bem, e tinham barbas meio engraçadas, mas ela não ia sair dali e fundar um fã-club. Enquanto pensava naquilo, o maior dos anões, com uma barba loura e imunda, o que não parava de xingar os Gritões, se moveu e Emma soltou uma exclamação.

Ignorando a repreensão do jovem guerreiro, Emma passou por Dena até a rachadura do muro, onde estava Gabriel, ajoelhado. Ele estava colocando uma grossa flecha negra em seu arco. Emma o pegou pelo braço e apontou. Era tudo o que podia fazer para não gritar. Na jaula mais distante, de pé entre os anões, usando roupas que ela já havia visto nele milhares de vezes, com um ar de medo e perplexidade que dava para ser visto apesar da distância, estava seu irmão Michael. Um anão de barba negra estava a seu lado, com a mão sobre seu ombro.

Gabriel assentiu, indicando que já havia visto Michael, e fez um gesto para um prédio do outro lado da praça. Toda a fachada tinha desaparecido, permitindo que Emma visse diretamente o interior. Lá, no segundo andar, sentada entre um Gritão e uma figura baixa de terno, que ela imediatamente reconheceu como o secretário da Condessa, encontrava-se Kate.

Perguntas se revolviam na cabeça de Emma. Como os irmãos haviam chegado ali? Será que eles estavam bem? Como o secretário os encontrara?

Um grasnado dolorido cortou o ar, e uma forma escura despencou da escuridão e caiu no cômodo em que Kate estava detida. Houve um zumbido suave ao lado dela quando Gabriel soltou

a flecha. O Gritão que estava com Kate cambaleou e caiu. Depois — tudo aconteceu muito depressa — o secretário soltou um grito estrangulado, houve uma rajada de tiros de rifle, o voo de uma dúzia de flechas, as pancadas entrecortadas quando as flechas encontraram seu alvo, e tudo se tornou caos e gritos. Largando o arco, Gabriel tirou a machete das costas, deu um grande e retumbante grito e pulou pela fenda na parede. A batalha havia começado.

Kate ficou deitada de bruços ao lado do corpo imóvel do Gritão. Uma gosma escura e fedorenta vazava da ferida.

— Avezinha!

O secretário estava atrás da escrivainha. Tinha corrido para se esconder nos primeiros momentos após o ataque.

— Venha cá!

Ela o ignorou. Apoiando-se nos cotovelos, avançou lentamente até ver a praça com nitidez. Uma massa de figuras escuras lutava. Havia berros e gritos, horripilantes sons de esmigalhar, a batida do metal contra o metal e, acima de tudo, os berros inumanos dos Gritões. Kate sentiu a familiar onda de fraqueza, a incapacidade de respirar, e para sua surpresa percebeu que estava furiosa. Não, ela disse a si, não é real! Sua raiva deve ter dado força aos pensamentos, pois apesar de os gritos continuarem horrendos, as mãos invisíveis esmagando seus pulmões desapareceram quase que de imediato.

Respirando fundo, Kate agradeceu silenciosamente a Gabriel.

Olhou para a praça, tentando entender o que via. Quem estava lutando com quem? Como era possível que todos eles não se atingissem acidentalmente? Aí, bem no momento em que ela reparava na cabeça descoberta dos atacantes e sentia alívio por serem homens e não alguma estranha raça subterrânea de homens-toupeira — ela não sabia se tal coisa existia, precisava perguntar a Michael —, ela viu o próprio Gabriel.

Ele estava na maior aglomeração de luta, abrindo caminho entre os Gritões com golpes longos e cruéis da espada. Parecia ser incontrollável e a visão deu esperanças a Kate. Mas só por um momento. Pois enquanto ela via Gabriel avançar em meio aos Gritões, também reparou que mais e mais integrantes da horda negra da Condessa eram despejados na praça. No início da batalha, os homens de Gabriel e os *morum cadi* estavam em número semelhante, mas a cada segundo que passava, o número dos Gritões aumentava. Logo os homens de Gabriel estariam completamente cercados e tudo estaria perdido, seria o fim.

— Kate!

A voz de Michael atravessou a barulheira e ela olhou para a esquerda, para as jaulas. Michael e Wallace estavam afastados do grupo de anões e homens que se amontoavam perto das grades. Michael pulava, apontava para a luta e gritava alguma coisa. O que ele disse se perdeu na balbúrdia, mas Kate compreendeu. Ele tinha visto Gabriel e achava que seriam resgatados. Não podia ver que Gabriel e seus homens estavam perdidos. Eles precisavam de ajuda. Precisavam do dobro, do triplo de homens.

Uma ideia pareceu praticamente explodir na cabeça de Kate. Ela se virou para o Gritão morto, estendendo a mão sob sua túnica. O cadáver tinha uma dureza fria, não natural. Kate ficou enjoada só de tocá-lo, mas obrigou a mão a entrar entre o corpo e o chão, procurando o cinto da criatura. Mais cedo, quando ele entrara no aposento, ela ouvira um suave som metálico. Vamos lá, pensou ela, vamos lá... Sua mão encontrou um punhado de chaves.

Um peso caiu sobre ela.

— Não, não! Avezinha má! Má, má, má!

O secretário havia se jogado sobre ela. Mãos úmidas procuravam seus pulsos. Ele ofegava, o hálito quente e azedo batendo contra a face dela. Kate resistia, mas o homem era bem mais forte.

— Precisa ser punida. Desobediente. A Condessa tem meios. Meios de fazer com que você obedeça. Avezinhas más precisam aprender...

Ele ainda soltava ameaças quando Kate virou a cabeça e mordeu sua orelha. Tinha um gosto ruim e suado e o homem guinchou, mas ela continuou mordendo, com cada vez mais força, até que sentiu o gosto de sangue e ele soltou seus pulsos. Aí, usando toda a sua força, ela o empurrou. Só tinha planejado tirá-lo de cima de seu corpo, mas ela ouviu seu grito se transformar e olhou a tempo de vê-lo desaparecer pela parede aberta. Engatinhou até a beirada. O secretário jazia no chão, imóvel. Bom, pensou Kate, bem feito. E cuspiu para limpar a boca. Voltando, pôs a mão sobre o Gritão, pegou as chaves e as arrancou. Desceu as escadas correndo, saiu do prédio e atravessou a praça.

Michael havia se espremido em meio à multidão de homens e anões, e os dois se abraçaram desajeitadamente através das grades. Ela queria perguntar se ele estava bem, mas não houve tempo.

— O Gabriel está aqui — começou Michael. — Ele...

— Eu sei. Ele precisa de ajuda.

Ela estava olhando para o chaveiro. Havia meia dúzia de chaves. Ela ia ter que experimentar todas.

— A chave de prata! Com um buraco no meio! Depressa!

Um homem havia falado. Era magro e imundo, como os outros, mas ainda havia fogo em seus olhos fundos. Alguma coisa nele pareceu familiar para Kate.

— Depressa, menina!

Com dedos nervosos, Kate começou a encaixar a chave de prata na fechadura.

— Ei! Não é assim!

Uma mão peluda passou pelas grades e agarrou as chaves.

— Sou o rei, não sou? Faz sentido que seja eu a abrir a porta! É protocolo.

— Para! — berrou Kate. — Não temos tempo!

— Parar? — bufou Hamish, ainda puxando as chaves. — Quem é você pra me dizer pra parar qualquer coisa, hein? Quem é o maldito rei?

— Cuidado! — gritou Michael.

Kate olhou para trás. Um Gritão corria para ela, com a espada erguida para atacá-la. Subitamente, a criatura se contorceu e desabou. Duas flechas estavam enterradas em suas costas.

— Está vendo? Agora para de agir como uma pirralha e larga isso ou... au!

As chaves foram soltas. Wallace havia se aproximado e, calmamente, dera um soco na barriga do rei.

— Vá em frente — disse Wallace. — Abra a porta.

Kate colocou a chave na fechadura, virou-a e um mar de homens esparramou-se para fora da jaula. O homem que havia lhe dito qual a chave que ela devia usar estava entre os primeiros a sair.

— Liberte os outros — ordenou ele. — Seja rápida! — E pegou a espada do Gritão caído, gritou "sigam-me" e partiu rumo à batalha. Apesar de terem parecido fracos e doentes minutos antes, agora os homens corriam atrás dele, agarrando as armas que encontravam... espadas, pás, machados... pelo caminho.

Hamish cambaleou para fora, ainda sem fôlego, e apontou um dedo gorducho para Wallace.

— Você vai ter o que merece um dia desses, rapaz. Não se preocupe. — Então, agarrou um machado, reuniu os outros anões e se dirigiu para a batalha. Kate tinha que admitir, Hamish podia ser tudo, mas não era um covarde.

Michael quase a derrubou com seu abraço.

— Eu sei — cochichou Kate, ao abraçá-lo. — Eu sei. Tá tudo bem.

Wallace encontrava-se a mais ou menos um metro de distância. Ele pegou uma pequena picareta e Kate percebeu que ele não ia

deixá-los. Beijou o topo da cabeça de Michael. O cabelo dele estava sujo, engordurado, mas ela não ligou a mínima.

— Vamos lá, a gente precisa libertar os outros.

— Me solta!

— O Gabriel disse...

— Os meus irmãos precisam de mim!

No momento em que Gabriel e os outros homens haviam atacado a praça, Emma disparara. Kate e Michael estavam por perto, passando por dificuldades. Ela não ia esperar com as mãos nos bolsos. Ia libertar Michael da jaula (ainda não sabia bem como o faria), os dois iam tirar Kate de perto do secretário (ela também não sabia como faria isso, mas provavelmente envolveria algum ato incrivelmente corajoso da sua parte, enquanto Michael rabiscaria alguma besteira no caderno) e os três estariam juntos afinal (o que ela sabia muito bem que ia acontecer). Só havia um problema. O jovem guerreiro designado para ser seu guardião e de Dena havia interceptado Emma quando ela tentara escapar, e agora a segurava enquanto ela lutava, a 30 centímetros do chão.

— Você tem que me soltar!

— O Gabriel quer que você... pare!

Ele agarrou Dena pelo tornozelo bem no momento em que ela saltou pela janela, com uma faca na mão, obviamente determinada a se juntar à batalha.

— Me larga! Eu vou matar um Gritão!

— E eu preciso ajudar o meu irmão e a minha irmã.

Continuaram assim por vários minutos, as duas meninas lutando, implorando, ameaçando. Emma advertiu o garoto (era mesmo só um garoto) que se não a deixasse partir até ela contar até cinco, ele se arrependeria profundamente. Depois que contou até cinco, anunciou que lhe daria a chance de chegar a dez, mas que dali não passaria (Emma sabia que o garoto estava fazendo só o que Gabriel tinha mandado, por isso não achava justo mordê-lo e

chutá-lo para se libertar, o que tornava suas ameaças um tanto vazias), e Dena, de seu lado do jovem guerreiro, fez coisa parecida, tentando abrir seus dedos afundando as unhas na sua mão, enquanto o garoto se perguntava o que havia feito para receber tal punição de Gabriel. Foi quando ouviram um chiado baixo e áspero.

Viraram-se ao mesmo tempo. O Gritão, de espada em punho, os observava.

Imediatamente, o jovem guerreiro soltou Dena e Emma e pegou a machete. Mas as meninas lhe haviam tirado o equilíbrio e ele cambaleou para trás, tropeçando num monte de escombros e caindo no momento em que a espada do Gritão atravessou o ar diante dele. Sem pensar, Emma agarrou uma pedra. O Gritão avançava para matá-lo quando a pedra bateu em sua cabeça, atraindo sua atenção. No mesmo momento, Dena atacou do outro lado, enterrando a faca na perna do Gritão. A criatura soltou um de seus urros terríveis, de tirar a respiração, e mandou Dena para longe com um golpe com a parte de trás da mão. Ele arrancou a faca e...

Ouviu-se uma batida surda e um som de esmigalhar. Tudo parou. A criatura olhou para baixo. O jovem guerreiro tinha enterrado a machete no meio de seu corpo. O garoto se levantou, arrancou a lâmina e depois a baixou, levando o monstro para o chão. O corpo da criatura ficou ali, soltando fumaça. Toda a ação durou só alguns segundos.

O jovem guerreiro limpou a lâmina nas costas do Gritão, depois olhou para Emma e Dena.

— Tudo bem, vamos encontrar os seus irmãos. — E olhou para Dena. — E você pode ajudar a matar todos os Gritões que a gente encontrar pelo caminho.

Juntos, os três deixaram a casa e seguiram pela beirada da praça. Grupos de *morum cadi* continuavam a saltar das sombras da cidade, e o jovem guerreiro precisou obrigar Emma e Dena a se esconderem enquanto as criaturas passavam correndo. Em certo

momento, houve uma explosão de uma lamparina a gás. Ela desmoronou em uma construção e logo havia fogo ardendo no ponto mais distante da praça. As visões que tinham da batalha eram fragmentadas e confusas. Mesmo assim, logo ficou claro que os guerreiros de Gabriel estavam em desvantagem numérica.

Aí aconteceu uma coisa inesperada.

Emma, Dena e o garoto haviam parado em um beco entre dois prédios em ruínas e assistiam à luta com um aperto no coração, quando um grupo de homens veio correndo da direção das jaulas. Emma levou um tempo para se dar conta de que eram prisioneiros que tinham conseguido se libertar de alguma forma. Em seguida, pensou em Michael. Será que ele também estava livre? Estava em segurança? Do beco onde ela e seus companheiros estavam agachados, não se viam as jaulas, mas mais e mais homens passavam correndo. Era uma visão e tanto: magros, esfarrapados, empunhando as armas que conseguiam achar, eles lutavam com uma ferocidade que não era páreo nem para os homens de Gabriel. Tinham sido prisioneiros por quase dois anos. Era a hora deles.

E não estavam sozinhos. Emma viu o anão louro e parrudo, flanqueado por diversos outros anões menores, avançar ruidosamente, bufando e ofegando pela barba espessa. Ele literalmente passou por cima de um grupo de Gritões, derrubando-os no chão e, sem parar, começou a avançar em meio ao exército da Condessa com diversas machadadas. Em vez de cercar o bando de Gabriel, os *morum cadi* agora eram obrigados a combater os inimigos na frente e atrás. A maré da batalha estava virando.

Depois de abrirem a última das jaulas e verem os últimos homens meio cambaleando, meio disparando para a batalha, Wallace fez Kate e Michael subirem para o terceiro andar de um dos prédios com vista para a praça.

— Olha! — exclamou Kate quando os três se reuniram diante de uma janela vazia de onde podiam contemplar toda a cena. —

Eles estão ganhando!

Os dois grupos de homens, o bando de Gabriel e os prisioneiros recém-libertados, haviam cercado o amontoado de figuras sombrias e golpeavam até tornar o grupo cada vez menor. Uma luminosidade amarelada banhava a batalha, o que intrigou Kate, até ela se lembrar do vapor rançoso que escapava dos corpos dos Gritões mortos.

— Já não estão gritando tanto — disse Michael.

Era verdade. O ar era lacerado com frequência menor pelos gritos inumanos das criaturas, principalmente porque — e era isso que dava ânimo — havia menos daqueles monstros. Neste momento, um dos gritos foi interrompido. O som ecoou pela caverna até finalmente desaparecer na escuridão. Kate prendeu a respiração. O próximo grito veio alguns segundos depois. Foi seguido por outro, depois outros, mas não eram os guinchos sinistros dos *morum cadi*. Os gritos vinham dos homens, que berravam porque a batalha tinha acabado e eles haviam vencido.

— Eles conseguiram — espantou-se Kate. — Realmente conseguiram.

— Você também merece crédito, menina. — Os olhos de Wallace brilhavam calorosamente sob as sobrancelhas escuras. — Se não fosse pelo seu raciocínio rápido, a história toda poderia ser diferente. É, não tenho dúvida disso.

Michael estalou a língua.

— É uma pena. — Ele viu que os outros dois o olhavam como se pensassem que ele tinha enlouquecido. — Não ter a minha câmara. É um momento histórico.

Passos se aproximaram deles. Wallace girou o corpo, erguendo a picareta. Kate só teve tempo de vislumbrar a figura que corria para ela e pensar: “Não, não pode ser”, e em seguida, Emma estava em seus braços. E era ela! Era mesmo ela, de verdade! Kate e Emma se abraçaram, choraram, se afastaram para olhar uma a outra, se

abraçaram de novo e choraram ainda mais. Até Michael, cujo senso de dignidade pessoal como único menino da família o impedia de parecer efusivo demais, precisou tirar os óculos e esfregar os olhos, porque “entrou alguma coisa neles”.

— Emma, é você, é você mesmo. Puxa, Emma... — Kate não parava de repetir o nome da irmã, apertando-a junto de si, como se nunca mais fosse soltá-la.

— Desculpa. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Emma. — Eu sei que não devia ter te desobedecido. Você disse que eu não podia voltar, mas...

— Não, shh. Tudo bem. Você tá aqui.

— É, mas ela te desobedeceu — observou Michael.

— Michael... — Kate lançou-lhe um olhar de advertência.

— Ah, quem se importa — disse ele, generosamente. — Tudo bem quando as coisas terminam bem, não é? — E deu um tapinha bem masculino no ombro de Emma.

— Você tem certeza que tá bem? — perguntou Kate. — De verdade, mesmo?

— Estou. Estava com o Gabriel. Vi vocês dois antes da batalha, depois te avistei aqui na janela. Ah, e essa é a Dena e o Não-Sei-o-Nome. — Emma gesticulou para as duas figuras que a seguiram escada acima e que Kate só tinha percebido naquele momento. Uma era uma menina de cabelos escuros e expressão séria, não muito mais velha que a própria Emma. A outra, um adolescente que portava uma arma assustadora, parecida com a de Gabriel. — O Gabriel mandou ele tomar conta da gente, mas a gente é que praticamente salvou ele...

— Ei!

— Esse é Wallace! — falou Michael, apontando para o companheiro deles.

— Oi — disse Emma. Ela se virou para Kate. — Você não vai acreditar em tudo o que aconteceu...

— O Wallace é um anão! — Michael tinha um grande sorriso.

— É — disse Emma, um pouco irritada por ter sido interrompida. — Eu notei.

— Os anões existem.

Emma revirou os olhos e gemeu.

— Sabia que ele ia fazer isso.

— Conta a sua história — disse Kate. — Quero saber de tudo. O que aconteceu depois que você se separou da gente?

— Isso! Bom, eu fui pra ponte, aquela de cordas, lembra, e o Gabriel estava lutando com aqueles Gritões e eu salvei a vida dele! Mas aí eu fui atingida na barriga.

— Ah! Eu tive um sonho, vi que você estava ferida...

— Agora estou bem. O Gabriel me levou pra aldeia dele... no caminho, teve que matar um monstro. Eu estava dormindo nessa parte, então não pude ajudar... e tinha uma sábia chamada vovó Peet e ela me curou! Ela disse que você tinha encontrado o dr. Pym! É verdade? Queria que você conhecesse a vovó Peet, é uma das boas, ela...

Kate queria que ela diminuísse a velocidade. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa houve um guincho agudo vindo da praça.

— ILUDIDOS!

Viraram-se. O secretário tinha subido em uma imensa pilha de despojos. Kate ficou chocada por vê-lo vivo, ainda mais por ter condições de se movimentar, e viu quando os homens — que tinham começado a cuidar dos feridos após o final da batalha — pararam e o encararam.

A cabeça do secretário sangrava; o terno estava rasgado e parecia haver algo de errado com seu braço direito, que ele mantinha junto do corpo. O homem tremia de ódio e raiva. Kate via o cuspe voando de sua boca.

— Vocês todos são uns iludidos! Acham que podem enfrentar a Condessa? Derrotar a Condessa? Não fazem ideia do poder que ela tem! Vocês vão morrer! Todos vocês vão morrer!

— Ele tá maluco? — disse Emma. — Ele perdeu. Por que ninguém dá uma paulada nele?

— Que barulho é esse? — perguntou Michael.

Kate ficou ouvindo e, a princípio, não percebeu nada. Do que Michael estava falando... Ela parou. Havia umas suaves batidinhas nos cantos mais remotos e obscuros da cidade. Ficou cada vez mais alto e Kate percebeu que avançava na direção deles. Olhando para baixo, viu que os homens na praça também tinham ouvido.

— Vão todos morrer! Todos vocês!

Logo o som se transformou num tamborilar, numa pulsação. Sentia em seus pés. O peitoril da janela vibrava sob suas mãos.

E Kate viu a escuridão além das luzes se tornar líquida e, como uma onda, avançar sobre eles.

— Não — cochichou Wallace. — Não pode ser...

— O quê? — Kate agarrou seu braço. — O que é?

— Ali! — berrou Michael.

A maré negra tinha alcançado o perímetro das lamparinas de gás. Kate olhou e toda a esperança dentro dela morreu.

O secretário dava risinhos histéricos, pulando para cima e para baixo.

— Isso! Isso! Isso!

Havia centenas deles, uma massa verde-acinzentada de figuras corcundas que chispavam pelas ruas, subiam nas ruínas, suficientemente próximas agora para que as crianças ouvissem rosnados, grunhidos e o raspar de suas garras na pedra, e, acima de tudo, as batidas dos pés, que pareciam com o ataque iminente de uma tempestade.

— Quem são esses? — exclamou Emma.

— Os *salmac-tar* — disse Wallace. — A bruxa os convocou.

Kate, naturalmente, já vira tais criaturas. Em seu sonho, ela viu Gabriel brigar com uma delas enquanto Emma jazia inconsciente no chão do labirinto. Eram monstros praticamente cegos, com unhas afiadas como lâminas, que viviam nas profundezas das montanhas. Ela lembrou que Wallace contara que a Condessa tinha se aliado àquelas criaturas. Era coisa dela. A bruxa invocara essa monstruosidade para destruí-los.

— COMIGO! — rugiu Gabriel. — COMIGO!

Não!, Kate pensou. Não! Precisavam fugir. Eram muito poucos. Estavam cansados. Feridos. O secretário tinha razão. Iam todos morrer.

Mas já se formava uma fileira com Gabriel no meio, e ela viu homens e anões erguerem as armas, e então Gabriel, alto, temível, sangrando de uma dúzia de diferentes feridas, deu um passo à frente para ficar sozinho diante da fileira, esperando o impacto da onda.

— O que ele tá fazendo?! — disse Michael. — Ele tá maluco?

— Cala a boca! — gritou Emma, a voz desesperada, falhando e transparecendo todo o seu medo. — Ele tá mostrando a eles como ser corajoso! Ele tá... ele tá...

Emma jogou-se contra Kate, enterrando o rosto no peito da irmã e soluçando. Lá embaixo, as criaturas invadiam a praça, grunhindo, chiando. Gabriel ergueu a machete. Kate apertou Emma contra seu peito com ainda mais força...

*Brrruuuuaaaahhhh!*

Instintivamente, a cabeça de Kate se virou na direção do som. Tinha vindo de algum lugar na escuridão. Uma trombeta, pensou ela. Era uma trombeta.

— Eles pararam! — exclamou Emma.

Kate olhou para trás. Os *salmac-tar* estavam só a alguns metros de Gabriel; suas hostes tomavam conta da praça. Mas toda aquela

massa salivante havia, de fato, parado, e se voltava na direção do som.

— Caramba — disse Wallace. Kate viu que o anão sorria. — Estava na hora.

*BRRRUUUUAAAAHHHH!*

De repente, Michael soltou um gritinho (parecia um pouco com “iarruuu!”) e pulou, sacudindo o dedo de empolgação.

— Olha, olha, olha, olha, olha! Olha quem é!

Alguém baixo corria por uma das ruas semi-iluminadas que seguiam para a praça. Estava de armadura dos pés à cabeça, por isso só o rosto e a barba eram visíveis (as trancinhas da barba batiam contra o peitoral quando ele corria). Segurava um grande e reluzente machado numa mão e um chifre com cor de osso em outra. Apesar da escuridão e da distância, Kate o reconheceu imediatamente.

— É o capitão Robbie!

— Quem? — perguntou Emma.

— É nosso amigo! — disse Michael. — Bem, ele trancou a gente na cadeia, mas estava só seguindo o procedimento padrão. Não dá pra culpar ele por seguir...

— Por que veio sozinho? — interrompeu Emma. — Vai ser morto. Os anões são tão burros.

Mas antes que Michael pudesse discutir, o capitão Robbie alcançou a beira da praça, plantou bem os dois pés e soprou mais uma vez.

*BRRRRUUUUUUAAAAHHHH!*

O som ecoou por toda a caverna, diminuindo, diminuindo e fez-se silêncio. Ninguém se mexeu. Nem os *salmac-tar*, nem Gabriel, nem os homens, nem Wallace, nem Dena, nem o jovem guerreiro, nem as crianças. Então, eles ouviram — batidas rítmicas, metálicas, ficando cada vez mais altas, e aí, uma legião de anões deixou a escuridão e encheu as ruas, seus machados refletindo a luz das

lamparinas, armaduras batendo e sacudindo, a respiração coletiva fazendo um uniforme e reconfortante uff... uff... uff. Quando chegaram à praça, o capitão Robbie deu um passo à frente e rosnou uma ordem. O exército parou.

— O que ele tá fazendo? — quis saber Emma. — Precisa atacar. Ele devia matar aquelas coisas! Os anões são tão burr... Eita!

Kate alcançou a irmã. O prédio inteiro começou a tremer e balançar. Dena caiu sobre o jovem guerreiro, derrubando os dois no chão. Olhando pela janela, Kate viu que toda a cidade em ruínas estava em movimento.

— O que tá acontecendo? — Emma berrou em meio ao tumulto. — O que tá acontecendo?

— Com mil demônios! — gritou Wallace. — É um terremoto! Se segurem! Se segurem!

— Não! — Michael estava agarrado ao peitoril da janela como alguém se seguraria na amurada de um barco durante uma tempestade. — É o dr. Pym! — Ele apontou, e Kate e Emma viram o mago de cabelos brancos, de pé no alto de um prédio, com os braços erguidos sobre a cidade. — Ele é que está fazendo isso!

— Pra que diabos? — berrou Wallace. — Vai matar todos nós!

— Kate!

Emma puxou seu braço e Kate olhou para a praça. A princípio, não entendia. A aglomeração principal de monstros parecia estar afundando. Então percebeu — a terra estava se abrindo sob eles. Ela mal havia registrado o pensamento quando metade da horda foi engolida, aos guinchos, despencando e desaparecendo na escuridão. Com a mesma rapidez, a fissura se fechou; os tremores cessaram, e o prédio onde as crianças se encontravam ficou parado. Kate voltou-se para o dr. Pym. O velho tinha abaixado os braços e, calmamente, tirava o cachimbo do bolso. Ela fez uma anotação mental para nunca mais duvidar dos poderes do mago.

— Anões — o capitão Robbie ergueu o machado —, ATAAAAQUEEEM!

Os *salmac-tar* que sobravam deram meia-volta e fugiram.

— Não! Não! — O secretário pulava para cima e para baixo, puxando seus poucos fios de cabelo. — Lutem! Vocês precisam lutar!

Mas seus gritos eram inúteis. Os *salmac-tar* subiam uns sobre os outros em uma tentativa de fuga apavorada. Gabriel e os homens tinham recuado e deixaram que os anões no ataque avançassem. Sobre todos os barulhos, o choque das armaduras, o trovejante bater de botas e o terror frenético dos monstros, Kate podia ouvir a voz do capitão dos anões enchendo a caverna:

— Levem-nos daqui, irmãos! Levem-nos de volta para as profundezas. Levem-nos!

E então ela soube que, finalmente, a batalha havia acabado.

## CAPÍTULO VINTE

### A visão de Kate



— Vejam, quando a Katherine tocou no livro e viajou para o passado... quatro anos a contar deste momento, que para vocês três não é o presente de maneira alguma, mas já 15 anos no passado... ela me disse tudo que ia acontecer com o testamento desaparecido, Hamish virando rei etc. etc. Eu, armado com esse terrível conhecimento, fui direto à rainha Esmerelda (mãe de Robbie e Hamish e uma amiga muito querida). Na mesma hora, ela escreveu seu testamento proclamando Robbie como novo rei, lacrou e reconheceu firma do documento e, juntos, nós o escondemos...

O dr. Pym estava explicando para as crianças como foi possível que ele e Robbie tivessem escapado do calabouço de Hamish e chegado à Cidade Morta com uma brigada de anões armados. Estavam todos eles — as crianças, o dr. Pym, Robbie e Gabriel — amontoados no aposento onde, antes da batalha, o secretário interrogara Kate. Agora ele estava sendo usado como uma espécie de quartel-general informal, com mensageiros se esbarrando na entrada e na saída, e Robbie e Gabriel reunidos em volta da escrivaninha, onde um grupo de homens e anões já debatiam acirradamente.

As crianças foram convocadas ao local sem que lhes fosse dito por que — depois da batalha, haviam ficado no prédio do outro lado da praça, atualizando umas as outras sobre suas respectivas aventuras. Ao entrar no aposento, Emma literalmente se lançou aos

braços de Gabriel, gritando: “Você conseguiu!” De sua parte, Kate preferia que quem quer que estivesse no comando houvesse escolhido um ponto de encontro diferente. A lembrança da mordida na orelha do secretário, com o gosto de suor azedo e de sangue que a acompanhara, voltou à sua cabeça no momento em que ela passou pela porta. Perguntou-se quando conseguiria escovar os dentes de novo.

— Vocês talvez se perguntem — prosseguiu o dr. Pym (ele tinha levado as crianças alguns metros longe dali) — por que esperei tanto para mostrar o testamento da rainha. Mas eis o ponto crucial: eu precisava que a Kate entrasse na casa-forte, tocasse no livro e o levasse para mim no passado. Eu só poderia protegê-lo da Condessa se pudesse escondê-lo no passado. E sabia que, se esperasse calmamente, seria exatamente isso que iria acontecer. Portanto, esperei. Quando finalmente avaliei que o momento tinha chegado, mandei o Robbie convocar o advogado dele...

O dr. Pym revelou então a localização do testamento, que foi recuperado e examinado por um comitê de juízes, bem como por experts em ortografia e impressões digitais, já que anões são muito exigentes quanto ao protocolo (ao que Michael reagiu com um entusiasmado aceno de cabeça), e, depois de ter sua autenticidade reconhecida, o capitão Robbie (agora rei) reuniu o exército e marchou para a Cidade Morta.

— Vejam vocês — concluiu o dr. Pym —, é tudo tão claro quanto um dia de verão.

— Eu não entendo — disse Emma.

— Que parte, minha querida?

— A parte toda.

— O dr. Pym planejou tudo — disse Kate. — Ele sabia que o Hamish estaria nos ouvindo no calabouço. Ele o enganou para que ele levasse o Michael e eu até a casa-forte. Garantiu que eu fosse tocar primeiro no livro. Planejou tudo.

— Mas... — Michael estivera tomando notas; agora havia parado e se dirigia ao mago. — Você só soube que precisava fazer isso tudo porque a Kate tinha voltado ao passado e te contado o que ia acontecer? Você então só estava fingindo não reconhecer a gente no calabouço?

— Isso exige uma resposta um pouquinho complicada — disse o dr. Pym, coçando o queixo pensativamente. — Porque agora há duas versões do passado. No passado original, eu não sabia nada dos acontecimentos futuros e, sem dúvida, baseei as minhas ações na ligação que vi entre a sua irmã e o livro. Contudo, no passado reescrito, que aconteceu depois que a sua irmã recuperou o livro e voltou no tempo...

Kate observava o mago. Seus sentimentos para com ele tinham mudado. Ele havia passado a perna em Hamish e no secretário, transformado Robbie em rei, salvo Gabriel e seus homens. Kate agora acreditava que ele estava de fato do lado deles. Mas ele ainda não estava contando tudo o que sabia: sobre os pais deles, obviamente, mas também sobre o papel dela e de seus irmãos em tudo o que estava acontecendo. Na sala do trono, ele havia dito que eles eram as crianças por quem ele vinha esperando. E o secretário dissera praticamente a mesma coisa, que ela, Michael e Emma eram os três escolhidos. O que isso queria dizer? O que o mago estaria escondendo?

— ... eu sabia como os eventos tinham se desenrolado no outro passado, agora alternativo — disse o dr. Pym. — E desejando que as coisas se dessem exatamente da mesma forma, tentei me comportar como possivelmente teria feito se não soubesse nada do futuro. Esta, Michael, é a versão do passado de que eu e você lembramos. A Katherine, como viajante do tempo, é a única que se lembra do passado original. Assim, para responder à sua pergunta, no que diz respeito à sua lembrança, sim, eu fingi não reconhecer vocês no

calabouço. No que diz respeito às lembranças da sua irmã, não, eu não tinha a mínima ideia de quem ela era.

Michael o olhou.

— Agora eu não entendi.

— Então entenda só uma coisa — suspirou o dr. Pym. — Se a Katherine não tivesse mostrado a iniciativa que mostrou, o rei Robbie e eu ainda estaríamos no calabouço e todos os homens de Gabriel, todos os homens de Cambridge Falls, estariam mortos.

— Ele está certo. — Robbie deixou o grupo da escrivania. — E se vocês algum dia precisarem da minha força ou da força do meu povo, só precisam pedir. — Depois de dizer aquilo, o novo rei dos Anões curvou-se tanto diante de Kate que as pontas trançadas da sua barba esbarraram no chão.

— Ah, por favor — disse Kate, corando muito. — Não faz isso, é meio constrangedor. E de qualquer maneira, o Michael fez tanto quanto eu.

Robbie se ergueu.

— É, é bem verdade. — Ele tossiu no punho e assumiu um tom formal. — Michael Seja-Lá-Qual-For-Seu-Sobrenome, foi quando você jogou na cara do Hamish o idiota que ele era que eu me lembrei do que significa ser um anão. Em reconhecimento a isto, eu vos declaro Guardião Real da História e de Todas as Tradições dos Anões. — Ele estalou os dedos e um anão se apresentou, entregando ao rei uma pequena medalha que ele prendeu no suéter de Michael.

— Vossa A-Alteza... — gaguejou Michael. — Eu qu... queria ter tido a oportunidade de preparar algumas observações.

Robbie bateu no ombro dele.

— Ah, rapaz, você teria dado um grande anão, um grande anão.

Emma parecia contrariada de ver Michael ganhar tanta atenção, e, enquanto Robbie dava um beijo peludo em cada bochecha do

menino, Kate a ouviu resmungar: “Quem tomou uma flechada fui eu.” Emma tinha, naturalmente, ficado impressionada ao ouvir como Michael enfrentara Hamish e oferecera a própria mão para ser decepada, ou talvez mais espantada do que impressionada, refletiu Kate, pois não parava de dizer: “É mesmo? O Michael fez isso? Sério? O Michael?” De qualquer forma, Kate estava a ponto de mandá-la parar de resmungar e deixar que Michael aproveitasse seu momento, quando ele se voltou para as duas, sorridente e estufando o peito, com um olhar de pura alegria e, quando Kate se deu conta, ela e Emma o estavam abraçando, dizendo o quanto estavam orgulhosas, Emma dando socos um pouquinho fortes demais no braço dele. Só depois que Michael pigarreou e se ofereceu para dizer algumas palavras, afinal de contas, Kate o interrompeu e sugeriu que deixasse aquilo para mais tarde.

— É — disse Emma, parecendo profundamente aliviada —, a gente sempre adora te ouvir falar dos anões, mas primeiro temos que conversar sobre outras coisas. Como o *Atlas*! A gente devia falar disso!

— Minha querida — disse o dr. Pym —, como você aprendeu esse nome? Estou impressionado.

Kate viu Emma lançar um olhar para Michael e sacudir os ombros, satisfeita.

— Ah, eu sei um monte de coisas. Você sabia que o nome era esse, Michael?

Michael negou com a cabeça.

— Pois é isso mesmo. *Atlas*. Você devia escrever pra não esquecer.

Kate não mencionou que tinha ouvido o nome do secretário.

— Sua irmã está certa — disse o dr. Pym. — Cada um dos Livros do Princípio tem um nome único. Tecnicamente, o livro que estamos procurando é o *Atlas do Tempo*...

— Exato — disse Emma, sacudindo a cabeça com seriedade. — Tecnicamente.

— ... mas ele costuma ser tratado apenas como o *Atlas*, nome apropriado, pois o livro contém mapas de todos os possíveis passados, presentes e futuros e permite que se movimente tanto no tempo quanto no espaço. Mas agora não é o momento de examinar todos os porquês.

— É — disse Emma. — A gente trata disso depois. Todos os porquês e tal.

Enquanto escutava o dr. Pym, ocorreu a Kate que, desde que tinha ouvido o nome verdadeiro do livro, ela havia começado a pensar nele como o *Atlas*. O nome simplesmente parecia adequado.

— E o Hamish? — perguntou Michael. — Ele realmente não é mais rei?

— Não é, não — disse Robbie. — Mandei ele de volta pro palácio, disse pra limpar tudo de cima a baixo pessoalmente. E mandei cortar aquela barba. Tava nojenta.

— Hamish era o rei — Emma informou Gabriel. Ele também tinha deixado o grupo em volta da escrivania e se aproximado do círculo. — Ele tentou cortar a mão da Kate. Aí o Michael impediu. Pelo menos é a história que...

— Ei!

— Tá, você é um herói. — Emma revirou os olhos. — Vai polir a sua medalha!

Robbie lhes contou que, ao ouvir que não era mais rei, Hamish tentou cometer suicídio, cortando a própria cabeça. Mas tudo que conseguiu foi ficar inconsciente, e precisou de vários baldes de água fria para voltar a si. Foi, segundo Robbie acrescentou, o mais próximo que Hamish esteve de tomar um banho em muitos meses.

Enquanto os outros continuavam a falar, Kate foi até a parede desmoronada e olhou para a praça. Depois de ganhar a batalha, os anões haviam construído uma cozinha de campo e puseram para

ferver imensos panelões com cenoura, cebola, tomate e carne, cheiro que rapidamente se sobrepôs ao fedor rançoso dos Gritões abatidos. Agora, homens que não faziam uma refeição decente havia dois anos engoliam tigelas de cozido mais rápido do que os anões podiam levá-las à mesa.

Kate virou-se para olhar as jaulas.

O secretário era o único prisioneiro. Estava na jaula mais próxima, segurando o braço ferido e se balançando para frente e para trás. Era verdade o que ele tinha dito? Será que o dr. Pym planejava enviá-la de volta ao passado para recuperar o *Atlas*? Seu coração bateu mais rápido quando ela pensou que talvez voltasse a ver sua mãe. Ao mesmo tempo, sentiu uma pontada de culpa. Por duas vezes — a primeira com Michael e a segunda com Emma, após a batalha — ela tinha contado a história de como havia tocado no livro e ido para o passado. Em nenhuma das duas ela mencionou o fato de que tinha visto a mãe deles. Por quê? Qual era o seu motivo para manter segredo?

Kate percebeu que o secretário olhava diretamente para ela.

— Chega! Precisamos agir!

Livrando-se do olhar do homem, Kate voltou-se para o interior do aposento. Quem falava era o homem delgado, de olhar enérgico, que lhe dissera qual das chaves abria a porta das jaulas. Ele estava inclinado sobre a escrivaninha, e Kate reparou subitamente na massa de cabelos castanhos-avermelhados, embaraçados, e percebeu por que parecia tão familiar.

— A gente conhece o seu filho! Stephen McClattery! A gente esteve com ele!

Ela acrescentou rapidamente:

— Ele está bem! A gente viu ele uns dias atrás e ele estava perfeitamente bem.

O efeito das palavras de Kate foi imediato e dramático. Era como se o homem estivesse lutando até os limites da força para se

livrar de uma corda e ela tivesse sido subitamente cortada. Sua cabeça pendeu, o corpo todo pareceu desmoronar. Kate sabia que devia ser a primeira vez que ele ouvia falar do filho em dois anos. Provavelmente nem sabia se o menino estava vivo ou morto. Finalmente, o homem enxugou o rosto e levantou os olhos. Havia a marca das lágrimas em suas bochechas sujas.

— Obrigado — disse ele, desajeitadamente. — Mas cada momento que a gente desperdiça em conversa dá mais tempo à bruxa de se vingar nos nossos filhos.

— Você está certo — disse Robbie. — Doutor, quer contar para os pequenos o que a gente precisa que eles façam?

— Eis a situação. — O dr. Pym arrumou os óculos de aro de tartaruga, processo que não os deixou menos tortos. — Nossa próxima tarefa é ir a Cambridge Falls e libertar as crianças aprisionadas, inclusive seu amigo Stephen McClattery.

— Ele não é meu amigo — resmungou Emma. — Na verdade, ele é bem irritan... ai! — Ela lançou um olhar furioso para Kate. — Por que você me cutucou?

— A questão — prosseguiu o dr. Pym — é que enquanto a Condessa tiver as crianças como reféns, não podemos arriscar um ataque direto à casa dela.

— Mas você é um mago — disse Michael. — Você criou um terremoto. Não pode fazer nada?

— Infelizmente, a Condessa ergueu certas barreiras ao redor da casa e da cidade que limitam minha capacidade. Precisamos recorrer a meios mais convencionais. O que, de novo, nos traz a vocês três. Vocês conseguiram fugir da casa. Me pergunto...

— Ah! Ah! — A mão de Emma se ergueu no ar.

— Diga, minha querida.

— Existe uma passagem secreta! Ela sai do quarto onde as crianças ficam e vai até um dos lados da casa. Foi o Abraham que nos conduziu, mas a gente pode encontrar de novo! Fácil!

— Já contamos isso para ele — disse Michael. — Lá no calabouço.

— Verdade — disse o dr. Pym. — Mas eu já ia pedir que vocês contassem isso para todo mundo. Ótima antecipação, minha querida.

— De nada — disse Emma, que abriu um sorriso triunfante para Michael.

— Então muito bem! — O rei Robbie bateu palmas. — Façamos o seguinte: alguns de nós se esgueiram, entram na casa e tiram as crianças pela passagem secreta sem chamar atenção. Quando isso estiver terminado, alô, alô, o resto de nós ataca! É um plano brilhante, não é?

Todos assentiram e murmuraram.

Michael manipulava nervosamente a medalha.

— E se a Condessa já souber que perdeu a batalha? Não vai estar esperando pela gente?

— Talvez — disse o dr. Pym —, mas temos poucas opções além de ir em frente e esperar pelo melhor. Como o senhor McClattery salientou, muitas jovens vidas estão em jogo. Bom, Gabriel, eu e as crianças...

Bem neste momento, ouviu-se uma forte pancada. Todos se voltaram e viram Kate desacordada no chão.

— Está se sentindo melhor, minha querida?

Kate piscou. Três rostos preocupados a encaravam. Ela se forçou a sentar. Tinha sido colocada num sofá muito duro e cheio de protuberâncias num cômodo que ela não reconhecia. Emma, Michael e o dr. Pym recuaram para lhe dar mais espaço.

— O que aconteceu? — Emma perguntou. — Você estava parada ali e aí tipo... desabou.

Kate apertou os dedos contra as têmporas. Tinha ficado tonta ao se sentar. Podia ouvir, do outro lado da porta, muitos passos rápidos.

— Acho que só estou cansada. E morrendo de fome.

— Bem — disse o dr. Pym —, vocês todos tiveram um dia muito difícil. Vamos arranjar alguma coisa para vocês comerem.

— E para beber — disse Michael. — Aposto que estamos desidratados e nem sabemos disso.

— O seu cérebro está desidratado — disse Emma.

— Muito provável — respondeu Michael. — O cérebro é o órgão mais sensível do corpo.

Emma balbuciou algo inaudível.

Kate olhou em volta. Havia uma única lamparina no chão e, empilhadas contra uma parede, havia cestos com nabos, cebolas, cenouras e sacos de batata. Obviamente, os cozinheiros estavam usando o cômodo para armazenar comida.

— Você tem certeza que foi só isso, minha querida? Fome? — O mago a encarava atentamente.

Kate fechou os olhos. Ainda via aquilo acontecer...

— Katherine?

Ela queria que ele parasse de pressioná-la. Sabia por que tinha desmaiado e não tinha intenção alguma de falar sobre o assunto.

— Talvez eu pudesse ajudar, se...

— Por que você não contou pra gente que conhecia os nossos pais?

No mesmo instante, Kate percebeu o que havia feito. Só queria desviar a atenção de todo mundo, fazer com que falassem de outra coisa além do seu desmaio. Mas falou precipitadamente, e agora...

Olhou para Michael e Emma e viu a confusão que sentiam. Quanto tempo levaria até que juntassem dois mais dois?

— Quando eu devia ter lhe contado, Katherine? — O dr. Pym havia tirado os óculos e os limpava na gravata. — No calabouço? Já expliquei por que era importante fingir que eu não fazia ideia de quem vocês eram. No passado original, bem, eu realmente não fazia a mínima ideia de quem você era.

— Mas você me deu aquela lembrança! — Agora que o coelho saía da cartola, Kate queria uma resposta. — Você me mandou para aquele momento! Só podia saber!

— Bem, eu suspeitei, sim. Em parte por causa da sua história. Mas também porque ninguém pode olhar para você e deixar de ver a sua mãe.

Aquilo silenciou Kate. Ela se parecia com a mãe? Contra sua vontade, sentiu uma onda de alegria.

— Espera! — exclamou Emma, encontrando a voz. — Do que você tá falando? Como é que o dr. Pym conhece os nossos pais?

— Seus pais — o dr. Pym tornou a pôr os óculos — são grandes amigos meus. Richard e Clare. Esses são os nomes deles.

— Mas... não! Isso não é... não é o que você disse pra gente! Você... por que você não contou?

— Mas, minha querida, quando eu poderia...

— Quando a gente te conheceu! — Emma agora quase gritava. — Assim que a gente chegou naquele orfanato idiota!

— Minha querida Emma, isso ainda vai levar mais 15 anos para acontecer. Não consigo explicar muito bem por que eu fiz uma coisa que eu ainda não fiz.

— Mas como... — Michael olhava para Kate.

Lá vai, pensou ela.

— ... você descobriu que o dr. Pym conhecia os nossos pais?

Kate engoliu em seco. Sua garganta parecia coberta de papel.

— A nossa mãe... estava lá. No passado. Quando vi o dr. Pym. Eu... não contei pra vocês.

Por um longo momento, Michael e Emma simplesmente a encararam. Em seus rostos, o ar era de completa descrença. Não por Kate ter visto a mãe deles. Mas por não ter contado a eles. Emma começou a chorar e a visão quase partiu o coração de Kate.

— Emma...

— Cadê eles? — Emma virou bruscamente a cabeça para o dr. Pym. — Leva a gente até eles! Leva a gente agora!

— Emma...

— Agora! Eu quero ver eles agora!

— Minha querida — disse o dr. Pym —, não há nada que eu queira fazer mais do que isso. Mas temo que não seja tão simples.

— Por que não? — As lágrimas desciam pelo rosto de Emma.

— Ele não pode levar a gente agora — disse Michael, em voz baixa. — Primeiro tem que deter a Condessa.

— Cala a boca! — Emma arrancou a medalha que Robbie lhe dera e a jogou num canto. — E isso é o que eu penso da sua medalha idiota!

— Emma, para com isso!

Emma se afastou da mão de Kate.

— Não me toca! Você mentiu pra gente! Você tinha que ter contado e mentiu pra gente!

— Eu sei, desculpa. — Mais uma vez, Kate tentou alcançar a irmã. Mais uma vez, Emma se afastou.

— Eu disse pra você não tocar em mim!

Kate precisou se levantar porque Emma estava de pé e, desta vez, quando tentou alcançá-la, Emma não brigou. Deixou que a irmã a segurasse e Kate sentiu como ela estava tensa e brava, mas continuou a abraçá-la e falar em sussurros. Lentamente, os soluços de Emma diminuíram e seu corpo relaxou.

Finalmente, Kate perguntou:

— Você tá bem?

Emma assentiu, fungando, e passou a manga no rosto. Foi para o canto do cômodo e recuperou a medalha de Michael.

— Desculpa. Espero que ela não tenha amassado.

Michael forçou uma gargalhada.

— Acha que *você* conseguiria amassar uma peça produzida com a habilidade técnica dos anões? Muito improvável. — Mas logo ele

olhou para ela e abriu um sorriso de verdade. — Tá tudo bem.

— Agora — prosseguiu o dr. Pym depois que os três se acalmaram e Michael recolocou a medalha —, acreditem em mim. Eu compreendo como tudo isso é confuso e o quanto vocês três querem ver os seus pais. E prometo que assim que a Condessa for derrotada e as crianças estiverem em segurança, vou responder a todas as perguntas que vocês tiverem. Mas, hoje, temos uma grande tarefa diante de nós e as vidas de muitos dependem do nosso sucesso. Precisamos nos concentrar nesse objetivo.

— Mas você não pode contar nada pra gente? — perguntou Kate. — Onde eles moram? Qual é a profissão deles? Qualquer coisa?

O dr. Pym suspirou.

— Muito bem. Os seus pais são acadêmicos. Do corpo docente.

— Nossos pais foram professores? — Emma soava positivamente desanimada.

— Qual é a área de estudos deles? — perguntou Michael.

Emma soltou um gemido.

— Esse deve ser o melhor dia da sua vida, hein?

— São historiadores da magia. Essa não é, devo dizer, uma disciplina tratada com muita seriedade no mundo acadêmico. Mas os seus pais acreditam na importância do que estão fazendo. E os dois estão interessados nos Livros do Princípio. Na verdade, foi assim que se conheceram. Numa conferência em Edimburgo. A sua mãe apresentava um trabalho descartando uma teoria que afirmava que um xogum japonês do século IX, chamado Rosho-Guzi, o Devorador de Vidas, tivera posse de um dos livros. O seu pai foi procurá-la depois da apresentação e, seis meses depois, eles se casaram. Vocês estão vendo, crianças, os livros estão no seu sangue.

— Como você conheceu eles? — perguntou Kate.

— Na minha busca pessoal pelos dois livros perdidos, passei a acompanhar as pesquisas acadêmicas em curso. Li os artigos dos

seus pais e senti que eram pessoas em quem eu podia confiar. Começamos a trabalhar juntos. Naturalmente, não me passou pela cabeça o que os filhos deles se tornariam. Olhando para trás, sim, havia sinais... — Ele deu de ombros e deixou as mãos caírem. — Mas aí, quatro anos atrás, pouco depois do Natal, a Katherine apareceu no meu gabinete, e foi isso.

Ao ouvir a menção ao Natal, uma lembrança se libertou na mente de Kate e ela viu um homem alto e magro parado na entrada de seu quarto. A lembrança era da última noite com seus pais. As peças subitamente se juntaram, a sensação que ela tivera — na biblioteca em Cambridge Falls, no calabouço dos anões — de que já tinha se encontrado com o dr. Pym...

— Era você! Você tirou a gente dos nossos pais!

— Talvez. Mas, mais uma vez, o que você está dizendo ainda não aconteceu.

— Tudo bem — disse Kate. — O que você quis dizer com “o que os filhos deles se tornariam”? O que a gente se tornou?

— Vocês três são muito especiais. Um dia, quando houver tempo, explico tudo.

Kate começou a discutir. Eles mereciam saber...

— E vão saber. Quando chegar a hora. Katherine, você precisa aprender a confiar em mim. — Ele se levantou. — Agora quero ver como vão Robbie e Gabriel.

— Espera — disse Michael. — Qual é o nosso sobrenome?

— Seu sobrenome. Sim, acho que posso dizer isso. Seu sobrenome verdadeiro é... Wibberly.

As crianças se entreolharam.

— Wibberly? — disse Kate. — Você tem certeza?

— Ah, sim. É Wibberly mesmo.

— No orfanato, disseram que o nosso sobrenome começava com P!

— É mesmo? Que estranho.

— Mas você deve ter feito eles chamarem a gente assim! — protestou Kate. — Foi você que nos levou pra lá! Por que mandou eles nos chamarem de P quando o nosso sobrenome era Wibberly?

— Provavelmente estava tentando esconder vocês. As crianças W dariam uma pista muito fácil.

— Então por que você não deu um outro sobrenome pra gente?! — perguntou Michael. — Smith! Ou Jones! Qualquer coisa! Sabe o quanto implicaram com a gente porque tínhamos um sobrenome de uma letra só?

— Hum, não devo ter pensado bem no assunto. Peço desculpas. Agora preciso ir. Vamos voltar a conversar mais tarde.

Durante muito tempo depois que o mago partiu, nenhuma das crianças falou. Do outro lado da porta, elas ouviam o exército começar a se movimentar.

— Wibberly — disse Kate. — Parece... certo.

— É — concordou Michael. — Parece sim.

— Eu ainda gosto de Penguin — disse Emma. — Mas acho que Wibberly é legal.

— Desculpa — disse Kate. — Eu devia ter contado logo pra vocês sobre a mamãe. Acho que eu estava... estava com medo de perder a lembrança se falasse nela. Perder ela. De novo.

— Eu entendo — disse Michael. — É por isso que eu anoto tudo. É muito fácil se esquecer das coisas. Quando você anota, sabe que vai estar ali.

Ele passou a mão no caderno e Kate subitamente o enxergou, um menino que tinha tido toda a sua vida tomada de si e que se agarrava ao que podia.

— Você vai contar pra gente? — pediu Emma. — Por favor?

Kate olhou para os dois, viu a confiança que ainda tinham nela, que sempre teriam e se perguntou como tinha sido capaz de guardar uma coisa daquelas para si. Pertencia a todos eles ou a nenhum. Quando buscou a lembrança, percebeu que alguns

detalhes já tinham se tornado distantes e imprecisos. Não entrou em pânico. Obrigou-se a se concentrar no que sabia, nas roupas que a mãe usava, na cor do seu cabelo, nas palavras que dissera e quanto mais falava, mais conseguia lembrar. Descreveu o calor da sua voz, um pequeno sinal no rosto, o jeito com que a mão dela pousara na maçaneta. Falou do aposento, descrevendo o fogo na lareira, os arabescos vermelhos e marrons no tapete, a escrivaninha absurdamente entulhada do dr. Pym, a neve caindo suavemente lá fora, e logo foi como se ela estivesse ali de novo, diante da mãe, só que dessa vez Michael e Emma estavam com ela e também era a lembrança deles. Kate sabia que, quando o tempo passasse, Emma e Michael alterariam os detalhes, a roupa que a mãe usava, as coisas que havia dito, a neve se transformaria em chuvarada, mas a fazia se sentir melhor saber que a lembrança agora pertencia aos três e que, juntos, eles a manteriam, manteriam sua mãe com mais força do que ela poderia fazer sozinha.

Depois, ficaram em silêncio. O ar parecia ter esfriado e pelas paredes passava o som reconfortante de ordens rugidas e dos homens e anões em ação.

Então Kate disse:

— Tive uma visão. Foi por isso que eu desmaiei. Não foi por estar com fome ou nada parecido.

Ela disse que vira a batalha da Cidade Morta. Só que diferente. Havia menos Gritões. E nenhum anão nem hordas de monstros saindo das profundezas. Só o pequeno grupo de homens de Gabriel. E eles tinham ganho. Tinham derrotado os Gritões. Depois os homens de Gabriel e os prisioneiros libertados tinham se juntado e marchado para a cidade.

— Mas não foi assim que aconteceu — disse Emma. — Você deve ter visto errado.

Kate deu de ombros.

— Foi o que eu vi.

— Foi só isso? — perguntou Michael.

— Não.

Kate disse que em sua visão, a Condessa sabia que Gabriel e os outros estavam a caminho e foi junto com as crianças para o barco no meio do lago.

— Mas por que você veria uma coisa que não aconteceu? — Emma insistiu. — Não faz sentido.

— Talvez tenha acontecido — disse Kate. — Talvez ainda vá acontecer. Logo antes da visão, o Robbie e o dr. Pym estavam conversando sobre marchar para a cidade. Acho que a visão foi um aviso.

— Um aviso sobre o quê? — perguntou Emma. — O Gabriel salvou aquelas crianças, não salvou? Você deve ter visto isso também.

Kate pôs a mão no bolso e tirou as duas fotos que estavam com ela. Estavam úmidas por causa do mergulho no lago subterrâneo. Havia uma foto dela no quarto da casa em Cambridge Falls, que Kate considerara a passagem de volta para casa, e havia outra, a última foto que Abraham tinha tirado. Ela examinou a foto de Abraham, figuras negras saindo da floresta, a luz da tocha. Ela olhou a parte de trás.

— Não. A represa se rompeu, o barco despencou da cachoeira e as crianças morreram. No seu último suspiro, a Condessa amaldiçoou a terra. — Ela entregou a foto para Michael. — O Abraham tirou essa foto quando tudo aconteceu. Olha atrás.

Em uma letrinha bem miúda, estavam escritos dúzias de nomes. Kate mostrou um deles.

Michael leu:

— Stephen McClattery.

— Todos eles vão morrer.

— Não! — Emma deu um salto. — Não vai ser assim! Esse era um passado diferente! Foi esse que você viu! Antes de a gente

chegar aqui! Você disse que o dr. Pym não estava aqui! E os anões! Eles devem servir para alguma coisa! Vão acabar com ela, desta vez vai ser diferente! A gente não estava lá pra ajudar! Tem que ser diferente! Vamos salvar as crianças e depois o dr. Pym vai levar a gente pra ver os nossos pais! Você ouviu! Ele prometeu! Você ouviu, Kate!

A porta abriu com estardalhaço. Wallace entrou com passos pesados.

— Muito bem. Está na hora de agir. Vamos, vamos! Pé esquerdo, pé direito. Vamos lá, o exército já vai partir.

— Vão indo — disse Kate. — Encontro vocês em um segundo.

Michael guardou a foto de Abraham no caderno. Emma saiu com o anão. No último momento, Kate chamou a irmã. Estendeu a foto, sua foto no quarto.

— Acho que você devia ficar com isso.

— Sério? Por quê?

Porque eu quero que você tenha uma foto minha, ela quase disse.

— Eu só... só acho que devia. Agora vai.

E aí ela ficou sozinha.

Kate sabia com absoluta certeza que, se não fizesse nada, se simplesmente permitisse que Gabriel, Robbie e o dr. Pym levassem o plano adiante, as crianças morreriam. Apesar de tudo o que haviam feito, nada seria diferente. O tempo, como Kate estava aprendendo, era parecido com um rio. A gente pode colocar obstáculos, até mudar seu curso rapidamente, mas o rio tem uma vontade própria. Quer seguir um determinado caminho. Você precisa obrigá-lo a mudar. Você precisa estar disposto a fazer sacrifícios. Kate pensou na promessa que tinha feito para Annie e para as outras crianças de que voltaria por elas.

Ela pôs a mão no bolso e tirou a chave que havia usado para abrir a jaula. Ela gostaria de ter visto seus pais.

Dez minutos depois, um homem que passava pela jaula do secretário reparou que a porta estava aberta e que o prisioneiro havia desaparecido. No mesmo instante, Emma, correndo para buscar a irmã, descobriu que ela também havia desaparecido.

CAPÍTULO VINTE E UM  
Pacto com o diabo



O ar informou a Kate que estavam se aproximando. Não era mais o ar úmido e parado que ela respirava desde a manhã anterior: era límpido e fresco. O secretário também devia ter percebido.

— Quase lá — ele resfolegou, apertando com força o braço de Kate, que ele parecia estar segurando mais como apoio do que para controlá-la. — Quase lá...

Não havia guardas postados na frente da jaula e Kate fora capaz de se esgueirar despercebida e cochichar sua oferta através da grade.

Se a Condessa libertasse as crianças e fosse embora sem machucar ninguém, Kate entregaria o *Atlas*. Mas o secretário tinha que fazer com que ela chegasse a Cambridge Falls antes do exército de Robbie e Gabriel. Será que ele conseguiria isso?

Claro, sorriu o homem, com desdém. Havia um caminho.

Agora, enquanto a dupla cambaleava pelo túnel, Kate segurava no alto a lamparina surrupiada e pensava em Emma e Michael. Se tivesse tido a chance, teria contado a eles que suas visões não eram como assistir a um filme. Ela não via as coisas acontecerem. Ela as vivia. Estava no barco quando ele despencou pela cachoeira. Sentiu o que as crianças sentiram quando ele mergulhou para as rochas. O

terror delas tinha sido o seu terror, e ela faria qualquer coisa para poupá-las daquele sofrimento.

Ela e o secretário contornaram uma curva e, pela primeira vez em dois dias, Kate se viu a céu aberto.

Estavam no alto, em cima do vale, num caminho que cortava um lado da montanha. A lua estava cheia e banhava o mundo inteiro com uma luz tranquilizante e prateada. A simples sensação de espaço tirou-lhe o fôlego. Kate achou que era a coisa mais bela que ela já tinha visto.

O secretário caiu de joelhos na beira do penhasco e começou a mexer na terra com o dedo.

— O que você está fazendo? Os outros vão vir atrás de mim! A gente precisa...

— Quieta! Preciso me concentrar!

Kate olhou de volta para o túnel. Esperava ouvir a qualquer momento alguém chamando seu nome e ver as luzes das tochas se aproximando.

— Pronto. — O secretário endireitou-se, limpando as mãos no casaco. — Feito.

— O quê? Tudo o que você fez foi desenhar uma linha na terra!

— Ah, mas é uma linha especial.

— O dr. Pym e o Gabriel vão estar aqui a qualquer segundo! Você disse que sabia um caminho para a cidade!

— Sei. É esse caminho. Passe por cima da linha.

Kate olhou para o rabisco não exatamente reto na terra. Passar por cima dele significava saltar do penhasco e mergulhar no vazio.

— Você tá brincando.

— Vou levar você para a Condessa. É a magia que ela me concedeu.

— Aham. Bem, deve ter outro jeito. Se a gente correr...

O secretário puxou-a, enfiando seu rosto suado junto ao dela.

— Não tem outro jeito! Os seus amigos vão chegar aqui logo! A avezinha quer salvar as crianças? Então a avezinha precisa voar! Voar, voar, voar...

Ele deu um passo para trás, gesticulando em direção à linha como um medonho garçom. Kate percebeu que ele segurava algo em sua mão. Era o minúsculo pássaro amarelo que ela já vira antes, mas seu corpo estava imóvel e flácido.

— E você?

— Muito gentil da sua parte perguntar, muito gentil. Mas só há lugar para uma avezinha. Griddley Cavendish vai ter que encontrar outro caminho.

— Como eu vou saber que você não está tentando me matar?

Ele abriu aquele sorriso imundo e torto.

— Você não vai saber. E agora... voe.

Suas entranhas pareciam ter virado gelo. Ela deu um passo trêmulo até a linha. Uma brisa soprava no vale, jogando seu cabelo para trás. Ela olhou para baixo. Lá longe, via a base rochosa da montanha. Aí ouviu... o eco distante de um grito. Alguém chamava seu nome.

Kate fechou os olhos e pulou do penhasco.

O pé bateu em algo sólido. Ela ouviu um som parecido com água batendo em metal, o rumor de um motor. Abriu os olhos. Estava no convés de um barco. A lua se refletia na superfície do lago. A magia do secretário havia funcionado.

— Katrina...

Kate virou-se. A Condessa estava ali, ladeada por dois *morum cadi*. Ela bateu palmas alegremente.

— Você está aqui! Estou tão feliz!

Quando não conseguiu encontrar a irmã, Emma correu para contar para Michael e viu que todos estavam alvoroçados porque o secretário desaparecera da jaula. Ela puxou o irmão para um canto.

— Você precisa me ajudar a encontrar a Kate. Ela não estava no quarto.

O dr. Pym entreouviu aquilo e avançou para junto deles, segurando Emma pelo braço.

— O que você disse?

Emma contou para ele e o dr. Pym soltou um longo suspiro.

— Isso é muito ruim.

Justo naquele momento, um homem foi trazido. Ele havia visto duas pessoas correndo para a saída a leste da cidade.

O dr. Pym falou para Gabriel.

— Vai. Nos encontramos no caminho. — E o gigante se virou e desapareceu. O dr. Pym instruiu Robbie a reunir um grupo maior e sair o mais rápido possível.

— Venham, crianças. Temo que a sua irmã esteja a ponto de cometer um erro muito grave.

E os três partiram atrás de Gabriel.

Enquanto corriam pelo túnel escuro, o dr. Pym insistiu para que Michael e Emma contassem a ele o que sabiam. Não havia como não notar sua seriedade, e Michael e Emma não esconderam nada. Falaram da visão de Kate, de como a Condessa reunira as crianças no barco, da destruição da represa e de como as crianças tinham morrido. Disseram a ele que Kate acreditava que a visão era um aviso.

— Eu devia ter sido mais cuidadoso — murmurou o dr. Pym, caminhando cada vez mais rápido. — Só posso rezar para que a gente chegue a tempo.

Quando saíram do túnel para o lado da montanha, Gabriel estava ajoelhando, estudando a terra sob o luar.

— Eu não entendo. Os rastros mostram que o homem desceu o caminho sozinho. Mas a garota... — Ele parou, olhando para Emma e Michael. — Os rastros indicam que ela pulou do penhasco. Não

acho que tenha sido empurrada. Mas também não vejo nenhum corpo lá embaixo, sobre os rochedos.

— O quê?! — A voz de Emma estava cheia de pânico. — Não! Você deve estar enganado! Desculpa, Gabriel, mas tá escuro demais. Você provavelmente não olhou direito! Olha esses rastros ou seja lá o que for de novo!

O dr. Pym olhava para a linha que o secretário havia desenhado na terra.

— Não existe corpo — disse ele — porque a Katherine está com a Condessa.

Ele explicou que a linha era um portal.

— A gente não pode usar também? — perguntou Michael.

— Não. Foi criado para transportar uma pessoa. Passar por ele agora significa saltar para a morte. — Ele apagou o traço com a ponta do sapato. Houve sons de passos e Robbie e vários outros anões, junto com alguns homens, vieram correndo do túnel.

— Chegamos tarde demais — disse o dr. Pym. — A Condessa está com ela. Gabriel, eu e as crianças vamos imediatamente para Cambridge Falls. Quando as suas forças estiverem reunidas, siga por esta trilha. Vai levá-los até a cidade.

— Você está maluco — balbuciou o anão. — Se a garota está com a bruxa, estamos perdidos. E vai levar muitas malditas horas para vocês chegarem à cidade a pé.

— Então não devemos perder tempo. Só sigam o caminho. — Acenando com a cabeça para Gabriel e as crianças, ele começou a descer a trilha, movimentando-se com passadas ágeis e longas.

— Doutor Pym! — Michael e a irmã correram atrás dele, esforçando-se para não tropeçar à medida que a trilha rochosa descia sinuosamente a montanha, e Gabriel seguia de perto. — O rei Robbie tem razão. Vai levar horas pra gente chegar lá assim.

— É — disse Emma. — Por que você não faz um daqueles portais?

— Desnecessário. Conheço um atalho. Agora fiquem por perto.

Quando ele disse isso, as crianças repararam que se dirigiam para uma espécie de névoa ou de nuvem, o que era esquisito porque momentos antes o céu estava perfeitamente limpo. Logo a névoa se tornou tão espessa que o dr. Pym ordenou a Michael e Emma que dessem as mãos, para que nenhum dos dois perdesse o rumo na beira do penhasco. Seguiram o mago pelos contornos esmaecidos de suas costas e, quando desapareceram, seguiram sua voz, que chamava os dois em meio à neblina.

— Cuidado, é um pouco complicado aqui. Cuidado... — Aí, como se ficar sem ver não fosse ruim o bastante, seus outros sentidos começaram a enganá-los. Sentiam o cheiro de árvores que sabiam que não estavam ali, ouviam água inexistente batendo contra uma margem. Até a encosta pedregosa da montanha parecia ter se aplainado e se tornado macia. Michael tinha acabado de fazer uma anotação mental para pesquisar mais a respeito dos efeitos desorientadores da neblina quando o dr. Pym anunciou:

— E cá estamos nós.

Michael abriu a boca, espantado.

— Como... — começou Emma.

— Eu disse a vocês — disse o dr. Pym. — Conhecia um atalho.

Eles haviam saído da neblina e estavam na beira do lago em Cambridge Falls, contemplando a superfície iluminada pelo luar. Michael olhou para trás para ver Gabriel sair de dentro de um túnel de neblina nas árvores. Assim que se juntou a eles, o dr. Pym prosseguiu:

— Meus amigos, chegamos à parte mais difícil da nossa missão. Não preciso lembrar que há vidas em risco. Katherine e as crianças estão no barco com a Condessa. Vou cuidar delas. Gabriel, é melhor você ir correndo para a represa. Temo que a Condessa tenha feito alguma sabotagem. Faça o que puder.

— Vou com o Gabriel — disse Emma. — Ele pode precisar de mim. — Ela olhou para o gigante. — Você pode precisar.

— Muito bem — disse o dr. Pym. — Michael, meu garoto, você fica comigo. Vamos rápido e boa sorte para todos nós.

Kate fechou os olhos e pensou na imagem do quarto cheio de livros. Visualizou o fogo, a neve caindo lá fora, o dr. Pym na escrivaninha com seu cachimbo e a xícara de chá. Viu sua mãe entrar, ouviu-a dizer que Richard ainda estava na faculdade, cada detalhe tão vívido e nítido...

Kate abriu os olhos e viu as cortinas de cetim vermelho, as poltronas estofadas de veludo, a mesa de mogno com detalhes dourados e, no canto, uma vitrola que tocava uma melodia melancólica, bem alto, enquanto as lâmparinas a gás tremeluziam nas paredes, sua luz se quebrando em um elaborado lustre de cristal. Ela suspirou. Ainda estava no barco. Ainda na cabine da Condessa.

— Katrina, você está testando a minha paciência.

A Condessa usava um vestido negro que fazia sua pele branca parecer quase iluminada, e naquela luz hesitante, seus olhos mudavam de cor, de violeta a azul-escuro e lilás em questão de momentos. Ela se serviu de uma taça de vinho e olhou para Kate com uma expressão entediada.

Desde que tinha chegado ao barco, nada havia acontecido do jeito planejado por Kate. A começar por sua exigência de ver as crianças...

— Minha querida, é totalmente impossível. Mas admiro como você sempre pensa nos outros. Somos muito parecidas nesse ponto.

— Se você machucar qualquer uma delas, não te ajudo a ficar com o *Atlas*.

— Ah, ah, ah, vejam só quem aprendeu o nome do seu livro mágico! Bravo, *ma chérie!*

— Estou falando sério! — Kate gritara, tentando sem sucesso conter o tremor na voz. — Eu deixo você me matar primeiro. Eu sei do monstro que você mantém aqui.

— Não é que você é esperta? Aliás, eu soltei aquela coisa horrível quando embarquei. Achei que ela poderia saudar os aldeões quando eles chegassem.

— O quê? Você não pode! Você...

— Mas você veio aqui para salvar as crianças ou uma turba de aldeões grosseiros? Temo que não possa fazer as duas coisas.

— Tudo bem — rosnara Kate, dizendo a si mesma que o dr. Pym e Gabriel saberiam muito bem como enfrentar qualquer criatura da bruxa. — Solta as crianças e eu pego o livro para você.

A Condessa estalara a língua.

— Acho que você se confundiu quanto à ordem das coisas. Primeiro, você me traz o *Atlas*. Depois, os meus protegidos são libertados.

— Não é...

— Querida, seja razoável. Você deve saber que as crianças são a minha única proteção! Não que precise de proteção contra você. Você é um anjo! Mas suspeito que você andou passando tempo com alguns personagens menos agradáveis, anões, magos, gente desse tipo? Eu perdoo, naturalmente. Todo mundo comete erros na juventude. Eu poderia contar sobre um certo instrutor de dança italiano. Não, não, o livro primeiro, as crianças depois!

— Mas...

— No instante em que eu o tiver, vou soltá-las! Dou a minha palavra!

A Condessa a olhara com uma expressão zombeteira e, naquele momento, Kate percebeu como tinha se colocado inteiramente sob o poder da bruxa. Segurando o braço da poltrona, ela tinha pensado nas crianças trancadas em algum lugar no porão do barco e perguntou o que precisava fazer.

— Meu amor, é a coisa mais fácil do mundo!

Aparentemente, Kate tinha só que imaginar o momento desejado. Aí, com ele bem firme em sua mente, ela iria com a ajuda da Condessa se transportar para aquele tempo e lugar. Kate se lembrava de quando ela e os irmãos viajaram ao passado pela primeira vez? De como haviam colocado uma foto sobre a página vazia?

— O que tem isso a ver?

— Bem, você não acha que o *Atlas* foi projetado, milhares de anos atrás, para uso com fotos! A foto só fornece uma imagem nítida. Havendo um destino específico, seja através de fotos, desenhos, de uma imagem na sua mente, ou até... se você tivesse controle suficiente, o que, infelizmente, não tem... a frase "Me leve aqui", o *Atlas* pode obedecer. Não temos o *Atlas* aqui. Mas uma parte do poder dele agora reside em você, e o mesmo princípio se aplica.

E por várias vezes Kate havia fechado os olhos e se imaginado no gabinete do dr. Pym, e por várias vezes ela os abriu e descobriu que continuava na cabine.

Sua frustração transbordou.

— Não está funcionando! Você disse que ia me ajudar.

— Eu estou te ajudando — suspirou a Condessa. — De maneiras que você não pode compreender. Mas você está realmente se imaginando no passado? Visualizando o exato momento no tempo em que deixou o nosso precioso livro?

— Estou! Estou fazendo tudo! Talvez eu simplesmente não consiga...

— Shh. — A Condessa se aproximou e colocou a mão na parte de trás do pescoço de Kate. A cabine estava desagradavelmente quente e a mão da jovem era fresca. — Você precisa relaxar ou a magia não vai vir nunca. De quantos anos atrás estamos falando?

Kate soltou o ar, querendo tirar a mão da Condessa dali e ao mesmo tempo adorando a sensação.

— ... Quatro anos.

— Quatro anos. E onde você está? Descreva o lugar.

— É um quarto. Parece um gabinete. O fogo está aceso. Neva do lado de fora. O dr. Pym está lá.

— Mais alguém?

Kate pensou em mentir, mas para quê? Precisava da ajuda da Condessa.

— A minha... mãe. Ela entrou.

A Condessa soltou um pequeno "Ah", como se Kate tivesse acabado de lhe mostrar algo bonito.

— E como você se sente em relação à sua mãe?

— Eu amo ela.

— Claro que sim. Mas é só isso? Ela abandonou você, seu irmão e sua irmã.

— Ela precisou. Estava protegendo a gente.

— É mesmo? Como você sabe disso?

Kate não sabia responder.

— Sei. — A Condessa acariciava o cabelo de Kate. — E quando ela foi embora, quem ela deixou para cuidar do seu irmão e da sua irmã?

— Ela me mandou cuidar deles.

— Mas você era só uma criança!

Kate sabia que o ultraje era apenas um fingimento, mas parte dela não se continha e reagia, a mesma parte que estava exaurida pela tensão de cuidar de Michael e Emma, a parte que rezava, havia muito tempo, que alguém aparecesse e dissesse: "Tudo bem. Você pode parar, agora. Estou aqui. Vou cuidar de você."

— Talvez remover isto aqui ajude.

Kate viu a mão da Condessa passar diante dela. Houve uma faísca dourada e, quando ela ergueu os olhos, precisou abafar um grito. De alguma forma, a Condessa havia soltado o medalhão da mãe dela.

— Presente dela, imagino. Você estava tocando nele enquanto falava comigo.

— É meu.

— Silêncio. Esta memória trata da sua mãe. É por isso que o mago a escolheu. Os seus sentimentos são o portão. Você sente amor, sim, e a dor da perda. Mas não é tudo. — Seu punho se fechou em torno do medalhão. — Magia deste tipo exige que você se abra completamente. Seus pais a abandonaram. Diga que você não sente raiva, frustração, até mesmo fúria. Se quer salvar as crianças, você não pode esconder nada.

— Não estou escondendo!

— Continue a mentir e as mortes delas serão sua responsabilidade.

Kate se libertou do olhar da mulher. Percebeu que estava tremendo.

— Sei que você está com medo. Mas é o único jeito.

Kate via a ponta da corrente, pendurada. Poderia esticar a mão e agarrá-la.

— Katrina.

Um longo momento se passou. Kate ouviu a melodia sinistra da vitrola, olhou a luz tremelizando na parede. Assentiu.

— Bom. Agora feche os olhos.

Kate obedeceu. Mais uma vez, ela se colocou no gabinete, imaginando a neve caindo, o cheiro do tabaco do dr. Pym, o fogo. Visualizou a entrada da mãe. Aí, quando viu que nada acontecia, finalmente se soltou e toda a raiva, o medo e a dúvida que havia mantido tanto tempo sob controle invadiram seu coração. Por que os pais os abandonaram? Que razão poderia haver para terem deixado os próprios filhos? Por dez anos, Kate mantivera a família unida sozinha e o esforço quase a liquidara. Perguntou-se se os pais sequer haviam tentado encontrá-los. Ou teriam simplesmente ido embora? Começado uma vida nova com...

Houve um puxão na sua barriga e Kate soube o que havia acontecido.

Abriu os olhos e lá estava a mãe, exatamente como ela a deixara, com a mão na maçaneta, a boca aberta, surpresa. Kate olhou para o dr. Pym. Ele estava sentado na escrivaninha, sorrindo.

— Minha nossa. — A mãe deu um passo para trás. — Um minuto você estava aqui, e depois... minha nossa...

Emma e Gabriel estavam agachados atrás de uma árvore caída na beira do bosque, a 40 metros da represa. Três *morum cadi* com tochas estavam de guarda. Gabriel tinha armado seu arco e encaixado uma flecha na corda. Duas outras estavam enfiadas no chão. Ele aguardava o momento em que uma nuvem cobriria a lua.

Emma olhou para além da boca do despenhadeiro, para a vasta superfície negra do lago. Tentou imaginar a represa se rompendo e toda aquela água escura descendo a cachoeira, carregando o barco, as crianças, a irmã, tudo. Não podiam deixar que aquilo acontecesse.

— Gabriel...

— Shhh.

Ele se virou e encarou as árvores atrás deles.

— O que é?

— Não sei. Alguma coisa...

Uma sombra passou sobre eles e Emma levantou os olhos para ver a última fatia prateada da lua desaparecer. Houve um zumbido suave ao lado dela, depois outro, e duas das tochas caíram ardendo no chão. Gabriel armou a terceira flecha, que logo foi despachada, e Emma viu a última tocha ser derrubada e desaparecer no despenhadeiro.

— Agora em silêncio — sussurrou Gabriel. — Podem haver outros lá dentro.

Correram pelo terreno aberto, e Emma passou por cima dos corpos fumegantes dos Gritões, quando Gabriel parou para

recuperar uma tocha. O alto da represa erguia-se sobre eles, elevando-se por 2 ou 3 metros acima da beira do despenhadeiro. De perto, a estrutura era colossal, e Emma percebeu que pensara na represa como sendo um único bloco de madeira sólida. Não era. Havia uma porta e Gabriel a abriu, deixando à mostra uma série de degraus que desciam. Ele entrou primeiro, fazendo um sinal para que Emma viesse quando teve certeza de que o caminho estava desimpedido. Depois, desceram dois lances em meio ao ar úmido, com a tocha de Gabriel iluminando os degraus, até chegarem a uma espécie de sacada.

— Caramba. — Emma parou de susto, olhando.

Luzes fracas e alaranjadas estavam penduradas por toda a represa, delineando uma teia de vigas de madeira que se estendiam de parede a parede, como as costelas de uma enorme fera. Parecia esquisito estar ali, com uma dúzia de degraus por descer e o corpo da represa se arqueando. A impressão era de um só espaço gigante. Ao mesmo tempo, as paredes da frente e de trás estavam afastadas por meros 6 metros e tudo parecia estreito e comprimido. Emma segurou no corrimão para recuperar o equilíbrio.

— É estranho tudo isso ser oco.

Gabriel não respondeu.

— Que barulho é esse? — perguntou Emma.

Um gemido sinistro, solto, subia e descia em volta deles.

— A pressão da água faz a madeira ranger e raspar contra si mesma.

Emma tentou visualizar a água acumulada contra a face curva da represa. Para ela, parecia que estavam na barriga de uma gigantesca baleia de madeira.

— Ali.

Ela olhou para onde Gabriel apontava. Lá embaixo, através da fraca névoa alaranjada, ela viu um punhado de luzes verdes, espalhadas na frente da represa.

— Minas de gás. O tempo é curto. No que a luz ficar vermelha, vão explodir.

Perguntas tomaram conta da cabeça de Emma: quanto tempo exatamente eles tinham? Como se desarmava uma mina de gás? O que era uma mina de gás? Antes que pudesse fazer qualquer dessas perguntas, Gabriel a jogou no chão e alguma coisa voou por cima deles com um guincho aterrorizante.

Gabriel ficou de pé de imediato, sacando o arco. Ainda deitada de bruços, Emma levantou o pescoço. Uma forma escura serpenteava entre as vigas da represa, dirigindo-se em círculos na direção deles. Ela viu a flecha de Gabriel ricochetear na pele da criatura, sem causar qualquer dano. Outras duas flechas não tiveram melhor sorte e a criatura pousou como um abutre sobre uma viga alguns metros acima.

Nada que Emma encontrara até então, nem os Gritões da Condessa, nem os *salmac-tar* cegos, habitantes da escuridão, nada a preparara para aquele momento. A coisa tinha corpo de homem, os mesmos braços, pernas e ombros, mas Emma achou, a princípio, que fosse um enorme morcego. Tinha asas grossas, garras compridas que se prendiam na madeira, e uma pele negro-acinzentada com pelos escuros e eriçados. O crânio era estranhamente estreito, os olhos eram pouco mais do que fendas negras e a parte debaixo da mandíbula projetava-se de forma horrenda, deixando à mostra uma dúzia de dentes finos como agulhas. Emma quase podia senti-los estraçalhando sua pele. Gabriel deixou cair o arco enquanto levantava Emma.

— O que... o que é isso?

Gabriel desembainhou a machete. A criatura os observava, chiando.

— É o que a bruxa guardava no barco. Achei que tinha sentido a presença dele no bosque. — Ele se virou para Emma para que ela

o olhasse nos olhos. — Você precisa desarmar as minas. Tudo depende de você. Está entendendo?

— Mas e...

— Não se preocupe comigo. E não importa o que acontecer, não olhe pra cima. Vai!

Deu-lhe um empurrão na direção das escadas. Ela parou para olhar para trás e viu a criatura se erguer, estender as asas e abrir as mandíbulas, todos aqueles dentes reluzindo na escuridão. Viu Gabriel erguer a machete.

Aí ela correu, com o guincho da criatura a segui-la enquanto descia os degraus.

Michael e o velho mago deslizavam pelo lago rumo ao barco da Condessa. Tinham encontrado seu próprio barco (“um bote” foi a palavra que ocorreu a Michael) abandonado nas margens.

— Ah, a Providência! — havia exclamado o dr. Pym.

Não foi necessário usar os remos. O dr. Pym apenas sussurrara algumas palavras e o barco disparara, saltando pela superfície da água.

— Mas eles não vão ver a gente chegando? — Michael segurava nas laterais do barco para manter o equilíbrio.

— Não se preocupe — respondeu o mago, o vento levando para longe suas palavras —, para o olhar hostil, vamos parecer só parte do nevoeiro. Agora, silêncio. Estamos chegando perto.

O barco começou a diminuir de velocidade e Michael pôde discernir um par de silhuetas escuras no convés da embarcação da Condessa. O dr. Pym disse algo em voz bem baixa e, para surpresa de Michael, as duas formas vestidas de preto seguraram na amurada de repente e saltaram na água. Esperou que surgissem na superfície, mas após alguns momentos, as águas ficaram tranquilas e ele viu que haviam desaparecido.

O dr. Pym amarrou o bote numa escada presa num dos lados do barco.

— Depressa, meu garoto. O barulho pode atrair alguém.

Seus pés mal haviam tocado o convés quando Michael ouviu batidas de botas e quatro *morum cadi* atacaram da escuridão, dois de cada lado. O dr. Pym pegou o braço de Michael e sussurrou: “Não se mexa.” As criaturas desembainharam as espadas suficientemente próximas para que Michael pudesse ver a palidez sobrenatural de suas peles, e ele se segurou quando as lâminas faiscaram à sua volta, as batidas metálicas repercutindo em seus ouvidos. Bem no momento em que Michael percebeu que os Gritões lutavam entre si e não davam a mínima atenção a ele ou ao dr. Pym, os quatro caíram, fumegando e sem vida, no convés.

Ele olhou o mago, boquiaberto.

— Como você fez isso?

— Confusão e orientação errada. A base do trabalho de qualquer mágico de salão. Agora venha comigo. — E ele atravessou o convés.

Os dois encontraram mais dois dos guardas da Condessa. O primeiro, eles quase atropelaram ao dobrar um canto. Mas, antes que ele pudesse atacar, o dr. Pym sacudiu a mão e a criatura soltou a espada, sentou-se e começou a fitar o vazio.

— Bem melhor — disse o dr. Pym. — Acredito que seja por aqui.

Fez Michael passar por uma porta e descer dois lances de uma estreita escada de metal até um corredor bem no fundo do barco, onde um só *morum cadi* guardava meia dúzia de portas. O dr. Pym balbuciou algo inaudível, o Gritão baixou a espada e seu rosto se abriu em algo que Michael considerou como um sorriso extremamente horrendo. O dr. Pym estendeu a mão e tocou nos lábios da criatura. A coisa que já fora um homem engoliu em seco duas vezes, flexionou a mandíbula e falou.

— Como posso ajudá-lo, senhor?

A voz era rígida e rouca, como se não tivesse sido usada nos últimos cem anos.

— Há quantos de vocês aqui no barco?

— Dez.

— Então há mais um. Sem dúvida na ponte de comando. E a Condessa está na cabine dela com a jovem?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Presumo que você tenha a chave da cela das crianças.

Foi quando Michael ouviu afinal as vozes assustadas, abafadas, dos meninos. Elas ecoavam dos dois lados do corredor. As crianças pediam ajuda, choravam, batiam nas paredes com os punhos. As batidas eram tão constantes e contínuas que ele as tinha confundido com o ronco e o tamborilar do motor.

A criatura tirou uma chave de sua túnica esfarrapada.

— Quero que você abra as portas, conduza as crianças para fora de uma forma organizada e as ajude a entrar no barco deste jovem. Está claro?

— Sim, senhor.

O dr. Pym virou-se para Michael.

— Vou cuidar do último *morum cadi*. Depois, vou achar a sua irmã. Transporte quantas crianças puder até a margem. Você vai precisar fazer algumas viagens.

— Tudo bem.

— Estou muito orgulhoso de você, meu garoto. — Ele apertou o ombro de Michael. Depois, se dirigiu ao guarda. — Este jovem está no comando. Faça o que ele disser. — Então desapareceu, subindo as escadas metálicas. Michael olhou para o rosto esverdeado e manchado do Gritão. Respirou fundo, arrumou a medalha que havia recebido de Robbie e tentou parecer seguro de si.

— Muito bem, vamos tirar eles daqui. Mas para de sorrir. É medonho.

— Clare, lhe apresento a Katherine...

Enquanto dizia seus nomes, os olhos do mago iam do rosto de Kate para o de sua mãe. Ela percebia que ele estava fazendo a ligação, percebendo quem ela era.

— ... Katherine, esta é a Clare...

Para Kate, parecia que o tempo havia ficado mais lento. Não era magia. Era o fato de estar ali, enquanto o mago a apresentava para sua própria mãe.

Sua mãe sorria agora e dizia alguma coisa, mas Kate não conseguia entender as palavras.

Sua mãe estendeu a mão.

Kate olhou para baixo. Sua mão estava suja de terra e todo tipo de imundície e havia sangue seco no lugar em que se cortara numa pedra. Ela de repente percebeu como devia estar sua aparência. Afinal de contas, havia dias que não trocava de roupa, atravessara uma tempestade, dormira num calabouço, nadara num canal subterrâneo, rolara no chão e mordera a orelha do secretário durante uma briga. Sentia a sujeira e a oleosidade no cabelo, os rasgões nas roupas, a fadiga que, sem dúvida, aparecia em seus olhos. Compreendia que o sorriso da mãe era de piedade pela pobre criatura diante dela.

— A minha mão está suja.

— Ah, por favor. — Ela prendeu a mão imunda de Kate entre as dela. — É muito bom conhecer você, Katherine. Parece que fez uma longa viagem. Posso te trazer alguma coisa? Água? Chá? Eu podia fazer um chocolate quente. E "Katherine" parece tão formal. Você acha que eu posso te chamar de Kate?

Kate sentiu um enorme soluço se armar dentro dela. Esperara anos por aquele momento. Então por que tudo que ela queria era

pegar o livro e sair dali? Tirou sua mão das da mãe e balançou a cabeça rigidamente.

— Não, estou bem.

O dr. Pym tossiu.

— Acho que a jovem veio buscar isto aqui. — Ele pôs a mão na escrivaninha e ergueu o *Atlas*.

— O que é... — A mãe se calou, olhando fixamente para o volume verde-esmeralda. — ... isso é... não pode ser.

— Mas é.

— Mas, Stanislaus, você nos disse que ele estava escondido! Você disse que estava a salvo!

— No momento, isso continua a ser a verdade. Mas aparentemente as coisas vão mudar. Este exemplar vem do futuro. E a Katherine aqui, com grande custo pessoal, o trouxe para mim para que ele ficasse em segurança. Posso apenas presumir que ela veio recuperar o exemplar dela — acrescentou — antes que desapareça.

— Sim, mas ela é só uma criança...

— Clare...

— Me diga que você não envolveu essa pobre menina na história!

— São tempos desesperados. E não fui realmente eu. Embora o eu-futuro...

— Ela é uma criança, Stanislaus! Olha pra ela! Mal consegue ficar de pé! Deus sabe o que ela tem passado!

— Está tudo bem — Kate interrompeu a conversa. — Eu consigo. Está tudo bem. Mesmo.

— Minha querida — o dr. Pym dobrou-se na cadeira —, preciso perguntar. É seguro?

Era uma pergunta lógica. Naturalmente o dr. Pym queria saber se o perigo havia passado antes de lhe dar o livro. Mas aquilo pegou Kate desprevenida e, naquele momento, ela sentiu o olhar dele se

aguçar. Por sorte, ela se recuperou logo, suspirando e soltando a tensão dos ombros.

— Está tudo bem. Finalmente. — Ela chegou a dar um pequeno sorriso.

— Muito bem — disse o mago, e entregou-lhe o *Atlas*.

Ela esperava sentir o puxão nas tripas, piscar e descobrir que estava na cabine da Condessa, mas segurou o livro, pesado e familiar em suas mãos, e nada aconteceu.

— Agora — dr. Pym se levantou —, vou deixar as duas sozinhas.

E, sem dar a Kate nenhuma indicação do que ela deveria fazer — dizer ou não para a mãe quem ela era —, ele saiu.

— Desculpe — disse a mãe, no momento em que a porta se fechou. — Mas eu fiquei muito, muito transtornada. Não com você, claro. Estou brava com quem envolveu você nessa história. Você é jovem demais.

Kate não disse nada. Só ficou ali, com o livro apertado contra o peito.

— Sei que eu não devia questionar o Stanislaus. Se ele acha que você dá conta, preciso acreditar nele. É um grande homem, sabe? Além de ser um mago e tudo o mais. O Richard e eu... Richard é o meu marido... a gente confia as nossas vidas a ele.

Estava tudo tão tranquilo naquele aposento, com o fogo ao lado delas, a neve caindo suavemente lá fora, que Kate sentiu que poderia se deitar no tapete e passar anos dormindo.

— Você tem certeza que não quer nada?

Kate fez que não.

— Para onde foi o Stanislaus? Ele não devia te mandar para onde... ou para quando você veio?

— Da última vez, isso meio que aconteceu sozinho. Não sei por que não está acontecendo agora.

— Sabe, o Richard e eu estamos envolvidos na busca dos Livros do Princípio há um bom tempo. Com o Stanislaus, naturalmente. Esse é mesmo o *Atlas*?

Ela se inclinou para a frente e Kate sentiu o perfume. Reconheceu-o no mesmo instante. Os anos pareceram desaparecer, e Kate podia ouvir a voz da mãe pedindo que protegesse o irmão e a irmã, prometendo que um dia todos voltariam a se encontrar. Kate sentiu alguma coisa se abrir dentro de si.

— Meu... irmão, minha irmã e eu encontramos.

— Você tem um irmão e uma irmã? Quais os nomes deles?

Kate olhou para baixo, incapaz de encontrar o olhar da mãe.

— Você está em dificuldades, não é? Doutor Pym está te ajudando? No futuro, quero dizer. Ah, minha querida, o que eu estou dizendo faz algum sentido para você? E cadê os seus pais? Você é tão jovem.

Kate sentiu os olhos se encherem de lágrimas e mordeu o lábio inferior para prender o choro.

— Ah, pobrezinha...

E antes que Kate percebesse o que estava acontecendo, a mãe tinha dado um passo à frente e a abraçava. Não havia como conter os soluços. Eles faziam seu corpo tremer como se todas as lágrimas contidas por mais de uma década tivessem se libertado de repente. Kate se viu chorando pelas vezes em que abraçara um choroso Michael ou Emma e prometido que, sim, os pais iam voltar. Chorou pelos aniversários e o Natal, pela infância que nunca teve. Desabou no corpo da mãe, deixando que ela a segurasse, chorando, finalmente, porque esta era sua mãe, acariciando seu cabelo e murmurando:

— Está tudo bem, vai ficar tudo bem...

Então, abruptamente, a mão da mãe ficou paralisada. Kate não se mexeu, mas percebeu que alguma coisa havia acontecido. A mãe

deu um passo para trás, segurando os braços de Kate enquanto olhava profundamente em seus olhos.

— Minha nossa... Você é? Você é...

Kate sentiu o puxão na barriga e a cena sumiu. Ela não ouviria as palavras seguintes. Ainda assim, Kate soube que, naquele último momento, sua mãe reconhecera a própria filha.

— Está vendo, minha querida — disse a Condessa, tirando o livro das mãos de Kate. — Eu sabia que você ia conseguir.

CAPÍTULO VINTE E DOIS  
O Magnus Medonho



— Você andou chorando? Devo dizer que está com uma aparência horrível. Tem um espelho se você quiser se arrumar. Ah, e isto é seu.

Kate sentiu o medalhão cair em sua mão. Entorpecida, prendeu-o ao pescoço. Sua visão estava turva e ela sentia o sal das suas lágrimas. Com esforço, afastou da cabeça o pensamento da mãe, a lembrança de estar em seus braços. Estava de volta ao barco e as crianças precisavam dela.

— Solta... solta elas.

— Humm?

— Solta elas.

— Soltar quem? — A Condessa tinha levado o livro para uma mesa do outro lado da cabine e virava as páginas com uma expressão gananciosa, quase feia, no rosto.

— As crianças! Você prometeu! Você...

A Condessa sacudiu a mão e todo o corpo de Kate ficou rígido. Tentou abrir a boca, mas estava paralisada.

— E pensar que eu possuo agora o *Atlas do Tempo*! E que ele veio para mim quando eu finalmente tinha abandonado todas as esperanças, quando estava preparada para mergulhar no esquecimento com esses fedelhos miseráveis! Meu mestre não tolera o fracasso. Não haveria como ir a ele para dizer que os homens da cidade se revoltaram! Mas agora tenho o livro e tudo mudou. — Ela acariciou a página em branco e sua voz baixou até virar um mero

sussurro. — Não vou abrir mão deste poder. Nem mesmo para ele. Vejo isso agora. O destino do *Atlas* é ser só meu. Ele me encontrou. — Ela sorriu para Kate. — Naturalmente a represa ainda será destruída e as crianças vão morrer. Mas não é mais do que elas merecem. Lugar cansativo, Cambridge Falls.

Ela mentiu, pensou Kate. Sempre esteve decidida a matar as crianças e agora também tinha o livro. Com um peso no coração, Kate se xingou. Por que ela não havia contado ao dr. Pym sobre sua visão? Por que sempre achava que a responsabilidade era dela?

Por favor, pensou ela, por favor...

E então, como se o seu desejo tivesse invocado a presença dele:

— A lealdade certamente não é mais como costumava ser.

O velho mago estava na entrada, com seu terno de tweed, óculos tortos e uma máscara de fúria tranquila no rosto. Ele olhou para ela e por um instante seus olhares se encontraram. Kate percebeu que ele entendia o que ela fizera e que a perdoava por tudo. O alívio que ela sentiu foi tão profundo que, se fosse possível, teria começado a chorar.

A Condessa riu. Era um som duro, intenso e sem alegria.

— Não sabia que estávamos esperando visitas. Estou certa em presumir que você é o grande dr. Pym?

— Sou Stanislaus Pym.

— Devo dizer, senhor, que é uma honra conhecê-lo. — Ela fez uma reverência, com um sorriso zombeteiro brincando em seu rosto. — A que devemos este prazer?

— Estou aqui para libertar as crianças e recuperar o livro que você roubou.

— Ah. Ah, ah, ah. Temo que isso seja difícil. As crianças vão estar mortas dentro de alguns minutos. Depois disso, você com certeza pode ficar com os cadáveres, não vou impedir. Quanto ao

*Atlas...* não, acho que não vai funcionar. Posso lhe oferecer uma taça de vinho, em vez disso?

— Não vim para brincar. Vou dar uma última chance a você.

A Condessa deu um risinho e saltitou.

— Ou o quê? Ou o quê? Me diga! O que você vai fazer?

— Vou ser obrigado a destruí-la.

A Condessa fez *ooooohhh*, com ar de quem tinha ficado chocada, e tapou a boca com as mãos.

— Katrina, ouviu? Ouviu o que esse homem horrível disse? Bem, você negocia duro, doutor. Acho que não tenho escolha. — A Condessa pegou o livro, oferecendo-o com as mãozinhas brancas. — Aqui está. Pode levar, seu monstro.

O dr. Pym ergueu a mão e o livro avançou devagar para ele. Neste exato momento, garras sombrias saltaram dos cantos escuros do cômodo, segurando seus braços e pernas e prendendo-o contra a parede. Instintivamente, Kate tentou correr até ele, mas a força invisível a manteve onde estava. Ela viu que o dr. Pym lutava, mas continuava preso.

— Ah, puxa! Acabou? Depois de todas as histórias que se ouvem sobre o grande mago e seus poderes misteriosos, trá-lá-lá, confesso que me sinto enganada. Mas presumo que tudo na vida seja um pouco decepcionante, não é?

Kate não conseguia acreditar. Então era isso? O dr. Pym tinha mesmo perdido? A Condessa voltou-se para a mesa, pousando o livro e se servindo de uma taça de vinho. Estava cantarolando. Obviamente, desejava saborear seu triunfo.

— Sei o que está pensando, doutor querido. Como meu mestre vai reagir quando descobrir que eu planejo roubar o tesouro dele? Pois bem, ele não vai ficar feliz, posso lhe dizer. Mas não se preocupe. Assim que eu tiver libertado os segredos dessas páginas, vou ser tão poderosa quanto ele.

— Bruxa, você está sendo burra.

Ela fez um biquinho.

— Isso não foi gentil.

— Você não tem a menor ideia da imensidão do poder dele. Ou do meu, posso acrescentar.

— Vovô, se você está tentando me irritar para que eu mate você mais depressa, prometo que vai conseguir.

Para surpresa de Kate, o dr. Pym sorriu.

— Você realmente acha possível que ele não saiba o que você está planejando? Que você possa ter um único pensamento que ele não tenha antecipado? Você estava condenada desde o primeiro momento.

Alguma coisa parecida com medo apareceu subitamente no rosto da Condessa. Mas ela afastou a ideia.

— Você é engraçado! Ele não é engraçado? Mas acho que você se esquece, Senhor-Engraçado-das-Sobrancelhas-Engraçadas... aliás, você devia apará-las, *quelle horreur...* que eu tenho mais do que o *Atlas*: tenho a menina. Logo vou ter o irmão e a irmã. Com eles, virão os outros livros e aí, até o meu mestre vai se curvar diante de mim. A profecia está se realizando, *mon oncle*, e não há nada que você ou ele possam fazer para impedir.

Ela ergueu a taça num brinde e engoliu o vinho. A mente de Kate estava em disparada. Uma profecia? Que profecia? E o que a Condessa queria dizer com “Logo vou ter o irmão e a irmã. Com eles, virão os outros livros”? Sentiu-se tonta, como se apesar do feitiço da Condessa ela pudesse subitamente desabar no chão.

— Ah, minha ovelhinha, vejo a confusão nos seus olhos tão jovens. O velho mago malvado não explicou o que o destino guarda para vocês? — Ela sacudiu o dedo para o dr. Pym. — Que vergonha, deixar a menina sem saber.

— Bruxa, eu a proíbo...

— Você me proíbe? Que graça! Não, não, está mais do que na hora de Katrina descobrir por que ela e os irmãos são crianças

predestinadas. Aposto que você sequer contou a ela o que os livros são capazes de fazer! Bem, minha pombinha — ela saltitou pelo cômodo e inclinou a cabeça bem perto de Kate, como se as duas fossem colegiais trocando segredos —, lembra da noite em que você chegou, como eu expliquei a história dos Livros do Princípio? Que havia três livros em que o antigo conselho de bruxos registrou os segredos mágicos que deram origem a todo o mundo em que vivemos? Não precisa fazer sim com a cabeça... você não poderia, de qualquer maneira... vejo que se lembra.

“Bem, *mon ange*, vamos pensar por um momento: se esta magia foi usada uma vez para criar o mundo, seria perfeitamente válido perguntar por que a mesma magia não poderia ser usada novamente. A resposta é: sim, ela poderia! É por isso que é tão irresistível! Com o poder nos Livros do Princípio — um deles, o *Atlas do Tempo*, que você tão graciosamente trouxe para mim, e os outros dois ainda por aí, à espera —, uma pessoa poderia simplesmente jogar fora tudo o que existe como um desenho malfeito e começar de novo, em uma nova folha de papel!”

— E só um louco pensaria em fazer tal coisa — disse o dr. Pym.

A Condessa gemeu.

— Ele sempre foi assim tão tedioso? Naturalmente não se destrói o mundo por conta de um capricho! Embora certamente seja possível. Por exemplo, digamos que você queira um mundo em que todo mundo use chapéus vermelhos? Usando o poder dos livros, você poderia simplesmente se livrar deste mundo e criar um novo onde usar chapéus vermelhos seja obrigatório. Ou chapéus verdes ou chapéus azuis ou seja lá qual for a cor de chapéu que você deseje!

— Totalmente, completamente louca! — disse o dr. Pym.

— Ou você poderia criar um mundo onde todas as criaturas vivam e respirem unicamente para servi-lo. Acho que você começa a perceber, minha doce Kat, por que a busca pelos Livros do Princípio

consumiu tantas vidas. É a promessa do poder supremo. O que nos leva — ela aproximou o rosto ainda mais — ao motivo pelo qual você e os seus irmãos são tão terrivelmente importantes.

Com o canto da visão, Kate percebeu que os olhos do dr. Pym estavam semicerrados e que seus lábios se mexiam.

— Há muito tempo — sussurrou a Condessa —, num tempo em que os livros não eram vistos há mil anos, foi previsto que, um dia, três crianças encontrariam os livros e os reuniriam. Sim, três crianças! Uma para cada volume! Você vê, minha querida, você, Michael e a pequena Emma são a chave. — Ela tocou suavemente o rosto de Kate. — Temo que a sua jornada esteja longe de acabar.

Kate não precisou olhar para o dr. Pym para confirmar aquilo. Sabia de alguma forma profunda, instintiva, que a Condessa dizia a verdade. Explicava muita coisa. Por exemplo, como ela tinha sido capaz de abrir a casa-forte sob a Cidade Morta. Uma porta feita por anões, trancada por encantos e ainda assim ela, uma menina humana normal, tinha sido capaz de abri-la com tanta facilidade. Como era possível, a menos que a pessoa que havia fechado a porta — isto é, o dr. Pym — soubesse que ela estava por vir? E como ele saberia que ela estava por vir a não ser que houvesse uma profecia? Uma profecia também explicava por que eles tinham sido mandados para longe dos pais. Alguém que procurava os livros — talvez o próprio mestre da Condessa — deve ter descoberto quem eram Michael, Emma e ela! Kate conseguiu imaginar o perigo, o terror que seus pais haviam sentido. É claro que eles deixaram o dr. Pym levar as crianças. Kate quase ouvia o mago prometendo: “Vou escondê-los. Vão ficar em segurança.” Subitamente, tudo fazia sentido.

— Mas chega — disse a Condessa. — É hora de matar o velho mago idiota...

Ela se virou e ergueu a mão.

Neste instante, um vento gélido atravessou a cabine. Chacoalhou a porcelana e balançou o lustre de cristal. Para Kate,

parecia que ele cortava sua carne até os ossos.

— O que você está fazendo? — A Condessa avançou para o dr. Pym. — Pare! Eu ordeno.

— Querida, não sou eu. — E ao falar, as luzes piscaram novamente e se apagaram. Por um momento, tudo ficou parado. Em silêncio. Depois, na escuridão, Kate ouviu o som distante de um violino. A canção que tocava era bela, antiga e arrepiante, e ficava cada vez mais alta.

— Ele está vindo — disse o mago. — O Magnus Medonho está vindo.

Emma não olhou para cima. Gabriel tinha lhe dado uma tarefa e era tudo o que importava. Tudo o mais, os guinchos, os grunhidos, o som dos golpes, dos corpos batendo na madeira, ela ignorou junto com a consciência do quanto Gabriel já lutara naquele dia e de como ele devia estar cansado. Gabriel tinha lhe dado uma tarefa e ela não ia falhar.

A escada tinha sido construída diretamente no lado que dava para a garganta, e ela desceu correndo, lance após lance, até se encontrar no mesmo nível de seis globos verdes que formavam uma linha pontilhada e reluzente que acompanhava a parede da frente da represa. Havia fileiras com estreitas passarelas embutidas na face de madeira, e Emma pulou em uma delas e correu, sentindo o vazio à sua volta, a montanha de água pressionando para entrar, tentando desesperadamente ignorar os sons da batalha que se desenrolava lá em cima. Parou bem no centro da represa.

De perto, ela viu que as minas eram compostas por duas partes. Havia um ovo de vidro do tamanho de uma toranja, no qual o gás amarelo-esverdeado fazia redemoinhos e brotava de forma ameaçadora. Isso se encontrava ajustado a uma base circular de metal que, por sua vez, ficava presa à parede da represa por uma pasta acinzentada. Emma encarou a primeira mina se perguntando o

que deveria fazer. Gabriel não podia ter lhe dado uma dica? Como ela ia saber como desarmar uma mina? Ninguém havia lhe ensinado aquilo na escola. As aulas eram sobre coisas inúteis como matemática e geografia. Enquanto ficava ali, pareceu-lhe que o gás mudava de cor, assumindo um tom escuro, alaranjado. Aquilo, decidiu ela, provavelmente não era nada bom. Por um momento pensou em simplesmente esmagar o ovo, mas considerando que aquilo ali deveria explodir, achou que talvez este não fosse o melhor plano. Ocorreu-lhe que Michael saberia o que fazer. Provavelmente, ele já tinha lido tudo sobre como desarmar minas e podia até ter feito um diagrama naquele caderninho idiota dele. Ela desperdiçou alguns momentos sentindo-se zangada, imaginando Michael desfilando por aí com outra medalha recebida daquele irritante rei dos anões, até que, finalmente, sem ter mais ideias, estendeu o braço e pôs as mãos sobre o ovo.

Era quente ao toque e ela podia sentir como o vidro era fino. Com pressão demais, ele certamente trincaria. Fechando os olhos, Emma deu um suave puxão. O ovo não se mexeu. Ela puxou com mais força. O ovo permaneceu firmemente preso à base metálica e a base, à parede. Emma respirou fundo e preparou-se para usar toda a sua força. Antes que ela fizesse aquilo, algo aconteceu. Procurando uma posição melhor para segurar, ela baixou a mão esquerda alguns centímetros e o ovo se mexeu.

Cuidadosamente, Emma virou todo o ovo no sentido anti-horário. Houve um som abafado de vidro raspando contra metal, mas logo Emma viu que havia ranhuras gravadas na parte inferior do ovo e ela o virou mais depressa. Momentos depois, estava com ele nas mãos. Livre da base de metal, o vidro começou a esfriar, o vapor perdeu o tom ameaçador, mudando do laranja para o amarelo e depois para o verde, e finalmente ficando claro e desaparecendo por completo.

A parte de metal é que esquenta, pensou Emma.

Olhou para as outras minas, que agora tinham um forte tom laranja-avermelhado. Gabriel tinha dito que explodiriam quando ficassem totalmente vermelhas. O tempo estava acabando. Ela pousou o ovo de vidro na passarela e partiu para a próxima mina.

Enquanto isso, bem acima dela, Gabriel estava na luta de sua vida. Depois de mandar Emma embora, ele pulara sobre uma das vigas com cerca de 15 centímetros de largura que se arqueavam entre as paredes da represa e, com as duas mãos, atingira um dos lados da criatura com a machete. Era um golpe capaz de partir um homem ao meio. Mas a lâmina apenas bateu na pele da criatura e, um momento depois, Gabriel voava para trás, atingido com força atordoante. Escorregou de uma viga, caiu 3 metros, desequilibrou-se de outra e, finalmente, na terceira, recuperou o equilíbrio. Olhando para o alto, Gabriel viu que a criatura não dava continuidade ao ataque. Mantinha-se empoleirada lá em cima, sorrindo para ele. Gabriel entendeu: estava dizendo que poderia matá-lo quando quisesse. Que assim seja, pensou ele. Só precisava sobreviver o suficiente para que Emma desarmasse as minas.

A criatura voou na direção dele. Gabriel tentou se desviar, mas as garras lhe abriram feridas profundas no corpo. O monstro virou-se e voltou com uma velocidade aterradora, fazendo com que ele se desequilibrasse da viga e caísse no ar. Gabriel bateu nas costas e na cabeça dele com o cabo da machete, e se sentiu ser erguido bem alto. Procurou um apoio, mas o monstro o lançou. Seu corpo cruzou as vigas como se fossem feitas de palitos de fósforo, e Gabriel achou que ia despencar até o fundo, até que, com uma pancada de rachar os ossos, ele bateu numa viga e parou. Levantou-se. Podia sentir as costelas quebradas batendo umas nas outras. A machete tinha desaparecido. Olhando para baixo, viu Emma. Tinha desativado três das minas. Só um pouquinho mais.

Houve som de batidas de asa e ele se moveu bem no instante em que a criatura passou voando, com as garras rasgando as vigas

de madeira. Enquanto circulava abaixo dele, Gabriel saltou, pousando bem nas costas da criatura. Caíram 5 metros antes que o monstro se adaptasse ao peso. Este guinchou e tentou usar as garras, mas Gabriel puxou uma faca e começou a enfiá-la no tecido macio das asas. Pela primeira vez, o grito da criatura foi de dor. Ela voou loucamente pela teia de vigas, desesperada pelo desejo de desalojar o homem de suas costas. A cabeça de Gabriel bateu em uma viga e ele lutou para permanecer consciente enquanto continuava a rasgar o músculo da asa. Sem equilíbrio, a criatura mudou bruscamente de direção e Gabriel voltou a bater com a cabeça. Desta vez, tudo escureceu.

Na passarela, Emma chegava à última mina quando ouviu alguma coisa desabar pelas vigas e precisou olhar para cima. Viu uma sombra escura mergulhando em sua direção. Um momento depois, um corpo chocou-se contra a passarela.

— Gabriel!

Ele estava coberto de sangue, seu braço esquerdo fazia um estranho ângulo, e havia um grande hematoma na sua testa. Mas estava vivo. Ela viu o peito subir e descer.

Ouviu um guincho e ergueu os olhos para ver a criatura que vinha na direção deles, saltando de viga em viga.

— Gabriel! Você tem que acordar! Gabriel!

O gigante não se mexeu.

Vendo outra passarela 6 metros abaixo daquela onde estavam, Emma pôs o ombro contra o lado do corpo de Gabriel e empurrou. Era como se ele fosse feito de pedra. Mas ela continuou empurrando, fazendo força, tentando não ouvir os sons da criatura que se aproximava. Bem lentamente Gabriel começou a se mover. Rolou da beirada e aterrissou com um baque 6 metros abaixo.

Uma pancada sacudiu a passarela e Emma girou para ver o monstro de pé, com as mandíbulas abertas em um sorriso grotesco, a asa ferida pendurada por uma tira de tendões e músculo. Ela sabia

que deveria se sentir aterrorizada. Na verdade, era a única reação natural. Mas, em vez de medo, ela sentia uma raiva pura e ardente.

— Olha só você! Tem ideia do quanto está ridículo?! Você não devia ter se metido com o Gabriel! Tem sorte por ele não ter te matado. O que você vai fazer agora com essa asa, hein?

Como se estivesse lhe dando uma resposta, a criatura botou a mão para trás, arrancou a asa ferida e a lançou no vazio. Depois, sem parar, segurou a asa saudável, torceu-a com força e, com guinchos e um terrível som de algo que se rasgava, também a arrancou. Segurando a asa ensanguentada com um punho cheio de garras, a fera deu um passo em direção a Emma e berrou.

Emma ficou de boca aberta, horrorizada. Agora, o medo finalmente chegava. A criatura ia matá-los. Ela ordenou a si mesma que fosse corajosa ou ao menos fingisse ser. Gabriel merecia isso.

— Você... você...

Mas por mais que tentasse as palavras não saíam. A criatura deu outro passo e ficou próxima o bastante para que Emma sentisse o calor do hálito dela no seu rosto.

Não chora, ordenou a si mesma, não se atreva a chorar.

Aí ela viu a mina, bem à esquerda da criatura, se tornar vermelho-sangue e, sem pensar, Emma saltou da passarela. A queda parecia não terminar. Quando pousou ao lado de Gabriel, sentiu uma dor forte no tornozelo, mas seu grito foi engolido no momento em que a mina explodiu.

A beirada do barco estava apenas alguns centímetros acima da água. Michael tinha amontoado a bordo o máximo de crianças que ousara embarcar, principalmente as mais jovens, apesar de ter levado também três garotos da sua idade para ajudá-lo com os remos. Tinha deixado ao menos trinta crianças na embarcação da Condessa, prometendo voltar. Não havia sinal do dr. Pym ou de Kate,

e Michael tinha se sentido tentado a mandar o barco embora, sem ele, para procurar a irmã.

Mas não podia deixar as crianças.

Agora, enquanto o barco superlotado atravessava o lago escuro, ele pensava no momento em que o Gritão tinha aberto as portas das celas e cinquenta crianças aterrorizadas avançaram para o corredor. Por alguns momentos, oscilaram à beira de um tumulto enquanto Michael lutava para ser ouvido em meio àquela balbúrdia.

— Por favor, vocês precisam fazer silêncio, por favor...

Se não fosse o Gritão, ele talvez tivesse perdido todo o controle da situação. Mas a criatura berrou, pediu silêncio e as crianças, chocadas ao ouvir palavras de verdade saírem de sua boca, obedeceram imediatamente.

— Muito bem — disse Michael. — E agora...

— Você!

Ele deu meia-volta para encarar Stephen McClattery.

— O que você está fazendo aqui?! E como foi que essa coisa começou a falar de repente?

Por um momento, Michael ficou só olhando. Recentemente, aquele mesmo menino tinha tentado enforcá-lo. Michael quase sentia a corda em seu pescoço.

— E aí?! — insistiu ele.

Afastando a lembrança, Michael explicou o mais rápido que pôde que ele e o dr. Pym tinham vindo resgatá-los; contou que o dr. Pym era um mago e que tinha posto um encanto no Gritão; que Kate fora presa pela Condessa, e que precisavam tirar as crianças do barco o mais rápido possível...

— Você precisa acreditar em mim. Não temos tempo de...

— Certo — disse Stephen McClattery. — Vamos nos mexer então.

O garoto ruivo guiou a multidão de crianças silenciosas, ainda aterrorizadas, para o convés e ajudou Michael a separar as vinte

mais jovens. Stephen McClattery e o Gritão trabalharam juntos, fazendo as crianças descerem a escada e entrarem no barco, onde Michael estava. Michael não perdia a esperança de ver Kate e o dr. Pym surgirem na amurada. Kate sorridente, em segurança. O dr. Pym anunciando que a Condessa tinha sido derrotada e que tudo estava bem. Mas logo o barco se encheu, era hora de partir e sua irmã continuava desaparecida. Stephen disse que ficaria no barco e manteria todo mundo organizado até que Michael voltasse para pegar o próximo grupo.

— Eu sei que você vai voltar. Eu devia ter acreditado em você antes. Você e suas irmãs são legais.

— Tem mais uma coisa — disse Michael. — O seu pai está a caminho.

Stephen McClattery estava empoleirado na escada, com um pé pousado na proa do barco de Michael. Sua boca se abriu e se fechou.

— Eu e as minhas irmãs encontramos com ele na Cidade Morta — prosseguiu Michael. — A gente disse para ele que você estava vivo. Ele está a caminho com os outros homens.

Um longo momento se passou. O barco balançava suavemente na água.

— Desculpa — disse Michael, finalmente. — Preciso ir.

Stephen engoliu em seco e assentiu, ainda sem dizer nada. Ainda assim, seu olhar era algo que Michael nunca conseguiria esquecer. Stephen McClattery os empurrou e enquanto o barco se afastava, Michael viu o menino passar a mão no rosto, virar-se e subir a escada.

Annie, a garota que a Condessa tinha sacudido na beira da represa, naquele primeiro dia, estava no barco ao lado de Michael.

— Não se preocupe — ele lhe disse. — Vamos pegar todo mundo.

Ela fez que sim com a cabeça, no fundo do barco, as mãos segurando com força sua boneca.

Levou alguns minutos para conseguirem coordenar as remadas. A princípio, os remos batiam na água aleatoriamente, e o barco fazia pouco ou nenhum progresso, chegando mesmo a completar um círculo. Mas Michael conseguiu que os remadores entrassem em ritmo, exclamando: "remem... remem... remem", e logo estavam avançando, cruzando progressivamente o lago.

Aí, na metade do caminho, quando as costas de Michael doíam e ele se perguntava por que o dr. Pym não havia mantido o feitiço no barco, houve um enorme *FUUM* e um gigantesco jato de água esguichou no ar, perto da represa. Ele agarrou Annie, berrando para que todos se segurassem. Um momento depois, quase viraram com o impacto.

Aí, Michael segurou os remos e gritou:

— Remem! Remem! Remem!

— Ele está vindo, vai chegar aqui... Como isso aconteceu?! O que eu faço?!

— Achei que você tinha se preparado para tal eventualidade, antes de trair o seu mestre.

— Silêncio!

As lâmpadas voltaram a se acender, mas o violino ficava mais alto a cada segundo. A Condessa andou para um lado e para o outro na cabine, o livro apertado contra o peito. Vê-la assustada deixou Kate com mais medo ainda. O tal Magnus Medonho devia ser mesmo terrível, se a Condessa — que tinha um exército de soldados mortos-vivos ao seu comando, e que mesmo perturbada como se encontrava, ainda conseguia manter Kate paralisada e o dr. Pym preso contra a parede — tremia só de pensar nele.

— Pelo que me parece — disse o dr. Pym delicadamente —, você devia ter pensado mais neste assunto.

— Eu disse silêncio, seu idiota! — A Condessa era uma fera encurralada, perigosa e aterrorizada.

— Bem, não entendo por que eu seria um idiota. Não fui eu quem traiu um ser dez vezes mais poderoso e fiquei simplesmente esperando que nada acontecesse.

A Condessa girou diante dele.

— Foi você, não foi? Você contou para ele! Enviou algum tipo de recado!

Uma faca reluziu na mão da Condessa, onde antes não havia nada. Kate lutou para se mexer, mas não adiantou. A música ficou cada vez mais alta, o tom subiu e o ritmo se tornou cada vez mais rápido. A Condessa avançou sobre o dr. Pym.

— Se eu vou morrer — sibilou —, não vou morrer sozinha.

Kate quis gritar para que o dr. Pym fizesse alguma coisa, recitasse algum feitiço, cuspsse nela, se fosse preciso.

Aí, de forma bem abrupta, a música parou.

A Condessa também parou, com a faca sobre o mago e o rosto transformado em uma máscara de fúria e medo.

— Minha querida — disse o dr. Pym —, temo que sua hora tenha chegado.

E assim, a Condessa desabou no chão.

Kate sentiu que se soltava. Ela mesma quase desabou, tão grande e imediata era a sensação de libertação. O dr. Pym também estava livre, mas fez um sinal para que Kate ficasse onde estava. Ele fitava o corpo inerte da Condessa. O *Atlas* jazia a seu lado, no chão. O que ele estava esperando? Era a chance deles. Tinha que pegar o livro e fugir. Escapar antes que...

O corpo no chão se mexeu.

Lentamente, a Condessa se levantou. Mas algo estava diferente. O cabelo louro tinha assumido um tom de verde, os olhos reluziam como se fossem incrustados com diamantes. Parecia ainda mais bela e mágica do que antes. Por um breve momento, os olhos

luminosos pousaram sobre Kate, depois ela se voltou para o dr. Pym e sorriu.

— Stanislaus, já faz muito tempo.

E Kate compreendeu: aquela não era a Condessa.

— Então a minha doce Condessa ia me trair e ficar com o *Atlas*. Nossa, quando foi que a lealdade se transformou em mercadoria tão rara?

A criatura estendeu os braços da Condessa, como se admirasse quão longos e finos eram. Era uma estranha visão, observar alguém que examinava o próprio corpo.

— Talvez a culpa — disse o dr. Pym — não seja do seguidor, mas da incapacidade do líder em inspirá-lo.

O ser de cabelos verdes riu. Aquilo surpreendeu Kate, pois era uma gargalhada de verdade, fácil, alegre, nada parecida com o riso forte e vazio da Condessa.

— *Touché*, Stanislaus! Sem dúvida, você tem razão! Como sempre, meu velho amigo! E esta jovem, eu aposto, é completamente leal a você.

Kate se enrijeceu quando ela (ele?) se aproximou. De perto, Kate viu que o verde do seu cabelo não era o tom esmeralda de um campo, mas o verde escuro, quase negro, de uma floresta. A cor parecia se movimentar e se transformar como se tivesse vida, e havia uma fome naqueles olhos reluzentes que aterrorizou Kate. Mais uma vez, ouviu o violino. Fraco, a princípio, ele a chamava, convidando-a a dançar. Falava que o dia estava acabando, que o mundo estava em chamas. Falava para ela dançar enquanto havia tempo. Falava de cidades que ardiam, de pessoas que corriam assustadas, de escuridão, destruição, caos e ruína. Venha, chamava a música, junte-se à dança, junte-se à dança. Tocava no fundo, bem no fundo dela, e para seu terror, Kate sentiu que parte de si respondia. Queria girar, viver, mesmo que só por um momento, antes de tudo acabar, sem preocupações, sem pensamentos, e

então ela estava fitando um esqueleto com olhos reluzentes e foi puxada para trás, como se estivesse cambaleando à beira de um abismo. A música parou.

A Condessa estava diante dela, com cabelos verdes, olhos de diamante; não era a Condessa, nem tampouco um esqueleto.

— Stanislaus, parece que a sua protegida não deseja se juntar à minha dança. É só uma questão de tempo, minha querida. Nós todos dançamos no final.

Com seu peito arfando, Kate fez o melhor que pôde para lançar um olhar destemido, desafiador.

— Tanta coragem. É bom, você vai precisar. Você é uma delas, não é? As crianças da profecia. Vejo nos seus olhos. — A criatura estendeu o braço e acariciou o cabelo de Kate, que notou a ansiedade na voz e como a mão tremia de empolgação. — Você sabe há quanto tempo eu espero por este momento? Eu vi montanhas saírem dos oceanos. Vi impérios se erguerem e desmoronarem. Raças inteiras morreram esquecidas e por todo esse tempo eu esperei. O seu dr. Pym fala de lealdade. Tenho sido leal, minha querida, de uma lealdade que nunca foi vista, pois sempre soube que um dia nos encontraríamos.

Kate fitou os olhos ancestrais, reluzentes, e viu tudo. Ela viu os séculos que ele havia esperado. Viu como o mundo se transformara à sua volta e, apesar de tudo, ele nunca abandonara seu objetivo. Como poderia lutar contra tanta determinação? Este era o destino dela. Não havia como escapar. Do outro lado do aposento, o dr. Pym disse:

— Você não pode ficar aqui.

— Humm?

— Olhe para a sua mão.

A criatura chamada de Magnus Medonho estendeu a mão da Condessa: para espanto de Kate, as articulações tinham ficado grossas e nodosas, as veias começavam a aparecer sob a pele

perolada. O Magnus Medonho não pareceu surpreso nem particularmente preocupado.

— Stanislaus, seu esperto. Você me convida para cá para derrotar a minha serva, sabendo perfeitamente que eu não poderia me demorar. Não perdeu nada da sua astúcia, meu amigo. Não importa. — Ele olhou para Kate. — Já vi o que precisava ver.

Virou-se e pegou o livro. Agora envelhecia rapidamente, passou pela meia-idade, pela velhice, e foi uma velha encarquilhada e encurvada que se arrastou pela cabine e ofereceu o *Atlas* para Kate. O rosto que havia sido belo estava perdido entre rugas, o cabelo verde estava seco e ralo. Sorrindo para Kate, ele mostrou duas fileiras de dentes amarelados e quebrados. As palavras saíram roucas e sem força.

— O fim está próximo, criança. Vou voltar para encontrá-la. Os nossos destinos são um só. Vou voltar e, quando encontrar você, o mundo inteiro vai dançar...

Com essas palavras, a criatura partiu. Kate sentiu sua presença deixar o aposento e o corpo da Condessa caiu no chão, imóvel.

O dr. Pym cambaleou.

— Doutor Pym!

— Estou bem, minha querida. Foi só o esforço... Ele estava forçando tanto...

— O que aconteceu com ele?

— O Magnus Medonho não pode ganhar forma aqui. Precisa possuir outra pessoa, e a Condessa... era uma hospedeira frágil demais... eu explico depois... Precisamos nos apressar... Temos pouco tempo... Nós...

Ele desabou. Kate correu para seu lado e ainda o sacudia e chamava seu nome quando ouviu a explosão.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS  
As crianças de Cambridge Falls



Os ouvidos de Emma zumbiam. O tornozelo latejava e ela estava encharcada, da cabeça aos pés. Em volta dela, imensos jatos de água penetravam pelas rachaduras na parede da represa. O som era ensurdecedor. Ela olhou, mas não viu o monstro. Seria possível que a explosão tivesse matado a criatura?

A represa rangeu. Mais tábuas se racharam e partiram.

— Gabriel! Você precisa acordar! Gabriel!

Seus olhos se abriram. Ele não estava morto.

Obrigada, pensou Emma, embora não estivesse muito claro para quem ela se dirigia, obrigada, obrigada. Gabriel se sentou, segurando o braço ferido.

— Como eu cheguei aqui?

— Você estava lutando com aquele monstro. Só que ele deve ter jogado sujo ou te enganado porque você caiu ali. — Ela indicou a passarela sobre eles. Pensou por um momento e acrescentou. — Mas você quicou com força e acabou despencando para cá. — Se ele não lembrava que ela o havia empurrado da passarela, não havia a menor necessidade de lhe oferecer aquela informação.

— As minas...

— É, uma delas explodiu! Aquele monstro estava bem do lado dela. A gente precisa sair daqui! Vem!

Mancando, eles começaram a descer a passarela. A água do rio entrava, enchendo a parte oca da represa. Quando chegaram às escadas, a água já batia em seus tornozelos. Emma sabia que, assim

que a represa se enchesse, a pressão seria excessiva. A coisa toda simplesmente arrebentaria e seria carregada. E quem ainda estivesse no barco da Condessa morreria.

Mas o dr. Pym tinha que ter resgatado Kate e os outros, a essa altura! De que adiantava ele ser um mago se não pudesse fazer alguma coisa tão simples quanto tirar um bando de meninos de um barco!

Ela deixou que a irritação com o dr. Pym desviasse a atenção da dor no tornozelo. Aquilo ajudava quando ela subia as escadas.

Estavam na metade do caminho que levava para a porta quando Gabriel parou, de súbito.

— Gabriel, o que você tá fazendo?! A gente...

Então ela viu. A criatura escalava as vigas da represa, pulando de uma para a outra. Sentiu um aperto no coração. O que seria preciso para matar aquela coisa ridícula?

— O seu irmão tinha razão. A criatura tem medo de água.

Emma levou um momento para entender o que ele queria dizer e se lembrar de como, há dois dias, na cabana de Gabriel, tempo que parecia uma eternidade, Michael havia sugerido que a Condessa mantinha o monstro no barco porque ele tinha medo de água. E agora, quando uma nova rachadura se abriu na parede da frente e um jato espirrou para dentro, Emma viu a criatura uivar e pular para longe do caminho da água.

Mesmo assim, ela continuava a subir.

— A gente precisa se apressar — berrou Emma. — Ele vai chegar à porta antes da gente!

Gabriel assentiu e, com o braço bom, levantou Emma e a colocou em seu ombro. Subiu três degraus de cada vez. Quanto mais subiam, mais a represa balançava e estremecia. Eles correram entre os rangidos e gemidos, as batidas retumbantes da água, sons da madeira se rompendo e, tão rápido quanto Gabriel, o monstro os acompanhou. Várias vezes tentou se aproximar, mas em cada

ocasião, a represa se partia e um novo jato de água o obrigava a recuar.

Silenciosamente, Emma implorava a Gabriel que fosse mais depressa.

Finalmente, alcançaram o alto da escada e Emma pôde ver a porta. Gabriel a pôs no chão. Ele ofegava e suas roupas estavam empapadas com sangue fresco.

— Vamos! — exclamou Emma. — A gente tem que correr!

— Eu não vou.

— O que você tá falando? Esse negócio vai desabar!

— Não posso deixar a criatura escapar. Quando a represa se romper, ela tem que estar dentro dela. É a única forma de matá-la.

— Então a gente tranca a porta! Não vamos deixar ela sair.

Gabriel balançou a cabeça.

— Preciso ter certeza.

Emma estava ficando desesperada, trêmula, à beira das lágrimas. Houve outra imensa rachadura. O lugar onde estavam baixou 60 centímetros.

— Não! Você... Isso é maluquice! Não vou deixar!

Gabriel se ajoelhou de forma que os rostos dos dois ficaram na mesma altura.

— Eu preciso fazer isso. Ou então vou ser responsável por cada pessoa que essa criatura matar. A vida dá tarefas a cada um de nós. Esta é a minha.

— Mas você... você... — Ela não estava mais prendendo o choro, mas não se importava. Tinha que mostrar que ele estava dizendo uma coisa estúpida, que precisava ir com ela, mas por alguma razão tudo o que conseguiu dizer foi: — Você não pode... você não pode...

Gabriel pôs a mão em seu ombro e olhou em seus olhos.

— Não sei o que aconteceu com os seus pais ou por que eles fizeram o que fizeram. Mas, no mundo inteiro, eu não escolheria

outra filha além de você.

Soluçando, Emma se jogou no pescoço de Gabriel. Disse que o amava, que nunca o deixaria partir, que não importava o que ele estava dizendo, que o amava.

— E eu também. Mas você precisa ir. — E arrancou seus braços do pescoço e a empurrou para a escada. — Vai! Agora!

Tremendo, odiando a si mesma a cada passo, Emma obedeceu.

Ao chegar à porta, ela olhou para trás. Gabriel tinha se virado para enfrentar o monstro. Não tinha faca, nenhuma arma, mas quando a criatura saltou, ele também pulou para encontrá-la, para lutar. Juntos despencaram na escuridão.

Momentos depois, Emma cambaleava nas margens do despenhadeiro, com lágrimas escorrendo por seu rosto, repetindo sem parar.

— Ele é o Gabriel. Ele vai ficar bem, é o Gabriel, é o Gabriel...

Quando Michael e as crianças alcançaram a margem, encontraram um grupo de homens e anões que tinham atravessado a passagem criada pelo dr. Pym.

— Ei, puxem esse barco! — exclamou uma voz familiar. — Tomem cuidado! Ah, danem-se, eu mesmo faço isso!

O rei Robbie segurou a popa do barco e, junto com meia dúzia de homens e anões que saltaram para ajudar, empurrou-o para a terra. Quando os homens começaram a tirar as crianças, Michael finalmente soltou os remos. Nunca tinha se sentido tão exausto. A dor percorria suas costas e ombros e ele mal conseguia levantar os braços. Ele foi saltar do barco e acabou caindo de cara no chão de cascalho.

— Vamos lá, garoto, você está esgotado.

Era Wallace. Ele ajudou Michael a se levantar, mas continuou a apoiá-lo, obviamente com medo que ele tombasse uma segunda vez. Robbie e o pai de Stephen McClattery se aproximaram correndo.

— Tem... mais crianças.

— Quantas mais, rapaz? — perguntou Robbie. — Rápido.

— Trinta... pelo menos. E o dr. Pym e a Kate. E o dr. Pym deu um jeito nos Gritões. Não sei o que aconteceu com a Condessa.

Mais homens e anões haviam se reunido.

— Precisamos voltar para buscá-los!

— Botem o barco na água!

— Esperem! — berrou Robbie. — Todo mundo ouviu aquela explosão. E todo mundo pôde ouvir a represa rangendo e guinchando daqui. Não vão chegar nem à metade do caminho antes de ela explodir!

— O que vamos fazer, então? Deixar os nossos filhos morrerem?

— Claro que não. Mas temos que usar nossas cabeças! Como vamos chegar lá e não despencar pela cachoeira, quando a represa vir abaixo? Essa é a questão, diabos!

A maioria dos homens e alguns dos anões começaram a gritar ao mesmo tempo, alguns oferecendo ideias, outros amaldiçoando a Condessa, outros dizendo que não se importavam em serem engolidos pela garganta, pois eram seus filhos a bordo. A discussão não parava, com Robbie e o pai de Stephen McClattery pedindo ordem várias vezes.

Michael olhou para a embarcação da Condessa, completamente imóvel no lago escuro. A represa soltou outro gemido lamentoso, como se fosse um grande animal sentindo dores.

E aí lhe ocorreu. Viu como tudo ia acontecer e que era a única pessoa que podia salvar as crianças. Saiu correndo pela margem.

— Ei! Rapaz! — berrou Wallace. — Para onde você vai?

Mas Michael simplesmente continuou a correr.

Fora da cabine da Condessa, as crianças gritavam. Lá dentro, o dr. Pym não acordava. Por mais que Kate o sacudisse e chamasse seu nome, ele não se mexia. Finalmente, dando uma última olhada no corpo imóvel da Condessa, ela colocou o livro sobre o peito do dr.

Pym, segurou-o nos braços e arrastou-o pela porta. Passou por um corredor até sair no convés, pedindo desculpas toda vez que batia a cabeça dele em algum lugar.

Havia um pandemônio no convés.

Crianças aterrorizadas corriam e berravam em todas as direções. Por duas vezes, Kate foi derrubada e a criança com que ela colidira se levantou, berrou e saiu correndo de onde viera. Havia tochas visíveis dos dois lados do lago e muitas crianças tinham subido na amurada, gritando por seus pais e mães na escuridão.

Kate olhou aquela confusão. Como as crianças tinham escapado? Onde estavam os Gritões da Condessa? O dr. Pym tinha feito isso? Mesmo quando fazia tais perguntas, ela percebia que nada daquilo importava. O que importava era como ela conseguiria tirar todas essas crianças do barco.

— Ei! — Stephen McClattery se dirigia a ela. — Esse é o mago?  
A pergunta a surpreendeu.

— Como você sabe...

— O seu irmão me disse.

— O Michael? Ele tá aqui? — Ela sentiu o pânico aumentar. Tinha partido do princípio de que ele estava em segurança. Se tinha vindo resgatá-la, ele agora também corria perigo...

— Não, ele já levou um bando de crianças pra terra, de barco. Disse que ia voltar. Mas é melhor ele se apressar. Você ouviu a explosão?

— Ouvi. — Com sentimento de culpa, Kate rezou para Michael não voltar.

— A represa está rangendo desde então. Deixou todo mundo apavorado. — Ele acenou para o dr. Pym. — E aí, ele está morto?

— Não. Ele só não acorda.

— E a bruxa?

— Está lá dentro. Morta, eu acho.

O rosto do menino se abriu num grande sorriso.

— Sério? Então a gente vai ficar bem?

Kate hesitou. Devia contar a ele sobre a explosão? Dizer o que realmente significavam todos aqueles rangidos e gemidos? Podia confiar nele ou aquilo só ia aumentar o pânico?

Não teve chance de decidir.

Emma tinha um plano. No final das contas, se resumia a encontrar o dr. Pym e exigir que ele consertasse tudo. Com isso em mente, ela havia corrido para o alto do desfiladeiro numa espécie de disparada manca e vacilante — o tornozelo realmente estava doendo — ignorando da melhor forma possível os rangidos da represa e tentando não pensar em Gabriel, ferido e fraco, lutando contra o monstro da Condessa. No fundo de seu coração, ela sabia que ele ainda estava vivo. E se conseguisse encontrar o dr. Pym, tudo ficaria bem.

Só havia um problema. Quando se aproximou da boca do desfiladeiro, ela notou uma série de vozes apavoradas saindo do interior do barco. Com horror, Emma viu que as crianças continuavam lá. O que queria dizer que Kate continuava lá. E talvez Michael também. E certamente o dr. Pym. Portanto, era para lá que ela tinha que ir.

Sabia que a aldeia devia ter barcos, por isso partiu para a estreita ponte que atravessava a garganta, olhando para baixo, a toda a velocidade, sem olhar para onde se dirigia.

De repente, estava caída de costas, a cabeça zumbindo. Lutou para se levantar, imaginando ter colidido com um Gritão. Aí uma voz falou:

— Você está bem? Não tinha te visto. — Uma mão a ajudou a se levantar. — Ouvi a explosão e corri para tirar umas fotos. Eu estava olhando na outra direção.

Era Abraham, e ele estava com a câmera pendurada no pescoço. Ele a fitou.

— Você é uma das crianças que eu ajudei a fugir. Tá fazendo o que aqui?!

As palavras transbordaram.

— O Gabriel está na represa lutando com um monstro! Aquele negócio todo vai ser destruído a qualquer minuto! Preciso encontrar o dr. Pym! As crianças continuam no barco...

— Devagar, devagar. Quem é Gabriel? Quem é dr. Pym? Que monstro?

— Não, me escuta! Aquelas crianças continuam no barco! A gente precisa...

— Espere aí, as crianças estão no barco da bruxa?

— Isso! É o que eu estou dizendo! Você é surdo?!

— Precisamos tirá-las de lá! Se a represa se romper...

— Era o que eu estava fazendo quando você apareceu na minha frente! É por isso que eu preciso encontrar o dr. Pym!

— Bem, não conheço esse dr. Pym, mas a gente precisa mandar barcos de resgate. Precisamos trazer essas crianças para um lugar seguro!

Ótimo, pensou Emma, pode fazer isso, mas eu preciso de um barco agora! E foi o que ela começou a dizer quando começou a ouvir estalos e rangidos bem diferentes do que ouvira até aquele momento.

Emma se virou.

Abraham abriu a boca.

— Meu Deus!

A represa estava se dobrando, partindo-se ao meio, e enquanto a água negra atravessava, uma das metades saiu do lugar e foi carregada. Emma se jogou contra a amurada, gritando o nome de seu amigo. Para Abraham, que realmente não entendera o que ela dizia sobre Gabriel, dr. Pym ou o monstro na represa, mas que conhecia sofrimento bem o bastante, pareceu que o coração da menina estava se partindo.

Estavam em movimento. Mal havia se passado um minuto desde que Kate e Stephen McClattery ouviram o inconfundível som da represa desabando e agora, a cada segundo, o barco ganhava velocidade.

Kate pensou no desfiladeiro rochoso como uma boca gigantesca, determinada a engolir o lago e tudo que havia nele, inclusive eles. Continuou a sacudir o dr. Pym e a chamar seu nome, mas não adiantou. E quando viu Stephen McClattery correndo de um lado para o outro, berrando para as crianças se segurarem no que pudessem encontrar, ela parou, assustada, sabendo que o motivo de sua vinda era exatamente evitar que isso acontecesse. Como podia ter fracassado tanto?

Mesmo assim, Kate estava estranhamente calma. Afinal de contas, já tinha passado por aquilo antes. Em sua visão, ela estava no convés do barco no momento em que ele era lançado em direção à cachoeira. Aquilo tinha parecido real. Isto, por outro lado, quase parecia um sonho.

— Se segurem! — berrou Stephen McClattery.

Kate se virou e viu as mandíbulas da garganta avançando para eles. Não estava preparada para o impacto e ele a mandou longe, fazendo com que batesse com força em uma arca de madeira. O choque a arrancou de seus pensamentos. Viu o corpo do dr. Pym escorregando pelo convés, o braço ainda pendendo frouxamente sobre o livro. Kate jogou-se sobre o mago, prendendo-o enquanto o barco girava em sentido horário. Ela se segurou quando a parede oposta veio voando até eles.

Estavam na garganta. Não havia como fugir agora.

Ela não podia pensar em Gabriel. Kate e Michael. Kate e Michael. Pense neles. Ainda estavam vivos. Mas por quanto tempo? Da ponte, onde ela e Abraham estavam, haviam visto o barco bater na boca da garganta, ser sugado pela queda estreita e depois bater

em uma parede rochosa e na outra, passando cada vez mais rápido. Como se isso não fosse suficientemente ruim, a outra metade da represa tinha finalmente se soltado, o que queria dizer que não havia mais nada para deter o barco enquanto ele era tragado em direção à cachoeira. E tudo o que ela podia fazer era assistir. Emma nunca havia se sentido tão impotente, tão sem esperanças.

— Emma!

Michael correu ofegante até a ponte. Ela lançou os braços em volta dele, soluçando.

— Michael, você tá vivo! Achei que você estava no barco!

— A Kate e... o dr. Pym. Eles estão no barco. Com as crianças.

— Eu sei! O que a gente vai fazer? Ah, Michael, o Gabriel... ele... — Mas ela viu que não conseguia dizer as palavras para anunciar a morte do amigo. Ainda não.

— É o Abraham! — Michael fitava o homem ao lado dela. — Que bom.

— Eu sei que é o Abraham! E daí? A Kate tá no barco! Por que o dr. Pym não faz alguma coisa?! Ele devia...

O som horrórico de algo que se esmigalhava fez com que se virassem. O barco havia batido na parede da garganta, a apenas 50 metros de distância, suficientemente próximo para que vissem as crianças em pânico agitando-se no convés. Mais um momento e o barco passaria pela ponte.

— Faz ele tirar a foto! — Michael estava subindo na amurada.

— O quê? O que você tá fazendo? Michael!

— Dá um jeito de tirar a foto! — Michael berrou para Abraham.

— Vamos lá, rapaz...

— Michael, desce daí!

De pé sobre a amurada da ponte, Michael deu uma olhada lá para baixo, depois se virou e olhou a irmã. Alguma coisa em seu jeito fez Emma parar. Ela não sabia dizer o motivo, mas lhe ocorreu

subitamente que Michael era seu irmão mais velho e que ela nunca tinha pensado nele desse jeito.

— Eu te amo — Michael disse e pulou.

— MICHAEL!

Emma lançou-se contra a amurada a tempo de ver o irmão despencando na escuridão no momento em que o barco aparecia abaixo deles, imenso, girando, condenado. Viu Michael aterrissar no convés, rolar e desaparecer, enquanto a embarcação avançava até a boca da queda-d'água sem que houvesse nada, em parte alguma, para impedi-la.

— MICHAEL! MICHAEL!

Gritou tanto que sua voz falhou, e ela teria continuado a gritar, mas ouviu outros berros. Mulheres da aldeia, vestidas de negro, com xales pendurados e cabelos soltos emergiam das árvores na beirada da garganta. Carregavam tochas e lanternas e chamavam pelas crianças no barco. Havia algo tão familiar e tocante naquela cena que Emma não conseguiu parar de olhar. Aí, o flash da câmera de Abraham disparou — ele a segurava contra o peito e pareceu surpreso pelo barulho — e Emma compreendeu o que Michael tinha dito.

*Faz ele tirar a foto...*

Ele se referia à foto que Abraham havia dado a ela e a Kate naquele dia, no seu quarto, aquela que Abraham dissera ter sido a última foto que ele havia tirado, aquela com os nomes das crianças escritos na parte de trás. Mas por que Michael queria que ele a tirasse?

Um lamento se ergueu às margens da garganta e Emma virou para ver o barco girando, se agitando, balançando para trás, na beirada da queda-d'água. Por um momento dilacerante, ele simplesmente ficou pendurado. Emma agarrou o muro da ponte e disse o nome do irmão mais uma vez, quase como um sussurro:

“Michael”, aí a proa se levantou, a popa foi para baixo e todo o barco e seus passageiros desapareceram na queda-d’água.

Michael caiu sobre um monte de encerados. Levou alguns segundos para entender a situação, porque o barco girava cada vez mais rápido enquanto avançava pela garganta, batendo em uma parede rochosa e depois em outra. Em volta dele, as crianças se seguravam na amurada, em cordas, umas nas outras, berrando e chorando. Ele olhou para trás e viu a silhueta do arco da ponte. Rezou para que Abraham tirasse a foto e que Emma compreendesse. Depois, tirou aquilo da cabeça. Corria por um dos lados do barco em um passo de bêbado, chamando Kate pelo nome, quando alguém agarrou seu braço. Era Stephen McClattery. Ele segurava uma criança pequena e tinha um olhar atordoado em seu rosto.

— Você voltou! De novo! Como você conseguiu...

— Cadê a minha irmã?

Stephen McClattery apontou a frente do barco.

Michael gritou:

— A gente precisa reunir todas as crianças!

— Você tá louco? Eles não conseguem nem se mexer!

— Eles precisam! É a nossa única chance!

— Mas...

— Faz isso! Leva todo mundo para junto da minha irmã! Vai! A gente não tem muito tempo.

Por uma fração de segundo, os meninos se encararam. Michael era mais jovem do que Stephen McClattery, mais mirrado, mas não havia dúvidas sobre quem estava no comando naquele momento. Stephen McClattery assentiu, virou-se para dois garotos que estavam por perto e começou a gritar ordens. Michael saiu correndo.

Quando chegou ao convés dianteiro, encontrou duas dúzias de crianças chorosas e aterrorizadas e Kate, contra uma parede, dando uma espécie de abraço no dr. Pym e no livro. O dr. Pym estava inconsciente.

— Michael? O que você...

Ele se ajoelhou do seu lado.

— Kate, olha...

— Não! Você não devia ter voltado! — Ela começou a chorar e a bater nele. — Quem vai tomar conta da Emma? Você não devia ter voltado! — Depois, ela parou de bater e só se apoiou nele, soluçando. — Você não devia ter voltado...

— Não! Olha! Eu trouxe isso aqui!

Ele pôs a mão dentro do casaco e tirou o caderno. Abriu-o cuidadosamente porque o vento batia neles, vindo de todas as direções, e mostrou a foto. Kate reconheceu imediatamente as figuras sombrias saindo do bosque, carregando tochas e lanternas. Era a foto que Abraham havia dado para ela e para Emma.

— A gente pode usar essa foto! Podemos colocar ela no livro!

Mas Kate já balançava a cabeça negativamente.

— E os outros?

— Eu estou com eles! — Era Stephen McClattery, que arrastava meia dúzia de crianças consigo. — Parte deles! Eles estão com o resto.

Ele acenou para o canto mais distante do convés, onde os dois meninos mais velhos tinham acabado de aparecer guiando um grupo de crianças. Pelas contas de Michael, havia mais de trinta crianças em pânico, amontoadas na frente do barco.

— Faz com que eles deem as mãos! — gritou Michael. — Deem as mãos!

Stephen McClattery e seus auxiliares repetiram o grito e correram em volta, juntando os meninos, berrando em seus ouvidos, mas as crianças não pareciam compreender ou talvez estivessem assustadas demais para obedecer. Não tinha jeito.

— A gente precisa do dr. Pym! — disse Kate, sacudindo o velho mago energicamente.

Michael pensou por um segundo, mandou Kate parar e vasculhou os bolsos do dr. Pym até encontrar tabaco. Enfiou um punhado debaixo do nariz do mago e quase na mesma hora o dr. Pym bufou e seus olhos se abriram.

— Hum — disse ele um tanto grogue. — O que foi?

— Doutor Pym — gritou Kate. — A gente tá no barco! Vamos despencar na cachoeira! A gente tem uma foto, mas as crianças precisam dar as mãos.

O dr. Pym assentiu, pareceu pensar, depois disse: “O que foi?”, como se não tivesse compreendido uma única palavra.

Enquanto Kate repetia o que havia dito, Michael olhou para frente e viu que a água tinha acabado. Não havia nada além de ar diante deles.

— Kate...

Foi só o que conseguiu dizer. Bem neste momento, eles bateram em um rochedo com tanta força que o barco inteiro girou e a parte da frente ficou para trás.

E continuavam a avançar.

— É tarde demais! — gritou Stephen McClattery. — Vamos cair!

O convés do barco começou a se erguer e, pela primeira vez, Michael ouviu o rugido da queda-d’água.

— Kate — disse Michael. — Desculpa, eu achei...

— Tudo bem — disse ela e apertou sua mão. — Tudo bem. A gente está junto.

— Pegue a foto, Katherine. Esteja pronta.

Era o dr. Pym. A voz dele era penetrante e fez com que eles se mexessem. Kate pegou a foto de Michael e abriu o livro. O dr. Pym sussurrava alguma coisa e Michael subitamente encontrou Stephen McClattery segurando sua mão. Ele, por sua vez, agarrou o braço da irmã, e aí, enquanto o barco mergulhava e o convés continuava a se erguer, uma estranha calma tomou conta das crianças. Cada uma delas estendeu a mão e, no escuro, encontrou a mão de outra

criança, formando uma longa corrente que serpenteava por todo o convés, e o dr. Pym ainda sussurrava enquanto a corrente ficava maior e maior, até que a última criança se juntou a eles e o convés estava tão íngreme que Michael precisava se segurar para não escorregar, e quando olhou para baixo, para além do barco, viu o nada. Eles caíam, todos caíam, e o dr. Pym berrou:

— Agora!

E o barco mergulhou para a frente.

— Vai ficar tudo bem — repetiu Emma pela quarta ou quinta ou nona vez. — Vai ficar tudo bem.

Por alguns segundos depois de o barco ter desabado pela cachoeira, houve um terrível e demorado silêncio. Depois, eles ouviram a pancada, bem lá embaixo, e as mulheres no despenhadeiro caíram de joelhos e começaram a chorar. Em meio aos berros, Emma ouviu outras vozes, vozes de homens, vindas da garganta por trás dela. Mas não se virou. Da mesma forma que não correu para o penhasco para olhar nem para fitar o ponto da cachoeira em que o barco havia desaparecido. Mantinha os olhos fixos no bosque por trás das mulheres e esperava.

Por favor, pensou ela, com as mãos agarradas à beirada da ponte, por favor...

E aí houve um grito diferente. Um grito que fez com que as mulheres do penhasco parassem e se virassem. Era a voz de uma garotinha. Ela chamava pela mãe.

A menina não tinha mais do que 7 ou 8 anos, e enquanto deixava as árvores correndo, uma das mulheres deu um grito e correu para se encontrar com ela, prendendo a criança em seus braços. Aí houve mais gritos, e crianças saíam do bosque, duas ou três de cada vez, e reencontros chorosos começaram a acontecer por toda a escarpa. Emma sentiu que o nó apertado de medo dentro dela se dissolvia, e ela atravessou a ponte correndo na direção das árvores, esquecendo a dor no tornozelo, sabendo que eles estariam

ali, sabendo que nunca a abandonariam, correndo para os braços que a aguardavam, os braços do seu irmão e da sua irmã.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

### Rhakotis



— Lembrem-se — disse o dr. Pym —, quando voltaram ao passado, vocês mudaram a história. Precisamos, portanto, imaginar o que teria acontecido se vocês não tivessem viajado no tempo.

Kate, Michael e o dr. Pym estavam sentados ao lado de uma árvore caída. Dez minutos haviam se passado desde que o barco desabara na cachoeira e eles apareceram no bosque, e ainda assim, à sua volta, famílias se reencontravam pela primeira vez em dois anos, mães e pais que minutos antes pensavam que haviam perdido seus filhos para sempre se abraçavam, sem acreditar.

O dr. Pym estava respondendo a uma das perguntas de Michael. O menino queria saber como o *Atlas* tinha saído da casa-forte na Cidade Morta e chegado ao gabinete sob a casa. Era uma espécie de pergunta acadêmica, essencialmente inútil, que ele achava fascinante. Kate não estava exatamente ouvindo. Observava Emma que havia perambulado para a beira da garganta. Por enquanto, pensava Kate, era melhor dar espaço para a irmã.

— Então — prosseguiu o mago —, naquilo que eu chamo de passado original, antes de vocês começarem a pular para lá e para cá no tempo, a Condessa teria procurado o *Atlas* na Cidade Morta, sem descobri-lo. Comandados por Gabriel, os homens de Cambridge Falls teriam se livrado dos seus algozes e se rebelado. A Condessa,

sabendo que seu mestre não aceitaria o fracasso, teria destruído a si mesma e às crianças, ao mesmo tempo amaldiçoando a cidade.

“Em qualquer versão dos acontecimentos, eu teria acabado no calabouço do Hamish. Vamos imaginar que eu consegui me libertar em algum momento, mas não a tempo de impedir a Condessa. Temendo que o mestre da bruxa enviasse outro emissário para continuar o trabalho, eu teria retirado o *Atlas* da casa-forte. A partir daí, posso imaginar com facilidade como eu poderia ter tomado conta da casa da Condessa e construído um aposento subterrâneo para servir como novo esconderijo. Teria apelado ao meu senso de ironia colocar o livro debaixo do nariz dela. Aí eu simplesmente faria um novo encanto para que, se um de vocês aparecesse, a porta se revelasse. Foi mais ou menos isso o que aconteceu?”

Michael disse que sim.

— Aí está a sua resposta.

Ficaram em silêncio. Michael parecia ter esgotado suas perguntas. Foi Kate quem finalmente falou:

— Está na hora, não está?

— Está — respondeu o dr. Pym. — Vocês fizeram o que vieram fazer. Está na hora.

Kate se levantou e foi falar com a irmã. O vento açoitava a beirada da garganta, levando borrifos da cachoeira.

— Você tá com frio? — perguntou Kate.

— Não.

— Emma, a gente fez uma coisa muito boa.

Emma não disse nada.

— Sinto muito pelo Gabriel.

— Ele está lá embaixo, em algum lugar.

Kate não respondeu, mas pôs o braço em volta da irmã e, juntas, elas contemplaram a água escura que descia a cachoeira.

— O dr. Pym quer que a gente vá embora, não é?

— É.

— Tudo bem.

Caminharam até Michael e o dr. Pym. Do bolso do casaco, Emma pegou a foto que havia tirado de Kate no quarto, aquela que bateu logo antes de as duas voltarem no tempo para resgatar Michael. Ela a entregou para a irmã. Em volta deles, as famílias começavam a se dirigir para a cidade.

— Você vai estar lá? — perguntou Kate. — Quando a gente voltar?

— É a minha firme intenção, acredite.

— Doutor Pym... — começou Emma.

— Minha querida, o Robbie e os anões já estão procurando pelo Gabriel. Ele vai ser bem-cuidado.

— Os anões são excelentes rastreadores — disse Michael. — G. G. Greenleaf...

— Michael — disse Kate.

— Oi?

— Fica quieto.

— Tá bom.

Emma e Michael se deram as mãos e Michael pegou o braço de Kate. Kate abriu o livro. Parou.

— Doutor Pym...

Kate pegou uma coisa que estava entre as duas páginas. Era a foto de Abraham que mostrava as mulheres correndo lá em cima na garganta, aquela que Michael lhe dera quando o barco era jogado em direção à queda-d'água. Kate não compreendeu. Tinha usado esta foto para transportá-los pelo tempo. Ela devia ter desaparecido!

— Ah — disse o dr. Pym, em voz baixa. — Então, aconteceu.

— Como assim? — perguntou Kate. — Aconteceu o quê? Por que ela continua aqui?

— Katherine, você se lembra do que eu lhe disse na sala do trono do Hamish?

— Não, mas...

— Tente se lembrar. Vai deixar tudo mais claro. De um jeito ou de outro, eu vou lhe explicar no futuro. Por enquanto, ponha a outra foto no livro. Veja se ela desaparece. O meu palpite é que isso não vai acontecer. Por favor — disse ele, quando a viu hesitar —, confie em mim.

— Eu confio — disse Kate. E ela falava sério.

Kate entregou a foto de Abraham para Michael, que a enfiou no caderno, e depois deu uma última olhada, para ter certeza de que o irmão e a irmã estavam se segurando. Reparou que alguma coisa deslizava junto às sombras das árvores. Olhou mais atentamente, mas havia desaparecido na escuridão. Vamos logo com isso, pensou, e colocou sua foto sobre a página vazia. Houve o puxão habitual, a cena diante deles desapareceu e logo se viram no quarto da mansão. Mais uma vez teve a sensação de estar presa enquanto eles olhavam a outra Kate e a outra Emma se prepararem para voltar ao passado e resgatar o irmão. Depois, Kate observou sua outra versão colocar a foto no *Atlas* e desaparecer, e então eles foram soltos.

— Nossa — resmungou Emma —, eles não imaginam o que vem pela frente.

— A foto desapareceu? — Michael perguntou.

— Não — disse Kate, mostrando-a para os dois. — Continua aqui.

Nesse momento, ouviram a porta se abrir atrás dele.

— Então Vossas Majestades estão aqui, afinal de contas!

— Srta. Sallow — disse Kate —, a gente não...

— Não me ouviram bater pelos últimos dez minutos? Acharam que iam fazer uma gracinha com a velha Sallow? Como devem ter se divertido! Eu não sabia que era empregada da Comédie-Française.

— Srta. Sallow...

— O dr. Pym está lá embaixo e deseja o prazer da sua companhia. Vão aparecer ou devo dizer a ele que Suas Altezas reais

preferem ficar no quarto fazendo gracinhas à custa de uma mulher de idade?

Kate cochichou para Michael e Emma:

— Podem ir. Eu já encontro vocês. Quero esconder o livro.

Assim que os irmãos desapareceram com a velha senhora, Kate se virou e enfiou o livro debaixo do colchão. As mãos tremiam. Ela sabia que o fato de as fotos não desaparecerem mais era importante. Mas de que forma? E o que o dr. Pym havia lhe dito na sala do trono do Hamish? Se ela conseguisse se concentrar, se pudesse esvaziar a cabeça por um momento. Mas havia tanta coisa para pensar: na profecia e em tudo o que ela implicava; nos outros dois Livros do Princípio, no Magnus Medonho, que estava ainda por aí, na sua mãe... A mãe tinha descoberto quem ela era, a mãe a reconheceu. Kate ainda pensava nisso, ou melhor, mais do que pensava, ela se alegrava com o calor da lembrança, quando puxou o cobertor e se levantou. Então, ela lembrou. O dr. Pym havia lhe dito que ela era a única que poderia ter acesso a todo o poder do livro. Ele quer dizer que eu sou capaz de viajar pelo tempo, pensou Kate, que não preciso de uma fotografia.

Mas ele havia dito mais alguma coisa. O que era?

Precisava encontrar o mago.

— Katrina...

Kate girou. Uma mulher velhíssima e encarquilhada, com as costas encurvadas, enrolada num xale esfarrapado e imundo, arrastou-se de um painel que tinha se aberto ao lado da lareira. Os braços eram pouco mais do que ossos. A pele pendurada neles estava flácida e manchada por feridas. Mechas de cabelo escorrido pendiam de seu crânio. Os pés enegrecidos, inchados, apareciam pelos rasgões dos sapatos. Ela sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes pardos. Os olhos de Kate dispararam para a porta. Emma, Michael e a srta. Sallow já estavam longe.

— Quinze anos — grasnou a Condessa. — Quinze anos eu esperei. Para você, foi questão de momentos. Você passou pelo tempo como passaria por uma rachadura no chão. Mas eu esperei, *mon ange*, todos os dias, todas as horas, por 15 anos. Esperei pela ocasião em que nos encontraríamos de novo.

Ela se colocou entre Kate e a porta, bloqueando sua fuga.

Não que aquilo fizesse diferença. Kate não conseguia se mexer. O medo a paralisava. A Condessa estava viva. Mas como era possível? Kate não precisou perguntar o que a mulher queria. Vinha atrás do *Atlas*.

— Você não consegue acreditar que sua velha amiga, a Condessa, ainda esteja se arrastando por aí, não é? Pensou que meu antigo mestre tinha me matado, não é? Não, não! Ele só pegou de volta o poder dele! Me deixou vazia e fraca! Um miserável saco de pele e ossos. Você não soube que eu acordei no chão daquele maldito barco, que arrastei meu corpo moído para o convés e vi você, aquele mago e o resto dos pirralhos. Sabia o que você estava fazendo. Ah, sim, e me juntei à sua corrente no último instante. Quando você salvou as crianças, minha doce Kat, você também salvou a minha vida.

Ela começou a rir. Aquilo se transformou em um acesso de tosse e ela cuspiu alguma coisa na mão, que enxugou com a ponta do xale.

— Depois, fiquei escondida nas árvores e vi as crianças reencontrarem seus pais e mães patéticos. Não podia me arriscar a encontrar com o mago. Mas vi você, seu irmão e irmã com o livro, e soube que eu esperaria. Todo mundo acharia que eu estava morta. Até o meu mestre pensaria que eu havia perecido quando o barco despencou da cachoeira. Vi como o *Atlas* ainda poderia ser meu.

Ela agarrou o braço de Kate. As unhas estavam negras e quebradas.

— Ano após ano, eu esperei. O povo da cidade não me reconheceu. As mesmas crianças que tinham sido minhas prisioneiras me traziam água e comida. Fui paciente. Então, um dia, ouvi falar de três crianças que tinham vindo morar na casa do outro lado do rio. Descobri muito tempo atrás as passagens secretas nas paredes. Sem que percebessem, eu entrei, me esgueirei, observei e te vi, minha bela Katrina, sem envelhecer um dia, sequer um momento...

Ela estava perto agora, o hálito azedo banhando o rosto de Kate.

— Me dê o *Atlas*.

Kate hesitou. Deveria gritar? Alguém ouviria?

— Sei o que está pensando, minha pombinha. Mas o seu dr. Pym não vai ouvir. Está longe demais. Mas sabe quem vai ouvir? Os pequenos Michael e Emma. Virão correndo. E vou te obrigar a assistir enquanto eu mato os dois! Já esperei demais, me dê o *Atlas*.

De dentro das dobras do xale, a velha retirou uma faca longa e enferrujada. Kate deixou os olhos viajarem da lâmina para os olhos da bruxa.

— Me promete que não vai machucar o Michael e a Emma.

— Por favor. — Ela deu um sorriso horrível. — Não sou um monstro.

— E que vai embora imediatamente.

— Como se eu nunca tivesse estado aqui.

— Então tudo bem.

Kate se virou e pôs a mão sob o colchão. Não tinha a menor intenção de entregar o livro. Queria só que a bruxa pensasse que tinha vencido, para que baixasse a guarda. Agarrando a capa do livro, Kate se levantou subitamente, girou, golpeando com todas as suas forças a cabeça da Condessa com a encadernação em couro...

A mão da velha disparou e pegou o livro. As duas ficaram assim, Kate segurando um lado, a Condessa, o outro, as unhas

afundadas na capa esmeralda.

A bruxa começou a rir.

— Espertinha. Não confia mais nos outros, não é? Felizmente, a Condessa é mais forte do que parece. Então... SOLTE O LIVRO!

A Condessa deu um puxão incrível e as mãos de Kate escorregaram. Mas foi demais, a velha perdeu o equilíbrio e o livro caiu, aterrissando no chão, aberto. Kate e a bruxa se jogaram para pegá-lo...

A Condessa unhou o livro, sibilando, golpeando o rosto de Kate com a faca, enquanto Kate jogava o corpo para trás, os dedos presos em uma página aberta, recusando-se a soltá-lo, recusando-se a deixar a mulher vencer, e quando a lâmina veio para ela, Kate fez a única coisa que pôde imaginar. Fechou os olhos e procurou a magia do livro em cada fibra do seu ser, rezando para que o dr. Pym tivesse razão.

Sentiu o puxão imediatamente. Por mais estranho que parecesse, Kate tinha a sensação de que o *Atlas* e o poder que ele guardava tinham esperado por ela todo esse tempo. Mas a emoção durou apenas um segundo. Aí, foi como se ela tivesse sido lançada no meio de um grande oceano, longe da visão da terra firme. A Condessa estava com ela, mas só como uma presença. Kate começou a sentir que afundava e percebeu que poderia simplesmente desaparecer, esvair-se no próprio tempo. Talvez aquilo fosse o certo, talvez fosse mesmo o que deveria acontecer. Mas naquele momento, como havia ocorrido no quarto, ela se lembrou de ter sido abraçada pela mãe, de como a mãe a havia reconhecido, e uma chama de puro amor se acendeu em seu peito. Naquele momento, ela se lembrou do que o dr. Pym tinha dito na sala do trono.

Antes de poder ter acesso a todo o poder do livro, seu coração precisava estar curado.

Tudo bem, pensou ela, imagine que você tem uma foto. Diga ao livro para onde ir.

No momento seguinte, ela piscava na luz do sol, sobre o telhado de um prédio em uma cidade marrom, cozinhada pelo sol. Havia poeira vermelha no ar, enquanto gritos vinham da rua abaixo. A Condessa tinha se ajoelhado, lutando para respirar. A faca jazia no chão e Kate chutou-a para longe.

— Como você... como você fez isso?

— Não preciso mais de uma foto. O *Atlas* simplesmente faz o que eu quero.

— Não, não é possível...

— É mesmo? Olhe aí em volta. Parece bem possível para mim.

— Mas você não pode...

— Para falar a verdade, acho que sempre pude. Só não estava pronta. O dr. Pym sabia disso. Ele disse que o livro não me ouviria até que o meu coração estivesse curado. — Kate falava mais para si mesma do que para a Condessa. Precisava dizer em voz alta o que sabia agora. — Imagine ter uma pergunta que é o centro da sua vida, e até responder a essa pergunta você vai sempre estar perdida. Para mim, era saber se os nossos pais tinham realmente amado a gente. Como podiam nos amar, se nos abandonaram? Mas, quando você me ajudou a voltar no tempo, a minha mãe percebeu quem eu era. Ela me reconheceu como filha. Nunca mais vou questionar o amor dela. É como saber em que direção fica o norte. Seja lá o que aconteça, tenho isso para me guiar.

A Condessa levantou-se com dificuldades. Os olhos que tinham sido cor de violeta agora estavam negros de ódio. Kate não estava mais assustada. Na realidade, sentia uma notável sensação de calma.

— É engraçado — continuou ela —, se você não tivesse me mandado voltar no tempo, eu nunca teria descoberto isso. Mas, por outro lado, o dr. Pym deve ter planejado tudo desde o momento em

que me deu a lembrança da minha mãe. Vou ter que perguntar a ele quando a gente se encontrar.

— Menina, vou rasgar...

A ameaça foi interrompida por uma explosão em uma rua próxima.

A Condessa girou, olhando em volta.

— Onde nós estamos? Para onde você nos trouxe?

Kate deu de ombros.

— Sempre esqueço o nome da cidade. É aquela de que você me falou, onde o conselho de magos criou os livros. Você disse que ela foi destruída por Alexandre, o Grande. Pedi ao *Atlas* que levasse a gente para lá.

— Você nos trouxe para Rhakotis?

— É, acho que sim.

— Sua idiota! Olhe!

A Condessa apontou um dedo longo e torto e Kate se virou. Atrás dela, espalhados num infinito mar azul, reluzindo ao sol, havia milhares e milhares de navios. Kate ouvia os tambores ressoando na água, e enquanto olhava, bolas de fogo foram disparadas dos conveses das embarcações mais próximas. Os mísseis atingiram a cidade. Em um espaço de poucos segundos, uma dúzia de incêndios ardia em volta delas. Kate ouvia as pessoas gritando, enquanto corriam para a segurança.

— Precisamos sair daqui! Me ajude que eu te ajudo! Você tem poder. Eu vejo isso agora. O *Atlas* te reivindicou! Mas você não tem a menor ideia do que te espera! Me ajude que eu te ajudo!

— Por que eu precisaria da sua ajuda?

— Por que eu conheço o meu mestre. Ele está sempre procurando. Você, o seu irmão, a sua irmã! Os livros! O Magnus Medonho vai te encontrar!

Com a menção do nome, Kate imaginou ouvir o violino. Sabia que estava apenas em sua cabeça, mas mesmo assim a lembrança

da música a deixou arrepiada. A Condessa se aproximou.

— Você o viu! Sabe que ele é capaz de acabar com o seu mago como se ele fosse um graveto, e então vocês todos vão se tornar escravos dele! Mas eu posso ajudar! Ajudar você a encontrar os outros dois livros! Não vê que essa é sua única esperança? Ele nunca vai parar de procurar! Vocês precisam encontrar os livros primeiro!

— A gente vai se esconder...

A velha guinchou e sacudiu a mão retorcida com desdém.

— Se esconder? Por quanto tempo? Enquanto estiverem vivos? Ele vai encontrar vocês! Vai encontrar vocês e os livros e depois vai destruir este mundo! Eu contei para você o que os livros podem fazer! E... — ela fez uma pausa e lançou um olhar malicioso — achei que você se importasse mais com os seus pais.

Kate sentiu um aperto no coração. De repente, teve dificuldades em respirar.

— O que... o que você quer dizer?

A Condessa sorriu, sentindo que estava em vantagem.

— Então o mago ainda não contou para você? Uma pena, uma pena. Mas ainda tento me manter informada, não? Especialmente quando se trata de *mon petit oiseau*. Há dez anos, o Magnus Medonho afinal encontrou você e os pequenos Michael e Emma.

— Mas como...

— A profecia, é claro! Havia indícios. Mas o mago foi rápido demais. Fugiu com vocês. Mas os seus doces pais não tiveram tanta sorte! Não, não, não tiveram sorte mesmo. — Ela se aproximou. — Há dez anos, dez anos, os seus amorosos pais são prisioneiros do Magnus Medonho!

— Você está mentindo.

— Ah, seria bom achar isso, não é? Mas você sabe que não estou! O Magnus Medonho está com os seus pais e a única forma de

— Você conseguir libertá-los é encontrando os outros dois livros primeiro! Para isso, você precisa da ajuda da Condessa!

Os seus pais eram prisioneiros. Por isso nunca tinham procurado por eles. Por mais terrível que fosse, Kate teve uma estranha sensação de alívio. Finalmente, sua história fazia sentido.

Houve um deslocamento de ar e Kate e a Condessa viram outra saraivada de fogo, ainda maior do que a primeira, irrompendo dos navios. A cidade estava condenada. A Condessa agarrou o braço de Kate.

— Agora! Me leve de volta! Sou a sua única esperança!

Mas Kate sacudiu a cabeça e disse simplesmente:

— Não. Você fica!

Soltou o braço e ao mesmo tempo se agarrou à magia. A última coisa que viu foi a Condessa voando em sua direção enquanto todo o céu se enchia de fogo.

Um segundo depois, Kate estava no quarto, sozinha, segurando o livro verde-esmeralda.

— Ei! O que você está fazendo? Achei que ia esconder isso. — Emma estava na porta. — Você tá bem?

Kate percebeu que estava prendendo a respiração. Soltou o ar.

— Estou ótima. Eu só... Emma, o que foi? Aconteceu alguma coisa?

A irmã tinha lágrimas nos olhos.

— Vem, Kate! Você tem que ver!

CAPÍTULO VINTE E CINCO  
Os fantasmas do Natal do passado



Enquanto Kate e Emma corriam pelos corredores escuros, ela não deixou de reparar que tudo na casa estava em estado de profundo descuido: os espelhos estavam incrustados de sujeira, teias de aranha pendiam dos cantos e tapetes comidos por camundongos cobriam assoalhos empoeirados e barulhentos. Em resumo, a casa parecia exatamente o que era antes de terem ido para o passado. Emma não dizia o que havia acontecido, o que era ótimo, porque, na verdade, Kate ainda pensava em tudo o que a Condessa falara, em como o Magnus Medonho mantinha seus pais prisioneiros, em como a única esperança de salvá-los era obter os outros dois livros. Sabia que precisava contar aquilo para Michael e Emma. Mas primeiro queria conversar com o dr. Pym.

Pararam na porta do salão de baile. Emma a encarou.

— Você tá pronta?

Sem esperar a resposta, Emma virou a maçaneta. Quando as portas se abriram, Kate foi cercada por uma explosão de luzes e música. O salão estava cheio de gente que comia, bebia, conversava e, por um instante, Kate achou que estava no fantasmagórico baile de gala de São Petersburgo, da Condessa. Mas não era. A música era alegre. Havia uma imensa árvore no meio do salão. As paredes estavam enfeitadas com guirlandas. Os convidados, vestidos com as melhores roupas da estação, certamente não eram a nata da

sociedade de São Petersburgo. E havia crianças. Corriam por toda parte, passando entre os adultos, perseguindo umas as outras e gritando animadas.

— O que é isso? — Kate perguntou.

Emma não respondeu e Kate notou que olhavam para ela. Um convidado olhava, cochichava para outro, que cochichava para outro e outro. Em poucos segundos, todo o salão de baile ficou em silêncio e se voltou para fitá-la.

— Emma, o que está acontecendo...

Sua voz foi abafada quando todo mundo começou a vibrar e a aplaudir.

— Tá — disse Kate —, isso é esquisito.

— Aí está você! Bem-vinda! Bem-vinda!

O dr. Pym, com o mesmo terno de tweed que ela vira nele há 15 anos, e não cinco minutos atrás, apareceu do meio da multidão que aplaudia. Ele estava sorrindo.

— Feliz Natal, minha querida! Um feliz, feliz, feliz, feliz Natal!

Ele se curvou, praticamente se dobrando ao meio.

— Dr. Pym — disse Kate —, quem são... o que está acontecendo?

— Ora, é uma festa! — Depois, abaixou a voz para que só Kate pudesse ouvir. — Não tenha medo. O Magnus Medonho não pode fazer nada contra você esta noite. Tomei minhas providências.

Kate assentiu bobamente. Fitava a multidão de convidados que se aproximava.

— É, mas...

Michael saiu de trás do mago.

— Tá tudo bem, Kate. Tá tudo bem.

E de fato, tudo o que as pessoas pareciam querer era apertar a mão de Kate, dizer "obrigado" e desejar-lhe um Feliz Natal. Havia homens e mulheres de todas as idades, e Kate viu que muitos tinham lágrimas nos olhos e estendiam as mãos, como se tivessem

esperado por este momento durante muitos anos e não estivessem dispostos a deixar que ele passasse rápido demais.

— Doutor Pym — disse ela, ao sair do abraço de uma mulher gorducha que havia se debulhado em lágrimas sobre seus ombros —, quem são essas pessoas?

— São os excelentes moradores de Cambridge Falls. Organizamos anualmente uma festa de Natal, aqui em casa. Acho que é uma ótima forma de combater os maus espíritos. Embora ainda não consiga convencer a srta. Sallow a limpar a casa direito. Ela é uma empregada horrível.

— Você não percebeu? — exclamou Emma. — São as crianças! Aquelas que a gente salvou! Estão todas crescidas!

Bem nesse momento, aproximou-se dela um casal com um bebê. Tanto o homem quanto a criança tinham cabelo vermelho encaracolado.

— É realmente você — disse o homem. — A gente mal acreditou quando o dr. Pym disse que vocês iam estar aqui esta noite. Não estão nada diferentes. Menores, eu acho, mas isso já era de se esperar.

Kate tinha a sensação de que conhecia esse homem, mas não sabia dizer de onde ou em que circunstância.

A mulher sorriu.

— Eles não te reconheceram, querido.

— Ah, claro. Sou o Stephen McClattery. Cresci um pouquinho. E esta é Annie, a minha esposa. Você se lembra dela?

— ... Ah... — disse Kate — ... AH!

— Eu usava óculos — disse Annie.

— Eu lembro. — Kate pensava em como havia abraçado aquela menina, que agora era uma mulher.

— A gente queria que você conhecesse a nossa filha — disse Annie. — Ela se chama Katherine. Devemos tudo a você. Todos nós. Todo mundo que está aqui.

Kate olhou para o bebê e sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Engasgada, foi capaz de murmurar:

— Ela é linda.

— Ei, vocês! — exclamou uma voz forte. — Me deixem passar! Quero dar uma olhada neles!

O rei dos anões, Robbie McLaur, abria o caminho na multidão, cheio de bom humor. Usava um colete em xadrez vermelho e verde, e a barba cuidadosamente arrumada em quatro tranças, cada uma presa por uma fita verde-esmeralda. Com aquele colete, a barba trançada e enfeitada e aquele ar elegante, Kate achou que seu andar estava mais empinado que o de todos os cavalos empinados — o que queria dizer que, para ela, ele estava maravilhoso.

Michael exclamou:

— Alteza! Ninguém me disse que estava aqui! — e caiu sobre um joelho.

Emma gemeu.

— Você me deixa com tanta vergonha.

— Ei, você não precisa de nada disso! — Robbie levantou Michael e abraçou-o com ferocidade. — Que felicidade em te ver, rapaz! Vocês três! Que felicidade!

Aí Kate viu outro anão que se encontrava um pouco atrás. Usava um colete vermelho e dourado e tinha um grande sorriso por trás da barba negra.

— Wallace! — exclamou ela, correndo em direção a ele.

Rindo, ele a abraçou com os braços curtos e fortes e depois deu um passo para trás para olhá-la melhor.

— A última vez que eu te vi foi na Cidade Morta, há uns 15 anos. Na verdade, você até parece estar usando as mesmas roupas.

— Wallace, desculpa pelo que eu fiz...

— Não, não, não precisa se desculpar. No final, deu tudo certo.

— E como deu! — interrompeu Robbie. — E a gente restabeleceu a ligação com o povo de Cambridge Falls. Nenhum ovo

podre entre eles! Ah, e antes que eu me esqueça, o Hamish pediu desculpas por não poder vir.

— Sério? — disse Kate.

— Sério? — disse Michael.

Robbie caiu na gargalhada e deu um tapinha tão forte nas costas de Michael que o menino quase tropeçou.

— Claro que não! Mande aquele degenerado de volta para o palácio, para distribuir presentes. Faço com que ele se vista de Papai Noel todos os anos. Bota os jovens anões no colo. Nossa, como ele odeia!

Kate viu que a irmã estava na ponta dos pés, fazendo força para olhar do outro lado da multidão. Kate sentiu um aperto no coração quando percebeu o que — ou melhor, quem — Emma procurava. Kate sabia que era o momento de ir para junto dela. Mas, nesse instante, ela foi cercada por outro casal de crianças crescidas que queria conhecê-la, agradecer a ela, pedir para que desse um beijo no filho deles. Quando ela se virou, Emma tinha desaparecido.

Encontrou a irmã do lado de fora, no pátio dos fundos, o mesmo em que, 15 anos antes, os três haviam se sentado com a Condessa enquanto a bruxa explicava a história dos Livros do Princípio. Aquela noite tinha sido quente, carregada do final do verão. Agora era inverno. Uma camada dura de neve cobria as pedras do pátio, e Kate soltava fumacinha ao respirar. Fechou as portas por trás dela, para diminuir o barulho da festa, e foi até a irmã. Emma fitava uma linha escura de árvores, com os braços firmemente cruzados abraçando o corpo. Kate se perguntou se ela sequer sentia o frio.

— Achei que ele estaria aqui — disse Emma. — Achei... bom, todo mundo está aqui. Aqueles anões e... pensei que ele também estaria. Palpite idiota, claro.

Kate pôs a mão sobre as costas da irmã.

— Eu sinto muito.

As duas ficaram assim por meio minuto, talvez, sem se mexer e sem falar. Kate se perguntou se conseguiria convencer Emma a entrar. Estava frio demais para ficar do lado de fora sem casaco, e ela queria contar para ela e Michael o que havia descoberto sobre os pais. Estava a ponto de falar quando Emma soltou uma exclamação, desceu correndo os degraus de pedra e foi para a neve.

— Emma! Espera! O que você tá...

Então ela viu a silhueta escura que saía das árvores e avançava rumo a elas.

Não, Kate pensou. Não pode ser...

Emma atravessou correndo montes de neve que batiam na altura de seu joelho, berrando o nome e, quando alcançou a pessoa, se jogou em seus braços abertos.

Kate ouviu a voz abafada de Emma.

— Eu sabia! Eu sabia...

Momentos depois, o homem, ainda segurando Emma, entrou no pátio. Usava um longo casaco de pele de urso e a neve se acumulara em seus ombros e cabelos. O rosto tinha mais rugas do que Kate recordava, e havia fios grisalhos em suas têmporas. Emma escondia o rosto em sua gola.

— Olá — disse Gabriel.

Kate assentiu, ainda atordoada.

— Vocês estão com frio. É melhor a gente entrar. — E ele deu um passo à frente e abriu a porta.

— Ah! — disse o dr. Pym, quando Gabriel se aproximou com as duas meninas. Agora Emma caminhava a seu lado, segurando a mão dele. — Você conseguiu chegar. Ouvi dizer que tinha bastante neve do seu lado da montanha.

Michael olhou com um ar que Kate suspeitou ser como o dela momentos antes.

— Achei que ele... Peraí... Como...

O mago sorria, apreciando a confusão, sem dizer nada.

— É bom ver vocês — disse Gabriel com sua voz profunda e séria.

— Desculpa — disse Kate. — Mas o Michael tem razão. Como...

— Eu não morri?

— Hã... é.

— Porque o Gabriel é forte demais pra um monstro idiota qualquer! — gritou Emma. — Não é? — Ela enxugou o rosto e Kate viu que sua irmã chorava de felicidade.

— Preciso te agradecer — Gabriel disse para Michael.

— Eu?

— Ele? — disse Emma. — Ele não fez nada! Fui eu que desarmeí aquelas minas! Fui eu que joguei você na passarela!

Gabriel olhou para ela.

— Quer dizer — disse Emma rapidamente —, que encontrei você na passarela. Quando você caiu, depois de quicar na primeira.

— Se não fosse pelo seu irmão — prosseguiu Gabriel —, talvez não tivesse me ocorrido que o monstro tinha medo de água. Mas foi assim que eu finalmente consegui derrotá-lo. Quando a água subiu, pude afogar aquela criatura infernal.

— E você conseguiu escapar — Kate se admirou.

— A última coisa de que eu me lembro é de subir as escadas correndo enquanto a represa desabava à minha volta. O rei Robbie e os anões me encontraram inconsciente, na beira da garganta.

— É, encontramos. — O rei dos anões enfiou os polegares no colete e balançou para frente e para trás. — E foi um inferno transportar esse homem. O sujeito pesa mais do que um cavalo de carga.

— Puxa, acho que os anões são bons mesmo, afinal — concedeu Emma.

Depois, ela fez com que Gabriel se abaixasse. Kate a viu murmurar alguma coisa no ouvido dele e Gabriel responder: "Eu sei, eu também..."

Kate olhou para o dr. Pym.

— Então está tudo certo. Está todo mundo bem?

— Mais do que bem. Olhe em volta. Tudo isso é para agradecer a vocês.

E Kate viu as famílias dispostas diante deles e pensou: Nós fizemos isso, aconteça o que acontecer, nós fizemos isso.

— E agora — disse o dr. Pym —, se vocês me dão licença, estou de olho naquela cidra...

— Não! Preciso dizer uma coisa...

— O quê, minha querida?

— Eu...

O velho mago esperou. Michael e Emma também, Emma segurando a mão de Gabriel, Michael junto do rei Robbie e de Wallace. Pareciam mais felizes do que nunca.

— O que foi, Katherine?

Kate sabia que no momento em que lhes contasse o que a Condessa havia dito, que dependia deles salvar os pais do Magnus Medonho, a noite estaria encerrada. Ela pensou na longa jornada que tinha sido chegar até ali e quanto caminho ainda tinham pela frente. Michael e Emma precisariam daquela noite.

— Eu... só queria dizer Feliz Natal para todos.

E a noite prosseguiu, houve cantoria e danças, cantigas de Natal perto da lareira. Stephen McClattery pediu desculpas por ter tentado mandar enforcar Michael e os meninos disseram para ele não se preocupar. As crianças viram Abraham mancando com a câmara e o abraçaram e agradeceram por tudo. Wallace e o rei Robbie ensinaram para as crianças canções de Natal dos anões que pareciam fazer só menções passageiras ao Natal, e tratavam bem mais de pontos fortes e fracos de várias técnicas de mineração (Michael tomou notas). Houve uma mesa imensa cheia das melhores comidas que se podia imaginar: porco assado com melado, cordeiro com geleia de menta, batatas douradas e crocantes, purê de batatas

com queijo e alho, tigelas fumegantes de sopa. Só as sobremesas tomavam conta de duas mesas, uma delas inteiramente ocupada por diferentes tipos de rosquinha: de chocolate, canela, chocolate com canela, recheio de framboesa, de amora, de morango e mirtilo. Michael insistiu que Emma provasse o que ele jurava ser uma deliciosa rosquinha de cogumelos, mas ela mandou que ele deixasse de ser nojento. Havia cidra de maçã, pera e mel, tonéis fumegantes de vinho temperado, grandes canecas espumantes de chocolate quente e um barril de cerveja dos anões que o rei Robbie trouxera e que parecia ser extremamente popular. E os adultos que já tinham se aproximado e agradecido às crianças voltaram pela segunda e terceira vez, arrastando Abraham para que ele tirasse um retrato. E eles conheceram crianças chamadas Kate e crianças chamadas Michael e crianças chamadas Emma, tantas que Kate se perguntou se, quando uma mãe chamava o filho ou a filha para voltar para casa, à noite, metade das crianças da cidade não aparecia na porta. E as crianças comeram demais, beberam demais e a única pessoa que continuou um pouco rabugenta foi a srta. Sallow, e era só por ser esse o jeito dela.

Kate tentou ao máximo participar, mas os pensamentos sobre tudo o que havia acontecido e tudo o que a Condessa havia dito não iam embora. Quem era o Magnus Medonho? O que queria dizer o fato de que ela podia usar o *Atlas* sem uma fotografia? Havia algo mais na profecia do que o que a Condessa havia mencionado? E os outros dois livros? Que poderes e segredos continham? Havia tanto que ela não compreendia.

E havia também as perguntas sobre os pais. Pensar no que deviam ter passado, no que ainda passavam, deixava Kate atordoada de medo e tristeza. Mesmo assim, havia algo que ela sabia com toda a certeza. Se os pais estivessem vivos, ela, Michael e Emma iam encontrá-los. Ela não se importava com todos os poderes do Magnus Medonho, nem com o fato de que, para salvá-los, teriam

de achar livros mágicos desaparecidos por milhares de anos. Ela, Michael e Emma iam reunir a família e nada os impediria.

— Kate! — Emma correu para perto dela, com Michael bem atrás, os rostos iluminados de alegria. — O rei Robbie vai assobiar uma canção de Natal pelo nariz! Anões, hein? Vai ser hilário!

— Assobiar pelo nariz é uma antiga tradição dos anões! — Michael protestou, mas acrescentou: — Mas vai ser mesmo muito engraçado.

— Vamos lá, Kate! Você tem que vir.

— Você realmente não devia perder essa.

— O Robbie vai assobiar canções de Natal pelo nariz? — Kate riu. — O que a gente está esperando? — E sorridente, ela deixou que os irmãos a levassem.